

LIVRO #4 DA SÉRIE: O ANEL DO FETICEIRO

UM
GRITO
DE
HONRA

MORGAN RICE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

EM GRITO DE HONRA

(LIVRO #4 O ANEL DO FEITICEIRO)

MORGAN RICE

CONTEÚDO

CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO QUATORZE
CAPÍTULO QUINZE
CAPÍTULO DEZESSEIS
CAPÍTULO DEZESSETE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZENOVE
CAPÍTULO VINTE
CAPÍTULO VINTE E UM
CAPÍTULO VINTE E DOIS
CAPÍTULO VINTE E TRÊS
CAPÍTULO VINTE E QUATRO
CAPÍTULO VINTE E CINCO
CAPÍTULO VINTE E SEIS
CAPÍTULO VINTE E SETE
CAPÍTULO VINTE E OITO
CAPÍTULO VINTE E NOVE
CAPÍTULO TRINTA
CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS
CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
CAPÍTULO TRINTA E CINCO
CAPÍTULO TRINTA E SEIS
CAPÍTULO TRINTA E SETE
CAPÍTULO TRINTA E OITO
CAPÍTULO TRINTA E NOVE

*"Não tenha medo da grandeza:
alguns nascem grandes,
alguns alcançam a grandeza e
Alguns têm a grandeza imposta a eles."*

— WILLIAM SHAKESPEARE

Noite de Reis

CAPÍTULO UM

Luanda precipitou-se pelo campo de batalha, mal conseguindo esquivar um cavalo a galope, enquanto ela traçava seu caminho em direção à pequena moradia em que se encontrava o Rei McCloud. Ela agarrava a fria estaca de ferro na mão e tremia enquanto cruzava as terras poeirentas da cidade que uma vez ela havia conhecido, a cidade de seu povo. Ela tinha sido forçada durante todos aqueles meses a testemunhar os massacres que sua gente havia sofrido e já não aguentava mais.

Algo dentro dela explodiu. Ela já não se importava se estava indo contra todo o exército McCloud, ela faria tudo o que estivesse ao seu alcance para detê-lo.

Luanda sabia que o que estava prestes a fazer era uma loucura, ela estava tomando sua vida em suas mãos e McCloud provavelmente a mataria. Mas ela afastou esses pensamentos de sua mente enquanto corria. Tinha chegado o momento de fazer o que era correto, a qualquer custo.

Ela avistou McCloud à distância, do outro lado do campo de batalha lotado, no meio dos soldados. Ele estava carregando aquela pobre garota em meio aos seus gritos, para uma casa, uma casinha de barro abandonada. Ele bateu a porta atrás de si, levantando uma nuvem de poeira.

“Luanda!” Alguém gritou.

Ela virou-se e viu Bronson, talvez a uma centena de metros atrás, correndo atrás dela. Seu avanço foi interrompido pelo fluxo interminável de cavalos e soldados que o forçaram a parar várias vezes.

Agora era sua chance. Se Bronson a alcançasse, ele iria impedi-la de ir até o fim.

Luanda dobrou sua velocidade, segurando a estaca firmemente e tentou não pensar na loucura que era tudo aquilo, em como suas

chances eram mínimas. Se exércitos inteiros não podiam derrubar McCloud, se seus próprios generais e seu próprio filho tremiam diante dele, que chance ela poderia realmente ter sozinha?

Além disso, Luanda nunca tinha matado um homem antes e muito menos um homem da estatura de McCloud. Será que ela ficaria paralisada quando chegasse a hora? Será que ela realmente poderia chegar até ele sem ser notada? Seria ele tão inacessível como Bronson tinha lhe advertido?

Luanda se sentia implicada no derramamento de sangue daquele exército, na ruína de sua própria terra. Ao olhar para trás no tempo, ela lamentava ter concordado em se casar com um McCloud, apesar de seu amor por Bronson. Ela tinha aprendido que os McClouds eram um povo selvagem, incorrigível. Os MacGils tinham tido a sorte de estar divididos pelas Highlands e ter permanecido do seu lado do Anel. Somente agora Luanda era capaz de perceber isso. Ela tinha sido ingênua, tinha sido estúpida ao supor que os McClouds não eram tão ruins quanto ela tinha sido induzida a pensar. Ela pensava que poderia mudá-los, que de alguma forma valeria a pena ter a chance de ser uma princesa McCloud e um dia ser rainha, qualquer que fossem os riscos.

Mas agora ela sabia que estava errada. Ela renunciaria a tudo, desistiria de seu título, de suas riquezas, de sua fama, de tudo enfim, em troca de nunca ter conhecido os McClouds, em troca de poder estar de volta em segurança, com a sua família, do seu lado do Anel. Ela estava com raiva de seu pai agora por ele ter arranjado aquele casamento; ela era jovem e ingênua, mas seu pai deveria saber muito bem como eram as coisas. Era a política tão importante para ele, para que ele sacrificasse sua própria filha? Ela também estava desgostosa com ele por ele ter morrido e tê-la deixado sozinha com tudo aquilo.

Luanda tinha aprendido da maneira mais difícil, nos últimos meses, a depender de si mesma e agora era a sua chance de fazer o que era correto.

Ela tremia quando chegou à pequena casa de barro, com sua porta de carvalho escura, totalmente fechada. Ela se virou e olhou para os lados esperando que os homens de McCloud se lançassem

sobre ela; mas para seu alívio, todos estavam muito preocupados com os estragos que estavam causando, como para que pudessem notá-la.

Ela segurava a estaca com uma das mãos e com a outra mão ela agarrou a maçaneta e girou-a tão cuidadosamente quanto podia, rezando para não alertar McCloud.

Ela entrou na casa. Estava escuro ali e seus olhos foram ajustando-se lentamente, já que ela havia estado sob a forte luz do sol que iluminava a cidade branca; também estava mais frio ali dentro. Quando ela cruzou o umbral da pequena casa, a primeira coisa que ela ouviu foram os gemidos e gritos da jovem. Quando seus olhos se adaptaram ela olhou ao redor da casa e viu McCloud despido da cintura para baixo, no chão, sobre a jovem nua que lutava debaixo dele. A garota chorava e gritava com os olhos apertados, McCloud estendeu a mão e cobriu a boca da jovem com a palma da sua mão corpulenta, tentando abafar os gritos dela.

Luanda mal podia acreditar que aquilo era real, que ela realmente estava presenciando aquela cena. Ela deu um passo hesitante para a frente, suas mãos tremiam, seus joelhos estavam fracos e ela rezou para que ela tivesse forças para prosseguir com seu plano. Ela agarrou a estaca de ferro como se ela fosse sua tábua de salvação.

Por favor, Senhor, deixe-me matar este homem.

Ela ouviu McCloud grunhindo e gemendo como um animal selvagem, ao satisfazer-se. Ele era implacável. Os gritos da jovem pareciam amplificar-se com cada movimento dele.

Luanda deu mais um passo, depois outro e estava a poucos metros de distância. Ela olhou para McCloud e estudou seu corpo tentando decidir o melhor ponto para atacar. Felizmente ele tinha retirado sua cota de malha e usava apenas uma camisa de tecido fino, a qual agora estava encharcada de suor. Luanda podia sentir o cheiro dele mesmo de onde ela estava e ela recuou. Retirar a armadura foi um movimento descuidado da parte dele, Luanda concluiu que aquele seria o seu último erro. Ela iria levantar a estaca bem alto, com ambas as mãos e mergulhá-la em suas costas expostas.

Quando os gemidos de McCloud atingiram o seu clímax, Luanda levantou a estaca bem alto. Ela pensou em como sua vida mudaria após aquele momento, como em apenas alguns segundos, nada jamais seria o mesmo. O reino McCloud estaria livre de seu rei tirano; seu povo seria poupado de mais destruição; seu jovem marido iria subir e tomar o seu lugar e, finalmente, tudo estaria bem.

Luanda ficou ali, paralisada de medo. Ela tremia. Se ela não atuasse imediatamente, ela jamais conseguiria.

Ela prendeu a respiração, deu um passo final para a frente, levantou a estaca bem alto com as duas mãos sobre sua cabeça, e de repente, caiu de joelhos descendo a estaca com todas as suas forças, preparando-se para mergulhá-la nas costas do homem.

Mas aconteceu algo que ela não esperava e tudo aconteceu de maneira confusa, rápido demais para que ela reagisse: no último segundo McCloud rolou para fora do seu alcance. Para um homem com a sua massa muscular, ele era muito mais rápido do que ela poderia imaginar. Ele rolou para o lado deixando a jovem debaixo dele exposta. Era tarde demais para que Luanda pudesse deter-se.

A estaca de ferro, para o horror de Luanda, continuou sua trajetória mergulhando profundamente no peito da jovem.

A moça deu um grito e sentou-se ereta, Luanda ficou mortificada ao sentir quando a estaca perfurou a carne da jovem penetrando por vários centímetros de profundidade, todo o caminho até o seu coração. O sangue borbulhava de sua boca e ela olhava para Luanda, apavorada, sentindo-se traída.

Finalmente, ela caiu deitada, morta.

Luanda ajoelhou-se ali, entorpecida, traumatizada, dificilmente ela poderia entender o que tinha acontecido. Antes que ela pudesse processar tudo aquilo, antes que ela pudesse perceber que McCloud estava a salvo, ela sentiu um golpe pungente em um lado de seu rosto e logo se encontrou caída no chão.

Quando subiu pelos ares, Luanda estava vagamente consciente de que McCloud tinha acabado de dar um soco nela, um tremendo golpe que a havia feito voar. De fato, ele tinha antecipado cada movimento dela desde que ela tinha entrado no quarto. Ele fingiu

ignorar a presença dela. Ele esperou o momento exato, esperou a oportunidade perfeita para não só evitar o golpe, mas também para enganar Luanda e fazê-la matar a pobre moça, colocando ao mesmo tempo a culpa disso na consciência dela.

Antes que seu mundo desvanecesse, Luanda teve um vislumbre do rosto de McCloud. Ele estava sorrindo de orelha a orelha, respirando com dificuldade, como um animal selvagem. A última coisa que ela ouviu, antes que sua bota gigante levantasse e descesse para o rosto dela foi a sua voz gutural, derramando-se como um animal:

“Você me fez um favor.” Disse ele. “Eu já havia terminado com ela, de todas maneiras.”

CAPÍTULO DOIS

Gwendolyn descia as ruas laterais e sinuosas da pior parte da Corte do Rei, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto enquanto ela saía correndo do castelo, tentando chegar o mais longe possível de Gareth. Seu coração ainda batia em disparada desde seu confronto com ele, desde que ela tinha visto Firth enforcado e desde que ela tinha ouvido as ameaças de Gareth. Ela tentou desesperadamente extrair a verdade de suas mentiras. Mas na mente doentia de Gareth, a verdade e a mentira estavam distorcidas, era tão difícil saber o que era real. Será que ele estava apenas tentando assustá-la? Ou será que tudo o que ele tinha dito era verdade?

Gwendolyn tinha visto com seus próprios olhos o corpo de Firth pendurado e isso lhe dizia que talvez, dessa vez, tudo fosse verdade. Talvez Godfrey tivesse sido realmente envenenado; talvez ela realmente tivesse sido negociada em casamento aos Nevaruns selvagens; talvez, naquele exato momento, Thor estivesse cavalcando direto para uma emboscada. Esse pensamento a fez estremecer.

Ela se sentia impotente enquanto corria. Ela tinha de chegar a alguma parte. Ela não podia percorrer todo o caminho até chegar a Thor, mas ela podia correr até Godfrey para ver se ele tinha sido envenenado e se ainda estava vivo.

Gwendolyn corria, metendo-se cada vez mais na parte decadente da cidade. Ela estava surpresa por encontrar-se de volta ali novamente, duas vezes em dois dias, naquela parte nojenta da Corte do Rei a qual ela tinha jurado nunca mais voltar. Se Godfrey tinha realmente sido envenenado, ela sabia que isso deveria ter acontecido na taverna. Onde mais poderia ser? Ela estava brava com ele por ele ter retornado ali, por ter baixado a guarda, por ele ser tão descuidado. Mas acima de tudo, ela temia por ele. Ela percebeu o quanto tinha chegado a querer seu irmão durante aqueles últimos dias e o pensamento de perdê-lo também, especialmente depois de ter perdido seu pai, deixou um vazio em seu coração. Ela também se sentia de alguma forma, responsável pelo que havia sucedido.

Gwen sentia um temor real enquanto corria por aquelas ruas e não era por causa dos bêbados e de todos os cretinos ao seu redor; em vez disso, ela temia por seu irmão, Gareth. Seu aspecto durante o seu último encontro era demoníaco, ela não conseguia tirar de sua mente a imagem do rosto dele, a imagem de seus olhos, tão sinistros, tão desalmados. Ele parecia possuído. O fato de que ele estava sentado no trono de seu pai tornava a imagem ainda mais surreal. Ela temia sua retaliação. Talvez ele estivesse, de fato, conspirando para casá-la, algo que ela nunca permitiria; ou talvez ele só quisesse que ela baixasse a guarda e estava realmente planejando assassiná-la. Gwen olhou em volta e enquanto ela corria, cada rosto lhe parecia hostil, estranho. Todos pareciam ser uma ameaça potencial, enviada por Gareth para acabar com ela. Ela estava ficando paranóica.

Gwen virou a esquina e esbarrou em um velho bêbado que quase a fez perder o equilíbrio. Ela pulou e gritou involuntariamente. Ela estava com os nervos à flor da pele. Ela levou um momento para perceber que era apenas um transeunte descuidado e não um dos matadores de aluguel de Gareth. Ela se virou e o viu tropeçar, sem nem mesmo se voltar para pedir desculpas. A indignidade daquela

parte da cidade era maior do que ela podia tolerar. Se não fosse por Godfrey ela nunca chegaria perto dali. Ela o odiava por fazê-la rebaixar-se a isso. Por que ele não podia, simplesmente ficar longe das tavernas?

Gwen virou outra esquina e ali estava: a taverna favorita de Godfrey, um projeto de estabelecimento, localizada ali, torta, sua porta entreaberta, bêbados jorravam dela, tal como faziam perpetuamente. Ela não perdeu tempo e entrou apressadamente pela porta aberta.

Seus olhos demoraram um momento para ajustar-se à penumbra do bar que cheirava a cerveja rançosa e suor. Quando ela entrou ali, o local ficou silencioso. Havia aproximadamente vinte homens amontoados ali dentro, todos eles se viraram e olharam para ela surpresos. Ali estava ela, um membro da família real, vestida com elegância, avançando por aquela sala, a qual provavelmente não tinha sido limpa há décadas.

Ela caminhou até um homem alto com uma barriga enorme, a quem ela reconheceu como Akorth, um dos companheiros de bebedeiras de Godfrey.

“Onde está meu irmão?” Ela perguntou autoritária.

Akorth, geralmente de bom humor e sempre pronto para soltar uma piada de mau gosto, com a qual ele se sentia muito satisfeito, a surpreendeu: ele simplesmente balançou a cabeça.

“Ele não está indo muito bem.” Ele disse pesaroso.

“O que você quer dizer?” Ela insistiu, seu coração bateu acelerado.

“Ele tomou uma cerveja estragada.” Disse um homem alto, magro, a quem ela reconheceu como Fulton, o outro companheiro de Godfrey. “Ele passou mal na noite passada. Ainda não se levantou.”

“Ele está vivo?” Ela perguntou desesperada, agarrando o pulso de Akorth.

“Com muito custo.” Ele respondeu, olhando para o chão. “Ele tem passado muito mal. Ele parou de falar cerca de uma hora atrás.”

“Onde ele está?” Ela insistiu.

“Na parte de trás, patroa.” Disse o taverneiro, inclinando-se sobre o bar enquanto limpava uma caneca, parecendo estar realmente triste. “É melhor que tenha um plano para lidar com ele. Eu não desejo abrigar um cadáver aqui no meu estabelecimento.”

Gwen, atordoada e ao mesmo tempo surpresa, sacou um pequeno punhal, inclinou-se para a frente e dirigiu a ponta dele para a garganta do taverneiro.

Ele engoliu seco e a olhava em estado de choque, enquanto o lugar caiu em um silêncio mortal.

“Primeiro que tudo...” Ela disse. “... Este lugar não é um *estabelecimento*— é um arremedo de um boteco, e um que eu vou mandar a guarda real demolir, se você falar comigo desse jeito novamente. E é bom que você comece a se dirigir a mim como *Vossa Alteza*.”

Gwen sentia-se fora de si e estava surpresa pela força que se apoderou dela; ela não tinha ideia de onde tal força provinha.

O taverneiro engoliu saliva.

“Vossa Alteza.” Ele repetiu.

Gwen sustentava o punhal com firmeza.

“Em segundo lugar, meu irmão não vai morrer— e certamente não aqui, neste lugar. Seu cadáver honraria seu estabelecimento muito mais do que qualquer alma viva que já passou por aqui. E se ele realmente morrer, você pode ter certeza de que a culpa recairá sobre você.”

“Mas eu não fiz nada de errado, Alteza!” Ele implorou. “Foi a mesma cerveja que eu servi para todo mundo!”

“Alguém deve tê-la envenenado.” Akorth acrescentou.

“Poderia ter sido qualquer um.” Fulton disse.

Gwen baixou lentamente seu punhal.

“Levem-me até ele. Agora!” Ela ordenou.

Dessa vez, o taverneiro baixou a cabeça com humildade, virou-se e entrou apressado por uma porta lateral por trás do bar. Gwen o seguiu e a ela se juntaram Fulton e Akorth.

Gwen entrou na pequena sala dos fundos da taverna e ouviu a si mesma suspirar quando viu seu irmão, Godfrey, deitado no chão, em

decúbito dorsal. Ele estava mais pálido do que ela jamais o tinha visto. Ele parecia estar às portas da morte. Era tudo verdade.

Gwen correu para o seu lado, segurou sua mão e sentiu quão fria e úmida ela estava. Ele não respondia, sua cabeça estava apoiada no chão, sua barba estava por fazer, seu cabelo oleoso estava grudado em sua testa. Mas ela sentia seu pulso, apesar de ser fraco, ele ainda estava lá. Além disso, ela via seu peito inflar-se a cada respiração. Ele estava vivo.

Ela sentiu uma raiva súbita apoderar-se dela.

“Como você pôde deixá-lo aqui assim?” Ela gritou, virando-se para o taverneiro. “Meu irmão, um membro da família real, deixado sozinho enquanto está morrendo, jogado no chão como se fosse um cachorro?”

O taverneiro engoliu em seco nervoso.

“E o que mais eu poderia fazer, Alteza?” Ele perguntou, parecendo inseguro. “Este não é um hospital. Todo mundo disse que ele estava praticamente morto e...”

“Ele *não* está morto!” Ela gritou. “E vocês dois...” Ela disse dirigindo-se a Akorth e Fulton.

“... Que classe de amigos vocês são? Ele teria deixado vocês assim?”

Akorth e Fulton trocaram um olhar humilde.

“Perdoe-me.” Akorth disse. “O médico veio ontem à noite, olhou para ele e disse que ele estava morrendo e que tudo o que restava era esperar que chegasse sua hora. Eu pensei que já não era possível fazer mais nada.”

“Ficamos com ele durante a maior parte da noite, Alteza.” Fulton acrescentou. “... Ao lado dele.

Nós só fizemos uma pausa rápida, tomamos um trago para aplacar nossas dores e então, Vossa Alteza veio e...”

Gwen, enraivecida, estendeu a mão e golpeou as jarras de cerveja nas mãos deles, derrubando-as no chão e fazendo o líquido derramar por todas as partes. Eles olharam para ela, chocados.

“Vocês dois, levantem-no pelos braços e pelas pernas.” Ela ordenou friamente, sentindo uma nova força surgir dentro dela. “Vocês vão levá-lo daqui. Vocês vão me seguir pela Corte do Rei até

chegar à curandeira real. Meu irmão terá uma chance real de recuperação e não será abandonado para morrer devido à declaração de algum médico estúpido.

“E você...” Ela acrescentou, virando-se para o taverneiro. “Se o meu irmão sobreviver, se ele alguma vez voltar a este lugar e você servir-lhe bebida, eu vou me assegurar em primeira mão de que você seja jogado na masmorra para nunca mais sair.”

O barman se remexeu incômodo e baixou a cabeça.

“Agora mexam-se!” Ela exclamou.

Akorth e Fulton se sobressaltaram e entraram em ação. Gwen saiu correndo da sala, os dois logo saíram atrás dela carregando seu irmão e seguindo-a para fora do bar, na luz do dia.

Eles seguiam apressadamente pelas ruas lotadas da periferia da Corte do Rei, para a curandeira e Gwen só rezava para que não fosse tarde demais.

CAPÍTULO TRÊS

Thor galopava através do terreno poeirento dos confins da Corte do Rei, ao lado de Reece, O’Connor, Elden e os gêmeos. Krohn como sempre, corria ao lado dele. Kendrick, Kolk, Brom e dezenas de membros da Legião e do Exército Prata galopavam com eles. Um grande exército estava saindo ao encontro dos McClouds. Eles cavalgavam sincronizados, preparando-se para libertar a cidade. O som dos cascos era ensurdecedor, forte como um trovão. Eles tinham andado o dia todo e o segundo sol já estava no céu há muito tempo. Thor mal podia acreditar que ele estava cavalgando com aqueles grandes guerreiros, em sua primeira missão militar de verdade. Ele sentia que havia sido aceito como um deles. Na verdade, toda a Legião tinha sido convocada como reservas e todos os seus irmãos de armas cavalgavam a sua volta. Os membros da

Legião foram ofuscados pelos milhares de membros do exército do rei e Thor, pela primeira vez em sua vida, sentia-se parte de algo maior do que ele mesmo.

Thor também sentia um forte senso de dever. Sentia-se necessário. Seus compatriotas estavam sitiados pelos McClouds e aquele exército havia sido incumbido de libertá-los, de salvar seu povo de um terrível destino. A importância do que eles estavam fazendo pesava sobre ele como uma coisa viva e também fazia com que ele se sentisse vivo.

Thor sentia segurança na presença de todos aqueles homens, mas ele também sentia preocupação: aquele era um exército de homens de verdade, o que também significava que eles estavam prestes a enfrentar um exército de homens de verdade. Guerreiros reais, aguerridos. Dessa vez, era uma luta para viver ou morrer e havia muito mais em jogo do que ele já havia encontrado antes. Enquanto ele cavalgava, levou a mão instintivamente à cintura e se sentiu tranquilizado pela presença de sua velha e querida funda e de sua nova espada. Ele se perguntou se no final do dia ela não estaria manchada de sangue. Ou se ele próprio não estaria ferido.

Seu exército, de repente deu um grande grito, um grito mais alto que som dos cascos dos cavalos, ao fazer uma curva e avistar pela primeira vez no horizonte, a cidade sitiada. Uma fumaça negra se elevava em grandes nuvens sobre a cidade e o exército MacGil esporou seus cavalos, ganhando mais velocidade. Thor também esporou seu cavalo com mais força, tentando manter-se a par dos outros, todos eles sacaram suas espadas, levantaram suas armas e se dirigiram para a cidade com intenções mortais.

O enorme exército foi dividido em grupos menores. No grupo de Thor cavalgavam dez soldados, membros da legião e amigos seus, e alguns outros que ele não conhecia. Ao seu comando cavalgava um dos comandantes do exército do rei, um soldado a quem os demais chamavam Forg, um homem alto magro e com uma complexão esbelta, ele tinha a pele esburacada, cabelos grisalhos bem cortados e olhos escuros e fundos. O exército foi dividido em pequenos grupos que prosseguiram em todas as direções

“Este grupo, siga-me!” Ele comandou, gesticulando com seu bastão para Thor e os outros para que se separassem dos demais e o seguissem.

O grupo de Thor seguiu as ordens e foi atrás de Forg, distanciando-se ainda mais do exército principal. Thor olhou para trás e notou que seu grupo havia se afastado mais do que a maioria, o exército estava agora cada vez mais distante e justo quando Thor estava se perguntando para onde eles estavam sendo guiados, Forg gritou:

“Nós tomaremos uma posição no flanco de McCloud!”

Thor e os outros trocaram um olhar nervoso e entusiasmado enquanto todos eles avançavam, afastando-se até que o exército principal ficou fora da vista.

Logo eles estavam em um terreno novo e a cidade agora estava completamente fora de sua vista.

Thor estava alerta, mas não havia nenhum sinal do exército McCloud em lugar nenhum.

Finalmente, Forg puxou o cavalo para uma parada antes de uma pequena colina, em um bosque de árvores. Os outros vieram até a parada atrás dele.

Thor e os outros olharam para Forg, perguntando-se por que ele tinha parado.

“Aquela fortaleza ali é a nossa missão.” Explicou Forg. “Vocês são jovens guerreiros ainda, por isso queremos poupá-los do calor da batalha. Vocês vão manter esta posição enquanto nosso principal exército varre a cidade e enfrenta o exército McCloud. É improvável que qualquer soldado McCloud apareça pelo caminho e vocês vão estar bastante seguros aqui. Tomem suas posições em torno dela e fiquem aqui até que eu diga o contrário. Agora movam-se!”

Forg esporou seu cavalo e avançou até a colina; Thor e os outros fizeram o mesmo, seguindo-o.

O pequeno grupo cavalgava através das planícies empoeiradas, levantando uma nuvem de pó, até onde Thor podia ver, nenhum inimigo estava à vista. Ele estava desapontado por ter sido retirado da frente de batalha; por que todos eles estavam sendo tão protegidos?

Quanto mais cavalgavam, mais estranho isso parecia a Thor. Ele não podia explicar, mas seu sexto sentido lhe dizia que algo estava errado.

Quando se aproximaram do topo da colina, onde se encontrava uma antiga fortaleza com sua torre alta e fina, a qual parecia estar abandonada, algo dentro de Thor disselhe para olhar para trás.

Quando ele fez isso, viu Forg. Thor ficou surpreso ao ver que Forg se colocava gradualmente por trás do grupo, ganhando cada vez mais distância e enquanto Thor observava, ele deu a volta, esporou seu cavalo e sem aviso prévio, galopou na direção oposta.

Thor não conseguia entender o que estava acontecendo. Porque Forg tinha deixado-os assim de repente? Krohn ganiu ao seu lado.

Thor estava apenas começando a processar o que estava acontecendo, quando eles alcançaram o topo da colina e chegaram até a torre antiga, esperando não ver nada além de terras desertas diante deles.

Mas o pequeno grupo de membros da legião puxou as rédeas de seus cavalos e os deteve abruptamente. Todos eles ficaram ali, paralisados com o que viam diante de si.

Ali, de frente para eles, esperando-os, estava o exército inteiro dos McCloud.

Eles tinham sido conduzidos direto para uma armadilha.

CAPÍTULO QUATRO

Gwendolyn avançava apressada pelas ruas sinuosas da Corte do Rei, abrindo caminho entre a multidão de plebeus seguida por Akorth e Fulton quem transportavam Godfrey. Ela estava determinada a chegar até a curandeira o mais rápido possível. Godfrey não podia morrer, não depois de tudo o que tinham passado e certamente, não daquela maneira. Ela quase podia ver o sorriso de

satisfação de Gareth quando ele recebesse a notícia da morte de Godfrey. Ela tinha toda a intenção de mudar o resultado. Se tão somente ela tivesse encontrado Godfrey antes.

Gwen virou uma esquina e entrou na praça da cidade, a multidão tornou-se particularmente maior ali, ela olhou para cima e viu Firth, ainda pendurado em um poste, balançando com a corda apertada em seu pescoço, oferecendo um macabro espetáculo para quem quisesse ver. Ela instintivamente desviou-se. Era uma visão terrível, um lembrete da vilania de seu irmão. Ela sentia que não podia escapar de seu alcance aonde quer que fosse. Era estranho pensar que um dia antes ela estava conversando com Firth e agora ele estava pendurado ali. Ela não podia evitar sentir que a morte a estava rondando e que estava vindo em busca dela também.

Por mais que Gwen quisesse se afastar para escolher outro caminho, ela sabia que seguir pela praça era a maneira mais direta e ela não recuaria diante de seus medos; ela obrigou-se a passar diretamente pelo poste, pelo o corpo pendurado em seu caminho. Ao fazer isso, ela se surpreendeu ao ver o carrasco real, vestido com vestes negras, bloqueando seu caminho.

A princípio, ela pensou que ele ia matá-la também, então ele a cumprimentou com uma reverência.

“Alteza.” Ele disse humildemente, baixando a cabeça em deferência. “Ainda não recebemos ordens reais a respeito do que fazer com o corpo. Eu não fui instruído sobre se devo dar-lhe um enterro apropriado ou se devo sepultá-lo como indigente em uma sepultura coletiva.”

Gwen parou aborrecida pelo fato de que aquela decisão tivesse recaído sobre ela; Akorth e Fulton pararam bem ao lado dela. Ela olhou para cima, apertou os olhos ao sol, olhando para o corpo pendurado apenas a alguns centímetros dela. Ela estava prestes a seguir em frente e ignorar o homem, quando algo lhe ocorreu. Ela queria justiça para seu pai.

“Jogue-o em uma vala comum.” Disse ela. “Sem inscrição. Não lhe faça nenhum ritual especial de sepultamento. Eu quero o seu nome borrado dos anais da história.”

Ele inclinou a cabeça em reconhecimento e ela sentiu uma pequena sensação de vingança.

Afinal, aquele era realmente o homem que tinha matado seu pai. Apesar de odiar manifestações de violência, ela não derramou nenhuma lágrima por Firth. Ela podia sentir o espírito de seu pai com ela agora, mais forte do que nunca e sentiu uma sensação de paz provir dele.

“E mais uma coisa.” Ela acrescentou, parando o carrasco. “Baixe o corpo agora.”

“Agora, minha senhora?” Perguntou o carrasco. “Mas o rei deu ordens para que ele ficasse indefinidamente.”

Gwen abanou a cabeça.

“Agora.” Ela repetiu. “Essas são as novas ordens.” Ela mentiu.

O carrasco curvou-se e correu para baixar o cadáver.

Gwen sentiu outra pequena sensação de vingança. Ela não tinha nenhuma dúvida de que Gareth estava observando o corpo de Firth desde sua janela, durante o dia. Sua remoção seria um vexame para ele, serviria como um lembrete de que as coisas nem sempre saíam como ele as planejava.

Gwen estava quase indo embora, quando ouviu um grito característico, ela parou e virou-se para ver Estopheles, o falcão, empoleirado bem no alto do poste. Ela levantou a mão para proteger os olhos do sol, tentando se certificar de que seus olhos não a estavam enganando. Estopheles gritou novamente, abriu suas asas e logo depois as fechou.

Gwen podia sentir que o pássaro trazia o espírito de seu pai. Sua alma inquieta estava mais um passo, próxima da paz.

De repente, Gwen teve uma ideia: ela assobiou, estendeu um braço e Estopheles desceu de seu poleiro e pousou no pulso dela. O peso da ave era grande e suas garras cravaram na pele de Gwen.

“Vá até Thor.” Ela sussurrou para a ave. “Encontre-o no campo de batalha. Proteja-o. VÁ!” Ela gritou ao levantar o seu braço.

Ela viu quando Estopheles bateu as asas e se elevou nos ares, cada vez mais alto no céu. Ela rezou para que ele tivesse êxito. Havia algo de misterioso sobre aquele pássaro, especialmente seu vínculo com Thor e Gwen sabia que tudo era possível.

Gwen continuou apressada pelas ruas sinuosas em direção à casa da curandeira. Passaram por uma das várias portas em arco que davam para fora da cidade. Gwen movia-se tão rápido quanto podia, rezando para que Godfrey aguentasse o tempo suficiente para que eles pudessem obter ajuda.

O segundo sol mergulhou mais baixo no céu no momento em que eles subiram por uma pequena colina nos arredores da Corte do Rei. A cabana da curandeira surgiu diante deles. Era uma cabana pequena e simples com apenas um quarto, suas paredes de barro eram brancas e tinha uma pequena janela de cada lado da pequena porta de carvalho em forma de arco. Penduradas em seu telhado havia plantas de todas as cores e variedades, elas emolduravam a cabana que também estava cercada por um jardim de ervas, cujas flores de todas as cores e tamanhos se espalhavam amplamente, dando a impressão de que a casa estava no meio de uma estufa.

Gwen correu para a porta e bateu a aldrava várias vezes. A porta se abriu e apareceu diante dela o rosto assustado da curandeira.

Illepra. Ela tinha sido a curandeira da família real toda a sua vida e tinha estado presente na vida de Gwen, desde quando ela deu seus primeiros passos. Ainda assim, Illepra conseguia ter uma aparência jovem, na verdade, ela parecia apenas um pouco mais velha do que Gwen. Sua pele radiante brilhava, emoldurando seus gentis olhos verdes e fazendo-a parecer ter apenas um pouco mais de dezoito anos. Gwen sabia que ela era bem mais velha do que isso, sabia que a sua aparência era enganosa e também sabia que Illepra era uma das pessoas mais inteligentes e talentosas que ela já tinha conhecido.

O olhar de Illepra deslocou-se para Godfrey e ela captou a situação de imediato. Ela acabou com as galanterias e seus olhos se arregalaram de preocupação, percebendo a urgência. Ela passou por Gwen e correu para o lado de Godfrey, colocando a palma da mão sobre sua testa. Ela franziu o cenho, preocupada.

“Tragam-no para dentro.” Ela ordenou aos dois homens, apressadamente. “E depressa!”

Illepra voltou para dentro, abrindo mais a porta e eles a seguiram rapidamente entrando apressados na cabana. Gwen os seguiu,

agachando-se ao passar pela pequena entrada e fechou a porta atrás deles.

Estava escuro ali e seus olhos demoraram um momento para ajustar-se, quando o fizeram, Gwen viu a casa exatamente como ela se lembrava desde que era menina: pequena, clara e limpa, repleta de plantas, ervas e poções de toda variedade.

“Coloquem-no ali.” Illepra ordenou aos homens, com uma voz tão séria como Gwen jamais tinha ouvido. “Naquela cama, no canto. Tirem sua camisa e seus sapatos. E depois, deixem-nos a sós.”

Akorth e Fulton fizeram tal como lhes foi dito. Quando eles estavam correndo para a porta, Gwen agarrou o braço de Akorth.

“Fique de guarda do lado de fora.” Ordenou ela. “Quem veio atrás de Godfrey pode querer ter uma última chance de acabar com ele. Ou comigo.”

Akorth assentiu com a cabeça e ele e Fulton saíram, fechando a porta atrás deles.

“Há quanto tempo ele está assim?” Illepra perguntou com urgência, sem olhar para Gwen enquanto se ajoelhava ao lado de Godfrey e começava a tomar seu pulso, apalpar seu estômago e examinar sua garganta.

“Desde ontem à noite.” Gwen respondeu.

“Ontem à noite!” Illepra repetiu, sacudindo a cabeça com preocupação. Ela examinou-o por um longo tempo, em silêncio, sua expressão ficou sombria.

“Isso não é nada bom.” Ela disse finalmente.

Ela colocou a mão sobre a testa de Godfrey de novo e dessa vez fechou os olhos, respirando fundo por um tempo muito longo. Um silêncio espesso invadiu o quarto e Gwen estava começando a perder a noção do tempo.

“Veneno.” Illepra finalmente sussurrou, com os olhos ainda fechados, como se estivesse lendo seus sintomas por osmose.

Gwen sempre se maravilhava com sua habilidade; ela nunca tinha errado, nem uma única vez em toda sua vida. Ela tinha salvado mais vidas do que as que o exército tinha tomado. Ela se perguntava se aquela era uma habilidade aprendida ou se tinha sido herdada. A mãe de Illepra tinha sido curandeira e sua avó também. Mas, ao

mesmo tempo, Illepra tinha passado cada minuto de sua vida estudando poções e artes de cura.

“Um veneno muito poderoso.” Illepra acrescentou mais confiante. “Um que eu raramente encontro. Um veneno caríssimo. Quem estiver tentando matá-lo sabe o que está fazendo. É incrível que ele não tenha morrido. Ele deve ser muito mais forte do que pensamos.”

“Ele herdou essa força de meu pai.” Gwen disse. “Ele tinha a força de um touro. Todos os MacGil kings tinham.”

Illepra atravessou a sala e misturou várias ervas em um recipiente de madeira, cortando, moendo-as e adicionando-lhes um líquido durante o processo. O produto final era uma pomada espessa, verde, com a qual ela encheu a palma da mão e correu de volta para o lado de Godfrey para aplicá-la massageando sua testa, sua garganta e a parte de baixo de seus braços. Quando ela terminou, ela atravessou a sala novamente, pegou um copo e derramou vários líquidos nele, um líquido vermelho, um marrom e um roxo. À medida que os líquidos se misturavam, a poção chiava e borbulhava. Ela a mexeu com uma longa colher de madeira, em seguida, correu de volta para Godfrey e aplicou-a sobre seus lábios.

Godfrey não se mexeu. Illepra chegou por trás de sua cabeça, levantou-a com a palma da mão e tentou meter o líquido em sua boca. A maior parte dele derramou pelas comissuras, mas parte dele passou por sua garganta.

Illepra limpou o líquido de sua boca e queixo e então, finalmente se inclinou para trás e suspirou.

“Ele vai viver?” Gwen perguntou ansiosa.

“É possível.” Ela respondeu sombria. “Eu lhe dei tudo o que tenho, mas não será suficiente. Sua vida está nas mãos do destino.”

“O que eu posso fazer?” Gwen perguntou.

Ela se virou e olhou para Gwen.

“Reze por ele. Esta vai ser realmente uma longa noite.”

CAPÍTULO CINCO

Kendrick nunca tinha apreciado o que era a liberdade, verdadeira liberdade, até aquele dia. O

tempo que ele passou trancado no calabouço havia mudado seu ponto de vista sobre a vida. Agora ele apreciava cada pequena coisa: o calor do sol em seu rosto; o vento em seu cabelo; simplesmente poder estar ao ar livre; deslocar-se em um cavalo, sentindo a terra abaixo dele ficar para trás em alta velocidade; estar de novo com sua armadura; ter o seu armamento de volta e andar ao lado de seus irmãos em armas fazia com que ele se sentisse como se tivesse saído disparado de um canhão. Isso o fazia se sentir temerário. Isso era algo que ele nunca havia experimentado antes.

Kendrick galopava, inclinando-se ao vento, seu amigo íntimo Atme ia ao seu lado, muito grato pela oportunidade de lutar com seus irmãos para não perder aquela batalha, ansioso por libertar sua cidade natal dos McClouds e fazê-los pagar caro por invadi-la. Ele cavalgava com um forte desejo de derramar sangue, mas mesmo enquanto cavalgava ele sabia que o verdadeiro alvo da sua ira não eram os McClouds, mas sim seu irmão, Gareth. Ele nunca iria perdoá-lo por aprisioná-lo; por acusá-

lo do assassinato de seu pai; por levá-lo embora na frente de seus homens e por tentar executá-lo.

Kendrick queria vingança contra Gareth, mas já que ele não podia tê-la ainda, pelo menos não naquele dia, ele iria obtê-la com os McClouds.

No entanto, quando Kendrick retornasse à Corte do Rei, ele iria resolver as coisas. Ele faria o que pudesse para derrubar seu irmão e incutir em sua irmã Gwendolyn a tarefa de ser a nova governante.

Eles se aproximaram da cidade saqueada e enorme, nuvens negras espiraladas giravam em direção a eles, enchendo as narinas de Kendrick com uma fumaça acre. Doíalhe ver uma cidade MacGil assim. Se seu pai ainda estivesse vivo, isso jamais teria acontecido; se Gareth não tivesse sido o sucessor dele, isso tampouco teria acontecido. Era uma desgraça, uma mancha na honra dos MacGils e do Exército Prata. Kendrick orou para que não fosse tarde demais para salvar aquelas pessoas; para que os McClouds não tivessem estado ali por muito tempo e para que não houvesse muitas pessoas feridas ou mortas.

Ele esporou o cavalo, cavalgando na frente dos outros enquanto todos eles investiam como um enxame de abelhas, pela entrada da cidade, cujas portas estavam abertas. Eles arremeteram, Kendrick puxou a espada, preparando-se para enfrentar uma série de inimigos McCloud enquanto eles avançavam pela cidade. Ele soltou um grande grito e quando ele o fez, todos os homens ao seu redor, prepararam-se para o confronto.

Mas quando ele passou pelo portão e entrou na praça poeirenta da cidade, ficou perplexo ao não ver ninguém. Tudo que havia ao redor dele eram os sinais reveladores de uma invasão: destruição; incêndios; casas saqueadas; corpos empilhados; mulheres rastejando. Havia animais mortos e sangue nas paredes. Tinha sido um massacre. Os McClouds tinham devastado aquele povo inocente. Esse pensamento deixou Kendrick doente. Os McClouds eram uns covardes.

Mas o que deixou Kendrick ainda mais perplexo enquanto cavalgava era o fato de que os McClouds não estavam à vista. Ele não conseguia entender. Era como se todo o exército houvesse evacuado deliberadamente, como se soubessem que eles estavam vindo. Fogueiras ainda estavam ardendo e estava claro que elas tinham sido acesas com um propósito.

Estava começando a ficar claro para Kendrick que tudo aquilo era um chamariz. Que os McClouds queriam atrair o exército MacGil para aquele lugar.

Mas por quê?

Kendrick repente virou-se, olhou em volta, desesperado para ver se faltava algum dos seus homens, se algum contingente havia sido atraído para longe, para outro local. Sua mente estava sendo inundada com uma nova sensação, a sensação de que aquilo tinha sido arranjado para isolar um grupo de seus homens e emboscá-los. Ele olhou para todos os lugares, perguntando-se quem estaria faltando.

E então a revelação o atingiu como um raio. Faltava alguém. Seu escudeiro.

Thor.

CAPÍTULO SEIS

Thor estava montado em seu cavalo, no topo da colina, o grupo de membros da Legião e Krohn estavam ao lado dele. Ele olhava para a visão surpreendente diante dele. Até onde a vista alcançava, era possível ver as tropas McCloud, um vasto e amplo exército, montado a cavalo, esperando por eles. Eles tinham caído em uma armadilha. Forg devia tê-los levado ali de propósito, ele os havia traído. Mas por quê?

Thor engoliu saliva, olhando para o que parecia ser sua morte certa.

Um grande grito de guerra se ouviu quando o exército McCloud de repente, investiu contra eles.

Eles estavam a menos de um quilômetro de distância e aproximavam-se rapidamente. Thor olhou para trás, por cima do ombro, mas segundo ele pôde ver, não havia reforços. Eles estavam completamente sozinhos.

Thor sabia que não tinha outra escolha a não ser defender sua última posição ali, naquela pequena colina, ao lado daquela fortaleza deserta. As probabilidades eram escassas e não havia nenhuma

maneira de que pudessem vencer. Mas se ele tivesse de descer a colina, ele desceria bravamente e iria enfrentar a todos como um homem. A Legião havia lhe ensinado muito. Fugir deles não era uma opção. Thor preparou-se para enfrentar sua morte.

Thor voltou-se e olhou para o rosto de seus amigos, ele podia ver que eles também estavam pálidos de medo. Ele via a morte em seus olhos. Mas para seu crédito, eles permaneciam ali corajosamente. Nenhum deles se encolheu ou fez algum movimento para virar-se e ir embora, apesar de que seus cavalos estivessem empinando. A legião era uma unidade agora. Eles eram mais do que amigos. A Centena havia feito deles uma equipe de irmãos. Nenhum deles iria deixar o outro. Todos tinham feito um voto e sua honra estava em jogo e para a Legião, a honra era mais sagrada do que o sangue.

“Cavalheiros, eu acredito que nós temos uma batalha diante de nós.” Reece anunciou lentamente quando ele se aproximou e puxou sua espada.

Thor se abaixou e puxou a funda, querendo abater tantos homens quanto ele pudesse antes que eles os alcançassem. O'Connor sacou a lança curta, enquanto Elden erguia seu dardo; Conval levantou um martelo de arremesso e Conven uma picareta de arremesso. Os outros membros da Legião, os quais Thor não conhecia, sacaram suas espadas e levantaram seus escudos. Thor podia sentir o temor no ar e ele sentia isso também quando o tropel dos cavalos se incrementou e o som dos gritos dos McClouds chegou aos céus soando como uma trovoadas, prestes a atingi-los. Thor sabia que eles precisavam de uma estratégia, mas ele não sabia qual.

Ao lado de Thor, Krohn rosnou. Thor buscou inspiração na intrepidez dele. Krohn nunca choramingou ou olhou para trás nem sequer uma vez. Na verdade, o pelo de suas costas estava eriçado e ele caminhava lentamente para a frente, como se fosse ao encontro do exército sozinho.

Thor sabia que em Krohn ele tinha encontrado um verdadeiro companheiro de batalha.

“Você acha que vamos receber reforços?” O'Connor perguntou.

“Não vão chegar a tempo.” Elden respondeu. “Forg nos trouxe para uma armadilha.”

“Mas por quê?” Reece perguntou.

“Eu não sei.” Thor respondeu dando um passo à frente em seu cavalo. “Mas eu tenho o triste palpite de que tem algo a ver comigo. Acho que alguém me quer morto.”

Thor sentiu que os outros se viravam e olhavam para ele.

Por quê?” Reece perguntou.

Thor deu de ombros. Ele não sabia, mas ele tinha o palpite de que tinha a ver com todas as maquinacões na Corte do Rei, algo a ver com o assassinato do Rei MacGil. Muito provavelmente, era Gareth. Talvez ele visse a Thor como uma ameaça.

Thor se sentia muito mal por ter posto em perigo os seus irmãos de armas, mas não havia nada que ele pudesse fazer a respeito disso agora. Tudo o que ele podia fazer era tentar defendê-los.

Thor já tinha aguentado o suficiente. Ele gritou, apertou seu cavalo com os calcanhares e rompeu em um galope, avançando na frente dos demais. Ele não esperaria que aquele exército fosse ao seu encontro, ele não esperaria que a morte viesse reunir-se com ele. Ele iria dar os primeiros golpes, talvez até mesmo desviá-los de alguns de seus irmãos de armas e dar-lhes uma chance de correr se eles decidissem fazer isso. Se ele estivesse indo ao encontro de seu fim, ele iria encontrá-

lo sem medo, honradamente.

Tremendo por dentro, mas recusando-se a demonstrá-lo, Thor galopava cada vez mais longe dos outros, prosseguindo, descendo a colina em direção ao exército que avançava. Ao lado dele, Krohn corria, sem perder o ritmo.

Thor ouviu um grito bem atrás dele, seus companheiros da Legião corriam para alcançá-lo. Eles estavam a quase vinte metros de distância e galopavam atrás dele, lançando um grito de guerra. Thor permaneceu à frente, mas ele sentia-se bem tendo o apoio dos homens atrás dele.

Um contingente de guerreiros com cerca de cinquenta homens irrompeu do exército McCloud e avançou ao encontro de Thor. Eles agora estavam a uns cem metros à sua frente e se aproximavam

rapidamente. Thor pegou sua funda, colocou uma pedra nela, mirou e atirou. Ele alvejou o líder dos guerreiros, um homem grande, com uma couraça de prata e sua pontaria foi perfeita. Ele atingiu o homem na base da garganta, entre as placas de sua armadura, o homem caiu do cavalo, atingindo o chão diante dos outros.

Quando o guerreiro caiu, seu cavalo caiu com ele e as dezenas de cavalos atrás dele se amontoaram, lançando seus soldados de cara contra o chão.

Antes que pudessem reagir, Thor colocou outra pedra na funda, se inclinou para trás e atirou.

Mais uma vez, sua pontaria foi certa e ele acertou um dos guerreiros em sua têmpora, no ponto exposto por sua viseira levantada, ele caiu de lado de seu cavalo, levando para baixo consigo vários outros guerreiros, como se todos fossem peças de um dominó.

Enquanto Thor galopava, um dardo passou voando por sua cabeça, em seguida passaram: uma lança, logo depois um martelo e uma picareta de arremesso. Thor sabia que seus irmãos da Legião o estavam apoiando. Sua pontaria era boa também e suas armas derrubavam os soldados McCloud com precisão mortal, vários deles caíam de seus cavalos e colidiam uns com os outros.

Thor estava exultante ao ver que eles já tinham conseguido derrubar dezenas de soldados McCloud, alguns deles com ataques diretos, mas a maioria estava sendo desarmada ao cair de seus cavalos. O contingente de cinquenta homens estava agora no chão, deitado em meio a grandes nuvens de poeira.

Mas o exército McCloud era forte e agora era a sua vez de revidar. Quando Thor veio a estar a cerca de trinta metros de distância dele, vários guerreiros lançaram armas em sua direção. Um martelo de arremesso vinha direto para seu rosto e Thor se abaixou no último momento, o ferro passou zunindo a apenas centímetros de sua orelha, errando por um triz. Uma lança veio voando em sua direção e ele rapidamente se abaixou esquivando-se para o outro lado, a ponta roçou a parte externa da sua armadura, felizmente falhando o alvo. Uma picareta de arremesso veio direto para seu rosto e Thor ergueu o escudo bloqueando-a. Ela ficou presa ao seu

escudo, Thor girou o escudo, arrancou a picareta e atirou-a de volta em seu atacante. A pontaria de Thor era ótima, a picareta se alojou no peito do homem, perfurando sua cota de malha. O homem gritou e caiu com um gemido sobre seu cavalo, ele estava morto.

Thor prosseguiu atacando. Ele avançava agora direto para o grosso do exército, direto para um mar de soldados. Ele estava preparado para enfrentar sua morte. Ele gritou, ergueu a espada e soltou um grande grito de guerra, seus irmãos de armas, atrás dele, também fizeram o mesmo.

O encontro produziu um grande choque de armas. Um enorme guerreiro avançou para ele levantando um machado com as duas mãos e o baixou em direção à cabeça de Thor. Thor se abaixou, o balanço da lâmina passou por cima de sua cabeça e cortou o estômago do soldado quando ele passou por Thor cavalgando. O homem gritou e caiu sobre o seu cavalo. Quando ele caiu, derrubou o machado de batalha, o qual saiu voando para terminar atingindo um cavalo McCloud. O cavalo relinchou e empinou, derrubando o seu cavaleiro sobre vários outros.

Thor continuou a avançar direto para a massa de guerreiros McCloud, centenas deles, abrindo caminho através deles, enquanto um guerreiro após o outro se lançava sobre ele com suas espadas, machados e clavas. Thor bloqueava as armas com seu escudo ou se esquivava delas, cortando os golpes, abaixando-se e ziguezagueando, galopando entre eles. Ele era muito rápido, muito ágil para eles e eles não esperavam por isso. Como um grande exército, eles não podiam manobrar rápido o suficiente para poder detê-lo.

Houve um grande choque de metais ao seu redor, os golpes choviam sobre ele, provindo de todas as direções. Ele bloqueava um após o outro com seu escudo e sua espada. Mas ele não podia repelir todos eles. O golpe de uma espada roçou seu ombro e ele gritou de dor quando viu o sangue sair. Felizmente o ferimento era superficial e isso não o impediu de lutar. Ele continuou batalhando.

Thor lutava com as duas mãos e estava cercado por guerreiros McCloud, logo os golpes começaram a diminuir quando outros membros da Legião se juntaram ao bando. O ruído das armas

aumentava enquanto os homens McCloud lutavam contra os rapazes da Legião, espadas batiam contra escudos, lanças atingiam cavalos, dardos perfuravam armaduras, os homens lutavam de todas as maneiras possíveis. Os gritos soavam dos dois lados.

A Legião tinha a vantagem de ser uma força de combate pequena e ágil, havia dez soldados dela no meio de um exército enorme e lento. O exército McCloud estava engarrafado e nem todos os guerreiros podiam alcançar os membros da Legião de uma só vez. Thor se viu lutando contra dois ou três homens ao mesmo tempo, mas não mais do que isso. Seus irmãos guardavam suas costas, impedindo-o de ser atacado por trás.

Um guerreiro pegou Thor de surpresa e balançou seu mangual direto para a cabeça dele. Krohn rosnou e atacou, ele deu um salto no ar e abocanhou o pulso do atacante, rasgando sua carne. O

sangue voou por todas as partes, obrigando o soldado a mudar de direção justo antes que o mangual impactasse no crânio de Thor.

Tudo era como um confuso como um borrão enquanto Thor lutava, cortava e aparava golpes em todas as direções, usando toda a sua habilidade para defender-se; para atacar; para cuidar de seus irmãos e para cuidar de si mesmo. Ele instintivamente evocou seus intermináveis dias de treinamento, quando treinava ser atacado por todos os lados, em todas as situações. De certa forma, aquilo parecia natural para Thor. Eles o haviam treinado bem e ele sentia-se capaz de lidar com tudo.

Seu medo sempre estava lá, mas ele se sentia capaz de controlá-lo.

À medida que Thor lutava, seus braços se sentiam cada vez mais pesados e seus ombros cansados. As palavras de Kolk ecoaram em seus ouvidos: *"Seu inimigo nunca vai lutar nos seus termos. Ele vai lutar nos termos dele. A guerra para você significa guerra para alguém mais."*

Thor avistou um guerreiro baixo e largo levantar uma corrente com puas com as duas mãos e balançá-la por trás da cabeça de Reece. Reece não percebeu o que estava acontecendo, em mais um momento, ele estaria morto.

Thor pulou de seu cavalo, saltou no ar diretamente sobre o guerreiro, antes que ele lançasse a corrente. Os dois saíram voando dos cavalos e caíram com força no chão, em meio a uma nuvem de poeira, Thor rolava pelo chão sufocado, enquanto os cavalos pisoteavam tudo ao seu redor. Ele lutava com o guerreiro no chão e quando o homem ergueu os polegares para arrancar os olhos de Thor, Thor de repente ouviu um grito e viu Estopheles descendo suas garras sobre os olhos do homem justo antes que ele pudesse machucar Thor. O homem gritou apertando os olhos e Thor lhe deu uma forte cotovelada derrubando o homem de cima dele.

Antes que Thor tivesse a chance de deleitar-se com sua vitória, ele sentiu um forte chute no estômago que o fez cair de costas. Ele olhou para cima para ver um guerreiro levantando um martelo de guerra com as duas mãos e baixando-o direto para seu peito.

Thor rolou para o lado e o martelo passou zunindo por ele, afundando na terra até o cabo. Ele percebeu que escapou por pouco de morrer esmagado pelo martelo.

Krohn atacou o homem, saltando para a frente e afundando suas presas no seu cotovelo. O

soldado socou Krohn uma e outra vez. Mas Krohn não o soltava, ele rosnava e finalmente arrancou o braço do homem. O soldado gritou e caiu no chão.

Um soldado aproximou-se e brandiu sua espada para Krohn, mas Thor rolou com seu escudo e bloqueou o golpe, salvando a vida de Krohn. Todo o seu corpo tremeu com o som estridente do golpe. Mas, enquanto Thor estava ali ajoelhado e exposto, outro guerreiro avançou sobre ele com seu cavalo, pisoteando-o, derrubando-o de cara no chão, Thor sentia como se os cascos do cavalo estavam esmagando todos os ossos do seu corpo.

Vários soldados de McCloud saltaram e rodearam Thor, encurralando-o.

Thor percebeu que estava em uma péssima situação. Ele daria tudo para estar montado de volta em seu cavalo naquele instante. Enquanto ele estava ali no chão, com a cabeça explodindo de dor, ele viu com o canto do olho, seus outros membros da Legião lutando e perdendo terreno. Um dos rapazes da Legião o qual ele não

conhecia, soltou um grito estridente e Thor viu quando uma espada perfurou seu peito e ele caiu morto.

Mais um membro desconhecido da Legião veio em seu auxílio, matando seu agressor com um golpe de sua lança. Mas, enquanto isso, um McCloud o atacou por trás e enfiou um punhal em seu pescoço. O jovem gritou e caiu de seu cavalo, já morto.

Thor se voltou e olhou para cima para ver uma meia dúzia de soldados caindo sobre ele. Um deles levantou a espada e baixou-a em direção ao seu rosto. Thor estendeu a mão e bloqueou-a com seu escudo, o barulho do golpe ressoou em seus ouvidos. Porém outro soldado levantou o pé e chutou o escudo de Thor, tirando-o de sua mão.

Um terceiro atacante pisou no pulso do Thor, prendendo-o no chão.

Um quarto atacante avançou e levantou a lança, preparando-se para perfurar o peito de Thor.

Thor ouviu um grande rosnado e viu quando Krohn pulou sobre o soldado, jogando-o para trás e prendendo-o no chão. Mas um soldado adiantou-se e golpeou Krohn com uma maça, atingindo-o com tanta força que o leopardo tombou com um ganido e caiu de costas, inerte.

Outro soldado deu um passo adiante, ficando de pé sobre Thor. Ele levantou um tridente fazendo uma careta. Desta vez não havia ninguém para detê-lo. Ele se preparou para baixar o tridente direto contra o rosto de Thor e enquanto Thor estava ali preso e indefeso, ele não podia deixar de sentir que finalmente, o seu fim havia chegado.

CAPÍTULO SETE

Gwen estava ajoelhada ao lado de Godfrey na cabana claustrofóbica. Illepra se encontrava ao seu lado. Gwen já não aguentava mais. Ela tinha estado ouvindo os gemidos de seu irmão por horas, tinha visto como o rosto de Illepra ficava cada vez mais sombrio e parecia que Godfrey realmente iria morrer. Gwen sentia-se tão impotente, simplesmente sentada ali. Ela sentia que precisava fazer alguma coisa. Qualquer coisa.

Ela estava atormentada não somente pela culpa e a preocupação com Godfrey, ela estava ainda mais preocupada por Thor. Ela não conseguia afastar de sua mente a imagem dele avançando para a batalha, prestes a morrer, sendo enviado por Gareth direto para uma armadilha. De alguma forma, ela também sentia que tinha de ajudar Thor. Ela ia enlouquecer se ficasse sentada ali.

De repente, Gwen se levantou e atravessou a cabana.

"Para onde vai?" Illepra perguntou com sua voz rouca de tantos cânticos e preces.

Gwen virou-se para ela.

"Eu volto logo." Disse ela. "Há uma coisa que devo tentar."

Ela abriu a porta e correu para fora, para o pôr-do-sol e piscou ao ver a paisagem diante de si: o céu estava manchado de vermelho e roxo, o segundo sol posto como uma bola verde no horizonte.

Akorth e Fulton, para seu crédito, ainda estavam ali, de guarda. Eles levantaram-se e olharam para ela com preocupação em seus rostos.

"Ele vai viver?" Akorth perguntou.

"Eu não sei." Disse Gwen. "Fiquem aqui montando guarda."

"E para onde está indo?" Fulton perguntou.

Quando ela olhou para o céu vermelho sangue e captou uma sensação mística no ar, ela teve uma ideia: havia um homem que poderia ajudá-la.

Argon.

Se havia uma pessoa em quem Gwen podia confiar; uma pessoa que amava Thor e que havia permanecido leal ao seu pai; uma pessoa que tinha o poder de ajudá-la, de alguma forma, essa pessoa era ele.

"Preciso procurar alguém especial." Disse ela.

Ela virou-se e correu apressada pelas planícies, traçando o seu caminho para a cabana de Argon.

Ela não tinha estado ali há anos, desde que era uma criança, mas ela lembrava que ele vivia no alto das desoladas planícies escarpadas. Ela corria e corria mal tomando o fôlego, à medida que o terreno tornava-se mais desolado, mais ventoso e a vegetação dava lugar a seixos e logo às rochas. O

vento uivava e enquanto ela prosseguia a paisagem tornou-se estranha. Gwen se sentia como se estivesse andando na superfície de uma estrela.

Ela finalmente chegou à cabana de Argon e bateu à porta, totalmente sem fôlego. Não havia nenhum trinco que ela pudesse usar em nenhum lugar. Mas Gwen sabia que aquela era a casa dele.

“Argon!” Ela exclamou. “Sou eu! A filha de MacGil! Deixe-me entrar! Eu lhe ordeno!”

Ela batia e batia, mas a única resposta era o uivo do vento.

Finalmente, ela rompeu em lágrimas, exausta, sentindo-se mais impotente do que nunca. Sentia-se vazia, como se ela não tivesse mais nenhum lugar para onde ir.

À medida que o sol se punha mais profundamente no céu, seu vermelho-sangue dava lugar ao crepúsculo. Gwen virou-se e começou a caminhar de volta colina abaixo. Ela enxugava as lágrimas de seu rosto enquanto seguia desesperada para descobrir para onde iria agora.

“Por favor, pai.” Disse ela em voz alta, fechando os olhos. “Dê-me um sinal. Mostre-me aonde ir. Mostre-me o que fazer. Por favor, não deixe que o seu filho morra hoje. E, por favor, não deixe que Thor morra. Se você me ama, me responda.”

Gwen entrou em silêncio, ouvindo o vento, quando, de repente, um flash de inspiração bateu nela.

O lago. O Lago das Lamentações.

Claro. O lago era o lugar aonde todo mundo ia para orar por alguém que estava mortalmente doente. Era um pequeno lago de águas puras e cristalinas, no meio do Bosque Vermelho, cercado por árvores altas que se elevavam até o céu. Ele era considerado um lugar sagrado.

Obrigado pai, por me responder. Gwen pensou.

Ela o sentiu ali, com ela naquele momento, mais do que nunca, então começou a correr apressada em direção ao Bosque Vermelho, em direção ao lago que ouviria seus lamentos.

*

Gwen ajoelhou-se na margem do Lago das Lamentações, seus joelhos estavam apoiados na folhagem macia dos pinheiros que rodeavam a água como um anel. Ela olhava para as águas tranquilas, eram as águas mais tranquilas que ela já tinha visto, as quais espelhavam a lua crescente.

Era uma lua cheia brilhante, a maior que ela já tinha visto e enquanto o segundo sol ainda estava se pondo, a lua estava subindo, lançando ambos, a luz do sol e do luar sobre o Anel. O sol e a lua se refletiam nas águas do lago, um em frente do outro e Gwen sentiu a aura sagrada daquele momento do dia. Era a janela entre o final de um dia e o início de outro e naquele momento sagrado, naquele lugar sagrado, tudo era possível.

Gwen se ajoelhou ali, chorando, rezando por tudo o que era mais sagrado. Os acontecimentos dos últimos dias tinham sido demais para ela e agora ela estava descarregando suas emoções. Ela rezava por seu irmão, porém, rezava mais ainda por Thor. Ela não podia suportar a ideia de perder ambos naquela noite, a ideia de não ter mais ninguém ao seu redor, além de Gareth. Ela não podia suportar a ideia de ser enviada para se casar com algum bárbaro. Ela sentia sua vida desmoronar ao seu redor e precisava de respostas. Mais do que tudo, ela precisava de esperança.

Havia muitas pessoas em seu reino que oravam a vários deuses: ao deus dos lagos; ao deus dos bosques; ao deus das montanhas, ou ao deus do vento, mas Gwen nunca acreditou em qualquer um deles. Ela, como Thor, era uma das poucas pessoas que ia na contramão da crença comum de seu reino, e seguia o caminho radical de crer em apenas um Deus, apenas em um ser supremo que controlava todo o universo. E foi a esse Deus a quem ela orou.

Por favor, Deus. Ela orou. Faze com que Thor retorne a mim. Permite que ele seja salvo da batalha. Permite que ele escape da emboscada. Por favor, permite que Godfrey viva. E, por favor,

protege-me... Não deixe que me levem daqui, casada com um selvagem. Eu farei qualquer coisa.

Apenas dá-me um sinal. Mostra-me qual é tua vontade para comigo.

Gwen ficou ajoelhada ali por muito tempo. Não se ouvia nada além do uivo do vento soprando entre os pinheiros infinitamente altos do Bosque Vermelho. Ela ouvia o ranger suave dos ramos enquanto eles balançavam acima de sua cabeça e sua folhagem caía na água.

“Cuidado com o que pede em suas orações.” Disse uma voz.

Ela virou-se vacilando e ficou chocada ao ver alguém de pé, não muito longe dela. Ela teria ficado assustada, no entanto, reconheceu a voz imediatamente, era uma voz antiga, mais velha do que as árvores, mais antiga que a própria terra e seu coração alegrou-se quando ela percebeu quem era.

Ela virou-se e o viu perto dela, vestindo seu manto branco e capuz. Seus olhos translúcidos queimavam através dela como se ele estivesse olhando para sua própria alma. Ele segurava seu cajado, iluminado pelo pôr-do-sol e pela luz da lua.

Argon.

Ela levantou-se e o encarou.

“Eu estive a sua procura.” Disse ela. “Fui a sua cabana. Você me ouviu bater?”

“Eu ouço tudo.” Ele respondeu enigmaticamente.

Ela fez uma pausa intrigada. Ele era inexpressivo.

“Diga-me o que eu devo fazer.” Disse ela. “Eu farei qualquer coisa. Por favor, não deixe Thor morrer. Você não pode deixá-lo morrer!”

Gwen se adiantou e agarrou seu pulso, implorando. Mas quando ela o tocou, foi arrasada por um calor escaldante que percorreu seu pulso e suas mãos e ela se afastou dominada pela energia.

Argon suspirou e se virou, afastando-se dela e dando vários passos em direção ao lago. Ele ficou ali, olhando para a água, seus olhos brilhavam na luz.

Ela caminhou para o lado dele e ficou em silêncio, por quanto tempo ela não sabia, esperando até que ele estivesse disposto a

falar.

“Não é impossível mudar o destino.” Disse ele. “Mas ele cobra um preço muito alto pelo que lhe pede. Você quer salvar uma vida. Esse é um esforço nobre. Mas você não pode salvar duas vidas. Você vai ter de escolher.”

Ele se virou e a encarou.

“Quem você quer que sobreviva esta noite Thor, ou seu irmão? Um deles deve morrer. Está escrito.”

Gwen ficou horrorizada com a pergunta.

“Que tipo de escolha é essa?” Ela perguntou. “Ao salvar um, eu condeno o outro.”

“Não.” Ele respondeu. “Ambos estão destinados a morrer. Eu sinto muito. Mas este é o destino deles.”

Gwen sentiu como se um punhal tivesse sido enfiado em seu estômago. Ambos estavam destinados a morrer? Era algo horrível demais para se imaginar. Poderia o destino ser realmente tão cruel?

“Eu não posso escolher um no lugar do outro.” Finalmente ela disse com sua voz quebrada.

“Meu amor por Thor é mais forte, é claro. Mas Godfrey é carne da minha carne e sangue do meu sangue. Eu não posso tolerar a ideia de que um deles viva graças à morte do outro. E eu não creio que nenhum deles deseje isso.”

“Então, ambos morrerão.” Argon replicou.

Gwen sentiu-se invadida pelo pânico.

“Espere!” Ela exclamou quando ele começou a se afastar.

Ele se virou e olhou para ela.

“E o que vai ser de mim?” Ela perguntou. “E se eu morresse no lugar deles? Isso seria possível?”

Ambos poderiam viver e eu morrer?”

Argon olhou para ela por um longo tempo, como se estivesse captando sua própria essência.

“Seu coração é puro.” Ele disse. “Você é o mais puro coração de todos os MacGils. Seu pai escolheu sabiamente. Sim, ele fez isso...”

A voz de Argon sumiu enquanto ele continuava a olhar em seus olhos. Gwen se sentia incômoda, mas não se atreveu a olhar para longe.

“Por causa de sua escolha, por causa de seu sacrifício desta noite.” Argon disse. “O destino a ouviu. Thor será salvo esta noite. E também o seu irmão. Você viverá também. Mas um pequeno pedaço de sua vida deve ser tomado. Lembre-se, há sempre um preço. Você sofrerá uma morte parcial em troca da vida de ambos.”

“O que isso significa?” Ela perguntou aterrorizada.

“Tudo tem seu preço.” Ele respondeu. “Você fez uma escolha. Você preferiria não pagar por isso?”

Gwen se preparou.

“Eu farei qualquer coisa por Thor.” Disse ela. “E por minha família.”

Argon olhava fixamente através dela.

“Thor tem um grande destino.” Disse Argon. “Mas o destino pode mudar. Nosso destino está em nossas estrelas. Mas também é controlado por Deus. Deus pode mudar o destino. Thor estava destinado a morrer esta noite. Ele vai viver só por causa de você. Você vai pagar esse preço. E o custo será alto.”

Gwen queria saber mais, então ela estendeu a mão para Argon, mas quando ela o fez, de repente, uma luz brilhante passou diante dela e Argon desapareceu.

Gwen virou-se, procurando por ele em todas as direções, mas ele estava longe de ser encontrado.

Finalmente, ela virou-se e olhou para o lago, ele estava tão sereno, era como se nada tivesse acontecido ali naquela noite. Ela viu o seu reflexo na água e ela parecia tão distante. Ela estava cheia de gratidão e finalmente, com uma sensação de paz. Mas ela também não podia evitar sentir uma sensação de temor sobre seu próprio futuro. Por mais que ela tentasse afastar esse temor de sua mente, ela não podia deixar de perguntar-se: qual seria o preço que teria de pagar pela vida de Thor?

CAPÍTULO OITO

Thor estava deitado, impotente no meio do campo de batalha, preso ao chão, por soldados McCloud. Ele ouvia o estrondo da batalha, os gritos dos cavalos, dos homens que morriam ao seu redor. O sol poente e a lua cheia nascente, a maior lua já vista, foram subitamente bloqueados por um enorme soldado, que avançou, levantou seu tridente e preparou-se para descê-lo sobre Thor. Ele sabia que sua hora havia chegado.

Thor fechou os olhos preparando-se para a morte. Ele não sentia medo. Apenas pesar. Ele queria mais tempo para estar vivo; ele queria descobrir quem ele era, qual era o seu destino e mais do que tudo, ele queria passar mais tempo com Gwen.

Thor sentia que não era justo morrer assim. Não ali. Não daquela forma. Não naquele dia. Não era a sua hora ainda. Ele podia sentir isso. Ele ainda não estava pronto.

De repente, Thor sentiu algo subindo dentro dele: era uma ferocidade, uma força diferente de qualquer outra que ele conhecia. Seu corpo inteiro formigava e ficou quente quando ele sentiu uma nova sensação irrompendo pelas solas dos seus pés e percorrendo suas pernas, seu torso, seus braços, até chegar realmente queimando até as pontas dos dedos, irradiando uma energia que ele mal podia entender. Thor surpreendeu a si mesmo, emitindo um rugido feroz, como o de um dragão surgindo das profundezas da terra.

Thor sentia a força de dez homens pulsando através dele quando ele se livrou do aperto dos soldados e ficou de pé de um salto. Antes que o soldado pudesse baixar o tridente, Thor avançou, agarrou-o pelo seu capacete e deu-lhe uma cabeçada, partindo-lhe o nariz. Então, ele chutou o soldado com tanta força que ele saiu voando de costas, para trás, como se fosse uma bala de canhão, derrubando dez homens.

Thor gritou com uma fúria recém descoberta quando ele agarrou um soldado, levantou-o bem alto e jogou-o no meio da multidão, derrubando junto com ele uma dúzia de soldados, como se fossem pinos de boliche. Thor estendeu a mão e agarrou um mangual com

uma corrente de três metros das mãos de um soldado. Ele girou-o uma e outra vez, até que se ouviram os gritos de todos ao seu redor, ele estava derrubando todos os soldados em um raio de três metros, dezenas de eles.

Thor sentia que seu poder continuava a crescer e permitiu que o mesmo se apoderasse dele.

Quando vários outros homens o atacaram, ele estendeu a mão e ficou com a palma estendida. Ele ficou surpreso ao sentir um formigamento e, em seguida, ver que uma névoa fria emanava dela. Seus atacantes pararam de repente, cobertos por um lençol de gelo. Eles ficaram congelados no lugar, transformados em blocos de gelo.

Thor virou as palmas das mãos em cada direção e por todas as partes os homens ficaram congelados; parecia que blocos de gelo caíam como chuva por todo o campo de batalha.

Thor virou-se para seus irmãos de armas e viu vários soldados prestes lançar golpes fatais em Reece, O'Connor, Elden e os gêmeos. Ele levantou a palma da mão em cada direção e congelou os atacantes, salvando seus irmãos da morte instantânea. Eles se viraram e olharam para ele, o alívio e a gratidão transbordavam em seus olhos.

O exército McCloud começou a perceber o que estava acontecendo e tornou-se mais cauteloso ao aproximar-se de Thor. Eles começaram a criar um perímetro de segurança em torno dele. Todos aqueles guerreiros estavam receosos de chegar muito perto, pois viam dezenas de seus companheiros congelados em seus postos no campo de batalha.

Mas então houve um rugido e um homem enorme se aproximou, ele era cinco vezes maior que o dos outros. Ele devia ter uns quatro metros de altura e carregava a maior espada que Thor já tinha visto. Thor ergueu a palma da mão para congelá-lo, mas seu poder não funcionou contra aquele homem. Ele simplesmente afastou a energia com um safanão, como se ela fosse um inseto irritante e continuou a avançar para Thor. Thor estava começando a perceber que seu poder era imperfeito, ele estava surpreso e não entendia bem por que ele não era forte o suficiente para deter aquele homem.

O gigante alcançou Thor com três passos longos, surpreendendo Thor com sua velocidade, ele, deu-lhe um tapa com as costas da mão, mandando Thor pelos ares.

Thor caiu duramente no chão e antes que pudesse se virar, o gigante estava sobre ele, levantando-o sobre a sua cabeça com as duas mãos. Ele jogou Thor pelos ares e o exército McCloud gritou em triunfo quando Thor se elevou por cerca de seis metros antes de cair estrondosamente no chão e rolar até poder parar. Thor sentia como se todas as suas costelas estivessem quebrando.

Thor olhou para cima para ver o gigante caindo sobre ele e dessa vez, não havia mais nada que pudesse fazer. Qualquer que fosse o poder que ele tinha tido, esse poder havia se esgotado.

Ele fechou os olhos.

Por favor, Deus, me ajude.

Quando o gigante se abateu sobre ele, Thor começou a ouvir um zumbido abafado em sua mente; ele crescia e crescia e logo, o zumbido estava fora de sua mente, no universo. Ele sentiu uma estranha sensação, jamais havia sentido isso antes; ele começou a sentir-se em sintonia com a própria matéria, com os elementos do ar, o balanço das árvores e o movimento das folhas da relva. Ele ouvia um grande zumbido em meio a tudo isso e quando ele estendeu a mão, ele sentiu como se estivesse colhendo aquele zumbido de todos os lugares do universo, convocando-o a sua vontade.

Thor abriu os olhos ao ouvir um tremendo zumbido sobre sua cabeça e observou com surpresa como um enxame de abelhas enorme se materializava no céu. Elas chegavam de todos os lados e quando Thor levantou as mãos, ele sentiu que as estava dirigindo. Ele não sabia como ele estava fazendo isso, mas sabia que ele estava dirigindo-as.

Thor moveu suas mãos na direção do gigante e quando ele fez isso, ele viu um enxame de abelhas escurecendo o céu, mergulhando em direção ao campo de batalha e cobrir completamente o gigante. O gigante levantava as mãos e se debatia, ele gritava histérico, as abelhas o cercaram, picando-o mil

vezes até que ele dobrou os joelhos e logo depois caiu de cara no solo, já morto. O

chão tremeu com o impacto de seu corpo.

Então, Thor dirigiu sua mão para o exército McCloud, o qual se encontrava montado em seus cavalos, olhando para ele e vendo a cena em estado de choque. Eles começaram a voltar-se para fugir, mas não houve tempo para reagir. Thor virou a palma da mão em sua direção e o enxame de abelhas deixou o gigante e começou a atacar os soldados.

O exército McCloud soltou um grito de medo e todos seus soldados deram a volta de uma só vez e cavalgaram em disparada, eles foram picados inúmeras vezes pelo enxame. Logo, o campo de batalha ficou vazio já que eles desapareceram tão rápido quanto podiam. Alguns soldados não conseguiram escapar a tempo, eles caíam um após outro, enchendo o campo de cadáveres.

Os sobreviventes continuaram galopando, o enxame os perseguia no horizonte até o outro lado do campo. O grande som do zumbido misturava-se com o tropel dos cascos dos cavalos e dos gritos de medo dos homens.

Thor estava espantado: em poucos minutos, o campo de batalha estava vazio e tranquilo. Tudo o que restava era o gemido dos McCloud feridos, deitados ali aos montões. Thor olhou em volta e viu seus amigos exaustos e respirando com dificuldade. Eles pareciam estar muito machucados e cobertos de ferimentos leves, mas estavam bem; com exceção, é claro, dos três membros da legião que ele não conhecia, os quais estavam ali, mortos.

Houve um grande estrondo no horizonte e Thor se virou para o outro lado e viu o exército do rei, liderado por Kendrick, avançando sobre a colina, correndo em direção a eles. Eles galoparam até eles e em pouco tempo pararam diante de Thor e de seus amigos: os únicos sobreviventes solitários naquele campo sangrento.

Thor ficou parado ali, em estado de choque, olhando para trás enquanto Kendrick, Kolk, Brom e os outros desmontavam e caminhavam lentamente em direção a Thor. Eles estavam acompanhados por dezenas de soldados do Exército Prata, todos grandes guerreiros do Exército do Rei. Eles viram que Thor e os

outros estavam ali sozinhos, vitoriosos, no campo de batalha sangrento, repleto de cadáveres de centenas de McClouds. Ele podia ver os seus olhares reverentes, cheios de respeito, de admiração. Ele podia ver isso em seus olhos. Era o que ele tinha desejado toda a sua vida.

Ele era um herói.

CAPÍTULO NOVE

Erec galopava em seu cavalo, correndo pela via do Sul, avançando mais rápido do que nunca, fazendo o que podia para evitar os buracos da estrada na escuridão da noite. Ele não tinha parado de cavalgar desde que tinha sido informado do sequestro de Alistair, informado que ela havia sido vendida como escrava e levada para Baluster. Ele não conseguia parar de repreender a si mesmo.

Ele tinha sido estúpido e ingênuo ao acreditar no estalajadeiro e supor que ele manteria sua palavra, que ele respeitaria sua parte do acordo e liberaria Alistair, depois que ele vencesse o torneio. A palavra de Erec era sua honra e ele considerava que a palavra dos outros era sagrada também. Havia sido um erro estúpido e Alistair tinha pagado um preço caro por isso.

O coração de Erec estava partido ao pensar nela. Ele esporou o cavalo com mais força. Pensar que uma bela e requintada senhora, primeiro teve de sofrer a indignidade de trabalhar para aquele estalajadeiro, agora havia sido vendida como escrava e ainda por cima, como escrava sexual. Essa ideia o enfurecia, ele não podia deixar de sentir que de alguma forma, ele era responsável: se ele nunca tivesse aparecido em sua vida, se nunca tivesse se oferecido para levá-la embora, talvez, o estalajadeiro nunca tivesse considerado a possibilidade vendê-la.

Erec avançava noite adentro, o som dos cascos e da respiração de seu cavalo permanecia enchendo seus ouvidos. O cavalo estava

mais do que exausto e Erec temia que ele se derrubasse e o atirasse no chão. Depois do torneio, Erec tinha ido diretamente até o dono da pensão, ele não tinha parado para descansar e estava tão cansado, estava esgotado. Ele sentia que simplesmente poderia despencar e cair de seu cavalo a qualquer momento. Mas ele forçou seus olhos a permanecerem abertos, forçou-se a ficar acordado, enquanto cavalgava sob os últimos vestígios da lua cheia, indo sempre para o Sul, para Baluster.

Erec tinha ouvido histórias de Baluster durante toda sua vida, embora fosse um lugar no qual ele nunca tinha estado. Diziam que o lugar era famoso por ser um centro de jogos de azar, de venda e consumo de ópio, sexo e de todos os vícios imagináveis no reino. Era o lugar para onde iam todos os insatisfeitos procedentes de todas as partes do Anel, para explorar todo o tipo de diversão sinistra conhecida pelo homem. Aquele lugar era o oposto da natureza de Erec. Ele nunca apostava e raramente bebia, preferindo passar seu tempo livre desenvolvendo e treinando suas habilidades. Ele não conseguia entender o tipo de pessoas que abraçavam a preguiça e a folia, tal como os frequentadores de Baluster faziam. Ir ali não augurava nada de bom para ele. Nada de bom podia provir dali. Pensar que Alistair se encontrava em um lugar assim fez o seu coração gelar. Ele sabia que tinha de salvá-la rapidamente e levá-la para longe, para bem longe dali, antes que qualquer dano fosse feito.

Quando a lua surgiu no céu e a estrada se alargou e ficou mais transitada, Erec pôde vislumbrar a cidade: o infindável número de tochas que iluminavam suas muralhas fazia com que ela parecesse uma fogueira no meio da noite. Erec não ficou surpreso, já que diziam que os habitantes da cidade costumavam ficar despertos até altas horas da noite.

Erec cavalgou mais rapidamente e se aproximou da cidade. Finalmente, ele cavalgou sobre uma pequena ponte de madeira, iluminada por tochas colocadas em cada lado dela, um vigia sonolento cochilava em seu posto, ele deu um pulo quando Erec passou por ele em disparada. O guarda gritou atrás dele: "EI!"

Mas Erec nem sequer diminuiu a marcha. Se o homem tivesse a coragem de persegui-lo, e Erec duvidava que ele se atrevesse a isso, então Erec se asseguraria de que isso fosse a última coisa que o guarda faria.

Erec avançou pela grande e ampla entrada da cidade, a qual estava construída em torno de uma praça, cercada por muros de pedra antigos e baixos. Ele entrou na cidade e prosseguiu por suas ruas estreitas tão brilhantes, todas com suas tochas alinhadas. Os edifícios haviam sido construídos bem juntos uns dos outros, dando à cidade uma sensação de pouco espaço, de claustrofobia. As ruas estavam absolutamente lotadas, quase todas as pessoas, pareciam estar bêbadas, elas cambaleavam de um lado para outro, gritavam e berravam, empurrando umas a outras. Tudo era como uma grande festa. Praticamente, cada estabelecimento era uma taverna ou salão de jogos.

Erec sabia que aquele era o lugar certo. Ele podia sentir a presença de Alistair ali, em algum lugar. Ele engoliu em seco, esperando que não fosse tarde demais.

Ele cavalgou para o que parecia ser particularmente uma grande taverna, no centro da cidade.

Uma multidão de pessoas estava aglomerada do lado de fora e Erec achou que aquele seria um bom lugar para começar.

Erec desmontou do cavalo e correu para dentro, acotovelando a multidão de pessoas agitadas pela bebida ao abrir seu caminho até o estalajadeiro. O dono do lugar estava na parte de trás, no centro da sala, anotando o nome das pessoas e tomando suas moedas antes de conduzi-las até os quartos. Era um sujeito de aparência suja, com um sorriso falso, ele suava e esfregava as mãos enquanto contava suas moedas. Ele olhou para Erec com um sorriso artificial no rosto.

“Deseja um quarto, senhor?” Ele perguntou. “Ou é uma mulher o que deseja?”

Erec balançou a cabeça e chegou perto do homem, querendo ser ouvido em meio ao burburinho.

“Estou procurando por um mercador.” Erec disse. “Um mercador de escravos. Ele cavalgou até aqui desde Savária, há um ou dois

dias atrás. Ele trouxe uma carga preciosa. Carga humana.”

O homem lambeu seus lábios.

“O que você procura é uma informação valiosa.” Disse o homem. “Eu posso prover essa informação, tão facilmente como eu posso fornecer um quarto.”

O homem esfregou as mãos e estendeu a palma da mão. Ele olhou para Erec e sorriu, o suor brotava sobre o seu lábio superior.

Erec estava repugnado por aquele homem, mas ele desejava obter informações e não queria perder tempo. Então, ele enfiou a mão no bolso, tirou uma grande moeda de ouro dali e colocou-a na mão do homem.

O homem arregalou os olhos ao examinar a moeda.

“Ouro do Rei.” Ele observou impressionado.

Ele olhou para Erec de cima a baixo, com um olhar de respeito e admiração.

“Então você cavalgou todo o caminho da Corte do Rei?” Ele perguntou.

“Já basta.” Erec disse. “Sou eu quem faz as perguntas aqui. Eu já lhe paguei. Agora me diga: Onde está o mercador?”

O homem lambeu os lábios várias vezes e então se debruçou, chegando mais perto.

“O homem que você procura é Erbot. Ele vem por aqui uma vez por semana com um novo lote de prostitutas. Ele as leiloa a quem der o melhor lance. É provável que você o encontre no seu antro.

Siga esta rua até o fim, o estabelecimento dele fica lá. Mas se a menina que você procura tem algum valor, ela provavelmente já se foi. As prostitutas não duram muito tempo por lá.”

Erec virou-se para ir embora, quando sentiu uma mão quente e úmida agarrar seu pulso. Ele virou-se surpreso ao ver o estalajadeiro agarrando-o.

“Se for prostitutas o que você procura, por que não tenta uma das minhas? Elas são simplesmente tão boas quanto as dele e eu cobro a metade do preço.”

Erec olhou para o homem com desprezo, revoltado. Se ele tivesse mais tempo, ele provavelmente iria matá-lo, só para livrar o

mundo de alguém assim. Mas ele avaliou melhor o homem e viu que ele não era digno de tanto esforço.

Erec se desvencilhou de sua mão, então se inclinou para perto dele.

“Ponha suas mãos em mim novamente...” Erec advertiu. “... E você vai desejar jamais ter feito isso. Agora, dê dois passos para trás de mim antes que eu encontre um lindo lugar para meter este florete que está em minha mão.”

O estalajadeiro olhou para baixo, arregalou os olhos com medo e deu vários passos para trás.

Erec virou-se e saiu da sala, acotovelando e empurrando os clientes para fora do seu caminho, ao atravessar a porta dupla. Ele nunca tinha estado tão enojado com a humanidade.

Erec montou em seu cavalo, o qual antes estava empinando e bufando para alguns transeuntes bêbados que estavam, sem dúvida, de olho nele. Erec calculou que tinham intenções de tentar roubá-lo. Ele se perguntou se eles teriam realmente tentado roubar o cavalo se ele não tivesse retornado antes. Erec recordou a si mesmo que ele deveria amarrar seu cavalo com mais segurança, da próxima vez. Ele estava perplexo com os vícios daquela cidade. Ainda assim, seu cavalo, Warkfin, era um cavalo de batalha bastante bravo e se alguém tentasse roubá-lo, ele iria pisoteá-lo até a morte.

Erec apertou Warkfin com os calcanhares e eles avançaram pela rua estreita, Erec fazia todo o possível para evitar as multidões de pessoas. Era tarde da noite, mas as ruas pareciam tornar-se cada vez mais apinhadas com as massas humanas, pessoas de todas as raças se misturavam ali. Vários clientes bêbados gritaram para Erec enquanto ele passava por eles muito rapidamente, mas ele não se importou. Ele podia sentir que Alistair estava ao alcance e nada iria detê-lo até que ele a tivesse de volta.

A rua terminava em uma parede de pedra e o último prédio à direita era uma taverna com paredes inclinadas de barro branco a ponto de ruir e um telhado de palha que parecia já ter visto melhores dias. A julgar pela aparência das pessoas que entravam e saíam dela, Erec deduziu que aquele era o lugar certo.

Erec desmontou, amarrou seu cavalo a um poste com total segurança e irrompeu pela porta.

Quando ele entrou, parou no meio do caminho, surpreso.

O local estava mal iluminado, era uma grande sala com algumas tochas nas paredes e um fogo morrendo na lareira num canto mais distante. Havia tapetes espalhados por toda parte, sobre os quais estavam deitadas dezenas de mulheres seminuas, elas estavam atadas entre si e às paredes com grossas cordas. Todas elas pareciam estar drogadas. Erec podia sentir o cheiro do ópio no ar e viu um cachimbo que estava sendo passado ao redor. Alguns homens bem vestidos caminhavam pela sala, chutando e empurrando os pés das mulheres aqui e ali, como se estivessem testando a mercadoria e decidindo o que comprar.

No canto mais distante da sala estava um homem em uma pequena cadeira de veludo vermelho, vestindo um robe de seda, havia mulheres acorrentadas a ambos os lados dele. De pé, atrás dele, havia homens enormes, musculosos, com os rostos cobertos de cicatrizes, mais altos e mais largos do que o próprio Erec. Eles pareciam encantados com a possibilidade de matar alguém.

Erec analisava a cena e percebia exatamente o que estava acontecendo: aquele lugar era um antro de sexo, aquelas mulheres eram garotas de aluguel e o homem no canto era o cafetão, o homem que tinha lhe arrebatado Alistair e que provavelmente tinha feito o mesmo com todas aquelas mulheres também. Erec percebeu que até mesmo Alistair podia estar naquela sala, naquele exato momento.

Ele entrou em ação, percorrendo freneticamente os corredores repletos de mulheres e examinando todos os seus rostos. Havia várias dezenas de mulheres naquela sala, algumas delas desmaiadas. A penumbra do lugar era tanta que era difícil identificar alguém. Ele olhava um rosto após o outro, andando entre as filas de mulheres, quando de repente, a palma de uma mão enorme bateu no seu peito.

“Você já pagou?” Disse uma voz resmungona.

Erec olhou para cima e viu um homem enorme e carrancudo de pé, diante dele.

“Quer olhar para as mulheres? Então pague.” O homem disse com sua voz grave. “Essas são as regras.”

Erec devolveu-lhe um olhar de desprezo, sentindo um ódio subindo dentro dele, e, em seguida, mais rápido do que o homem pudesse piscar, ele estendeu a mão e golpeou fortemente a traqueia dele com a palma da mão. O homem ficou sufocado e arregalou os olhos, em seguida, caiu de joelhos, apertando sua garganta. Erec estendeu a mão e deu-lhe uma cotovelada na têmpora, logo, o homem caiu de cara no chão.

Erec caminhou rapidamente entre as fileiras, de mulheres examinando os rostos e buscando desesperadamente Alistair, mas ela não estava à vista. Ela não estava ali.

O coração de Erec martelava, ele correu para o canto da sala, para o homem mais velho que estava sentado no canto olhando por cima de tudo.

“Encontrou algo que lhe agrada?” Perguntou o homem. “Algo que deseja leiloar?”

“Eu estou procurando uma mulher.” Erec começou a falar com sua voz fria como o aço, tentando manter a calma. “... E eu vou dizer isso apenas uma vez. Ela é alta, com longos cabelos loiros e olhos azuis esverdeados. O nome dela é Alistair. Ela foi trazida de Savária há um ou dois dias atrás.

Disseram-me que ela foi trazida para cá. É verdade?”

O homem balançou lentamente a cabeça, sorrindo.

“Eu lamento que a propriedade que você procura já tenha sido vendida.” O homem disse. “Um belo exemplar, deveras. Você tem bom gosto. Escolha outra, e eu lhe darei um bom desconto.”

Erec franziu o cenho, sentindo uma raiva dentro dele diferente de tudo que ele já havia sentido.

“Quem a levou?” Erec rosnou.

O homem sorriu.

“Minha nossa, você parece obcecado por essa escrava em particular.”

“Ela não é uma escrava.” Erec rosnou. “Ela é minha *esposa*.”

O homem olhou para ele chocado, então de repente jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

“Sua *esposa*! Essa é boa. Já não mais, meu amigo. Agora ela é o brinquedinho de outro.” Então o rosto do cafetão ficou sombrio e fechou-se em uma carranca malvada quando ele fez um gesto para seus capangas e ordenou:

- Agora, livrem-se deste pedaço de lixo.

Os dois homens musculosos vieram para a frente com uma velocidade que surpreendeu Erec, ambos se lançaram de uma vez sobre ele estendendo a mão para agarrar o seu peito.

Mas eles não tinham ideia de quem eles estavam atacando. Erec era mais rápido do que os dois, ele os esquivou, agarrou o pulso de um deles e dobrou seu braço até que o homem caiu de costas no chão, tudo isso ao mesmo tempo em que dava uma cotovelada na garganta do outro. Erec adiantou-se e esmagou a traquéia do homem que estava derrubado no chão, então ele inclinou-se para frente e deu uma cabeçada no outro homem que ainda estava com as mãos na garganta, deixando-o fora de combate também.

Os dois homens jaziam ali inconscientes, Erec passou por cima de seus corpos indo ao encontro do estalajadeiro, que agora estava balançando na cadeira com os olhos arregalados de medo.

Erec estendeu a mão, agarrou o homem pelos cabelos, puxou a cabeça dele para trás e pressionou um punhal contra sua garganta.

“Diga-me onde ela está e talvez eu deixe você vivo.” Erec rosnou.

O homem gaguejou.

“Eu vou dizer, mas você está perdendo seu tempo.” Ele respondeu. “Eu a vendi para um lorde.

Ele tem sua própria força de cavaleiros e vive em seu próprio castelo. Ele é um homem muito poderoso. Seu castelo nunca foi invadido. E, além disso, ele tem um exército inteiro a sua disposição. Ele é um homem muito rico e tem um exército de mercenários dispostos a fazer sua vontade em qualquer momento. Qualquer garota que ele compra, ele a mantém. Não há nenhuma maneira de que você a liberte. Então, volte para o lugar de onde você veio, seja ele qual for. Ela se foi.”

Erec pressionou o punhal, apertando-o mais contra a garganta do homem até que ela começou a sangrar, o homem gritou.

“Onde está esse lorde?” Erec rosnou, perdendo a paciência.

“Seu castelo está ao oeste da cidade. Pegue a porta ocidental da cidade e vá até o fim da estrada. Você vai ver o seu castelo. Mas é um desperdício de tempo. Ele pagou um bom dinheiro por ela, mais do que ela valia.”

Erec estava farto daquilo. Sem vacilar, ele cortou a garganta daquele traficante de escravas brancas, matando-o. O sangue jorrou por todas as partes quando o homem se deixou cair em seu assento, morto.

Erec olhou para o cadáver, para os capangas inconscientes e sentiu-se revoltado com o que via naquele lugar sórdido. Ele não podia acreditar que existisse um lugar semelhante.

Erec atravessou a sala e começou a cortar as cordas que atavam todas as mulheres, cortando os fios grossos e libertando-as, uma de cada vez. Várias mulheres pularam e correram para a porta.

Logo todas as mulheres da sala estavam soltas e todas se dirigiam para a porta. Algumas estavam muito drogadas para se mover e eram ajudadas pelas outras.

“Seja quem você for...” Disse uma mulher para Erec, parando na porta. “... Que Deus o abençoe.

E aonde quer que você vá, que Deus o ajude.”

Erec apreciou a gratidão e a bênção dela. Ele tinha a triste sensação de que ele ia precisar disso, no lugar para onde ele estava indo.

CAPÍTULO DEZ

A aurora rompeu, derramando-se através das pequenas janelas da cabana de Illepra e caindo sobre os olhos fechados de Gwendolyn, despertando-a lentamente. O primeiro sol de um laranja suave a acariciava, acordando-a no silêncio da madrugada. Ela piscou várias vezes, a princípio desorientada, perguntando-se onde ela estava. E então ela se deu conta: Godfrey.

Gwen tinha adormecido no chão da casa, deitada em uma cama de palha perto da cabeceira da cama de Godfrey. Illepra dormia ao lado dele. Tinha sido uma longa noite para os três. Godfrey tinha gemido durante toda a noite, dando voltas na cama e Illepra havia cuidado dele incessantemente.

Gwen estava ali para ajudar de qualquer maneira possível. Ela trazia panos molhados, colocava-os na testa de Godfrey e trocava-os quando necessário, além de entregar a Illepra as ervas e pomadas que ela pedia-lhe continuamente. A noite parecia interminável, Godfrey tinha gritado muitas vezes e Gwen estava certa de que ele estava morrendo. Mais de uma vez ele tinha chamado seu pai e isso tinha lhe provocado calafrios. Ela sentiu a presença de seu pai pairando intensamente sobre eles. Ela não sabia se seu pai desejaria que seu filho vivesse ou morresse, já que sua relação com Godfrey tinha sido sempre tão cheia de tensão.

Gwen também tinha dormido na casa de campo porque ela não sabia mais para onde ir. Ela não se atrevia a voltar ao castelo e ficar sob o mesmo teto com seu irmão; ela se sentia mais segura ali, sob os cuidados de Illepra, com Akorth e Fulton montando guarda do lado de fora da porta. Ela estava contente com a ideia de que ninguém sabia onde ela estava e queria continuar assim. Além disso, ela havia se afeiçoado a Godfrey naqueles últimos dias, tinha

descoberto o irmão que ela nunca tinha conhecido e era doloroso para ela pensar que ele estava morrendo.

Gwen ficou de pé e correu para o lado de Godfrey, seu coração batia forte, ela se perguntava se ele ainda estava vivo. Uma parte dela sentia que se ele acordasse pela manhã, ele sobreviveria. Por outro lado, se ele não acordasse, seria o fim dele. Illepra despertou e correu para o lado dele também. Ela devia ter caído no sono em algum momento durante a noite. Gwen não podia culpá-la.

As duas se ajoelharam ali, ao lado de Godfrey, enquanto a pequena cabana se enchia de luz.

Gwen colocou a mão no pulso de Godfrey e o apertou. Illepra estendeu a mão e colocou-a sobre a testa dele. Ela fechou os olhos e respirou. De repente, os olhos de Godfrey se abriram. Illepra puxou a mão de volta, surpresa.

Gwen estava surpresa também. Ela não esperava ver Godfrey abrir os olhos. Ele se virou e olhou diretamente para ela.

“Godfrey?” Ela perguntou.

Ele entrecerrou os olhos, fechou-os e os abriu novamente. Então, para surpresa de Gwen, ele se apoiou em um cotovelo e olhou para elas.

“Que horas são?” Ele perguntou. “Onde eu estou?”

Sua voz soou alerta, saudável e Gwen nunca havia se sentido tão aliviada. Ela abriu um sorriso enorme, junto com Illepra.

Gwen se lançou para frente e abraçou-o com força, logo ela se afastou.

“Você está vivo!” Ela exclamou.

“Claro que eu estou.” Ele disse. “Por que eu não haveria de estar? Quem é ela?” Ele perguntou, virando-se para Illepra.

“Ela é a mulher que salvou sua vida.” Gwen respondeu.

“Salvou minha vida?”

Illepra olhava para o chão.

“Eu apenas ajudei um pouquinho.” Ela disse humildemente.

“O que aconteceu comigo?” Ele perguntou a Gwen, agitado. “A última coisa de que me lembro era que eu estava bebendo na taverna e então...”

“Você foi envenenado.” Illepra disse. “Um veneno muito raro e forte. Fazia anos que eu não encontrava esse veneno. Você tem sorte de estar vivo. Na verdade, você é a única pessoa que eu já vi sobreviver a ele. Alguém deve ter estado velando por você.”

Ao ouvir suas palavras, Gwen sabia que ela estava certa, ela imediatamente pensou em seu pai.

Os raios do sol banhavam as janelas com sua luz cada vez mais forte e Gwen sentiu a presença de seu pai ali com eles. Ele tinha desejado que Godfrey vivesse.

“Bem feito.” Gwen disse com um sorriso. “Você tinha prometido que deixaria a bebida. Agora veja o que aconteceu.”

Ele virou-se e sorriu para ela. Ela viu a vida de volta em seu rosto e se sentiu inundada pelo alívio. Godfrey estava de volta.

“Você salvou minha vida.” Ele disse a ela, sinceramente.

Ele dirigiu-se a Illepra.

“Ambas me salvaram.” Ele acrescentou. “Não sei como poderei recompensá-las.”

Quando ele olhou para Illepra, Gwen percebeu algo. Havia algo em seu olhar, algo mais do que gratidão. Gwen virou-se e olhou para Illepra, notou que ela estava corada e olhava para o chão.

Gwen percebeu que eles gostavam um do outro.

Illepra rapidamente virou-se e atravessou a sala, dando as costas a eles, ocupando-se com uma poção.

Godfrey olhou novamente para Gwen.

“Gareth?” Ele perguntou de repente, muito sério.

Gwen assentiu, entendendo o que ele estava perguntando.

“Você tem sorte de não estar morto.” Disse ela. “Firth está.”

“Firth?” Godfrey levantou a voz, surpreso. “Morto? Mas como?”

“Ele foi enforcado.” Disse ela. “Você seria o seguinte.”

“E você?” Godfrey perguntou.

Gwen deu de ombros.

“Ele tem planos de casar-me. Ele me vendeu aos Nevaruns. Aparentemente, eles estão vindo para me levar.”

Godfrey sentou-se, indignado.

“Eu jamais permitirei isso!” Ele exclamou.

“Nem eu.” Ela respondeu. “Eu vou encontrar uma saída.”

“Mas sem Firth, não temos nenhuma evidência.” Ele disse. “Nós não temos nenhuma maneira de derrotá-lo. Gareth permanecerá livre.”

“Nós encontraremos uma solução.” Ela respondeu. “Nós encontraremos uma saída...”

De repente, a cabana encheu-se de luz quando a porta se abriu e Akorth e Fulton entraram apressados.

“Alteza. Akorth começou então se virou ao ver Godfrey.

“Seu filho da mãe!” Akorth gritou de alegria para Godfrey. “Eu sabia! Você trapaceia em quase tudo na vida, eu sabia que você ia enganar a morte também!”

“Eu sabia que nenhuma jarra de cerveja seria capaz de levá-lo ao túmulo!” Fulton acrescentou.

Akorth e Fulton se atropelaram para abraçar Godfrey quando ele pulou da cama. Todos eles se abraçaram.

Em seguida, Akorth muito sério, virou-se para Gwen.

“Minha senhora, desculpe incomodá-la, mas vimos um contingente de soldados no horizonte.

Eles estão vindo até nós, agora mesmo.”

Gwen olhou para eles alarmada, em seguida, correu para fora, seguida por todos eles, ela abaixou a cabeça e apertou os olhos na forte luz solar.

O grupo ficou do lado de fora, Gwen olhou para o horizonte e viu um pequeno grupo de soldados do Exército Prata cavalgando para a cabana. Uma meia dúzia de homens avançava a toda a velocidade e não havia nenhuma dúvida de que estavam correndo até eles.

Godfrey estendeu a mão para puxar sua espada, mas Gwen colocou uma mão reconfortante em seu pulso.

“Estes não são os homens de Gareth, eles são os homens de Kendrick. Eu estou certa de que eles vêm em paz.”

Os soldados chegaram até eles e, imediatamente, desmontaram de seus cavalos e se ajoelharam diante de Gwendolyn.

“Alteza.” Disse o líder dos soldados. “Nós lhe trazemos uma grande notícia. Nós temos repellido o ataque dos McClouds! Seu irmão Kendrick está a salvo e ele me pediu para dar-lhe uma mensagem: Thor se encontra bem.”

Gwen começou a chorar com a notícia, dominada pela gratidão e pelo alívio. Ela deu um passo para frente e abraçou Godfrey, quem a abraçou de volta. Ela sentia que a vida havia brotado novamente dentro dela.

“Todos deverão regressar hoje.” O mensageiro continuou.
“Haverá uma grande festa na Corte do Rei!”

“Excelentes notícias, realmente!” Gwen exclamou.

“Minha senhora.” Ouviu-se uma voz profunda. Gwen olhou para ver um senhor, um guerreiro de renome, Srog, vestido com o vermelho característico do Oeste, um homem que ela conhecia desde a juventude. Ele tinha sido amigo de seu pai. Ele ajoelhou-se diante dela e ela sentiu-se envergonhada.

“Por favor, senhor.” Ela disse. “... Não se ajoelhe diante de mim.”

Ele era um homem famoso, um poderoso lorde que tinha milhares de soldados os quais respondiam a ele e ele governava sua própria cidade, Silésia, a fortaleza do Oeste, uma cidade incomum, construída bem em cima de um penhasco, à beira do Canyon. Ela era quase impenetrável.

Ele era um dos poucos homens em quem seu pai havia confiado.

“Eu cavalguei até aqui com estes homens, porque ouvi dizer que grandes mudanças estão agitando a Corte do Rei.” Disse ele com conhecimento de causa. “O trono está instável. Um novo governante — um governante firme, um verdadeiro governante — deve ser colocado em seu lugar. Eu fui informado de que o desejo de seu pai era que Vossa Alteza reinasse. Seu pai era como um irmão para mim e sua palavra era uma ordem para mim. Se for esse o seu desejo, então é o meu também. Eu vim aqui para que Vossa Alteza saiba que, se Vossa alteza governar, então os meus homens vão lhe jurar lealdade. Peço-lhe para agir com rapidez. Os acontecimentos de hoje têm provado que a Corte do Rei precisa de um novo governante.”

Gwen ficou lá, surpresa, quase sem saber como reagir. Ela sentia uma enorme humildade e ao mesmo tempo um sentimento de orgulho, mas ela também se sentia oprimida, sobrecarregada, era demais para sua cabeça.

“Obrigada, senhor.” Disse ela. “Eu sou grata por suas palavras e por sua oferta. Eu meditarei profundamente nelas. Por enquanto,

tudo o que desejo é dar as boas vindas ao meu irmão e a Thor.”

Srog curvou sua cabeça e uma corneta soou no horizonte. Gwen olhou para cima e já podia ver a nuvem de poeira: um grande exército estava aparecendo. Ela levantou uma mão para bloquear a luz do sol e seu coração disparou. Mesmo dali, ela podia sentir quem era. Eram o Exército Prata e os homens do rei.

E cavalgando a sua frente estava Thor.

CAPÍTULO ONZE

Thor cavalgava com o exército, milhares de soldados marchavam uniformemente em direção a Corte do Rei e ele se sentia triunfante. Ele ainda não podia processar o que tinha acontecido, estava orgulhoso do que ele tinha feito: estava orgulhoso porque não tinha cedido ao medo quando as coisas pareciam estar em seu ponto mais baixo na batalha, ele tinha ficado e enfrentado aqueles guerreiros.

Ele ainda não podia acreditar que, de alguma maneira, ele tinha sobrevivido.

Toda a batalha parecia tão surreal, ele estava tão agradecido por ter sido capaz de usar seus poderes, mas ao mesmo tempo, ele também estava confuso, já que seus poderes não funcionavam sempre. Ele não os entendia, e pior ainda, ele não sabia de onde vinham ou então como controlá-los.

Isso o fez perceber que mais do que nunca, ele devia aprender a apoiar-se em suas habilidades humanas também e tratar de ser um melhor lutador, o melhor guerreiro que ele pudesse ser. Ele estava começando a perceber que para ser um melhor guerreiro, ele precisaria de ambas as partes de si mesmo: a parte do lutador e a parte do feiticeiro, se é que ele realmente era isso.

Eles cavalgaram toda a noite, de regresso à Corte do Rei e Thor agora estava cansado além da exaustão, mas também estava alegre.

O primeiro sol estava raiando no horizonte e ele sentia como se estivesse vendo o mundo pela primeira vez, ao ter diante de si a vasta imensidão do céu aberto com seus tons de amarelos e rosa. Thor nunca tinha se sentido tão vivo. Ele estava rodeado por seus amigos, Reece, O'Connor, Elden e os gêmeos; além de Kendrick, Kolk, Brom e centenas de membros da Legião, O Exército Prata e o Exército do Rei. Mas, em vez de estar na periferia da Corte, agora ele cavalgava pelo centro, abraçado por todos eles. Na verdade, todos eles olhavam para ele de forma diferente desde a batalha. Agora, ele via a admiração nos olhos não apenas de seus colegas membros da Legião, mas também nos olhos dos guerreiros veteranos. Ele havia enfrentado todo o exército McCloud sozinho e tinha virado a maré da guerra.

Thor estava feliz por não ter desapontado nenhum de seus irmãos da Legião. Ele estava feliz pelo fato de que a maioria de seus amigos tinha escapado ilesa e sentia pesar por aqueles que tinham morrido na batalha. Ele não os conhecia, mas ele desejava poder tê-los salvado também. Tinha sido uma batalha sangrenta feroz e mesmo agora, enquanto Thor cavalgava, cada vez que ele piscava os olhos, as imagens dos combates, das várias armas e dos guerreiros que tinham se lançado contra ele, passavam por sua cabeça. Os McClouds eram pessoas violentas e Thor tinha tido sorte, quem sabe se ele teria a mesma sorte se eles se encontrassem novamente. Quem sabe se ele seria capaz de invocar esses poderes novamente. Ele não sabia se eles alguma vez voltariam. Ele precisava de respostas. E

ele precisava encontrar sua mãe. Ele precisava saber quem ele realmente era. Ele precisava buscar Argon.

Krohn choramingou atrás dele, Thor se inclinou para trás e acariciou sua cabeça enquanto Krohn lambia-lhe a palma da mão. Thor estava aliviado ao ver que Krohn estava bem. Thor o havia tirado do campo de batalha e o pôs sobre o dorso de seu cavalo, de modo que Krohn ficasse atrás dele; Krohn parecia ser capaz de andar, porém Thor queria que ele descansasse e se recuperasse para a longa viagem de volta. O golpe que ele havia sofrido havia sido muito forte. Thor achava que ele poderia ter quebrado uma costela.

Thor mal conseguia expressar sua gratidão a Krohn, o qual era considerado por Thor mais como um irmão do que um animal, Krohn tinha salvado sua vida mais de uma vez.

Quando eles subiram por uma colina e a vista do reino se estendeu diante deles, Thor pôde ver a seus pés a gloriosa cidade da Corte do Rei, com dezenas de torres e pináculos; com as suas antigas muralhas de pedra; sua enorme ponte levadiça e suas portas em arco; com centenas de soldados de guarda sobre os parapeitos das muralhas e suas estradas contornadas por vastas extensões de terras agrícolas. Tudo isso sem mencionar, é claro o castelo do rei em seu centro. Thor pensou imediatamente em Gwen. Ela tinha lhe dado forças na batalha; ela havia lhe dado razão e propósito para viver. Pensar que ele tinha sido enviado para uma armadilha lá fora, que ele tinha sido emboscado. Thor, de repente, temia pelo destino dela também. Ele esperava encontrá-la bem ao regressar. Quaisquer que fossem as forças que tinham posto em marcha sua traição, elas haviam falhado, já que ele havia saído ileso.

Thor ouviu gritos de alegria à distância, viu algo brilhando na luz, e, quando ele forçou a vista no topo da colina, ele percebeu que havia uma grande multidão no horizonte, ela estava se formando diante da Corte do Rei e bordejava a estrada e agitava bandeiras. Um grande número de pessoas ia saindo para cumprimentá-los.

Alguém tocou uma corneta e Thor percebeu que todos estavam dando-lhes as boas-vindas a casa. Pela primeira vez em sua vida, ele não se sentia como um estranho.

“As cornetas, elas soam para você.” Disse Reece, cavalgando ao lado dele, dando um tapinha nas costas dele, olhando-o com um novo respeito. “Você é o campeão dessa batalha. Você é o herói do povo agora.”

“Imaginem, um de nós, um mero membro da Legião, repelindo todo o Exército McCloud.”

O’Connor acrescentou com orgulho.

“Você prestou uma grande honra para toda a Legião.” Disse Elden. “Agora eles vão ter de nos levar muito mais a sério.”

“Sem mencionar que você salvou todas as nossas vidas.” Conval acrescentou.

Thor encolheu os ombros, cheio de orgulho, mas ao mesmo tempo recusando-se a permitir que tudo isso lhe subisse à cabeça. Ele sabia que ele era humano, frágil e vulnerável como qualquer um deles. Ele sabia que o curso da batalha poderia ter sido bem diferente.

“Eu apenas fiz o que fui treinado para fazer.” Thor respondeu. “O que todos nós fomos treinados para fazer. Eu não sou melhor do que ninguém. Eu apenas tive sorte nesse dia.”

“Eu devo dizer que foi muito mais do que sorte.” Reece respondeu.

Todos eles continuaram em um trote lento, descendo a estrada principal em direção à Corte do Rei. Enquanto o faziam, a estrada começou a encher-se de pessoas que se espalhavam ali, provenientes do campo, aplaudindo, agitando as bandeiras reais azuis e amarelas dos MacGils. Thor percebeu que tudo estava se transformando em um completo desfile. Toda a corte tinha saído para celebrar sua chegada e ele podia ver o alívio e a alegria em seus rostos. Ele podia entender o porquê: se o exército McCloud tivesse chegado mais perto, poderia ter destruído tudo aquilo.

Thor cavalgava com os outros, através da multidão de pessoas, fazendo ecoar os cascos dos cavalos sobre a ponte levadiça de madeira. Eles passaram pelo portão de pedra em forma de arco, logo passaram pela escura passagem subterrânea, para em seguida, encontrar-se do outro lado, onde foram recebidos e ovacionados pelas massas, na Corte do Rei. Elas agitavam bandeiras e atiravam caramelos. Uma banda de músicos começou a tocar, fazendo soar os címbalos e batendo os tambores, enquanto as pessoas começaram a dançar nas ruas.

Thor desmontou com os outros quando a multidão ficou espessa demais para permitir-lhes cavalgar. Ele estendeu a mão e ajudou Krohn a descer do cavalo. Ele observou cuidadosamente quando Krohn mancou um pouco e logo depois começou a caminhar; ele parecia andar normalmente agora e Thor sentiu-se aliviado. Krohn virou-se e lambeu a palma da mão de Thor várias vezes.

O seu grupo atravessou a Praça Real, logo, Thor foi abraçado por todos os lados por pessoas que ele não conhecia.

“Você nos salvou!” Um homem mais velho exclamou. “Você libertou o nosso reino!”

Thor queria responder, mas não podia, sua voz foi abafada pelo barulho de centenas de pessoas aplaudindo e gritando em volta deles, junto com o volume da música que subia mais e mais. Logo, barris de cerveja foram trazidos para o campo e as pessoas começaram a beber, rir e cantar.

Mas Thor só tinha uma coisa em mente: Gwendolyn. Ele tinha de vê-la. Ele examinou todos os rostos, desesperado por um vestígio dela, certo de que ela estaria ali. No entanto, ele se sentia destroçado ao ver que não conseguia encontrá-la.

Então, ele sentiu um toque no ombro.

“Eu acho que a mulher que você está procurando está por ali...” Disse Reece, virando-se e apontando para o outro lado.

Thor se virou e seus olhos se iluminaram. Ali estava Gwendolyn caminhando rapidamente em direção a ele, com um enorme sorriso de alívio no seu rosto. Ela parecia ter passado a noite em claro.

Ela parecia mais bonita do que nunca. Ela correu em direto para os braços de Thor. Ela pulou e abraçou-o e ele a abraçou de volta, com força, girando-a no meio da multidão. Ela se agarrou a ele e não o soltava. Thor podia sentir as lágrimas dela escorrendo pelo seu pescoço. Ele podia sentir todo o seu amor, e ele o correspondia.

“Graças a Deus você está vivo.” Ela disse regozijante.

“Eu não pensei em nada além de você.” Thor respondeu, segurando-a firmemente. Quando ele a segurava em seus braços, tudo parecia estar bem no mundo novamente.

Lentamente, ele a soltou, ela olhou fixamente para ele, então eles se inclinaram e se beijaram.

Eles ficaram beijando-se por um longo tempo, a multidão ficou a girar em volta deles.

“Gwendolyn!” Reece gritou de alegria.

Ela virou-se e abraçou-o, em seguida, Godfrey se aproximou e abraçou Thor, logo foi a vez de seu irmão Reece. Era uma grande reunião familiar e Thor de alguma forma se sentia parte dela, como se aquela já fosse toda a sua família. Todos eles estavam unidos pelo seu amor por MacGil e pelo seu ódio por Gareth.

Krohn avançou e saltou em cima de Gwendolyn, ela se inclinou para trás com um sorriso e abraçou-o enquanto ele lambia seu rosto.

“Você está maior a cada dia que passa!” Ela exclamou. “Como posso agradecer-lhe por manter Thor a salvo?”

Krohn pulava em cima dela vez após vez, até que, finalmente, rindo, ela teve dar-lhe uns tapinhas carinhosos.

“Vamos sair deste lugar.” Gwen disse a Thor, enquanto era empurrada por todos os lados pela multidão espessa. Ela estendeu sua mão e pegou a mão dele.

Thor estendeu a mão e tomou a mão dela, ele estava prestes a segui-la quando, de repente, vários guerreiros do Exército Prata vieram por trás dele, o levantaram no ar, sobre suas cabeças e o colocaram sobre seus ombros. Quando Thor subiu no ar, a multidão deu um grande grito de alegria.

“THORGRIN!” A multidão aclamou.

Giraram Thor ao redor várias vezes e logo meteram uma jarra de cerveja em sua mão. Ele se inclinou para trás e bebeu dela, a multidão aplaudiu com uma alegria selvagem.

Thor foi baixado abruptamente, ele tropeçou, rindo enquanto a multidão o abraçava.

“Nós nos dirigimos agora para o banquete da vitória.” Disse um guerreiro que Thor não conhecia, um membro do Exército Prata. Ele lhe deu uns tapinhas nas costas com sua mão musculosa.

“É um banquete apenas para os guerreiros. Para os homens. Você vai se juntar a nós. Haverá um local reservado para você na mesa. Para você e para vocês também.” Disse ele, voltando-se para Reece, O’Connor e os amigos de Thor. “Vocês são homens agora. E vocês vão se juntar a nós.”

A alegria aumentava enquanto todos eles eram agarrados e arrastados pelos membros do Exército Prata. Thor conseguiu desvencilhar-se no último segundo e virou-se para Gwen, ele sentia-se culpado e não queria desapontá-la.

“Vá com eles.” Ela disse abnegadamente. “É importante que você faça isso... festeje com os seus irmãos. Comemore com eles. É uma tradição entre o Exército Prata. Você não deve perdê-la.

Mais tarde, esta noite, me encontre na porta traseira do Salão de Armas. Então, nós vamos estar juntos.”

Thor se inclinou e beijou-a uma última vez, segurando-a enquanto podia, até que ele foi puxado por seus companheiros.

“Eu amo você.” Ela disse para ele.

“Eu também a amo.” Ele respondeu com uma seriedade maior do que ela poderia compreender.

Tudo em que ele podia pensar, enquanto era arrastado, enquanto observava aqueles belos olhos tão cheios de amor por ele, era que ele queria, mais do que qualquer coisa, pedi-la em casamento, para fazê-la sua para sempre. Aquele não era o momento apropriado, mas em breve seria, ele disse para si mesmo.

Talvez fosse naquela noite.

CAPÍTULO DOZE

Gareth estava em seu quarto, olhando pela janela, sob a luz do romper da aurora que banhava a Corte do Rei. Ele observava as massas reunidas abaixo e seu estômago dava voltas. No horizonte via-se materializado o seu pior medo, a própria imagem do que ele mais temia: o exército do rei retornando triunfante, vitorioso de seu combate com os McClouds. Kendrick e Thor cavalgavam no comando, livres, heróis viventes. Seus espiões já o haviam informado de tudo o que tinha acontecido: que Thor tinha sobrevivido à emboscada; que ele estava vivo e bem. Agora, aqueles homens se sentiam embravecidos corajosos, retornavam à Corte do Rei como uma força solidificada. Todos os planos de Gareth tinham ido por água abaixo e isso o deixou com um buraco no estômago. Ele sentiu o reino fechando-se sobre ele.

Gareth ouviu um rangido no quarto dele, ele girou e fechou os olhos rapidamente, invadido pelo medo diante da visão.

“Abra os olhos, filho!” Disse a voz retumbante.

Gareth estava tremendo ao abrir os olhos, ele ficou horrorizado ao ver seu pai, ali com o aspecto de um cadáver, em decomposição, uma coroa enferrujada em sua cabeça e um cetro enferrujado na sua mão. Ele fitava Gareth com um olhar de repreensão, o mesmo olhar que ele lhe dirigira em vida.

“O sangue clamará por sangue.” Seu pai proclamou.

“Eu odeio você!” Gareth gritou. “EU ODEIO VOCÊ!” Ele repetia enquanto puxava um punhal de seu cinto e investia contra seu pai.

Quando ele chegou até o pai para feri-lo, o punhal não golpeou nada além de ar e rolou pelo quarto.

Gareth virou-se, mas a aparição tinha ido embora. Ele estava sozinho no quarto. Ele havia estado sozinho o tempo todo. Será que ele estava perdendo a cabeça?

Gareth correu para o canto mais distante do quarto, vasculhou seu gabinete de vestir e extraiu o cachimbo de ópio com as mãos trêmulas; ele rapidamente o acendeu e inalou profundamente, vez após vez. Ele sentiu o calor da droga varrer seu sistema, sentiu-se perdido temporariamente na vertigem da droga. Ele havia estado consumindo ópio cada vez mais nos últimos dias. Isso parecia ser a única coisa que o ajudava a afastar a imagem de seu pai. Estar ali naquele lugar era um tormento para ele. Gareth estava começando a se perguntar se o fantasma de seu pai não estaria preso naquelas paredes e se ele não deveria mudar sua corte para outro lugar. Ele realmente gostaria de demolir o edifício. Aquele lugar retinha cada lembrança de sua infância que ele odiava.

Gareth voltou-se para a janela, coberto de um suor frio, ele enxugou a testa com as costas da mão enquanto observava. O exército se aproximava e Thor era visível mesmo a partir dali, as massas estúpidas o rodeavam como a um herói. Isso fez com que ele ficasse lívido, o fez ficar verde de inveja. Cada plano que ele tinha posto em marcha tinha resultado mal: Kendrick havia sido libertado; Thor estava vivo; até mesmo Godfrey conseguira escapar do veneno, do veneno suficiente para matar um cavalo.

Por outro lado, seus outros planos tinham dado certo: Firth, pelo menos, estava morto e não havia nenhuma testemunha para provar

que ele tinha matado seu pai. Gareth respirou fundo aliviado, percebendo que as coisas não eram tão ruins quanto pareciam. Afinal, a caravana dos Nevaruns ainda estava a caminho para buscar Gwendolyn, arrastá-la para algum canto horrível do Anel e casá-la. Ele sorriu ao ter esse pensamento, já começando a se sentir melhor. Sim, pelo menos ela estaria fora de suas preocupações em breve.

Gareth tinha tempo. Ele iria encontrar outras formas de lidar com Kendrick e Thor e Godfrey.

Ele tinha miríades de planos maléficos para matá-los. E ele tinha todo o tempo e todo o poder do mundo para fazer isso acontecer. Sim, eles tinham ganhado essa rodada, mas eles não iriam ganhar a próxima.

Gareth ouviu outro gemido e virou-se, mas não viu nada no quarto. Ele tinha de sair dali, ele não podia aguentar mais.

Ele virou-se e saiu da sala, a porta foi aberta antes mesmo que ele a alcançasse, seus assistentes tinham sempre o cuidado de antecipar-se a todos os seus movimentos.

Gareth jogou o manto e a coroa de seu pai sobre si pegou seu cetro e marchou pelo corredor.

Ele desceu pelos corredores até chegar a sua sala de jantar privada: uma câmara de pedra finamente construída com altos tetos abobadados e seus vitrais coloridos, iluminados pela luz matinal. Dois atendentes aguardavam ao lado da porta aberta e outros ficaram esperando atrás da cabeceira da mesa. Era uma mesa de banquete longa, com cerca de quinze metros de extensão, dezenas de cadeiras estavam alinhadas a ambos os lados dela; o atendente puxou uma antiga cadeira de carvalho para Gareth enquanto ele se aproximava, era a mesma cadeira na qual seu pai tinha se sentado inúmeras vezes.

Gareth estava sentado ali e percebia o quanto ele odiava aquela sala. Ele lembrou-se de ser forçado a sentar-se ali quando era criança com toda a sua família sentada ao seu redor, lembrou-se de ser repreendido por seu pai e sua mãe. Agora, a sala era profundamente solitária. Não havia ninguém ali, além dele, nem seus irmãos ou irmãs, pais ou amigos. Nem mesmo seus assessores. Ao longo dos últimos dias, ele tinha conseguido isolar todo mundo e

agora ele jantava sozinho. Ele preferia que fosse assim, de todas maneiras. Muitas haviam sido às vezes em que ele tinha visto o fantasma de seu pai ali com ele e teria ficado envergonhado se chorasse na frente dos outros.

Gareth estendeu a mão, tomou uma colherada de sua sopa matinal e de repente bateu a colher de prata com força em seu prato.

“A sopa não está quente o suficiente!” Ele berrou.

Estava quente, mas não escaldante, como ele gostava e Gareth não toleraria mais um erro ao seu redor. Um atendente correu até ele.

“Sinto muito, Majestade.” Disse o atendente, inclinando a cabeça e apressando-se para retirar o prato. Mas Gareth pegou o prato e jogou o líquido quente no rosto do atendente.

O atendente levou as mãos aos olhos gritando enquanto ele estava sendo escaldado pelo líquido.

Gareth então pegou o prato, levantou-o bem alto, acima de sua cabeça e espatifou-o na cabeça do atendente.

O atendente gritou agarrando seu couro cabeludo sangrento.

“Levem-no embora!” Gareth gritou para os outros atendentes.

Eles olhavam com cautela, então obedeceram com relutância.

“Mandem-no para as masmorras!” Gareth disse.

Gareth sentou-se tremendo, a sala estava vazia, exceto por um atendente que se aproximou de Gareth humildemente.

“Majestade.” Disse o atendente nervoso.

Gareth olhou para ele com uma raiva fervente. Quando ele olhou ao redor, Gareth pôde ver seu pai, sentado ereto à mesa a algumas cadeiras de distância, olhando para ele e sorrindo um sorriso maligno. Gareth tentou desviar o olhar.

“O lorde que Vossa Majestade convocou já chegou para vê-lo.” O atendente disse. “Lorde Kultin da província de Essen. Ele espera do lado de fora.”

Gareth piscou várias vezes enquanto começava a processar o que seu assistente estava dizendo.

Lorde Kultin. Sim, agora ele se lembrava.

“Mandem-no entrar de uma vez.” Gareth ordenou.

O atendente fez uma reverência e saiu correndo do quarto, ele abriu a porta e por ela passou um enorme guerreiro de aspecto feroz, ele tinha longos cabelos negros, olhos negros frios e uma longa barba negra. Ele usava uma armadura completa e um manto, portava duas espadas longas, uma de cada lado de sua cintura. Ele mantinha as mãos descansando sobre ambas as espadas como se estivesse pronto para defender-se ou atacar a qualquer momento. Ele parecia raivoso, mas Gareth sabia que ele não estava. Lorde Kultin sempre tinha dado essa impressão desde o tempo de seu pai.

Kultin caminhou pomposamente até Gareth, ficou de pé próximo a ele e Gareth indicou-lhe um assento vazio.

“Sente-se.” Gareth disse.

“Eu ficarei de pé.” Kultin respondeu secamente.

Kultin franziu o cenho para Gareth e Gareth podia ouvir a força de sua voz. Ele sabia que este lorde era diferente dos outros. Ele era feroz, sedento de sangue, estava pronto para matar qualquer um e qualquer coisa ao menor aviso. Ele era exatamente o tipo de homem que Gareth queria por perto.

Gareth sorriu, sentindo-se satisfeito pela primeira vez naquele dia.

“Sabe por que eu o convoquei aqui hoje?” Gareth perguntou.

“Eu posso imaginar.” Kultin respondeu lacônico.

“Eu decidi promover você.” Disse Gareth. “Você vai ser promovido até mesmo sobre os Homens do Rei, será superior até mesmo ao Exército Prata. A partir de agora, você vai ser a minha guarda pessoal. A Elite do Rei. Você e seus quinhentos guerreiros terão a carne mais seleta, o alojamento mais confortável e o venerável Salão do Prata. Terão o melhor de tudo.”

Kultin esfregou sua barba.

“E se eu não quiser servi-lo?” Ele franziu o cenho de volta, desafiando-o, apertando mais ainda sua espada.

“Você serviu a meu pai.”

“Você não é seu pai.” Ele replicou.

“É verdade.” Gareth disse. “Mas eu sou muito mais rico do que ele e eu pagarei muito mais generosamente. Dez vezes o que ele lhes pagava. Você e seus homens vão viver na Corte do Rei.”

Você vai responder diretamente a mim. Não haverá ninguém acima de você. Você vai levar de volta para sua província riquezas muito além do que você jamais pôde imaginar.”

Kultin ficou ali esfregando a barba, e, finalmente, estendeu a mão e bateu com o punho na mesa.

“Vinte vezes.” Ele replicou. “Nós vamos matar qualquer um que você ordenar. Vamos protegê-

lo com a nossa vida, quer mereça quer não. E vamos matar qualquer um que chegar perto de você.”

“*Qualquer um.*” Gareth insistiu. “Soldados do Rei ou não. Soldado do Exército Prata ou não. Se eu lhe disser que os mate, você vai fazer isso.”

Pela primeira vez Kultin sorriu.

“Eu não me importo com quem eu tiver de matar. Contanto que o preço seja alto o suficiente.”

CAPÍTULO TREZE

Thor sentou-se à longa mesa do banquete, no Salão de Armas, rodeado por seus irmãos da Legião; seus amigos mais próximos e por dezenas de membros do Exército Prata. Kendrick sentou-se frente a ele, Kolk e Brom estavam sentados nos assentos próximos e ele se sentiu mais em casa do que nunca em sua vida. O dia tinha sido um turbilhão de eventos. Antes dele, todos viam a Thor como um forasteiro, ou na melhor das hipóteses, apenas como mais um membro da Legião. Mas depois daquele dia, Thor podia ver nos seus olhares e pela forma como se dirigiam a ele, que agora todos o viam como um deles. Como seu semelhante. Aqueles homens, a quem ele sempre tinha admirado, agora lhe atribuíam o respeito pelo qual ele tinha se esforçado durante toda a sua vida. Não havia nada que ele

tivesse desejado mais do que apenas estar ali, sentado com eles, para lutar ao seu lado e ser aceito por eles.

Thor se sentia mais cansado do que nunca. Ele havia estado durante quase dois dias seguidos sem dormir, seu corpo estava coberto de hematomas, cortes e arranhões. Ele não sabia quanto tempo fazia que ele tinha parado para descansar; estava fisicamente exausto, uma parte dele só queria desvanecer, ir dormir sem parar, durante uma semana. Mas ele renovou suas forças, aqueles homens e os rapazes estavam mais festeiros do que ele já tinha visto. A grande tensão havia sido afrouxada e o alívio preenchia a sala. Era mais do que alívio: era alegria. A alegria da vitória. A alegria de salvar sua terra natal. E tudo isso tinha a ver com Thor.

Um após o outro, os membros do Exército Prata vinham e passavam o braço em torno de Thor, davam-lhe tapinhas nas costas, sacudiam-no, entrelaçavam os braços e o chamavam de "Thorgrinson." Era um título de respeito e geralmente reservado para adultos, o que implicava que Thor era considerado como um guerreiro de elite. Se alguma vez os garotos da Legião tinham usado aquele título entre si, tinha sido sempre em tom de brincadeira, mas agora aqueles homens usavam o título referindo-se a Thor com total seriedade.

| Outra caneca de cerveja espumante foi colocada na mão de Thor, ele tomou um longo gole e logo sentiu a bebida subir-lhe à cabeça. Então, ele estendeu a mão e pegou um enorme pedaço de carne de veado posto diante dele. Ele estava morrendo de fome, mas primeiro ele inclinou-se e entregou um pedaço a Krohn, quem arrancou a carne de sua mão, contente. Thor pegou outro pedaço para si mesmo, ele mastigava a carne devagar, saboreando-a. Ele estava faminto e a comida era deliciosa.

Várias servas jovens, vestidas com pouca roupa, serviam a comida, passando pelas fileiras de homens, recarregando suas canecas de cerveja e taças de vinho. Uma delas passou ao lado de um dos guerreiros, ele agarrou-a e puxou-a para seu colo. Ela deu uma risadinha. Outra serva chegou perto de Thor e um guerreiro agarrou-a e tentou empurrá-la para o colo de Thor, porém Thor ergueu as mãos e gentilmente a afastou de si.

“Você não gosta das mulheres?” O guerreiro perguntou a Thor.

“As mulheres me agradam.” Thor disse. “Mas há uma em particular para quem eu estou me guardando.”

“Apenas uma?” O guerreiro insistiu desapontado. “Tome duas ou três. Não se dedique apenas a uma. Você é muito jovem. Tome tantas quanto suas mãos puderem agarrar.” Ele disse, e com isso, ele agarrou a jovem e levou-a por cima do ombro, para uma pilha de tapetes macios que estavam em um canto mais distante da sala. Ela deu um gritinho de alegria, “Não ligue para ele.” Disse uma voz.

Thor olhou e viu Reece sentado ao lado dele. Ele estendeu a mão e colocou-a em seu ombro.

“Gwen estaria orgulhosa.” Reece disse. “Eu estou orgulhoso. Isso era exatamente o tipo de resposta que eu esperaria de um cunhado.”

Thor sorriu ao pensar nisso.

“Se eu a pedisse em matrimônio, você realmente iria me aceitar em sua família?” Ele perguntou.

“Que classe de pergunta é essa?” Reece perguntou. “Você já é meu irmão. Em todos os sentidos da palavra. O meu *verdadeiro* irmão.”

Thor se sentiu honrado. Ele também se sentia da mesma forma em relação a Reece.

“Seja bom com ela.” Reece acrescentou. “É tudo o que eu lhe peço. Ela é durona, porém sensível. Não a traia. E não olhe para mais ninguém.”

Reece tomou mais um gole de sua bebida e antes que Thor pudesse responder, de repente, Kolk ficou de pé em frente de Thor. Ele bateu sua caneca sobre a mesa de madeira várias vezes, até que finalmente a sala ficou silenciosa. Tudo o que podia ser ouvido era o crepitar do fogo, rugindo no final do corredor junto com os rosnados dos cães que lutavam entre si por um lugar ao lado das chamas.

“Homens da Legião!” Ele exclamou com sua voz retumbante. “Homens do Exército Prata!

Soldados do Rei! Hoje foi um dia de glória para os MacGils! E nós seríamos negligentes se não reconhecêssemos as façanhas de um guerreiro: Thorgrinson.” Ele exclamou erguendo a caneca para Thor.

De repente, todos os homens da sala ficaram de pé e levantaram suas jarras.

“Thorgrinson!” Eles gritaram, proclamando com júbilo.

Thor se levantou e sentiu mãos que davam tapinhas nas costas dele, outras o puxavam com força. Ele ficou envergonhado, mas ao mesmo tempo exultante. Ele mal sabia como agir diante de tudo isso. Kolk era o guerreiro que sempre o estava repreendendo. Ele jamais esperava por isso.

Kolk bateu sua caneca na mesa novamente e todo mundo voltou a se sentar, a sala ficou em silêncio.

“A coragem de Thor tipifica tudo o que queremos em um membro da Legião, tudo o que queremos em um membro do Prata. A honra deve ser recompensada a todo o custo. Então, a partir deste dia, Thorgrin, você está promovido a capitão da Legião. Você vai responder somente a mim e o resto da Legião vai responder a você. Agora você tem ao seu comando centenas dos melhores jovens guerreiros que o nosso reino tem a oferecer. A Thorgrinson.” Ele gritou novamente.

“A Thorgrinson!” Todos na sala gritaram.

Todos se sentaram novamente. Thor ficou sentado ali, atônito, ele mal podia respirar e não sabia o que fazer tudo diante de tudo o que sucedia. Ele, o membro mais jovem da Legião, promovido a capitão de todos eles. Uma parte dele sentia que realmente não merecia tanta honra. Ele só havia feito o que tinha sido treinado para fazer.

A sala voltou a festejar e Thor ouviu um lamento ao lado dele. Ele olhou para baixo, viu Krohn descansando a cabeça em seu colo e percebeu que ele se sentia deixado de lado e estava faminto.

Thor estendeu a mão e pegou outro pedaço de carne de veado ainda maior, uma perna inteira com osso e tudo. Krohn arrancou-a de suas mãos e levou-a alegremente para o outro lado da sala. Krohn encontrou um lugar ao lado do fogo e caminhou corajosamente bem no meio da matilha de galgos.

Embora todos eles fossem maiores do que Krohn, todos se separaram quando ele caminhou até o centro, nenhum deles se atreveu a desafiá-lo. Krohn já emanava uma energia diferente de

qualquer outro animal. Thor podia vê-lo crescer e ficar mais forte, mais poderoso e mais misterioso a cada dia.

“É uma honra bem merecida.” Disse Reece ficando de pé e abraçando Thor. Thor levantou-se, abraçou-o de volta e recebeu os abraços de Elden, O’Connor e dos gêmeos. Um após outro, os membros da Legião apertavam sua mão e seu antebraço, mostrando claramente todo o respeito a ele e todo o prazer de tê-lo como seu Capitão.

“Uma batalha ganha com mera bruxaria e truques.” Disse uma voz sombria.

Thor se virou para ver de pé, atrás dele seus três irmãos reais, Drake, Dross e Durs. Seu coração bateu descompassado quando ele os viu de pé a apenas alguns metros de distância, olhando para ele com frieza, sisudos. Ele não os tinha visto em muito tempo e quase tinha se esquecido deles.

Ele podia ver em seus olhos que eles ainda mantinham ódio por ele e isso trouxe de volta memórias frescas de sua infância, memórias de quando ele se sentia pouca coisa, de quando ele se sentia pequeno ao lado deles.

“Você não lutou como um guerreiro.” Disse Drake, o mais velho. “Você não lutou como um de nós. Se você tivesse lutado, você nunca teria vencido.”

“Você não é merecedor das honras que eles amontoam sobre você.” Acrescentou Dross.

“Apesar do que esses homens pensam, nós sabemos a verdade sobre você. Você ainda é apenas o nosso irmão mais novo.” Disse Durs. “Ainda é apenas um pobre pastor de ovelhas. O menor e menos merecedor de todos nós. Você trapaceou para poder entrar para a Legião e fez a mesma coisa para conquistar as honras que ganhou hoje.”

“E o que você entende por trapacear?” O’Connor retrucou, aproximando-se e defendendo Thor.

“E o que faz vocês todos se sentirem tão superiores?” Elden acrescentou, ao seu lado. “Só porque vocês são mais velhos?”

“Isso mesmo.” Drake disse. “Somos mais velhos, maiores e mais fortes. Nós poderíamos vencer a todos e acabar com vocês, um por

um, qualquer dia.”

“Então, por que não?” Reece respondeu. “Vamos organizar um combate corpo a corpo e ver quem ganha.”

Dross riu ironicamente.

“Eu não preciso escutar você.” Ele disse. “Você é muito jovem e ignorante para sequer falar comigo. Eu sou um guerreiro muito mais importante do que você jamais será.”

“Ah não, mas você precisa ouvir Thor.” Reece respondeu. “Ele é o capitão agora. Você não ouviu Kolk? Você vai ter de ouvir cada palavra de Thor a partir de agora. Como isso faz você se sentir?” Reece sorriu.

Os três irmãos fizeram um gesto de desprezo.

“Nós nunca escutaremos você.” Drake cuspiu para Thor. “Nós nunca acataremos uma ordem sua. Não enquanto nós vivermos.”

Thor foi surpreendido pela raiva que demonstravam ter por ele.

“Por que vocês me odeiam?” Thor perguntou. “Você sempre me odiaram, desde que eu tenho memória.”

“Porque você não vale nada.” Durs zombou.

Com isso, os três se viraram e desapareceram no meio da multidão. Thor sentia seu coração batendo acelerado e um enorme vazio na boca do estômago.

Reece estendeu a mão e colocou-a em seu ombro.

“Não se preocupe com isso. Eles não valem o chão que você pisa.”

O’Connor virou-se para ele.

“Algumas pessoas odeiam sem nenhuma razão...” Acrescentou. “Essa é a sua natureza.”

“Outros estão simplesmente cheios de inveja, de tudo e de todos.” Elden acrescentou. “Eles precisam de alguém ou de alguma coisa para culpar, então decidem que você é a razão pela qual eles não têm o que querem na vida e eles te odeiam por suas próprias vidas fracassadas. É a saída mais fácil para eles, culpá-lo, em vez de ser honestos e culpar a si mesmos. É apenas o bullying manifestando-se de outra forma.”

Thor compreendia. Mas ainda doía no mais profundo do seu ser. Ele não sabia o que tinha feito para merecer tanta animosidade por

parte de sua própria família. Não apenas agora, mas durante toda a sua vida. Por que ele foi nascer justo naquela família? Por que eles tinham de estar lá, sempre de plantão para estragar as coisas para ele em seus momentos mais felizes?

“Meu amigo.” Reece disse.

Thor olhou para cima.

“Há alguém do outro lado da sala que pode animá-lo.” Ele colocou a mão no ombro de Thor e girou-o em direção ao lado oposto da sala.

Ali, de pé e sorrindo para ele, na porta, do outro lado da sala, estava Gwendolyn. O coração de Thor pulou de alegria.

“Parece que ela está esperando por você.” Reece disse sorrindo.

Thor tinha esquecido completamente. Com toda a empolgação, ele tinha se esquecido de encontrar-se com ela na porta de trás.

Thor correu pelo corredor, assobiou para Krohn, que correu para alcançá-lo. Ele viu Gwen com um sorriso largo, então se meteu pela porta. Seu coração saltava no peito enquanto ele corria, percebendo que finalmente, depois de tudo, eles poderiam ter tempo para estar juntos.

CAPÍTULO QUATORZE

Thor segurou a mão de Gwen com uma alegria antecipada enquanto ela o levava através da noite enluarada, pelos caminhos sinuosos que davam voltas através das colinas suaves fora da Corte do Rei. Krohn caminhava junto a eles enquanto subiam uma colina. Gwen deu a volta por trás de Thor e sorridente, colocou as mãos sobre os olhos dele e o fez parar.

“Não olhe.” Ela disse, guiando-o passo a passo pelo caminho.

Thor sorriu e estendeu suas mãos para a frente.

“Para onde estamos indo?” Ele perguntou.

“Eu quero que você veja algo.” Disse ela. “Mas espere até chegar ao topo da colina. Só mais alguns passos. Não abra os olhos até que eu diga. Você promete?”

Thor sorriu largamente. Ele adorava as brincadeiras de Gwen, ele sempre havia adorado.

“Eu prometo.” Ele disse.

Lentamente, Gwen tirou as mãos. Thor esperou, até que, finalmente, ela disse: — Tudo bem, pode olhar agora.

Thor abriu os olhos e ficou sem fôlego ao ver: a pradaria ondulada se estendia diante dele até onde sua vista alcançava, ela estava coberta com as flores noturnas mais belas e exóticas que ele havia visto. Ele nem sequer sabia que existiam flores daquela espécie. Sob o luar, as flores estavam vivas e floresciam mais ainda. Elas eram realmente brilhantes e iluminavam a noite. Havia campos inteiros de flores brilhantes amarelas, violetas e brancas balouçando na brisa noturna, fazendo os campos parecerem vivos, como se estivessem segurando milhares de velas balançantes. Era a coisa mais impressionante que ele já tinha visto.

“Flores resplandecentes.” Ela disse colocando-se ao lado dele. “Elas não são lindas?”

Ela tomou a mão dele e eles olharam para os campos, logo ele se inclinou e beijou-a.

Eles mantiveram o beijo por um longo tempo antes de finalmente entrelaçar as mãos e continuar seu caminho pela trilha, através do campo de flores resplandecentes. Krohn os seguia pulando entre as flores ao lado deles.

Eles haviam andado por um tempo que parecia uma eternidade, quando Thor perguntou com um sorriso:

— “Para onde estamos indo?”

Ela sorriu de volta.

“Para um lugar muito especial para mim. Respondeu ela. “É um lugar precioso para o meu coração, um lugar que poucas pessoas conhecem.”

Eles caminharam por um tempo em silêncio e enquanto prosseguiam não se ouvia nenhum som além do o assobio do vento e o eventual canto de algum pássaro noturno, junto com a respiração de Krohn ao lado deles. De vez em quando Krohn saltava entre as flores, dando o bote em algum animal que eles não podiam ver, em seguida, ele vinha vitoriosamente de volta para a trilha, trotando ao lado deles.

“Eu orei por você.” Gwen disse baixinho. “Agradeço a Deus que você retornou a mim a salvo.

Pensar em sua partida era duro demais para que eu pudesse suportar.”

“Eu lamento ter tido de partir” Thor disse. “Eu desejava tanto não ter de fazer isso.”

“É curioso...” Gwen disse. “... Mas desde que eu conheci você, pensar em outra coisa é muito difícil para mim. Você tem uma maneira de entrar em meu sangue. É muito difícil concentrar-me em alguma coisa quando você está longe de mim. Mas também é difícil me concentrar quando você está perto de mim.”

Thor apertou-lhe a mão com mais força, invadido pelo amor que sentia por ela, surpreso ao ouvir que ela se sentia da mesma maneira em relação a ele. Ele estava morrendo de vontade de pedi-la em casamento. Ele estava começando a se perguntar se aqueles eram o momento e o lugar apropriado. Ele estava prestes a fazer a

pergunta clássica e limpou a garganta, mas, em seguida, ficou nervoso, com medo que ela pudesse dizer não.

Ele preparou-se, abriu a boca para falar e estava prestes a perguntar a ela.

Mas, de repente, eles pararam após uma curva e ali diante deles surgiu uma pequena, porém magnífica estrutura construída na forma de um castelo em miniatura. Ele era bem mais aconchegante e singular e estava situado sobre as colinas, bem no alto, com uma impressionante vista dos prados, cercado por milhares de flores noturnas resplandecentes.

“A casa de minha mãe.” Disse Gwen.

“A casa de sua mãe?” Thor perguntou.

“Ela e meu pai achavam cada vez mais difícil estar juntos à medida que envelheciam. Ela mandou construir este lugar para ela, principalmente para ficar longe dele. Longe de todos nós. Ela gostava de ficar sozinha. Embora hoje já não goste mais. Agora, ironicamente, ela está confinada ao castelo, pelo menos até que ela melhore. Portanto, este lugar está vazio. Poucas pessoas sabem disso.

Às vezes quando eu era mais nova, eu vinha aqui quando ela não estava, para poder ficar longe de tudo. Eu queria compartilhar isso com você.” Ela disse, apertando a mão dele.

Thor estava maravilhado ao saber que um lugar assim existia. A visão dele o deixou sem fôlego, ele era tão singular, sua estrutura antiga de pedra abrigada pelas colinas, sua fachada coberta com trepadeiras e flores brilhantes. Ele parecia mágico.

Gwendolyn conduziu Thor pela pradaria até a estrutura, até sua porta pequena e arqueada. Ela acendeu uma tocha quando eles entraram e a usou para acender as outras, iluminando sala após sala, uma vez que estavam ali dentro. Estava aconchegante ali, os quartos de pedra não eram muito grandes. Gwen acendeu o fogo da lareira e pendurou a tocha na parede. Ela e Thor deitaram-se sobre uma pilha de peles perto das chamas. Krohn veio e sentou-se a poucos metros de distância, perto do fogo. Ele ficou de guarda, de frente para a porta, protegendo-os.

Thor e Gwen se sentaram lado a lado, Gwen estendeu a mão e entrelaçou seus dedos entre os de Thor, eles se inclinaram e se beijaram. Thor sentia sua mão tremer e estava nervoso. Ele acariciou o rosto dela e os dois ficaram se beijando por um longo tempo.

Enquanto Thor estava ali com Gwen, sentindo-se totalmente dominado pelo amor que sentia por ela, havia muitas coisas que ele queria dizer. Acima de tudo, havia algo que ele queria perguntar.

Algo que ele precisava perguntar. Ele queria ficar com ela para sempre e ele queria que ela soubesse disso.

“Há algo que eu preciso lhe perguntar.” Disse ele, finalmente, com o coração palpitando.

Mas Gwen estendeu a mão, colocou um dedo sobre os lábios dele e o acalmou. Ela se inclinou e beijou-o.

“Agora não é a vez de falar.” Ela disse baixinho sorrindo.

Thor não resistiu quando ela o beijou vez após vez. Logo estavam nos braços um do outro, rolando sobre as peles, ao lado do fogo crepitante. Aquele havia sido um dia muito além de seus sonhos e estar ali, nos braços de Gwen, era o ponto máximo dele. Não havia nenhum lugar no mundo onde ele quisesse tanto estar naquele momento. Ele simplesmente rezava para que aquela noite nunca terminasse.

*

Gwen nadava no Lago das Lamentações. Era um belo dia de sol e a água estava mais clara do que nunca. Enquanto ela nadava, ela olhava para baixo e via passar cardumes de peixes com as cores mais brilhantes que ela já vira; peixes azuis, cor-de-rosa e amarelos nadavam ao seu redor. Eles passavam nadando ao lado dela, Gwen olhou para o fundo e viu que as areias abaixo estavam todas cobertas de ouro. O ouro estava por todos os lugares, revestia o fundo do lago e brilhava quando ela avançava, enviando um milhão de reflexos de luz através da água.

Gwen decidiu mergulhar cada vez mais fundo, determinada a pegar um pouco para levar consigo. Mas quanto mais ela mergulhava, mais longe o fundo do lago ficava. Logo, ele desapareceu completamente.

Gwen piscou e quando ela abriu os olhos, viu-se de pé no topo de uma colina. Ela estava em uma paisagem desolada, a qual ela reconheceu imediatamente como o lugar onde Argon vivia. Mas quando ela olhou ao redor, a casa dele não estava à vista; na verdade, não havia nada, nem ali, nem em nenhum lugar visível. Havia apenas o uivo do vento sobre as rochas.

De repente, ela sentiu um movimento dentro de seu ventre, ela olhou para baixo e ficou chocada ao ver que sua barriga estava inchada e saliente. Ela estava grávida.

Ela estendeu a mão e sentiu o ventre com as duas mãos. Quando ela fez isso, ela se assustou ao sentir um pontapé suave.

De repente ela ouviu a voz de Argon:

“Você carrega dentro de si um grande ser.” Ele disse.

Gwendolyn olhou para baixo e seus olhos se encheram de lágrimas, ela sabia que o que ele dizia era verdade. Com as duas mãos ela acariciava sua barriga, querendo transmitir amor a ela e sentir a energia que irradiava dentro de si. A criatura deu outro pontapé suave.

Gwen abriu os olhos e olhou ao redor respirando com dificuldade, perguntando-se onde ela estava. Quando seus olhos lentamente se ajustaram, ela viu que estava nos braços de Thor, deitada na pilha de peles, no castelo de sua mãe, ao lado das brasas da fogueira. Ela virou-se e viu a primeira luz da aurora entrando pela janela, ela viu Krohn dormindo por perto e percebeu que tudo havia sido um sonho.

Gwen levantou-se e delicadamente se desvencilhou de Thor, quem ainda estava dormindo. Ela foi até a janela em busca de ar fresco. Enquanto ela estava ali, ela olhou para baixo e esfregou a mão em sua barriga. Nada havia mudado.

Mas de alguma forma, ela sentia-se diferente por dentro. Ela sentiu uma energia fluindo através dela. Ela não conseguia explicar, mas de alguma forma ela sentia que tinha mudado para sempre.

E naquele momento ela soube, ela simplesmente soube que ela estava grávida de Thor.

CAPÍTULO QUINZE

O Rei McCloud estava furioso enquanto caminhava pela praça diante de seu castelo, a qual se encontrava lotada com soldados feridos e derrotados. Seus homens estavam deitados por todas as partes, gemendo, sangrando; aqueles que não estavam feridos estavam sentados no chão, abatidos. A visão era suficiente para deixá-lo doente. Já não importava saber que eles tinham acabado de ter uma centena de dias de vitórias sem precedentes e que os saqueios tinham avançado pelo território dos MacGil mais profundamente do que no tempo de qualquer um de seus ancestrais. Agora, aqueles homens se lembrariam apenas de sua derrota; da perda de seus despojos e de seus escravos; de seus ferimentos e de seus irmãos perdidos. E tudo isso havia sido realizado pelas mãos de um garoto.

Era uma desgraça.

McCloud fez uma carranca enquanto marchava, chutando aleatoriamente soldados que estavam sentados no chão, empurrando outros e esbofeteando os feridos, tudo isso enquanto era seguido por seu pequeno séquito de assessores, nenhum deles ousava falar com ele. Eles sabiam muito bem que isso seria um erro.

A mente de McCloud dava voltas sem cessar, pensando na causa de sua derrota, no que tinha dado errado, no que ele poderia ter feito diferente. Talvez ele devesse ter parado antes da última cidade; talvez ele não devesse ter se aventurado tão profundamente. Se ele tivesse retornado mais cedo, ele poderia ter regressado para o lado dos McCloud das Highlands em seus próprios termos, como um herói conquistador, um rei maior do que todos os McClouds antes dele.

Mas ele tinha ido mais além, tinha tomado mais uma cidade, se arriscado em mais uma batalha.

Ele tinha calculado mal as defesas dos MacGils. Ele tinha certeza de que o novo filho MacGil, Gareth, era um fraco, incapaz de reunir

uma boa defesa. Talvez as tropas tivessem lutado em forma independente de Gareth. Ele não entendia.

Acima de tudo, ele não compreendia aquele rapaz, Thor. Ele nunca tinha encontrado alguém como ele no campo de batalha, alguém tão poderoso. Ele simplesmente não tinha nenhuma maneira de se defender contra ele.

Enquanto McCloud marchava pelo acampamento dos homens, ele sabia que uma rebelião seria inevitável. Cedo ou tarde, seus próprios homens que antes o tinham elogiado tanto, se reuniriam e se levantariam contra ele, tentariam derrubá-lo. Em vez de ser conhecido como o maior dos reis McCloud, ele iria entrar para a história como o rei McCloud fracassado. Isso era algo que não podia permitir.

McCloud tinha de antecipar isso. Ele seria mais duro, mais cruel com os seus homens, tão cruel que eles não se atreveriam sequer a pensar em uma revolta. Então ele iria criar outra estratégia e atacar os MacGils de novo e dessa vez, muito mais duramente do que antes.

Mas olhando para o estado lastimável do seu exército, ele não sabia como isso seria possível.

Ele sentia uma raiva enorme deles. Eles o haviam defraudado e ninguém o defraudava.

McCloud virou a esquina e marchou por mais uma fileira de soldados desanimados, logo ele viu diante de si a nova esposa de seu filho Bronson, a filha de MacGil, Luanda, ela estava no chão, amarrada junto com os outros escravos. Nela, ele finalmente encontrou o objeto de seu ódio.

Tudo veio de volta a sua mente: McCloud vinha desfrutando a garota imensamente quando Luanda o havia interrompido e tinha se lançado em cima dele. Agora era a hora de descarregar todo o seu mau humor sobre ela. Ele via nela o símbolo da desobediência de seus próprios homens. A esposa de seu próprio filho, tentando matá-lo e bem no meio de sua maior vitória. Era demais para que ele suportasse. Seu comportamento encorajaria os outros homens e agora, mais do que nunca, ele precisava enviar uma mensagem a todos eles.

McCloud investiu contra Luanda, quem estava deitada de costas com os olhos arregalados de medo, ela tinha os pés e mãos amarrados. Ele estendeu a mão armada com um punhal. Ela estremeceu quando ele se aproximou, pensando que ele iria feri-la, mas ele tinha outros planos. Ele estendeu a mão e cortou as cordas que a atavam. Ela se surpreendeu ao ser libertada por ele e parecia confusa, mas ele não lhe deu tempo para pensar nisso

McCloud estendeu a mão e puxou-a para que ela ficasse de pé, em seguida, agarrou-a pela camisa e levantou-a do chão, encarando-a com desprezo. Ela devolveu-lhe o olhar de desprezo e para surpresa dele, ela cuspiu em seu rosto.

Sua ousadia e coragem o sobressaltaram. Sem pensar, ele retrocedeu e bateu nela com força o suficiente para fazer com que todos os homens em torno dele se virassem para ver o que estava acontecendo. Uma multidão crescente de soldados foi se formando. Luanda parou de se debater em seus braços, recebendo a mensagem, seu rosto já estava roxo e azulado desde a vez que ele tinha dado um soco nela. Ele segurou-a por cima de sua cabeça e virou-se lentamente, de frente para a multidão de soldados na praça empoeirada.

“Que isto sirva de lição para todos aqueles que se atreverem a desafiar o meu comando!” Ele bradou. “Esta mulher se atreveu a levantar a mão contra o seu rei. Agora ela vai conhecer a ira total de minha justiça!”

Ouviu-se uma aclamação e então McCloud a levou para o outro lado da praça. Ele a dobrou sobre um grande tronco de madeira, agarrou-lhe os pulsos, puxou-os para trás das costas dela e os amarrou ao tronco. Ela ficou ali, curvada sobre o tronco, impotente. Ela gritava e se debatia, mas era inútil.

McCloud virou-se e encarou a grande multidão de soldados.

“Luanda atreveu-se a me desafiar. Ela servirá de lição para todas as mulheres que se atreverem a desafiar os seus homens e para todos os indivíduos que se atreverem a desafiar seu Rei. Assim, eu tenho a honra de sentenciá-la a um ataque público! Qualquer homem que desejar, dê passo em frente e se desforre com ela!”

Ouviu-se um grande grito entre os soldados, logo vários deles se adiantaram correndo em direção a ela, ansiosos para ver quem seria o primeiro.

“NÃO!” Gritou Luanda, enquanto lutava tentando se desvencilhar das cordas, debatendo-se como louca, tentando se libertar.

Porém era inútil. Ela estava fortemente atada.

Três soldados vieram por trás dela, acotovelando-se para chegar primeiro; o mais próximo baixou suas calças e deu um passo adiante para agarrá-la.

De repente, ouviu-se o som de alguém correndo entre a multidão e um momento depois, para grande desgosto de McCloud, apareceu seu filho, Bronson, ainda em sua armadura, empunhando uma espada. Ele avançou no meio da multidão, com sua espada erguida e a desceu sobre o pulso do primeiro atacante quando ele estendeu a mão para tocá-la.

O homem gritou quando Bronson cortou seu pulso, o sangue começou a jorrar do coto.

Bronson enfrentou os outros dois homens que estavam prestes a atacar Luanda, ele virou-se e cortou a cabeça de um deles, em seguida, pulou para a frente e atravessou o peito do terceiro com sua espada.

Os três soldados jaziam ali no chão, mortos e Bronson não perdeu tempo, ele brandiu sua espada e libertou Luanda. Ela encolheu-se atrás dele, agarrando-se as suas costas enquanto a multidão aproximava-se deles.

“Se qualquer um de vocês se aproximar...” Bronson gritou. “... Isso será a sua morte! Esta é a minha esposa. Ela não deve ser punida, ou torturada por ninguém. Vocês terão de passar por cima de mim primeiro.”

A ira de McCloud irrompeu, era um furor que ele jamais havia sentido. Aquele era o seu próprio filho, desafiando-o na frente de todos os homens e tudo por causa de uma mulher. Ele teria de dar-lhe uma lição na frente de todos.

McCloud desembainhou a espada com um grande estrondo e correu para a frente com um grito, empurrando seus homens

bruscamente para um lado e encarando seu filho. Ele investiu contra o rapaz.

“É hora de que eu lhe ensine o que é respeito!” McCloud gritou.

Ele atacou e desceu sua espada direto para o rosto de Bronson, esperando cortá-lo ao meio, juntamente com sua esposa.

Mas o rapaz era rápido. Ele o havia treinado muito bem. Bronson bloqueou o golpe com seu escudo, então se defendeu com sua espada. McCloud bloqueou o golpe e os dois moviam-se para a frente e para trás, trocando golpes. O McCloud pai era maior e mais forte e conseguia repelir lentamente os golpes de seu filho, afastando-se mais e mais, enquanto o grande estrondo das espadas e escudos continuava.

O McCloud pai lançou um grande golpe, com o objetivo de cortar a cabeça de seu filho, mas ele calculou mal. A espada saiu voando sobre sua cabeça e Bronson se inclinou para trás e chutou duramente o ventre de seu pai, mandando-o para o chão. O golpe surpreendeu McCloud e ele caiu no chão com seu orgulho ferido.

Ele olhou para cima e viu o filho de pé, junto a ele, com a espada apontada para baixo, para sua garganta. Seu filho poderia tê-lo matado quando ele errou o golpe, mas em vez disso ele o havia chutado. Não era uma oportunidade que ele teria dado a seu filho se os papéis fossem invertidos. Ele estava decepcionado com ele. Ele deveria ter sido mais cruel.

“Eu não quero machucá-lo.” Bronson disse a seu pai. “Eu só quero que deixe Luanda livre.

Ordene aos seus homens, que ninguém a toque e nós dois deixaremos este campo e abandonaremos este reino de uma vez para sempre. Não vou machucá-lo. Nem machucarei nenhum de seus homens.”

Houve um silêncio tenso e pesado. Uma multidão crescente, formada por centenas de soldados, se aproximou para ouvir cada palavra dita por pai e filho enquanto se enfrentavam.

A mente do McCloud mais velho disparava, ele estava humilhado, fervendo de raiva e determinado a dar um fim a seu filho de uma vez por todas. Um plano tomou forma em sua mente.

“EU ME RENDO!” Ele exclamou.

A multidão engasgou de surpresa ao ouvir suas palavras.

“NINGUÉM DEVE TOCAR A JOVEM!” Ele exclamou novamente.

Outro som ofegante foi ouvido e enquanto McCloud observava, ele podia ver os ombros de Bronson relaxando lentamente e sua espada baixar levemente.

O McCloud mais velho obrigou-se a sorrir, um grande sorriso de orelha a orelha. Ele colocou sua espada no chão e estendeu a mão com a palma aberta, como se estivesse pedindo ao seu filho para estender-lhe a mão.

Bronson hesitou por um momento, parecia que ele estava ponderando se devia ou não confiar em seu pai. Mas Bronson sempre tinha sido muito ingênuo, muito confiante. Isso causaria sua queda.

Bronson cedeu. Ele estendeu uma mão com a palma aberta, antes passando a espada que estava nela para a outra mão, a fim de poder tomar a mão de seu pai.

McCloud viu sua chance. Ele estendeu a mão, pegou um punhado de terra, virou-se e atirou-o nos olhos do rapaz.

Bronson gritou, erguendo as duas mãos para os olhos, cambaleando para trás, McCloud deu um salto, ficou de pé e então chutou o seu filho com força no peito, derrubou-o no chão e em seguida, se lançou sobre ele.

“Soldados!” Ele exclamou.

Em um piscar de olhos, vários de seus leais soldados apareceram, atacaram Bronson e agarraram Luanda, quem havia tentado socorrê-lo.

“Tragam-no para o poste!” McCloud ordenou.

Eles arrastaram Bronson até um enorme poste de madeira e amarraram fortemente um de seus braços a ele. Bronson lutava para livrar-se, ainda havia areia em seus olhos. Então, McCloud agarrou o braço livre de seu filho e amarrou-o a uma viga de madeira, estendida diante dele.

Bronson olhou para seu pai, indefeso, havia medo em seus olhos.

“Juntem-se homens!” McCloud gritou.

A multidão espessa de soldados se juntou a poucos metros dele, McCloud tomou a sua espada e levantou-a sobre sua cabeça.

“Não, pai, não faça isso!” Bronson gritou.

Mas McCloud fez uma careta, empunhou sua espada levantou as duas mãos sobre a sua cabeça e desceu-as com toda a força de seu corpo.

Bronson gritou quando a espada cortou a carne do seu pulso. O sangue esguichou por todas as partes quando sua mão caiu inerte no chão.

Luanda, atrás dele, gritava sem parar. Ela se livrou de seus atacantes e saltou sobre McCloud, agarrando seu cabelo. Ele se virou e deu-lhe uma cotovelada com força, bem no nariz, quebrando-o e jogando Luanda no chão inconsciente.

“O FERRO!” Ele exclamou.

Em poucos instantes um atizador de ferro em brasa foi colocado na mão de McCloud, ele se voltou e meteu-o no coto de seu filho.

Bronson gritou ainda mais alto, mais alto do que jamais imaginou ser possível, quando o cheiro de carne queimada encheu suas narinas. McCloud manteve o ferro contra o coto, até que o sangramento parou. Ele não queria ver seu filho morto. Ele o queria vivo. Ele o queria mutilado. Ele queria que ele sofresse e recordasse esse evento. Ele queria que todos os seus homens se lembrassem. E que o temessem.

“Eu prometi que a garota não seria tocada.” Ele disse ao seu filho, que estava ali, mole, curvado, respirando com dificuldade. “E eu cumpro minha palavra. Ela não será tocada, ela será morta!”

McCloud se inclinou para trás e caiu na gargalhada, quase incapaz de recuperar o fôlego.

Aquele dia não era tão ruim quanto parecia. Não, não tinha sido tão ruim assim.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Thor passeava de mãos dadas com Gwen através da pradaria na luz da manhã, Krohn os acompanhava enquanto seguiam pelo caminho de volta do castelo de sua mãe. Tinha sido uma noite mágica, muito além de seus sonhos. Ele nunca havia despertado antes se sentindo tão calmo, tão contente, tão em harmonia com o mundo. Era como se ele tivesse encontrado seu lugar no mundo, ao lado de Gwen e não desejava estar em nenhuma outra parte. Ele não se importava para onde ela o estava levando, ou para onde eles podiam ir, contanto que eles estivessem juntos.

Thor também se sentia imensamente relaxado depois de finalmente ter tido uma boa noite de sono. Tinham sido dias sem dormir, dias de batalhas, de cavalgadas e parecia que aquela era a primeira vez que ele tinha dormido em um mês. Ele teve sonhos estranhos durante toda a noite: sonhou com a batalha; com soldados; espadas e escudos e até mesmo com ter um filho. Se Krohn não o tivesse despertado, lambendo o seu rosto no início da manhã, Thor pensou que poderia continuar dormindo durante todo o dia.

À medida que eles caminhavam, Thor se perguntava como seria o seu futuro com Gwen. Ele tinha seus deveres a cumprir na Legião, entretanto ele também queria passar mais tempo com ela. Ele se perguntava como eles poderiam construir sua vida juntos. Ele sabia que desejava estar ali, na Corte do Rei, mas em algum recôndito de sua mente, ele sentia que enquanto Gareth fosse rei, isso não era possível. Havia muito perigo ali para ambos.

Enquanto passeavam de mãos dadas, uma brisa agradável os atingiu. O mundo estava mais vivo com todos os tons das flores de outono, Gwen sorria ao lado dele e Krohn mordiscava seus calcanhares. Thor queria mais do que nunca fazer a proposta a Gwen. Será que ela se casaria com ele? Mas mais uma vez, ele hesitou. O momento não parecia apropriado. Ele estava esperando por um momento mágico, perfeito e por alguma razão, ele não tinha certeza de que era aquele. Ele também havia ficado muito nervoso, com o coração batendo acelerado e sua garganta ficava seca cada vez que ele pensava em pedir-lhe em casamento. Ele estava com muito medo de ser rejeitado e uma parte dele não sabia se ele

poderia criar coragem para fazer a pergunta. E se ela dissesse que não? E se a pergunta, por si só, arruinasse seu relacionamento para sempre? Uma parte dele não queria correr esse risco.

Eles contornaram a última colina caminhando em silêncio, logo a Corte do Rei surgiu à distância e os dois se detiveram imediatamente. Alguma coisa estava errada. Thor podia ver dali, que um grande número de membros do Exército Prata, da Legião e do Exército do Rei estava dando voltas agitadamente nas proximidades. Todos estavam saindo da Sala de Armas e Thor podia sentir algo fervilhando. Ele não conseguia entender o que estava acontecendo; quando ele tinha deixado o lugar na noite passada, tinha sido no meio da festa e o ambiente era alegre. Ele esperava regressar naquela manhã para ver todos eles ainda dormindo e recuperando-se. Mas eles estavam todos acordados, de pé, alertas, a maioria deles estava armada e se dirigia ansiosa e apressadamente para dentro.

“Algo está errado.” Thor observou.

“Sim, está.” Disse ela. “Vamos rápido.”

Os dois começaram a andar rápido, Krohn corria ao lado deles, através das planícies, até o portão de pedra em forma de arco, da Corte do Rei. Eles desfilaram pela praça empoeirada e entraram no meio da multidão de homens, fundindo-se com eles e espalhando-se pelo Salão de Armas.

Assim que entraram, Thor ficou surpreso ao encontrar a sala lotada de soldados. Ele viu todos os seus amigos da Legião e dezenas de membros do Exército Prata. Ele viu Kendrick, Kolk, Brom, Atme e dezenas de guerreiros famosos. O clima dentro estava agitado. Muitos guerreiros estavam sentados à mesa, com a cabeça entre suas mãos, como se estivessem sofrendo uma ressaca. Ao mesmo tempo, outros passeavam pela sala e discutiam entre si. Havia uma energia tensa no ar, um murmúrio, como se todos estivessem no meio de um debate acalorado.

“Mas isso não é justo!” Gritou um soldado para o outro. “Nunca na história dos MacGils havia acontecido algo assim!”

Thor caminhou com Gwen e cortou caminho através do centro da sala para chegar até Reece, Godfrey e Kendrick, os quais estavam

sentados amontoados, com vários membros do Exército Prata agrupados em torno deles. Eles se viraram e olharam para sua irmã, abrindo espaço.

“O que está acontecendo aqui?” Ela perguntou para Kendrick.

Thor tinha a triste sensação de que o que quer que fosse, não seria nada bom. Ele não podia acreditar como o clima tinha mudado desde que ele havia deixado aquela sala apenas algumas horas atrás.

“É o nosso querido irmão, Gareth.” Kendrick disse sombrio. “Ele deslocou o Exército Prata do seu Salão.”

“O quê?!” Thor gritou incrédulo.

“É verdade.” Kendrick disse. “O Exército Prata ocupou o Salão por mil anos, durante cada reinado MacGil. Agora eles estão sendo relegados para um quartel do exército, bem menor.”

“Este é um insulto que não será tolerado!” Acrescentou um soldado.

“Mas por quê?” Thor perguntou. “Por que Gareth faria isso? Como ele pode seguir em frente com isso?”

“Ele não vai seguir em frente com isso.” Brom respondeu com firmeza, golpeando a mesa com seu punho.

“Parece que ele trouxe outro grupo de guerreiros.” Disse Kendrick. “Lorde Kultin, da província de Essen. Ele contratou-os como a Guarda Particular do Rei, sua própria força de combate pessoal.

Ele está regando-os com o melhor de tudo, incluindo o Salão do Prata. É um tapa na cara. Para todos nós.”

“Mas ele pode fazer tal coisa?” Thor perguntou.

“Ele é o Rei.” Reece respondeu. “Ele pode fazer o que ele quiser.”

Thor sacudiu a cabeça chocado, quando os outros caíram num silêncio perturbador, murmurando ao redor deles. Ele mal podia acreditar que Gareth teria a audácia de fazer tal coisa. Ele se perguntava o que isso significaria para todos eles. Haveria uma guerra civil? Claramente, a linha tinha sido cruzada.

“Bem, pelo menos o Exército Prata vai finalmente ver o que já sabemos há muito tempo...”

Gwendolyn falou em voz alta. "... Que o nosso irmão não é confiável. Que ele se esforça para causar divisão entre o nosso reino. Que ele fez com Kendrick fosse preso injustamente e que ele foi o responsável pela morte de nosso pai..."

O salão ficou em silêncio ao ouvir as palavras finais de Gwendolyn, então todos os guerreiros se viraram e olharam para ela.

"A morte de seu pai?" Um dos soldados perguntou.

"Essas são acusações muito sérias, Alteza." Brom disse. "Vossa Alteza tem provas disso?"

"Nós tínhamos provas, Godfrey e eu." Ela respondeu. "Tínhamos uma testemunha do crime. O

homem que empunhou o punhal e era assessor de Gareth: Firth. Mas agora ele está pendurado na forca. Gareth se assegurou disso."

"Então agora Vossa Alteza carece de provas." Kolk disse.

"Já não tenho mais. Gareth conseguiu acabar com qualquer prova que nós pudemos encontrar.

Mas ele não teria tentado envenenar Godfrey e não teria tentado me matar, se ele não soubesse que estávamos perto de desmascará-lo."

"Mesmo assim, tudo isso é apenas circunstancial." Brom disse. "O Conselho é muito rigoroso.

Não podemos derrubar um rei sem provas de delitos, isso seria considerado como uma traição ao Anel. Infelizmente, a nossa lei não deixa espaço para concessões. A prova é necessária, por mais injustamente que um rei possa atuar."

"Mas há muito mais em jogo do que o fato de que ele assassinou nosso pai." Kendrick entrou na conversa. "Ele também está colocando em risco a todos nós, nossos homens, o Anel, está deixando-nos vulneráveis a ataques. Foi por isso que os McClouds invadiram as Highlands: eles sentiram a nossa vulnerabilidade. Temos base para argumentar que temos o direito, a responsabilidade de nos revoltar e instituir um novo governo em nome dos melhores interesses do Anel."

"Isso pode ser verdade..." Kolk argumentou. "... Mas ainda assim, nós não podemos tomar nenhuma medida enquanto ele for rei

legítimo. Precisamos de provas de sua tentativa de assassinato.

Então nós podemos derrubá-lo.”

“Eu acho que eu posso encontrar a prova.” Godfrey disse.

Todos na sala se viraram e olharam para ele.

“Se eu puder provar que eu fui envenenado na outra noite, na taverna.” Continuou ele. “... Então isso poderá nos levar até Gareth. Certamente, uma tentativa de assassinato contra seu próprio irmão, um membro da família real, seria motivo para destituí-lo do trono.”

“Sim, é verdade.” Brom replicou. “Mas precisamos de provas. E de uma testemunha.”

“Eu posso encontrá-las.” Godfrey disse. “Eu estou certo de que posso.”

“Então encontre as provas e seja rápido. Enquanto isso, nós vamos fazer o que pudermos para ajudar a reconstruir e fortificar nosso frágil estado.” Kendrick acrescentou. “Estamos enfraquecidos desde o ataque McCloud. Vou levar um grupo para nossas defesas do Oriente e ajudar a fortalecê-

las, em caso de outro ataque. Elas têm sido muito danificadas no ataque e vamos precisar de um contingente de homens para fortalecer nossas cidades e prevenir outro ataque McCloud.”

“Vou ajudar com o envio da Legião.” Kolk entrou na conversa. “Eles podem ajudar a reconstruir as outras aldeias destruídas pelas McClouds.”

“Nesse meio tempo, nós vamos reunir as provas e encontrar uma maneira legal de derrubar Gareth.” Disse Gwen.

“É melhor fazer isso rápido.” Disse Brom. “... Porque os meus homens não aguentarão Kultin e seus selvagens no Salão do Prata por muito tempo. Eu receio que se não encontrarmos uma maneira de derrubar legalmente Gareth em breve, teremos uma guerra civil em nossas mãos.”

Todos na sala murmuraram em aprovação.

“Falando de traidores.” Kendrick acrescentou. “É preciso primeiro remover os traidores de dentro de nossas próprias fileiras.”

Kendrick virou-se em direção à porta e acenou para Atme, quem fechou de repente a enorme porta do Salão de Armas. Ela reverberou com um baque surdo e ele a trancou para não permitir

que nenhum soldado saísse. A sala ficou em silêncio e uma forte tensão pairava no ar.

“Forg!” Kendrick chamou. “Venha para a frente! Chegou a hora de você prestar conta de suas ações no campo de batalha ontem.”

Um grito foi ouvido quando vários membros do Prata agarraram Forg e o arrastaram para a frente, abrindo passo através da multidão, em direção ao centro. Ele foi mantido no lugar por quatro cavaleiros, enquanto lutava para se libertar.

“O que significa isso?” Forg gritou indignado. “Eu sou um membro leal do Exército do Rei. Eu não fiz nada errado!”

“Não mesmo?” Kendrick perguntou. “Thor e vários de seus amigos da Legião foram levados para uma emboscada até os McClouds. Você fez todos os arranjos para que eles fossem mortos.”

Kendrick avançou, tirou uma adaga do cinto e segurou-a contra a garganta de Forg, todos na sala ficaram em silêncio.

“Eu só vou perguntar a você uma vez. Responda com sinceridade e isso poderia simplesmente salvar sua vida. Foi Gareth quem ordenou você a fazê-lo?”

Um silêncio espesso caiu sobre a sala enquanto Forg engoliu em seco e transpirava.

Finalmente, ele assentiu e abaixou a cabeça.

“Ele ordenou.” Ele admitiu.

Um suspiro de indignação ecoou pela Sala.

“Ele admite a sua traição!” Exclamaram vários cavaleiros.

“Perdoe-me, meu senhor.” Forg apelava com desespero em seus olhos. “Era um comando do rei.

E eu fui muito fraco para ignorá-lo.”

“No entanto, era uma ordem para matar um dos nossos.” Disse Kolk dando um passo à frente.

“... Para empurrar nobres membros da Legião para sua morte nas mãos do inimigo. Era uma ordem traiçoeira e traidora. E você a executou. Você sabe qual é o castigo pela traição de um membro da Legião.”

Forg engoliu em seco.

“Por favor, meus senhores, tenham piedade!”

“Thor.” Kendrick disse, virando-se para ele. “Cabe a você pronunciar uma sentença de morte para Forg. Foi você quem foi traído por ele.”

A sala inteira ficou em silêncio quando todo mundo virou-se para Thor.

O coração de Thor martelava enquanto ele observava o homem a sua frente, esperando para ser morto. Uma grande fúria tomou conta dele enquanto ele meditava sobre como aquele homem tinha colocado em perigo a vida de seus irmãos da Legião.

Mas ao mesmo tempo, para surpresa de Thor, ele sentia compaixão por Forg também. Afinal, parecia que ele tinha sido um bom cavaleiro. Ele simplesmente não conseguiu resistir à tirania e fazer a coisa certa quando chegou a hora, no calor da batalha. Thor odiava a ideia de vê-lo executado e sobretudo, sob uma ordem direta sua.

Thor se adiantou e limpou a garganta. “É verdade.” Thor gritou. “Forg é merecedor da pena de morte pelo que ele fez. Mas eu peço a todos que tenham piedade dele.”

Um suspiro de surpresa espalhou-se pela sala.

“Piedade?” Kolk perguntou. “Por quê?”

“Ele pode ser merecedor da morte.” Thor disse. “Mas isso não significa que devemos sentenciá-lo a isso. Gareth é o mal por trás de tudo isso. Eu preferia não ter o sangue do cavaleiro derramado em meu nome. Ele cometeu um erro. E apesar de tudo, nós sobrevivemos. Pelo menos a maioria de nós sobreviveu.”

“Thorgrinson...” Kendrick disse. “... Nossa lei nos proíbe que um traidor permaneça dentro de nossas fileiras. Algo deve ser feito com ele.”

“Então vamos bani-lo.” Disse Thor. “Mandem-no longe do Salão. Deixem-no juntar-se aos homens de Gareth, ou deixem-no sair do Anel. Mas não o matemos.”

Kendrick olhou longa e duramente para Thor e finalmente, ele assentiu.

“Eu posso ver que você possui muita sabedoria, apesar de sua pouca idade.”

Kendrick virou-se para Forg, agarrou-o pelo peito e olhou-o nos olhos, com um imenso desprezo.

“Você teve muita sorte hoje.” Kendrick disse. “Se eu vir seu rosto diante de mim novamente, eu mato você.”

Kendrick estendeu a mão, arrancou a insígnia do exército do colete de Forg, girou em torno dele e chutou-o com força, enviando-o cambaleante pelo corredor. Forg correu pela sala e Atme abriu a porta, para que ele saísse, logo ele fechou a porta atrás de si.

Lentamente a sala voltou à vida e quando o fez, Brom deu um passo à frente.

“Nós ainda não abordamos a questão mais importante aqui hoje.” Ele disse com voz retumbante.

A sala caiu em silêncio e todos se viraram para ele.

“Se for da vontade dos deuses, um dia, mais cedo ou mais tarde, Gareth será deposto. Quando esse dia chegar, nós vamos ficar sem nenhum governante no Anel. Qual dos MacGil deve sucedê-lo?

Kendrick, você é primogênito, legítimo ou não. Os homens admiram você. Você vai aceitar tal papel?”

Kendrick abanou a cabeça veementemente.

“O último desejo do meu pai foi que Gwendolyn governasse. Todos nós testemunhamos isso.”

Um suspiro de surpresa invadiu a sala.

“Uma mulher?” Um dos cavalheiros exclamou.

“É verdade!” Reece disse.

“É verdade!” Godfrey exclamou também. “Nós todos estávamos naquela reunião. Era o desejo de nosso pai. Ele nos preteriu e escolheu Gwen. Como seus irmãos, nós a aceitamos. Na verdade, todos nós aprovamos a escolha.”

“Se todos honram MacGil...” Disse Kendrick. “... Então vocês vão honrar o seu desejo final.

Vocês vão instituir e defender Gwen como governante deste reino.”

Todos os soldados presentes na sala se viraram e olharam para a Gwen e um pesado silêncio preencheu a sala.

Thor olhou para ela e viu-a baixar a cabeça com humildade.

“Se foi bom o suficiente para MacGil, então é bom o suficiente para mim.” Brom gritou, quebrando o silêncio.

“E para mim!” Kolk acrescentou.

“E para mim também!” Repetiram todos os soldados na sala.

“Mas Gwendolyn, você aceitaria?” Kendrick perguntou-lhe.

Um silêncio expectante caiu sobre a sala quando Gwen baixou a cabeça. O silêncio persistiu por um longo tempo.

“Eu sei que você seria um governante justo e sábio.” Kendrick acrescentou. “Muito melhor do que Gareth.”

“Você é o que nosso pai queria.” Godfrey acrescentou. “... E é o que o Anel necessita.”

Finalmente, Gwen limpou sua garganta.

“Não é algo que eu deseje, nem algo que eu busque, meus senhores.” Disse ela. “É verdade que quando o meu pai me pressionou, eu concordei em aceitar. Mas eu fiz isso de má vontade. Eu preferiria toda a vida que um de vocês governasse em meu lugar.”

Kendrick abanou sua cabeça.

“Nós nem sempre conseguimos o que queremos.” Ele disse. “Às vezes você tem de fazer o que é melhor para o reino. E eu sei, com cada fibra do meu ser, que é você quem deve governar.”

“Isso mesmo!” Vários soldados exclamaram de acordo.

A sala ficou carregada de silêncio, enquanto aguardavam a resposta de Gwen.

“Gwen, diga que sim.” Godfrey pediu ao vê-la hesitante. “As pessoas precisam de alguém a quem unir-se. Os nobres, os lordes, todos em todas as províncias precisam saber que alguém estará no poder, que terão alguém a quem recorrer quando Gareth cair. Pelo bem do reino, diga que sim.”

Gwen olhou para o chão sentindo o espírito do pai ali vivamente com ela. Então finalmente ela olhou para cima.

“Eu aceitarei.” Ela disse, finalmente.

A sala explodiu em um grito de júbilo e Thor podia ouvir como todos se sentiam felizes e aliviados ao saber que tinham um sucessor para Gareth. Ele mesmo, também se sentia eufórico e mais orgulhoso dela do que nunca.

Antes que os gritos de alegria cessassem, antes mesmo que ele tivesse a oportunidade de parabenizá-la, de repente, a porta da sala se abriu novamente e por ela entrou um mensageiro correndo frenético.

“Meu senhor!” Ele disse curvando-se na direção de Kendrick.
“Fora deste salão aguarda um contingente de homens, cem homens fortes, todos eles guerreiros ferozes. Os Nevaruns! Eles dizem que vieram para levar a sua noiva ao altar!”

“Noiva?” Kendrick exclamou.

“Eles dizem que vieram para reclamar Gwendolyn!” Disse o mensageiro.

Todos os homens do salão explodiram em um suspiro indignado.

“Gwendolyn, isso é verdade?” Kendrick perguntou para ela.

Ela franziu o cenho.

“É apenas mais um enredo tortuoso implementado por nosso irmão. Ele não conseguiu me assassinar, então agora ele acha que pode me casar e com isso me tirar de seu caminho. Ele não tem o direito. Ele não é meu pai.”

Thor, de repente, desembainhou a espada e começou a marchar para fora do Salão.

“Se ele tem o direito legal ou não, eu não quero saber.” Disse Thor. “Há apenas um direito que eu vou respeitar: o direito das espadas. Se esses homens querem levar Gwendolyn para longe, eles terão de passar por cima de mim!”

“E de mim!” Reece gritou enquanto puxava sua espada.

Ouviu-se o som de centenas de espadas sendo desembainhadas no Salão e logo, todos os soldados se colocaram atrás de Thor.

Thor liderou o caminho pelo Salão e saiu pela porta aberta, centenas de soldados o seguiram quando eles saíram para cumprimentar o contingente.

Diante deles, havia cem guerreiros ferozes, montados a cavalo, com exceção do seu líder que se encontrava de pé diante de seu cavalo. Ele era duas vezes mais alto e largo do que um homem normal. Todos aguardavam. Ele tinha a pele vermelha brilhante e sua expressão era carrancuda. Seus dois longos dentes caninos saíam de sua boca como presas; suas várias fileiras de dentes

afiados estavam podres. A pele do seu rosto era vermelha; seus olhos eram apenas um pouco maiores do que fendas e eles eram amarelo escuros; sua cabeça calva era pontuda. Tanto ele como seus homens usavam uma armadura amarela e verde.

“Vim reclamar minha noiva...” Ele rosnou para Thor. Sua voz soou como o rosnado de um animal.

Krohn, ao lado de Thor, rosnou, seu pelo estava eriçado, ele estava pronto para lançar-se sobre o homem.

“Você está enganado.” Thor respondeu corajosamente, tentando ocultar o seu nervosismo. “Não há noiva para você aqui. Gwendolyn não deseja ir e ela não vai deixar este reino sem que seja derramado o sangue de todos os nossos homens.”

O homem fez um gesto de desprezo para Thor, seu punho apertou o cabo da sua espada e seu rosto ficou ainda mais vermelho.

“Seu Rei me prometeu uma noiva em casamento!” O homem rosnou, apertando e soltando o punho da espada, enquanto seus soldados se erguiam ansiosamente atrás dele.

“Ele prometeu-lhe algo que você não poderá ter.” Respondeu Thor. “Sua luta é com o nosso rei, não com a gente. E tampouco com Gwendolyn.”

“Minha luta não é com ninguém!” Ele gritou. “Porque essa é minha noiva. E eu vou levá-la!

Agora saia do meu caminho, seu nanico!”

O Nevarun deu vários passos em direção a Thor e levantou sua espada bem alto, quando ele fez isso, Thor sentiu uma explosão de raiva percorrer rapidamente seu corpo, dessa vez era bem diferente das vezes anteriores. Quando o homem chegou perto, Thor levantou a palma da mão esquerda e apontou para ele. Thor viu como uma bola de energia amarela saiu voando de sua mão, atingiu o homem no peito e enviou-o voando pelos ares por vários metros. Ele aterrissou duramente no chão.

A multidão ficou paralisada assistindo.

Lentamente, o Nevarun balançou a cabeça e ficou de pé. Ele virou-se e olhou para baixo, para Thor, com surpresa e com ódio. Mas dessa vez, ele não ousava chegar mais perto dele.

“Você é um demônio!” O Nevarun disse.

“Chame-me do que quiser.” Thor disse já não mais envergonhado de quem ou do que ele era.

Ele estava começando a se sentir mais à vontade consigo mesmo. “Você não vai tocar Gwendolyn.”

O Nevarun ficou lá, indeciso, pegando e soltando sua espada enquanto rosnava com cada respiração.

Depois do que pareceu uma eternidade, finalmente ele se virou para seus homens e murmurou algo em uma língua que Thor não entendeu, então ele pulou e montou novamente em seu cavalo.

“Você insultou a honra dos Nevaruns. Nós não perdoamos. Um dia, você vai pagar caro, todos vocês vão pagar com sangue. E quando nós tomarmos a sua noiva, o que sem dúvida vamos fazer, nós vamos devolvê-la como um cadáver!”

O Nevarun cuspiu, logo, ele e seu contingente se viraram e partiram acelerando enquanto desciam pela estrada principal para fora da Corte do Rei.

Thor baixou lentamente a espada, tremendo por dentro, mas não querendo demonstrar isso.

Reece se aproximou e lhe deu um tapinha no ombro, o mesmo fizeram os demais.

Gwen surgiu ao lado dele. Ela colocou a mão em seu rosto, inclinou-se e beijou-o. E com aquele beijo, tudo parecia estar bem de novo no mundo. Ele nunca iria deixá-la ir. Nunca.

CAPÍTULO DEZESSETE

Erec galopava em seu cavalo Warkfin e o esporava o mais que podia, correndo contra o tempo enquanto as imagens de Alistair passavam pela sua mente. Ele galopava desde Baluster, até tarde da noite, avançando cada vez mais na periferia da cidade, em direção

ao Oeste, até que finalmente, o primeiro sol começou a raiar no céu. Ele viu à distância, no alto de uma colina, o contorno de um pequeno castelo, ele estava cercado por um fosso formidável, tinha uma ponte levadiça e paredes de pedra. O castelo estava guardado por dezenas de soldados. Eles usavam uma armadura distinta, diferente da armadura do Norte, uma armadura verde brilhante, coberta de placas e capacetes com narizes pontudos. Havia provavelmente duas dezenas de cavaleiros que guardavam a entrada, o que era incomum para um lorde. Erec percebeu que o mercador de escravos tinha dito a verdade: aquele era de fato um homem poderoso.

Erec corria pela estrada durante o amanhecer, direto para a ponte levadiça, quando ele se aproximou, a ponte levadiça foi lentamente baixada e vários cavaleiros avançaram segurando suas lanças altas, cautelosos com sua aproximação. Erec podia ver de relance que ele estava amplamente superado pela quantidade de homens que havia ali, mas ainda assim ele se sentia confiante de que poderia encontrar uma saída, se fosse necessário. No entanto, ele não queria começar com um confronto. Ele ainda tinha fé no seu semelhante e sendo o nobre sujeito que ele era, Erec queria dar àquele lorde o benefício da dúvida e acreditar que ele talvez tivesse simplesmente cometido um engano ao comprar Alistair. Ele não sabia que ela tinha sido roubada dele. Erec queria dar-lhe uma chance de corrigir o erro antes de recorrer a um confronto armado.

Quando Erec avançou até a ponte, vários soldados bloquearam seu caminho. Ele poderia ter matado cada um deles com quatro armas de arremesso que tinha em seu cinto, mas em vez disso, ele parou diante deles, tentando manter a paciência.

“Identifique-se.” Um dos soldados gritou.

“Eu sou Erec, filho de Arosen, campeão do Rei MacGil e provenho do Reino Ocidental do Anel. “Erec anunciou com seu porte ereto e sua voz autoritária. “Eu exijo uma audiência com o seu lorde.”

“E quem é que quer falar comigo?” Ouviu-se um vozeirão.

Erec olhou para cima e viu o senhor do castelo, ele estava acima da ponte levadiça, na torre superior do castelo, de pé sobre uma pequena varanda. Ele estava vestido com sedas vermelhas e brancas

e botas de cano alto verdes que se estendiam até os joelhos. Ele usava uma capa e uma pequena coroa. Pela sua aparência, era óbvio que aquele homem tinha um conceito mais elevado de si mesmo, do que realmente ele era. Ele parecia achar que era tão importante quanto o rei. No entanto, ele era apenas um lorde qualquer, uma das milhares de pessoas que respondiam ao Rei MacGil e ao Exército do Rei. Pela sua pose, ele não parecia perceber isso.

“O senhor pode me considerar como a mão direita do Rei e como o campeão do Exército Prata.” Erec anunciou. “O número de meus irmãos de armas alcança os milhares e com um chamado meu, eles virão de todos os cantos do Anel para defender a minha causa. Eu nunca os convoquei porque eu creio que devo assumir a responsabilidade de resolver minhas próprias diferenças. Digo isso não para ameaçá-lo, mas apenas para deixar claro que seria melhor que resolvêssemos nossas diferenças sem um confronto.”

“E que diferenças eu poderia ter com você?” Perguntou o lorde. “Eu sei quem você é. E sua armadura contradiz você.”

Erec pigarreou, encorajado. Talvez aquele lorde pudesse ser alguém com quem ele pudesse arrazoar, no final das contas.

“Há uma mulher que o Senhor comprou de um mercador de escravos, há cerca de um dia.” Erec disse. As palavras saíam com dificuldade de sua garganta enquanto ele pensava em Alistair. “Eu não tenho nenhuma dúvida de que o senhor não tinha ideia de quem estava comprando. Mas ela é uma mulher muito especial. Ela foi raptada, tirada de Savária contra a sua vontade e trazida aqui ilegalmente.”

“E como sabe tudo isso?” Perguntou o lorde.

“Porque ela é minha noiva.” Erec respondeu.

Houve um suspiro de surpresa entre seus homens, quando o lorde olhou para baixo em silêncio.

“Vou dar-lhe o benefício da dúvida...” Erec continuou. “... E assumir que o senhor não poderia saber disso quando a comprou. Agora que já sabe, eu peço que a liberte para que eu possa levá-la para longe daqui e assim nós podemos evitar o confronto. Qualquer

soma que o senhor tenha pagado ao mercador de escravos, será paga de volta e em dobro por mim.”

“Você pagaria?” Perguntou o lorde. “E se eu recusar-me a aceitar sua oferta?”

Erec ficou chocado com a sua resposta; não era a que ele esperava. Ele franziu o cenho, seu coração ficou apertado de raiva.

“Por que o senhor a recusaria?” Erec perguntou surpreso.

“Eu a recusarei.” O lorde respondeu. “Porque eu assim desejo. Porque ninguém me diz o que fazer. Talvez a sua mulher tenha sido levada de forma ilegal. Mas, por ser você o seu marido, você deveria ter sido mais cuidadoso. Isso realmente não fala bem de você, o melhor cavaleiro do rei e no entanto, foi incapaz de impedir que sua própria esposa fosse tirada dele diante de seus olhos.”

O lorde riu e seus homens riram com ele, Erec começou a sentir uma onda de raiva subindo pelo seu corpo.

“Assim como MacGil pode ter milhares de guerreiros, eu também tenho os meus.” O lorde exclamou. “Não há nenhum lorde que me corresponda em termos de riqueza e eu a tenho usado com sabedoria. Eu pago a guerreiros de cada província vizinha daqui até o Canyon. E eu pago a eles generosamente. Qualquer um que me confrontar vai enfrentar um exército diferente de todos os que já conheceu. Até mesmo um lutador como você seria esmagado em um instante.

“Então deixemos que isso sirva de lição para você.” O lorde continuou. “Da próxima vez, seja mais vigilante com aqueles que estão aos seus cuidados. Você é um projeto patético de um cavaleiro, atrevendo-se a vir aqui e esperar que eu compense os seus erros. Eu posso tê-la comprado ilegalmente, mas agora ela é minha. E eu nunca vou deixá-la sair por estas portas. Nem que você me peça, nem que o próprio rei me peça. Ela é minha propriedade agora, para que eu faça com ela o que eu quiser. E quero que saiba que você foi muito oportuno: ela está sendo preparada agora pelas servas e será levada para meu quarto em breve, pela primeira vez. Saber quem você é e saber quem ela é faz com que eu esteja muito mais ansioso por esse momento.”

O lorde inclinou-se para trás e sorriu, ele cruzou os braços triunfalmente e olhou para baixo, para Erec.

Erec foi dominado por uma raiva diferente de qualquer outra ele já tinha sentido. Aquele homem representava para ele toda a maldade da humanidade, o oposto do cavalheirismo, o oposto de tudo o que Erec se esforçava para ser.

Antes que qualquer um dos seus homens pudesse reagir, Erec tirou uma lança curta da sela, era uma bela lança com seu belo cabo de mogno e sua ponta de prata bem afiada, Erec inclinou-se para trás e atirou-a com toda a força no lorde.

A lança voou pelos ares mais rápido do que uma flecha e antes que o lorde pudesse se mover, a lança atravessou sua garganta, saiu pelo outro lado e se incrustou na parede de madeira atrás dele.

O Lorde ficou ali por um segundo, a lança havia feito um enorme buraco em sua garganta, o sangue jorrava por ele. O lorde levantou as mãos para a garganta, os olhos se arregalaram em choque e dor. Ele ficou ali por alguns segundos, olhando para Erec em descrença, e então, caiu para frente, sobre o balcão, seu corpo despencou, dando voltas sobre si mesmo, até que ele caiu de cara com um ruído surdo.

Ele ficou caído ali, na entrada de seu próprio castelo, morto.

Houve um silêncio estonteante. Nenhum de seus soldados se moveu, todos ficaram paralisados em estado de choque, mal podiam conceber o que tinha acontecido tão rapidamente.

Erec não esperou que eles reagissem. Ele já estava em movimento enquanto o corpo do lorde ainda estava mergulhando no ar. Ele tinha captado rapidamente qual era todo o esquema de segurança e decidiu que não iria perder seu tempo ou energia com os soldados do lado de fora do portão. Seu principal objetivo era tirar Alistair dali e sua primeira medida seria cruzar aquele portão alto e coberto de puas. Ele galopou para frente, meteu a mão no alforje, pegou uma corrente longa com uma bola cravada de puas em sua extremidade, girou-a por cima de sua cabeça e a arremessou. Ela formou um arco, passou por cima do portão e se enroscou ao redor de um poste, a bola cheia de puas incrustou-se nele. Erec agarrou a outra ponta da corrente, levantou-se de seu

cavalo e balançou-se nela como um pêndulo. Erec passou voando, vários metros acima das cabeças dos soldados, diretamente pela brecha que havia acima do portão de metal.

Ele voou pelo espaço estreito entre a parte superior da porta e do arco de pedra e pousou em segurança do outro lado das grades, dentro do pátio. Os soldados avançaram contra ele, mas eles estavam presos, impossibilitados de passar.

Erec cruzou o espaço aberto e enrolou seu corpo ao cair, ele levantou-se sem dificuldades e incorporou-se em seguida, preparando-se imediatamente para atacar os soldados dentro do pátio.

O primeiro de vários cavaleiros verdes atacou, Erec ajoelhou-se e enfiou a espada no estômago do homem, encontrando um ponto fraco na parte aonde a armadura chegava à cintura dele. O homem tombou já morto, deixando cair seu mangual.

Erec se abaixou, pegou o mangual do homem, se levantou e girou-o ao redor, jogando a bola cravejada na cara de outro atacante e derrubando-o de costas no chão. Erec chutou um terceiro atacante no peito, mandando-o para trás antes que ele pudesse atacá-lo com seu machado. Então ele tirou uma lança curta do seu cinto e atirou em outro atacante, perfurando-o no ponto fraco de sua armadura localizado entre o joelho e a coxa. Depois ele pegou um pequeno machado de arremesso de seu cinto, girou-o em outra direção e atingiu o último atacante no ponto fraco de sua armadura, situado entre o ombro e o peito, derrubando-o no chão com um grito.

Erec examinou o pátio, havia cinco corpos imóveis ali e por enquanto eles não iriam mais atacá-lo.

Erec não perdeu tempo. Ele disparou em uma corrida através do pátio e correu para dentro do pequeno castelo.

Ele estava ali em seus corredores escuros e estreitos e olhava para todos os lados, desorientado.

"ALISTAIR!" Ele exclamava desesperado.

Não se ouviu nenhuma resposta, exceto de parte de outro atacante, que apareceu em uma curva, atacando-o com apenas um momento de sobreaviso. O homem investiu contra Erec por trás, com as mãos abertas, agarrando seu pescoço, preferindo o combate

corpo-a-corpo. Erec agarrou o pulso do homem, inclinou-se e virou-o por cima do ombro. O homem caiu e Erec se aproximou e pisou no pescoço dele.

Outro atacante veio por trás e Erec virou-se e deu-lhe uma forte cotovelada no estômago, em seguida, agarrou-o e atirou-o de cabeça contra a parede. Os dois corpos ficaram empilhados no corredor estreito.

Erec não perdeu mais tempo. Ele escolheu uma direção virou-se e correu pelo corredor que conduzia ao coração do castelo. Ele esperava que Alistair estivesse sendo mantida naquela direção.

"ALISTAIR!" Ele inclinou-se para trás e gritou novamente.

"Erec!" Ouviu-se uma voz fraca responder.

A princípio ele não podia dizer de onde a voz vinha, porém depois de um momento, o grito ouviu-se novamente e dessa vez era mais alto.

"Erec!" Ouviu-se o grito. "Aqui em cima!"

Erec se virou e viu um lance de degraus de pedra em espiral, ele correu para eles, justo quando três soldados vinham avançando em sua direção, todos eles estavam protegidos com uma armadura verde e espadas. Erec enfiou a mão no bolso, pegou um punhado de pequenas pedras lisas que ele reservava para sua funda e jogou-as na parte inferior da escada, aos pés dos homens. Eles não tiveram tempo de reagir, os três tropeçaram e caíram rolando e amassando sua armadura ao atingir o chão, justo diante de Erec.

Erec afastou-se e deixou que eles caíssem ao passar rápido por eles. Ele não queria perder energia e tempo preciosos, em um confronto do qual ele não precisava, já que a própria força e peso dos homens fizeram com que eles desmoronassem inconscientes, na base da escada.

Erec passou correndo por eles, subindo velozmente as escadas, lance após lance. Atrás dele, à distância, se podia ouvir o portão de metal do castelo começando a ser forçado pelo grupo de soldados. Ele não tinha muito tempo.

"ALISTAIR!" Ele gritou novamente.

"Erec!" Ela gritou bem alto em resposta.

Então se ouviu um grito desesperado. O grito dela. Ela estava em perigo.

O coração de Erec disparou e ele correu duas vezes mais rápido.

Ele alcançou o topo da escada e finalmente, ouviu de onde os gritos vinham. Ele se virou para a direita e avançou pelo corredor, viu uma porta aberta no final e correu para ela, enquanto ouvia os sons de uma luta.

Ele irrompeu no quarto e viu Alistair com as mãos amarradas atrás de si. Um atendente, um dos homens do lorde a agarrava bruscamente e a empurrava para a janela aberta.

“Você vai pagar pelo que ele fez ao meu amo!” O atendente disse para ela.

O atendente correu com ela, arrastando-a para a janela aberta. Erec podia ver que o homem estava se preparando para lançá-la pela janela em um mergulho mortal. Erec também pôde ver que se encontrava muito longe para que pudesse chegar a tempo, ele estava do outro lado da sala. Ele poderia até matar o homem depois de tudo, mas ele não poderia salvá-la. Ela ia morrer.

Erec não hesitou. Ele ficou ali quebrando a cabeça e de repente teve uma ideia. Ele sabia que ia arriscar a vida de Alistair ao fazer o que pensava, mas ele tinha de tentar: então, ele enfiou a mão da cintura, pegou sua adaga de arremesso, inclinou-se para trás e rezou para todos os deuses para que ele não errasse a pontaria. Se ele errasse, mesmo que por um triz, o punhal mataria Alistair em vez de o homem.

Erec se inclinou para frente e atirou o punhal, ele observava sua trajetória e seu coração estava quase parando enquanto o punhal voava até o outro lado. Ele prendeu a respiração.

Para seu grande alívio, o punhal atravessou a garganta do homem e não atingiu Alistair.

O homem a soltou e levou as mãos até a garganta, gritando, o sangue jorrava por todas as partes quando ele caiu no chão.

Alistair parou bem diante da janela, ela virou-se e olhou para Erec. Ele correu até ela, pegou outro punhal e cortou as cordas que atavam as mãos dela.

Ela abraçou-o, chorando histericamente, envolvendo os braços apertados em torno dele. Era tão bom tê-la de volta em seus braços.

Erec abriu os olhos e olhou por cima do ombro, então para sua surpresa, de repente, ele viu o atendente levantar-se do chão e ficar de pé enquanto puxava o punhal de sua garganta, de alguma forma, recuperando forças. Ele levantou o punhal bem alto e avançou com o objetivo de metê-lo nas costas de Alistair.

Com um segundo de vantagem, Erec jogou-a para fora do caminho, então ele aproximou-se do homem e segurou o pulso dele, detendo o seu golpe no ar. Em seguida, ele puxou o braço do homem por trás das costas, agarrou-o, deu três passos para a frente e jogou-o de cara pela janela aberta, mandando-o para o mesmo destino para o qual ele tinha tido a intenção enviar Alistair.

O homem foi lançado pelos ares, gritando, caindo e girando sobre si mesmo, até finalmente atingir o chão abaixo com um golpe surdo, a poucos metros de seu amo.

Erec olhou pela janela e teve uma visão preocupante: dezenas de cavaleiros estavam avançando através da ponte, em direção ao castelo, eles provinham de todas as partes do campo. Eles já estavam começando a penetrar pela entrada do castelo e abrindo seu caminho para dentro. Aquele lorde, claramente, tinha vassalos poderosos e eles estavam demonstrando a lealdade que haviam lhe jurado.

“Há outra saída.” Disse Alistair, aproximando-se dele ao observar seu olhar preocupado. “Eu a percebi quando me trouxeram aqui. Uma saída traseira.”

“Mostre-me.” Erec disse.

Eles desceram o corredor, fazendo todo o caminho para o outro lado do castelo. Alistair o conduziu até um quarto localizado em uma esquina, uma vez ali, eles olharam pela janela aberta. Erec viu que a parte de trás do castelo dava para um campo aberto e não havia cavaleiros à vista. Ela estava certa. A entrada dos fundos também estava bloqueada por um portão de ferro. Erec percebeu que se pudesse descer de outra forma, sem ter de cruzar o portão, seria possível fugir para o campo e evitar um confronto com dezenas de cavaleiros. Ele poderia ganhar tal confronto, mas não havia

nenhuma maneira de que ele pudesse manter Alistair e a si próprio seguro, ao mesmo tempo. Ele tinha de escolher a forma que proporcionasse menos confronto, se quisesse que ela sobrevivesse.

Erec levou a mão a sua cintura e puxou o longo rolo de corda que ele mantinha amarrado ali.

Era uma longa corda, talvez tivesse seis metros, com uma ponta no final da mesma, a qual ele mantinha para ocasiões especiais, para fazer tropeçar os cavalos dos adversários. Ele nunca tinha usado a corda para um propósito como aquele e percebia que ela não seria longa o suficiente para chegar ao chão. A queda seria longa, dura. Mas ele não tinha escolha.

Erec examinou as paredes de pedra do lado de fora da janela e viu a haste metálica de uma bandeira, embutida na parede. Ele enrolou a corda em torno da haste de metal e jogou-a para baixo.

A corda desceu pela parede do castelo, sua ponta ficou a três metros de distância do chão, porém do outro lado do castelo, além do portão de metal. Se a queda não os matasse, eles poderiam sair dali.

O som de soldados vindo pelo corredor chegou até eles e Erec sabia que eles não tinham muito tempo.

“Mas e as nossas mãos?” Alistair disse. “A corda vai machucá-las”

Erec tinha pensado a mesma coisa; Ele procurou algo, qualquer coisa, para protegê-las.

“Tome isso.” Alistair disse.

Ela tirou o manto de peles e entregou-lhe, Erec agradecido pegou-o e o enrolou em suas mãos, uma e outra vez.

“Suba em minhas costas.” Ele disse.

Ela pulou em cima dele, e ele, com ela em suas costas, subiu no parapeito da janela, pegou a corda, testou-a e desceu por ela, pelas muralhas do castelo.

Eles deslizavam muito rápido, a uma velocidade mais rápida do que podiam controlar, Erec não conseguia frear seus movimentos. Eles iam voar para baixo, para o ponto onde a corda terminava, para depois cair de uma altura de mais de três metros pelo ar.

Eles despencaram com força no chão, com muita força e Erec virou-se no último segundo para amortecer a queda de Alistair e

aliviar o peso dele próprio. Quando ela caiu em cima dele, ele sentiu uma costela estalar.

Ele estava sem fôlego, apoiou-se em suas mãos e joelhos, vendo estrelas, logo, ele virou-se e olhou para ela.

“Você está bem?” Ele perguntou.

Ela acenou com a cabeça e ele podia ver que ela estava atordoada, porém para seu grande alívio estava ilesa. Erec ouviu um barulho metálico e sabia que o exército havia invadido o castelo e estava lá dentro, avançando pelas escadas em busca deles.

Erec levantou-se e assobiou, era um assobio característico que só Warkfin iria ouvir e entender.

Momentos depois, Warkfin veio avançando pela parte de trás do castelo, Erec se levantou, jogou Alistair sobre ele e montou-o em seguida. Ela se agarrava com força contra o peito de Erec enquanto ele acelerava Warkfin em um galope.

Eles avançaram para bem longe daquele lugar, os sons dos guerreiros agitados no castelo foram ficando cada vez mais distantes, enquanto eles cavalgavam.

Sentir as mãos de Alistair envolvendo seu peito lhe trouxe mais conforto do que ele tinha imaginado ser possível.

Ela estava a salvo. Finalmente, ela estava a salvo.

CAPÍTULO DEZOITO

Andronicus portava uma tocha flamejante enquanto galopava na frente de seu exército, logo, ele inclinou-se e ateou fogo nos telhados de palha das casas McCloud enquanto cavalgava pela aldeia.

Em questão de minutos, ele conseguiu deixar toda a aldeia em chamas. Ele galopava pelas ruas, circulando uma e outra vez através das chamas e rugiu quando os gritos começaram a ouvir-se ao seu redor. Ele sorria com satisfação. Isso serviria de lição para aquele rei

McCloud. Isso ensinaria àqueles moradores McCloud que haviam se escondido dentro de suas casas, que eles jamais estariam a salvo dele ou de seus homens. Ele iria destruir cada um deles antes de deixar aquela cidade. Nem uma única alma iria sobreviver. Esse sempre tinha sido o seu lema.

Andronicus sempre tinha aplicado uma regra simples para todos os países e territórios do mundo que ele tinha conquistado: esmagar, matar e destruir tudo e todos à vista. Não deixar sobreviventes. Não fazer prisioneiros. Queimar tudo, de modo que não houvesse ninguém para tentar restaurar as coisas à velha maneira. Haveria apenas a nova maneira. *Sua* maneira.

E funcionava. Eles tinham conquistado uma cidade após outra, um país após outro e seu império tinha aumentado para milhões de pessoas. Seus soldados estavam na casa dos milhões e seus escravos superavam os milhões, todos eram obedientes ao máximo. Ele poderia enviar exércitos simultaneamente a qualquer canto do mundo para esmagar qualquer um que ousasse se levantar contra ele. Nada lhe dava mais alegria.

Agora era hora de fazer aquele rei McCloud pagar caro. McCloud tinha cometido o grave erro de passar Andronicus por alto, de se recusar a cooperar com ele quando teve a chance. É claro que a oferta de Andronicus tinha sido uma oferta enganosa hipócrita e se McCloud tivesse permitido que ele atravessasse o Canyon, Andronicus teria aproveitado a sua primeira oportunidade para destruir tudo o que era de McCloud. Mas pelo menos ele não teria feito isso imediatamente. Ele teria dado a McCloud um pouco de tempo para pensar que ele estava livre, antes que ele o emboscasse e o massacrasse junto com sua família.

Mas McCloud não tinha concordado com ele e isso enfurecia Andronicus. Agora, para enviar uma mensagem para o resto do seu império, ele não somente destruiria McCloud e seus entes queridos, como também primeiramente os torturaria. Ele sorria enquanto imaginava desmembrando-os lentamente e espalhando as partes de seus corpos pelos quatro cantos do império. Sim, ele iria encolher suas cabeças e preservá-las e talvez até mesmo substituisse o seu atual colar com a cabeça encolhida de McCloud. Ele estendeu a mão

e tocou as cabeças reduzidas penduradas na base de sua garganta, ele gostava da ideia imensamente. Ele já começava a imaginar o tipo de corrente que ele usaria com a cabeça de McCloud.

Os homens de Andronicus o seguiam a uma distância de cinquenta passos, eles deram um grito ao atacar a vila em chamas, avançando e matando os moradores que haviam corrido para fora de suas casas. Andronicus olhou para trás e sorriu ao ver que o sangue já estava enchendo as ruas. Ele estava se preparando para o que seria um dia fabuloso.

Aquela era a décima aldeia McCloud que eles tinham devastado naquele dia e o segundo sol mal tinha subido no céu. Eles haviam desembarcado no início da manhã, na costa McCloud e vieram em uma frota de dez mil navios liderada por Andronicus. Quando seus pés tocaram a areia, ele ficou maravilhado ao sentir que estava de volta ali, naquele lugar, na costa do Anel, duas vezes durante uma única lua. Dessa vez, porém, ele tinha vindo preparado para a guerra, não para dialogar. Ele havia trazido o prisioneiro McCloud, aquele que tinha o segredo para ingressar no Canyon. Dessa vez ele não se encontraria com McCloud. Dessa vez ele levaria seus homens através do território externo e deserto de McCloud por cerca de oitenta quilômetros, então ele cavalgaria direto pelo próprio Canyon e usaria o prisioneiro McCloud para mostrar-lhe como atravessá-lo. Seus homens cruzariam o Canyon, alcançariam o outro lado e ele surpreenderia McCloud e queimaria sua corte até deixá-la literalmente em cinzas. Ele estava ansioso para ver o olhar de surpresa no rosto de McCloud quando ele o visse praticamente em seu pátio traseiro, em frente ao Canyon. A vista seria impagável.

E quando Andronicus terminasse de destruir os McClouds, ele dirigiria sua atenção para o seu alvo real: os MacGils. Uma vez dentro do Anel, ele cruzaria as Highlands, levando seu exército de um milhão de homens para enfrentar os MacGil e acabaria com qualquer vestígio do que um dia havia sido a Corte do Rei. Quando ele terminasse, ela seria uma vaga lembrança, apenas uma pilha de escombros. Ele já podia ver as chamas, a fumaça e as cinzas em sua mente, ele já podia ver a terra dos MacGil que antes havia sido uma terra seleta, reduzida a uma ruína desolada para servir de

advertência para todos aqueles que ousassem lutar contra ele. Esse pensamento o fez sorrir.

Andronicus avançava sem parar, ele já não se detinha para aterrorizar aquela aldeia, mas em vez disso ele se enfocava no Canyon iminente. Seus homens o alcançaram e avançavam ao lado dele, eles corriam pela vasta área desolada, povoada ocasionalmente por alguma aldeia McCloud, gente fronteiriça que havia sido tola o suficiente para viver fora do Canyon. Bem feito para eles. Eles deviam estar vivendo no interior do Canyon. Será que todos eles realmente achavam que estariam seguros ali para sempre, fora do alcance do grande Andronicus?

Eles cavalgaram em direção ao Oeste por horas, aproximando-se do Canyon, enquanto devastavam várias outras aldeias ao longo do caminho. O segundo sol já estava alto no céu, quando finalmente eles deram a volta por uma colina e então Andronicus o viu: diante dele estava o grande Canyon. Era tão majestoso agora como tinha sido quando ele o tinha visto quando era menino. Seu espanto diante dele era indescritível. Aquela maravilha do mundo, com seu escudo de energia mágica que tinha mantido o povo do Anel isolado por gerações. Era o único lugar no planeta que seu exército não poderia violar.

Agora, finalmente, ele tinha a informação de que precisava para atravessá-lo. Ele iria realizar o que todos os seus antepassados não conseguiram fazer. Ele entraria na última parte intocada, imaculada do planeta e seus homens arruinariam cada centímetro dela. Ele iria esmagá-la até que ela estivesse inteiramente sob seu domínio. Ele já podia saborear a sensação de poder que sentiria quando isso fosse feito. Não haveria no mundo lugar que ele não tivesse conquistado.

Os homens de Andronicus cavalgavam ao lado dele e todos eles pararam quando finalmente chegaram à beira do Canyon. Eles desmontaram e Andronicus deu vários passos para a frente, olhando para a grande divisão. Era enorme, imponente até mesmo para ele, que já tinha estado em todos os lugares do mundo, que já tinha visto tudo, cada maravilha natural. Aquela era única. Uma névoa amarela e estranha pairava no Canyon, ela parecia estender-se interminavelmente e até mesmo de onde estava Andronicus podia

sentir a grande força de energia do escudo. Ele estendeu a mão, para o ar, para a borda e a manteve ali. Ele sabia que estava protegido por uma parede invisível e que se ele estendesse a mão mais longe, a parede o destroçaria. Era como uma bolha invisível bloqueando-os.

Se não fosse pelo escudo, ele e seus homens poderiam simplesmente matar os guerreiros McCloud que estavam de guarda na ponte da Travessia do Leste, caminhar para a parte inferior do mesmo, ou ainda construir sua própria ponte. Ele imaginou mil maneiras de poder rompê-lo. Mas lembrou-se de cada vez que eles tinham tentado no passado, quando eles haviam montado acampamento por um ciclo completo de luas e tinham tentado todas as formas imagináveis; assim que cruzavam o limiar, o escudo de energia os esmiuçava, matando seus homens imediatamente e não deixando nenhuma maneira de atravessá-la.

Desta vez seria diferente.

“Tragam-no a mim.” Andronicus rosnou, sem olhar para trás ao estender a mão e desvendar suas três longas garras.

Momentos depois, seus soldados se aproximaram apressadamente e ele viu o prisioneiro McCloud atado, contorcendo-se, via-se claramente o medo em seus olhos quando o empurraram para o alcance de Andronicus. Andronicus estendeu a mão e agarrou-o pela camisa com as suas três garras e o puxou para perto de si.

“Agora é a sua chance, humano.” Disselhe. “Você prometeu nos mostrar como cruzar o Canyon.

Estamos aqui. Como se faz isso?”

O homem ficou ali, com os olhos arregalados, olhando de Andronicus para o abismo do Canyon, tremendo. Andronicus começou a sentir que havia algo errado e ele não gostou do que estava sentindo.

“Eu sinto muito.” O humano exclamou. “Eu menti! Eu não tenho a menor ideia de como cruzá-lo.

Eu só queria sair da prisão. Eu fui mantido lá por tantos anos. Eu não podia aguentar mais. Eu estava desesperado. Eu diria qualquer coisa. Eu sinto muito!” Ele disse choramingando. “Eu sinto muito!”

Andronicus olhou para aquele humano com descrença; em seguida, sua descrença mudou para fúria, uma fúria mais profunda do que qualquer outra que já tinha sentido. Ele tinha sido enganado e por um ser humano. Ele tinha reunido todo o seu exército; tinha atravessado o mar de Ambrek; tinha esperado ansiosamente; tinha se deleitado com aquele momento e tudo para ser enganado por um pequeno e patético humano.

Andronicus soltou um grito sobrenatural, ele estendeu a mão, pegou o homem e levantou-o para o alto bem acima de sua cabeça e usando sua força incrível, rasgou-o ao meio. O sangue esguichou por todas as partes: sobre a cabeça de Andronicus, sobre seu rosto, sobre seu peito, enquanto o homem, rasgado em duas metades, gritava e gritava. Ele ainda estava vivo, as duas metades do seu corpo ainda estavam se contorcendo, quando Andronicus inclinou-se para trás e lançou-as no abismo do Canyon.

O homem gritou enquanto seu corpo dividido despencava girando sobre si mesmo, mas depois tudo ficou em silêncio quando ele cruzou a linha invisível do escudo de energia. Ele se desintegrou em cinzas.

Andronicus inclinou-se para trás e gritou, foi um grito de desespero, de frustração, que sacudiu todo o reino do Anel. Ele iria encontrar uma maneira nem que fosse a última coisa que ele fizesse.

CAPÍTULO DEZENOVE

Thor andava com Gwendolyn pelo caminho que levava para fora da corte do Rei, através do portão em forma de arco do lado Norte, em direção a estrada que levava para as falésias Kolvian.

Krohn andava feliz ao lado deles. Tinha sido um turbilhão de acontecimentos desde que deixaram o Salão de Armas e Thor ainda estava tentando processar tudo o que tinha acontecido. Houve o

choque da nova força de combate de Gareth, leal a apenas ele; o choque da fragmentação do Exército Prata que agora tinha de permanecer num quartel do exército comum; a divisão entre o reino, a qual ele podia sentir crescendo cada vez mais ao longo do tempo; o traidor, Forg; Gwen sendo nomeada como o próximo governante se Gareth sucumbisse e acima de tudo, os Nevaruns que tinham chegado para tentar roubar-lhe Gwen. Thor tentou não pensar no que poderia ter acontecido se ele e os outros homens não estivessem lá quando eles chegaram. Será que Gwen teria realmente ido com ele? Seria possível que Gareth caísse ainda mais baixo em suas tentativas de mandar Gwen para longe?

Thor estava tão agradecido por ter estado ali para detê-los e mais grato ainda por contar com o apoio de seus colegas soldados. Ele se sentia tão orgulhoso dela. Todos queriam que ela governasse e, na verdade, ele sentia que não haveria melhor governante do que ela.

Mas ele também sentia que seu tempo juntos era precioso e mais agora que a Legião estava se preparando para ser enviada novamente para ajudar a reconstruir as cidades devastadas pela invasão McCloud. Ele sabia que era apenas uma questão de tempo até que ele fosse convocado e enviado junto com os outros. Ele queria aproveitar cada minuto que ele pudesse passar com Gwen.

Acima de tudo, havia ainda a pergunta que mais ardia em sua mente: ela se casaria com ele?

Enquanto caminhavam pelos campos, fazendo o seu caminho lentamente, de mãos dadas, pelas falésias, o coração de Thor estava batendo agitado e sua garganta estava seca. Ele estava pronto para pedir-lhe em casamento; ele queria pedir a mão dela e a cada volta ele se perguntava se aquele era um bom lugar para fazer a pergunta que mudaria suas vidas para sempre. Ele sentia-se envergonhado por não ter uma jóia, um anel ou qualquer coisa de valor para dar a ela. Tudo o que ele tinha era o seu amor. Ele ainda estava com medo de que ela pudesse dizer não. Então o que seria de seu relacionamento? Ele estaria sendo muito pretensioso? Será que ela ainda achava que ele era inferior a ela de alguma forma? Será que alguma vez ela realmente tinha acreditado nisso?

Thor queria pensar que não. Queria pensar que ela responderia com um sim, mas uma parte dele ainda estava insegura.

Ainda assim, havia chegado a hora de perguntar e a cada volta do caminho ele queria fazê-lo.

Mas ele simplesmente não sabia quando seria o momento perfeito.

“Você parece preocupado.” Gwen disse enquanto eles caminhavam.

Thor saiu de seus devaneios.

“Eu, preocupado?” Ele perguntou.

“Sim, você está.” Disse ela.

“Eu lamento.” Ele disse. “Diga-me para onde está me levando.”

“Eu já lhe disse.” Ela disse com um sorriso no canto dos lábios.

“Sua mente não está aqui, está bem longe, não é?”

Ele ficou vermelho.

“Eu sinto muito. Por favor, diga-me novamente.”

“Eu queria levá-lo para um lugar que é importante para mim. Você disse que queria saber mais sobre mim e esse lugar diz tudo. É onde eu passava a maior parte do meu tempo, quando você estava ausente. Ele significa tudo e muito mais para mim. E eu quero compartilhá-lo com você.”

“Eu me sinto honrado.” Ele disse. “Que lugar é esse?”

O sorriso de Gwen se ampliou.

“Você vai ver quando chegarmos lá.”

Ela apertou sua mão com mais força e eles aumentaram seu ritmo. Krohn ronronava ao lado deles enquanto continuavam através dos campos.

O terreno se elevava gradualmente, formando uma vasta colina coberta de flores.

“Nosso tempo é limitado.” Thor disse limpando a garganta, suando enquanto ele ia preparando o terreno para a proposta. “Em breve, eu serei enviado com o resto da Legião, para ajudar a reconstruir os lugares devastados pelos ataques.”

“Eu sei.” Disse ela enquanto seu rosto ficava ensombrecido. “Mas a reconstrução não vai demorar muito. Você estará de volta em questão de dias.”

“Quando eu voltar, eu espero que as coisas estejam mudadas.” Disse ele, quase gaguejando.

“Como assim?” Ela perguntou.

Ele corou e pigarreou várias vezes. Sentia-se como um tolo por estar tão constrangido, tão temeroso naquelas circunstâncias.

“Há uma pergunta que eu tenho vontade de lhe fazer.” Ele finalmente conseguiu dizer.

Ela sorriu de orelha a orelha.

“E?” Ela perguntou. “Qual é a pergunta?”

Thor abriu a boca para falar várias vezes, mas cada vez que fazia isso, sua garganta ficava seca.

Ele corou, envergonhado. Ele nunca havia pedido uma garota em casamento antes e não sabia a maneira certa de fazê-lo.

“Hum...” Ele disse, então começou novamente. “Hã... Eu me perguntava se...”

Gwen finalmente riu.

“Eu não tinha visto você tão escasso de palavras desde que eu o conheci.” Disse ela rindo sem poder se conter.

Thor corou ainda mais, agora não ele já não tinha certeza de que deveria continuar. Ele sentiu que já tinha arruinado o momento.

Eles chegaram ao alto da colina naquele momento e então, surgiu uma edificação diante deles.

Ambos pararam e olharam para ela. Thor ficou mudo de espanto com a surpresa. Era uma das mais belas estruturas que ele já tinha visto. Ela tinha a forma de um círculo perfeito e não era muito alta, talvez tivesse apenas quatro metros de altura e estava construída com uma antiga pedra lavrada, de uma cor branca, brilhante. Seu telhado era totalmente plano, coberto por uma lâmina de ouro brilhante que refletia ao sol. Sua porta era baixa e arqueada, feita do mesmo ouro reluzente.

“É lindo.” Thor disse. “O que é?”

“Você nunca esteve aqui antes?”

Thor abanou a cabeça, sentindo vergonha de ignorar a resposta.

“É a Casa dos Eruditos.” Ela explicou. “Este prédio contém os volumes mais preciosos e raros do nosso reino. Ele abriga a

Biblioteca Real o que vem a ser, em minha opinião, o maior tesouro que o nosso reino possui.”

Gwen segurou sua mão e levou-o até a porta, ao entrar, Thor sabia que havia deixado passar o momento de fazer-lhe o pedido. Ele estava mordendo-se de raiva de si mesmo. Ele teria de perguntar-lhe mais tarde.

Eles chegaram ao prédio e Gwen abriu a porta naturalmente, como se fosse ela a dona do lugar.

Thor entrou e logo foi seguido por Krohn.

Ao entrar, Thor ficou deslumbrado. Enquanto a parede externa estava feita inteiramente de pedra, a parede interna era feita inteiramente de vidro e no interior do lugar havia um pátio circular com um gramado. No centro do pátio havia uma única árvore, uma rara e florida árvore frutífera. A luz se derramava através do vidro, iluminando tudo desde o pátio interno.

Ao longo das paredes internas, até onde era possível ver, havia lombadas de livros, livros antigos, grandes, grossos, com encadernações de couro e prata e encadernações de ouro. Eram os volumes mais exóticos e preciosos sobre os quais Thor já tinha posto os olhos. Eles brilhavam, pareciam obras de arte.

“Este lugar é magnífico.” Thor disse. “Você já leu todos esses livros?” Ele perguntou deslumbrado.

Gwen jogou a cabeça para trás e riu.

“Quem dera.” Disse ela. “Eu bem que tentei. Foi aqui onde eu passei uma boa parte de meus dias. Meus irmãos sempre zombavam de mim por ser rato de biblioteca. Mas esta é uma parte muito importante da minha vida.”

De repente algo veio à mente de Thor.

“Então é por isso que seu pai a escolheu como sucessora.” Ele disse. “Ele achava que você era a mais inteligente.”

Gwen olhou para trás, piscando várias vezes, como se estivesse considerando isso pela primeira vez. Ela encolheu os ombros.

“Eu não sei. Meus irmãos também são bastante inteligentes.”

Mas Thor poderia dizer que ela estava apenas sendo humilde. Ao vê-la naquele lugar, ver como ela se sentia à vontade ali, agora ele a via sob uma nova luz; ele via pela primeira vez como ela era culta.

Ele podia ver a inteligência brilhando em seus olhos, e de repente, tudo fez sentido para ele.

Ele podia ver que Gwendolyn tinha sua própria fonte de energia. O conhecimento. Ela tinha sabedoria muito além do que Thor jamais poderia esperar atingir. Era inspirador. Ele nunca teria esperado isso dela, dada a forma como ela era bonita e dado que as mulheres daquele reino raramente recebiam uma educação acadêmica.

“Você está atrasada para a primeira lição do dia.” Disse uma voz.

Thor virou-se e viu um homem idoso andando em direção a eles, seu rosto estava coberto de rugas, seus cabelos eram completamente grisalhos, ele trajava as vestes reais roxas e verdes do Conselho Real. Ele era um pouco encurvado e mancava lentamente, apoiava-se em uma bengala cuja ponta de ouro ecoava quando tocava o chão de pedra. Ele sorria calorosamente para Gwen e ao fazê-

lo, seu rosto se enrugava formando um milhão de sulcos.

Gwen limpou sua garganta.

“Thor, eu lhe apresento Aberthol. Ele é o Erudito Real. Ele foi conselheiro de meu pai e de meu avô.”

“E do pai de seu avô.” Aberthol acrescentou com sua voz rouca, sorrindo. “Mas não do novo rei MacGil.” Ele acrescentou ficando sério. “Não mais, de forma alguma.”

Gwen olhou para ele, em estado de choque.

“É mesmo?” Ela perguntou.

Ele assentiu com a cabeça.

“Desde ontem. Era demais. Eu já não podia sofrer mais suas indignidades. De todas as maneiras, ele já se cercou de um novo Conselho. Gente jovem. Todos eles parecem empenhados em aconselhá-lo mal. Eu ainda me apresento nas reuniões do conselho, mas para mim isso agora é apenas uma formalidade.”

Aberthol balançou a cabeça tristemente.

“Seu pai deve estar se revirando no túmulo.” Disse ele. “Isso não augura nada de bom para o Anel. Não augura nada de bom, de jeito nenhum. Quando o conhecimento e a sabedoria são substituídos por ignorância e arrogância, é apenas uma questão de tempo até que a Corte entre em colapso e com ela o reino. Pois, afinal, sobre o que

se deve construir uma corte e um reino se não for sobre conhecimento e sabedoria? Tudo o mais: armas, soldados, riqueza e poder, tudo isso vem como consequência. A sabedoria é a base de qualquer reino. Nunca se esqueça disso Gwendolyn.”

Ela assentiu com a cabeça enquanto ele a estudava.

“Ouvi dizer que governará.” Ele acrescentou.

Gwen arregalou seus olhos de surpresa.

“Como você soube disso?” Ela perguntou.

Ele sorriu de volta.

“Eu não estou desprovido de meus recursos...” Ele disse. “... Mesmo sendo um homem idoso. As notícias viajam rapidamente na Corte do Rei. Muito rapidamente. No entanto, nesse caso, é uma notícia que eu estou feliz em receber. Eu sempre soube que você daria um grande governante. Ainda maior do que o seu pai.”

Gwen corou e olhou para o chão.

“Eu não sou governante de nada ainda.” Disse ela. “Meu irmão ainda reina. E não há nenhum sinal de que ele vá deixar o cargo.”

Aberthol deu de ombros.

“Uma maçã com o seu centro podre não pode durar tanto tempo.” Ele disse. “Ou ele cai, ou cai o reino primeiro. Ambos não poderão resistir. Descarte sua humildade. Comece a preparar-se. Nosso Anel precisa de você. Agora não é o momento para mostrar mansidão. Agora é o momento para uma demonstração de força. Abrace o seu papel. Permita que os seus compatriotas derivem força de você.

Faça o que seu pai desejava que fizesse. Não se trata mais de você. Trata-se *delas*. Das pessoas.

Daqueles que ficarão sem um governante.”

Gwen assentiu com a cabeça.

“Eu farei o que estiver ao meu alcance para ajudar meu povo.” Disse ela.

Aberthol virou-se e olhou para Thor. Ele abriu os olhos bastante enrugados apenas o suficiente para realmente olhar para ele.

“E você é o recém-chegado.” Ele disse. “MacGil se afeiçoou a você. Eu posso ver o porquê. Há inteligência em seus olhos. Ela lhe será útil. Nunca se esqueça disso. Não pense que você pode contar

apenas com a força dos braços. Ou com a feitiçaria. A inteligência é o fator determinante.”

Thor baixou a cabeça.

“Sim, Excelência.” Ele disse calmamente.

“Você está em desvantagem.” Ele disse para Thor. “Você foi criado como um camponês, sem ter acesso à Biblioteca Real. Mas, novamente, poucas pessoas no Anel tiveram. Aprenda com Gwen.

Deixe que ela lhe ensine. Aproveite o que ela tem para oferecer-lhe. Você tem a sorte de ter encontrado este lugar agora e não mais tarde na vida. Contemple todo o conhecimento aqui. Conheça a história do Anel e conheça-a bem. Sem conhecimento, sem história, você não é nada mais do que um recipiente vazio.”

Com isso, Aberthol virou-se e passou roçando por eles, sua bengala ecoava enquanto ele se afastava.

“Lembre-se sempre, Gwendolyn.” Disse ele, sem se virar, enquanto continuava andando. “Esses livros vão salvá-la.”

Thor se virou e olhou para Gwen, oprimido. Os olhos dela estavam brilhando para ele. Quando Aberthol estava fora do alcance da voz, ela disse baixinho: - Desculpe-o, ele pode ser intenso. Ele não perde tempo com trivialidades. “Jamais.”

“Não há nada que desculpar.” Thor disse. “O que ele disse em poucos minutos foi suficiente para me fazer pensar por toda a vida.”

Gwen riu. Ela estendeu a mão, tomou a mão de Thor e levou-o pelo corredor. Ela guiou-o ao redor do círculo amplo, passando por pilhas de livros. Em seguida eles chegaram até uma escadaria circular e estreita feita de pedra, a qual os levava ao subsolo, às entranhas do lugar.

Thor a seguiu deslumbrado. Havia outro andar subterrâneo. Enquanto caminhavam, a escada continuava e eles desciam piso após piso e todos cheios de livros, para poder chegar ao nível subterrâneo mais profundo, provavelmente uns dez andares mais abaixo. Thor estava espantado.

Aquele lugar era muito grande. Labiríntico.

“Todos esses livros...” Disse Thor, recuperando o fôlego para acompanhar Gwen enquanto ela saltava pelos degraus, como se estivesse em casa. “... Fiquei impressionado com o número de livros

simplesmente, no primeiro andar. Mas o número de pisos aqui parece nunca ter fim.”

Gwen riu.

“Sim, a biblioteca é extensa. Mas lembre-se, estamos lidando com setecentos anos de Reis MacGil. O conhecimento é tão vasto e profundo como a história, como a família do próprio Anel.

Este edifício também abriga textos antigos de todos os lugares do Império, os quais remontam a milhares de anos, dos quais nós somos os guardiões. Nós somos os detentores da verdade antiga.

Essa é uma das razões pelas quais o império está tão decidido a esmagar-nos. Eles querem acabar com a história. Para poder reescrevê-la. Enquanto nós a preservarmos aqui, eles jamais poderão fazer isso.”

Eles chegaram ao piso final, Thor seguia Gwen, logo eles passaram por um corredor de pedra, iluminado a cada poucos metros por tochas. Gwen retirou uma delas da parede, eles percorreram vários corredores até chegarem a uma pequena sala nos fundos.

Ao entrarem, ela acendeu várias tochas ao longo das paredes, até que a sala pequena e acolhedora ficou completamente iluminada. Ela colocou sua tocha na parede e levou Thor para um assento confortável e grande o suficiente para duas pessoas, frente a uma mesa de carvalho antigo que se encontrava no centro da sala. Sobre a mesa, havia espalhadas várias pilhas de livros. Thor dificilmente poderia esquecer aquele lugar. Somente os livros que havia sobre a mesa já eram o suficiente para a leitura de toda uma vida e pela forma como Gwen começou a organizá-los, ele percebeu que era bem provável que ela estivesse muito familiarizada com todos eles.

Gwen estendeu a mão e abriu um livro de grandes dimensões, ele continha mapas antigos. Thor se inclinou ao lado dela e passou a mão ao longo das páginas finas e enrugadas, sobre o relevo da tinta, seguindo as trilhas dos rios, das montanhas. Aquele mapa era uma verdadeira obra de arte.

“Você conhece a nossa antiga linguagem?” Gwen perguntou. “A antiga língua do Anel?”

Thor abanou a cabeça, envergonhado.

“Não se sinta mal por isso.” Disse ela. “Não há nenhuma razão para isso. A maioria não sabe.

Ela é ensinada à família real como uma coisa natural. Fora isso, muitas vezes é do domínio de eruditos e reis. Eu gostaria de ensiná-la a você, se você desejar aprender.”

“Eu gostaria muito.” Thor disse, animado com a ideia. Thor sempre apreciou o conhecimento, mas nunca tinha tido acesso a ele em sua humilde aldeia. Ele, em particular, nunca tinha tido a oportunidade de aprender qualquer coisa, como por exemplo: a antiga língua, que ele sabia ser a linguagem dos Reis por centenas de anos. A ideia de aprender o deixava emocionado.

“Isso é ótimo.” Disse ela. “... Porque a maioria desses livros está escrito nessa linguagem. Sem ela, seria muito difícil retroceder por uns escassos três anos. Os tesouros que eles revelam são infundáveis.”

Gwen virou as páginas pesadas até que chegaram a outro mapa. Ele era ainda mais complicado, desenhado em todas as cores, com marcas que se destacavam na página. A terra que expunha era muito bonita. Thor nunca tinha visto um livro como aquele em sua vida.

“Que lugar é esse?” Ele perguntou.

“Na outra noite, quando você estava me contando sobre sua mãe.” Disse Gwen. “Você me deixou curiosa. Eu não posso suportar enigmas; eu sempre preciso chegar ao fundo das coisas.

Quando você me disse que nunca a conheceu e que você não sabia quem ela era ou onde ela estava, isso despertou minha curiosidade. Eu tenho estado fazendo pesquisas para você sobre a Terra dos Druidas.”

O coração de Thor deu um salto quando ele se inclinou para mais perto.

“Eu encontrei esses mapas antigos.” Disse Gwen. “Eu acho que esta é a terra onde sua mãe vive.”

Thor se inclinou, ele estava fascinado enquanto olhava para os mapas com todo um novo senso de significado. Ele via as letras antigas e embora ele não conseguisse entender a língua antiga, ele

supôs que descreviam a Terra dos Druidas. Ele passou o dedo sobre cada linha, o azul do oceano, o vermelho das falésias. Ele viu no mapa um castelo azul, azul brilhante, elevado no topo de uma falésia, rodeado por um mar vasto e vazio. Havia uma longa passarela de pedra que conduzia ao castelo, ela se curvava sobre o vazio. Thor podia sentir a magia irradiando daquele lugar.

“O Castelo de Lira.” Disse Gwen. “Dizem que é um lugar antigo e sagrado. Ele encontra-se no centro da Terra dos Druidas. Acho que esse é o lugar onde sua mãe vive.”

Thor passou o dedo sobre ele e podia sentir uma intensa energia percorrendo seu braço, de repente, ele soube que Gwen estava certa. Ele sentia em cada célula de seu ser que aquele era realmente o lugar onde sua mãe estava. Thor sentiu um desejo ardente de conhecê-la, o desejo era mais forte do que nunca. Ele *tinha* de conhecê-la.

“O que ele diz sobre os druidas?” Thor perguntou curioso.

Gwen deslizou os dedos sobre outro livro. Esse era curto e grosso e não tinha ilustrações. Ela folheou as páginas pesadas e enrugadas, lendo um texto que Thor não entendia, de repente, ela parou no meio da leitura, virando as páginas mais rápido do que Thor imaginava ser possível. Logo ela começou a correr os dedos pela borda do livro, até que enfim ela parou.

“Os druidas são um povo amável e gentil.” Ela começou a ler em voz alta. “Mas eles também podem ser ferozes. Seus poderes não provêm de armas, nem de armaduras, mas da feitiçaria. Os druidas são diferentes de outros feiticeiros. No entanto, seus poderes são mais misteriosos, distantes.

Eles e a natureza são um só. É muito comum que um druida atraia todos os tipos de animais, os quais serão mais do que um companheiro próximo. Os animais são como uma extensão do druida. Porque o druida está em total harmonia com a natureza. Os druidas mais avançados podem controlar a natureza, podem controlar animais, insetos, podem controlar todas as forças da natureza ao seu redor.”

Enquanto Gwen lia, Thor sentiu um choque eletrizante, pensando na batalha contra os McClouds, em sua capacidade de convocar

aquelas abelhas, mesmo sem querer. Ele sentiu a verdade no que ela estava lendo.

“O poder de um mestre druida é quase infinito. No auge de seu poder, um druida não pode ser vencido por nada nem por ninguém, na natureza ou na terra. Porém são poucos os druidas que alcançam tal nível de poder.”

Thor pensou sobre isso e percebeu que seu poder era imperfeito. Ele não surgia sempre que ele o invocava e nem sempre funcionava. Thor também parecia se cansar rapidamente depois de usá-lo.

Ele se perguntava se isso era porque ele também era humano. Será que o seu poder trazia o mistério como uma imperfeição? Ele sentia que sim.

Quando Gwen fechou o livro, Thor não já não podia estar tão certo sobre quem ou o que ele era, ou qual era o seu lugar no mundo. Ele era um druida? Ele era um ser humano? Ele sentia como se estivesse preso entre dois mundos, talvez ele fosse um mestiço e não um verdadeiro druida, mas tampouco era um verdadeiro humano. Ele se perguntava se Gwen baixaria seu conceito sobre ele por causa disso.

“Eu creio que você me considera diferente dos demais.” Ele disse para ela.

Ela abanou a cabeça.

“Não, é claro que não.” Ela disse suavemente.

“Porque tudo o que eu quero é ser como você.” Thor disse. “Ser humano. Ser normal. Eu sou grato por todos os poderes que eu tenho, sejam eles quais forem. Entretanto, eu nunca pedi para tê-los. Eu só quero lutar de forma justa, como qualquer outro guerreiro. Eu só quero treinar e tornar-me grande, com base em meus próprios esforços. Eu sinto como se eu estivesse cometendo uma traição quando eu invoco um poder.”

Gwen abanou a cabeça.

“Você não está fazendo nada de errado.” Disse ela. “Isso é parte de você. Você está destinado a ser quem você é por uma razão. Todo destino tem um propósito. Não aceitar plenamente quem você é, isso sim seria errado. Isso seria rejeitar o destino. Nós nascemos com nossos poderes especiais por alguma razão. E nós nascemos

com nossas limitações por alguma razão também. Elas nos fazem mais fortes.”

Gwen estendeu a mão e agarrou outro livro, um belo livro grosso, coberto com uma placa de ouro e prata e deslizou-o para Thor. Thor estendeu a mão e segurou-o com ambas as mãos, ele olhou para a incrível encadernação com o emblema do falcão, da família MacGil e ele sentiu uma tremenda energia que provinha dela.

“O que é isso?” Ele perguntou.

“*As Crônicas do Anel.*” Ela respondeu. “Ele foi escrito há quase mil anos. Ele não só ilustra toda a história dos MacGils, como também conta a história da Grande Divisão. Remonta aos tempos em que o Anel era um reino. Antes das Highlands. Antes dos McClouds. Ele remonta até mesmo à era anterior ao Canyon. Quando o Império era um só. Quando não havia divisão.”

Thor olhava deslumbrado para o livro.

“Mas também vai mais além, ele avança no futuro. Dizem que ele foi escrito por um conselho de sábios, místicos e feiticeiros. Esse conselho sabia tudo, via tudo. E registraram tudo neste livro. Eles falam sobre coisas que estão acontecendo nos dias de hoje. Eles falam de sete gerações de Reis MacGil. Eles previram que o sétimo traria um grande mal sobre o Anel. Eles não mencionam Gareth pelo nome, mas eles o descrevem em ação.”

Thor olhou para o livro com um novo respeito. Ele abriu sua capa pesada e folheou suas páginas, enrugando a testa enquanto prosseguia, passando a mão ao longo da escritura antiga copiada à mão, a qual ele não conseguia entender.

“O que mais ele diz?” Ele perguntou.

“Ele fala do oitavo governante MacGil.” Disse ela. “Ele diz que ele vai trazer destruição para o Anel como nenhuma que já conhecemos. No entanto, ele também irá trazer grandes mudanças e a Paz Suprema. É uma profecia misteriosa. Todas as outras são claras, mas esta é vaga. Eu não a entendo.

Nem Aberthol. Se Argon a entende, ele não está nos dizendo. Eu verifiquei todas as fontes, no entanto, não pude interpretá-la claramente. Nosso melhor palpite é que este livro ainda não foi concluído.”

Gwen estendeu a mão, fechou o livro e olhou profundamente nos olhos de Thor com uma intensidade jamais vista por ele. Seus olhos brilhavam com essa informação.

“Você entende o que significa?” Ela perguntou. “Se eu tiver de governar, eu serei o oitavo governante MacGil. A profecia se refere a mim. Não quero ser o arauto da destruição. Esta profecia, ela me assusta. Eu não posso evitar, mas eu me sinto como se fosse um dente na engrenagem do destino; como se eu estivesse destinada a trazer alguma grande desgraça sobre o meu povo, sem importar o quanto eu tente evitá-la. A menos, claro, que eu esteja morta e o oitavo governante MacGil seja alguém mais.”

Thor ficou lá, tentando seguir seu raciocínio rápido, sua profundidade de conhecimento, o jeito com que ela saltava de um livro para outro com uma destreza jamais vista por ele. Ele tentava processar tudo e estava prestes a fazer-lhe mais perguntas, quando de repente, uma corneta soou bem alto, acima deles. O som provinha do último andar do edifício e ecoava pela escada em espiral, percorrendo-a até chegar à câmara onde se eles encontravam.

De repente Gwen ficou de pé, ela parecia alarmada.

“Aberthol.” Disse ela. “Ele nunca toca a corneta a menos que seja urgente, a menos que alguém tenha vindo aqui por mim.”

Ela saiu correndo da sala e os dois subiram os lances de escadas, circulando por todo o caminho até o topo, em seguida, continuaram pelo corredor e saíram pela porta da frente, sempre seguidos por Krohn.

Thor levantou as mãos para proteger-se da forte luz do sol e entreteceu seus olhos, enquanto tentava distinguir as figuras diante dele. Ele ficou surpreso ao ver seus amigos: Reece, O’Connor, Elden e os gêmeos, juntamente com vários membros da Legião, ali, a cavalo, esperando por ele.

“Lamentamos interrompê-los neste momento.” Reece disse. “Mas são ordens de Kolk.”

Precisamos ir. A Legião foi designada para a reconstrução. Esquadrões já estão começando a formar fileiras e você é o capitão agora. Eles não vão sair sem você.”

Thor sentiu seu estômago revirar ao pensar em deixar Gwen, mas ele acenou com a cabeça para os outros.

“Eu vou estar lá em breve.” Thor disse. “Vão em frente sem mim.”

Reece assentiu demonstrando compreender e juntou-se aos outros, eles se viraram e partiram a galope, fazendo o caminho de volta descendo a colina.

Thor se virou para Gwen e viu o sofrimento em seus olhos. Era o seu último momento antes de partir. Ele precisava fazer a pergunta. Agora, mais do que nunca. Mas ele via a tristeza nos olhos dela e não sentia que aquele fosse o momento certo.

“Você estará a salvo sozinha?” Thor perguntou.

Ela assentiu com a cabeça, bastante séria.

“Eu estarei bem.” Disse ela. “Não se preocupe comigo.”

“Mas você não pode ficar no castelo.” Thor disselhe preocupado. “Não com Gareth lá. Não é seguro.”

Ela abanou a cabeça.

“Eu vou ficar no castelo de minha mãe. Ninguém sabe dele. Eu esperarei seu regresso lá.”

“Quando eu voltar, caso você ainda não haja encontrado uma maneira de destituir Gareth, nós fugiremos deste lugar juntos. Eu vou levá-la para um lugar seguro.”

“Não há nada para se preocupar.” Disse ela. “Gareth tentou me mandar para longe e ele falhou.

Não há nenhuma maneira de que ele possa me prejudicar agora. Há muitos soldados cientes de sua traição. Eu vou estar bem. E você vai estar de volta em um curto período de tempo.”

“Permita-me pelo menos deixar Krohn com você.” Thor disse.

Krohn, ao lado deles, choramingou e pulou para cima de Gwen, lambendo-a.

“Ele vai cuidar de você aqui, na minha ausência.” Acrescentou Thor. “E quando eu voltar, nós vamos estar juntos. E desta vez para sempre.”

Thor se inclinou e beijou-a e ela o beijou de volta. Ele se sentiu transportado por aquele beijo e a segurou enquanto pôde. Uma

brisa fresca passava entre os dois e ele queria que aquele momento durasse para sempre.

Ela se afastou lentamente. Havia lágrimas nos olhos dela.

“Eu a amo.” Thor disse.

“Eu amo você também.” Ela respondeu.

CAPÍTULO VINTE

Gwen ficou ali, em frente à Casa de dos Eruditos e observava enquanto Thor, mais uma vez, cavalgava em direção ao horizonte até desaparecer, acompanhado pelos membros da Legião. Mais uma vez, ela sentia um vazio no estômago. Ela não abrigava o mesmo sentimento de desespero que sentiu quando ele tinha partido para A Centena; dessa vez era diferente, já que pelo menos ele estaria voltando para casa em breve e não estaria arriscando sua vida em um lugar perigoso. Ele estaria simplesmente ajudando a reconstruir as aldeias perto de casa. Ele também estaria rodeado de amigos leais e ela estava confiante de que ele estaria seguro. Ela, por sua vez, tinha Krohn ao seu lado, tinha o castelo de sua mãe para esconder-se e tinha os outros soldados como respaldo, agora pelo menos eles estavam cientes da profundidade da traição de Gareth.

Ainda assim, ela não podia deixar de sentir-se oprimida por um sentimento de tristeza, de saudade. De certa forma, era mais difícil dessa vez. Ela o amava mais. Mais do que jamais havia amado alguém. Ela o amava com um amor que era difícil de explicar, um amor que nem mesmo ela entendia. Ele era tão gentil, sensível, leal, protetor e digno. Era doloroso vê-lo partir. Ela queria estar perto dele o tempo todo. Ela levou a mão ao seu ventre e novamente sentiu que levava um filho dele. A cada movimento, a cada gesto que ela fazia, ela sentia que seu corpo estava diferente. Ela sentia uma energia propagando-se dentro dela, uma sensação de onipresença. Ela sentia uma sensação de paz. E isso fazia com que ela sentisse ainda mais a falta de Thor.

E mesmo que ele estivesse saindo para uma missão de paz em tempos tão turbulentos, nunca se sabia o que poderia acontecer, mesmo estando perto de casa, mesmo em uma missão de paz. Uma

parte dela temia por ele e uma parte dela ainda temia por si mesma. Ela havia estado muito perto de ser levada pelos Nevaruns e isso a tinha deixado muito abalada. A traição de Gareth nunca deixava de surpreendê-la e mesmo sentindo-se apoiada pela demonstração de força do Exército Prata e dos homens do rei, ela ainda temia seu irmão. Ela ainda estava em perigo ali. Ficar no castelo de sua mãe, por enquanto, lhe proporcionaria alguma segurança, mas não a longo prazo. Ela percebeu que teria de encontrar junto com Godfrey, uma maneira legal de destituir Gareth em breve, do contrário, ela teria de deixar aquele lugar de uma vez por todas.

Mais do que nunca, Gwen precisava ver Argon para saber o que o futuro traria, no entanto, ela sabia que procurá-lo seria um desperdício de tempo. Ele aparecia quando e se quisesse, se ele não o fizesse, ela nunca iria encontrá-lo.

Então, ao invés de buscá-lo, Gwen decidiu atravessar a colina, observando Thor enquanto ele desaparecia ao longe. Krohn ganiu a seu lado e encostou-se em sua perna, praticamente grudando nela; ela olhou para baixo e sorriu para ele e Krohn lambeu-lhe a mão enquanto ela lhe acariciava a cabeça. A presença de Krohn ali a confortava de uma maneira indescritível, era como ter uma parte de Thor com ela. Ele estava se convertendo em um leopardo adulto e enquanto ele ainda era apenas um gatinho aos olhos dela, ela podia ver pelos olhares assustados dos outros de que ele era visto por eles como uma besta selvagem.

Ela olhou para cima e enxugou uma lágrima enquanto observava o contingente de Thor desaparecendo no horizonte, engolido por uma nuvem de poeira.

“Um horizonte de sonhos desvanecidos.” Disse uma voz.

Gwen não precisou se virar para saber de quem era aquela voz. Ela sentiu-se invadida por uma sensação de alívio. Argon.

Gwen virou-se lentamente e o viu ali, ao lado dela, a poucos metros de distância, vestindo seus trajes, segurando seu cajado e olhando para o horizonte como se também estivesse observando Thor partir. Ela não sabia como ele tinha chegado ali. Ele era um mistério para ela. Mas ela se sentiu confortada pela presença dele.

Ela se virou, olhando para o horizonte ao lado dele e sorriu.

“Muito obrigada por estar aqui.” Disse ela. “Você deve ter sentido que eu desejava vê-lo.”

“Eu sempre respondo quando um rei me chama.” Ele disse. “Sempre que for uma verdadeira convocação. Sempre que ela provir de um verdadeiro rei.”

Ela olhou para ele assustada com suas palavras, mas ele continuou a observar o horizonte, sem expressão nenhuma em seu rosto.

“Está dizendo que eu governarei?” Ela perguntou.

“Você sabe a resposta muito bem.” Ele respondeu.

“E o que será de meu irmão, Gareth?” Ela insistiu.

O rosto de Argon ficou sombrio, ele franziu levemente o canto dos lábios.

“Seu reinado parece ser eterno. Mas não permanecerá assim. Aquele que assume o trono derramando sangue deve pagar o seu preço com sangue. Há sempre um preço a pagar por tudo.”

Ele virou-se e olhou para trás, a intensidade de seus olhos a obrigou a desviar o olhar.

“Você se lembra de quando fez aquele voto?” Ele perguntou. “O voto de dar sua vida por Thor?”

Ela assentiu com a cabeça, uma lágrima estava se formando no canto dos olhos. Ela não queria morrer naquele momento, não tão rápido.

“Os votos têm um preço muito alto.” Ele recordou-lhe. “Antes de pagá-lo muita coisa deverá ocorrer. Haverá um grande futuro para você. Mas haverá um pouco de morte, em primeiro lugar.” Ele disse. “Fortaleça a si mesma e não se deixe abalar. Você vai precisar de força agora. Mais do que você já precisou em sua vida. Se você puder sobreviver ao que está por vir, você será capaz de sobreviver a qualquer coisa.”

Gwen tremia por dentro, ela sentia sua pele gelar.

“Suas palavras me assustam.” Disse ela.

“Mas você deve aprender a temer.” Ele disse. “Governantes devem ser destemidos, mas eles também devem temer.”

“Por favor...” Ela rogou. “... Diga-me o que eu devo temer. Dê-me algum aviso.”

“Se eu fizesse isso, mudaria seu destino. Isso não é possível. Pelo seu próprio bem. E pelo bem do Reino. Você conhece sua história. Precisa que eu lhe recorde? Os ciclos dos sete sóis. Os alinhamentos de sete luas. Acontecem uma vez a cada mil anos. E quando isso vai acontecer novamente?” Ele perguntou.

Gwen forçava seu cérebro, percorrendo mentalmente todos os volumes de história que ela tinha assimilado, todas as antigas profecias que tinha lido.

“Os eventos do sol e da lua, dos quais você fala acontecem no próximo ciclo solar.” Disse ela.

“Mas semanas depois.”

Argon assentiu com a cabeça, satisfeito.

“Sim, muito bem. Muito bem mesmo. Você será um governante muito mais sábio do que seu pai.

Na verdade, muitas gerações passaram para que os MacGils tivessem um governante como você.

Então você sabe o que está por vir.”

Gwen franziu a testa.

“Mas eu pensei que essas antigas profecias eram apenas parábolas, metáforas. Eu não achava que elas tivessem sido feitas para serem interpretadas literalmente. Eu fui ensinada que elas estão abertas à interpretação.”

“E quem pode dizer qual é a versão correta?” Argon perguntou.

Gwen arregalou os olhos.

“Está dizendo que é tudo verdade? Que o anel chegará ao fim em questão de semanas? Que as antigas profecias se cumprirão?”

Argon virou-se e olhou para o horizonte por um longo tempo, então, finalmente, ele suspirou.

“O Anel vai chegar a um fim, tal como já sabemos. Vivemos em um tempo de grandes mudanças.

Mudanças maiores do que você possa imaginar. Tudo o que você conheceu antes, vai ser diferente.

Haverá um tempo de tremenda escuridão. E um tempo de grande luz, se alguém puder sobreviver à escuridão.”

A mente de Gwen dava voltas enquanto ela tentava processar a gravidade de suas palavras.

“Caberá a você conduzir o seu povo através da escuridão.” Ele disse. “Prepare-se para essa tarefa.”

Argon virou-se para ir embora, Gwen estendeu a mão e agarrou-lhe o ombro.

“Espere!” Ela exclamou.

Mas ela sentiu um ardor em sua mão e puxou-a de volta, a energia que provinha dele era tão intensa que ela não poderia suportá-la.

“Por favor! Antes de ir embora, diga-me uma coisa.”

Ele se virou e olhou fixamente para ela.

“A resposta é sim.” Ele disse antes que ela pudesse sequer abrir a boca. “Você leva em seu ventre o filho de Thor. Ele mudará sua vida.”

Antes que ela pudesse perguntar-lhe algo mais, de repente, ele desapareceu.

Ela virou-se e olhou por todos os lugares em busca dele, mas não viu nada, exceto um único pássaro, que gritava bem alto no ar, voando para cada vez mais longe.

Gwen virou-se e olhou para o nada sobre a grande extensão do Anel, sua mente viajava. Ela estendeu a mão e sentiu a vida em seu ventre.

O filho de Thor.

Era uma realidade.

CAPÍTULO VINTE E UM

Thor cavalgava com uma dúzia de membros da Legião em um trote relaxado pela estrada bem pavimentada, eles já haviam cavalgado por meio dia desde que tinham deixado a Corte do Rei.

Cavalgando ao lado dele iam: Reece, O’Connor, Elden e os gêmeos, juntamente com meia dúzia de membros da Legião que Thor tinha acabado de conhecer. Eles foram designados por Kolk para reconstruir aldeias ao redor da Corte do Rei. A Legião tinha sido

dividida em grupos de dez e Thor tinha sido nomeado para liderar seu grupo para a aldeia de Sulpa, a qual se encontrava a menos de um dia de viagem ao Sul e havia sido duramente atingida pelo ataque dos McCloud.

Era uma sensação estranha para Thor estar caminhando de volta por aquela estrada tão familiar, que também levava a sua cidade natal. Era especialmente estranho estar viajando por ela depois de sua conversa com Gwen sobre sua mãe. Ele se perguntava se o universo não estaria lhe dando um sinal.

Eles chegaram a um cruzamento importante, a uma bifurcação na estrada e Thor conduziu seus homens pelo caminho esquerdo, desviando-se do caminho que teria levado diretamente a sua cidade natal. Seu destino o estava levando por caminhos diferentes. Ao tomar o caminho para Sulpa, Thor não pôde evitar olhar para trás, por cima do ombro, para a antiga estrada familiar. Ele pensou em sua casa e se perguntou o que seu pai estaria fazendo lá naquele momento. Ele se perguntava se ele sentia sua falta. Provavelmente não. Ele provavelmente tinha saudades de seus três outros filhos; ele provavelmente supunha que eles eram as estrelas da Legião. Ele ficaria surpreso ao ouvir como Thor tinha tido sucesso. Thor tinha certeza de que ele jamais acreditaria.

Thor afastou esses pensamentos de sua mente, em vez disso, ele pensou em Gwendolyn. Seu toque permanecia com ele, os dois haviam se separado há apenas algumas horas, mas ele ainda sentia como se ela estivesse ali com ele. Ele estava distraído, achava difícil pensar em outra coisa. Doíalhe tê-la deixado ali e ele também sentia a ausência de Krohn, de quem ele não tinha estado afastado desde que o havia encontrado. Thor sentia que era como se ele tivesse deixado uma grande parte de si mesmo lá na Corte do Rei. E apesar de que Krohn estava com Gwendolyn, ele não podia deixar de temer pela segurança dela. Ele resolveu terminar aquela missão rapidamente e voltar para ela assim que pudesse.

Thor estava com raiva de si mesmo por não reunir a coragem de fazer-lhe a pergunta. Por que era tão difícil? Ele decidiu que quando voltasse, a primeira coisa que ele faria, fosse a hora certa ou não,

seria pedi-la em casamento, sem importar as circunstâncias. Ele só tinha de forçar-se a fazê-lo.

Ele estava começando a perceber que não existia o tal momento perfeito. Se ela dissesse que não, então seria não. Mas pelo menos ele tentaria, ele tinha de enfrentar esse medo.

“Qual é mesmo o nome desse lugar?” O’Connor perguntou enquanto eles cavalgavam.

Thor saiu de seus devaneios.

“Kolk disse que é Sulpa.” Thor disse. “Uma pequena aldeia, mas em uma localização estratégica, entre os vales.”

“Aparentemente ela foi atacada ferozmente.” Reece acrescentou.

“Bem, eu não vejo por que precisamos ir lá e limpar todo o desastre.” Disse Elden. “Nós certamente temos coisas melhores a fazer, como por exemplo, treinar.”

“Cada cidade é um elo na corrente.” Respondeu Reece. “Nós não queremos que nenhum de nossos elos seja fraco. Além disso, este é o nosso povo. Nós devemos isso a eles.”

“Não é bem assim.” Conval disse. “Nós somos guerreiros e não construtores. Nosso dever é para com o reino, temos o dever de protegê-lo de ameaças e o dever de matar nossos atacantes.”

“Parte do dever de proteger o reino é mantê-lo forte.” Respondeu Reece. “Nós o protegemos não somente repelindo nossos atacantes, mas também fortificando nossas cidades contra ataques.”

Os rapazes cavalgaram em silêncio por um tempo e enquanto isso, a paisagem começou a mudar. As belas colinas verdes deram lugar a uma paisagem desolada e poeirenta. Era como caminhar através de um deserto. O contraste entre os dois terrenos era gritante. Os galhos caídos da vegetação formavam rolos de três metros de altura, eles rolavam com o vento e se prendiam a tudo.

A estrada desaparecia no meio da poeira e ficava difícil manter a visibilidade do caminho por onde eles estavam indo. Thor não gostava de como as coisas se viam.

“Este é o único caminho que há?” O’Connor perguntou.

Thor estendeu o mapa que Kolk tinha lhe dado e olhou para ele novamente.

“Isso é o que diz o mapa.” Ele respondeu. “Kolk nos avisou. Ele disse que haveria um trecho árido. A vila está cercada por este deserto. Em seguida, as terras passam a ser férteis novamente.”

Thor olhou para os rostos apreensivos de seus irmãos, os quais estavam espalhados ali e percebeu que aquela era a hora de ele assumir seu papel de líder. Era a hora de fazê-los sentir que estavam sendo conduzidos com confiança e tranquilizá-los.

“Simplesmente permaneçamos juntos e nós estaremos bem.” Thor ordenou. “Nunca se sabe o que pode aparecer por estes lados.”

Os outros respeitaram a ordem de Thor e a acataram imediatamente estreitando a formação e cavalgando muito mais próximos. Todos eles ficaram mais alerta e bastante nervosos enquanto um estranho e agudo vento uivava através do vasto deserto. Thor tinha ouvido histórias sobre aquela área erma. Ele não queria que seus homens fossem outras vítimas dela.

Eles cavalgaram por várias horas em silêncio e quando o segundo sol já estava há muito tempo no céu, apareceu no horizonte o primeiro vislumbre de terra fértil novamente. Thor exalou com alívio. Eles haviam conseguido chegar sem incidentes.

“Se importa se eu fizer uma parada?” Reece perguntou.

Os outros se viraram e olharam para ele e Reece apontou para uma pequena caverna, situada em uma grande rocha na paisagem vazia.

“Eu preciso ir.” Ele disse. “Eu já não posso aguentar mais.”

Thor deu de ombros.

“Vá, faça o que você necessita fazer.” Ele disse.

Thor ficou lá, em seu cavalo, impaciente sob o calor do lugar, um grande rolo espinhoso passou rolando por ele farfalhando com um ruído alto. Ele se encolheu, estava muito nervoso. Aquele lugar era assustador. À sua volta, seus homens portavam armas, em guarda. Thor ficou aliviado ao ver que ele não era o único cauteloso ali.

“Então, o que você acha que acontecerá com o Anel?” Elden perguntou para Thor. “Você acha que os homens de Gareth vão...”

Um grito cortou o ar, Thor desmontou imediatamente e o mesmo fizeram os outros, ele desembainhou a espada e correu para a caverna. O grito vinha de dentro dela. Era Reece.

Reece corria a toda a velocidade para fora da caverna e enquanto ele o fazia, Thor avistou uma estranha criatura presa ao seu braço. Reece se debatia e gritava e Thor finalmente percebeu o que era: era uma aranha Forsyth, a maior e mais mortal aranha do Anel. Ela era preta e peluda, coberta de manchas vermelhas e tinha doze pernas. Seu corpo inteiro se estendia ao longo do braço de Reece, desde seu antebraço até o ombro. Ela se agarrava a Reece e não o soltava apesar dos esforços frenéticos dele para livrar-se dela.

Thor correu até Reece e agarrou o inseto com as duas mãos, puxando suas pernas peludas com toda a força, tentando arrancá-la dele. Mas não adiantou.

Thor tirou seu punhal e cravou-o na cabeça da criatura.

A aranha Forsyth gritou, em seguida, soltou um chiado terrível e aproximou uma de suas pernas para tentar agarrar a mão de Thor. Thor cortou a criatura várias vezes e seus irmãos de armas vieram correndo e a cortaram também. Finalmente, ela soltou Reece e virou-se para os outros, abrindo a sua boca pequena e cuspidando um líquido direto para eles.

Thor se esquivou, mas o fluxo de veneno roçou o braço de um de seus irmãos da Legião, ele gritava e segurava o braço enquanto a fumaça saía da manga de sua camisa, corroída pelo ácido.

A criatura caiu no chão do deserto e correu para longe. Alguns membros da Legião atiraram punhais nela, mas ela era muito rápida para que eles a alcançassem. Em poucos momentos, ela tinha ido embora.

Reece agarrou seu braço, curvando-se em agonia, Thor passou um braço por cima dos ombros dele.

“Você está bem?” Thor perguntou.

Reece mordeu os lábios e balançou a cabeça. “Eu acho que não.” Ele disse.

Thor olhou para baixo, viu a ferida e ficou horrorizado. Havia uma grande mancha circular no braço de Reece a pele já estava carcomida, o pus verde e o sangue já estavam escorrendo dela.

O’Connor, ao lado dele, rasgou um pedaço de linho de sua camisa com os dentes e enrolou o braço de Reece para estancar o sangramento.

“O veneno de uma Forsyth é tóxico.” Elden disse severamente, analisando a ferida. “Ele vai se espalhar através de seu sistema e paralisá-lo. Se não conseguirmos ajuda para Reece, em breve, ele está acabado.”

Thor olhou para Reece, que parecia cada vez mais pálido e já tinha começado a tremer.

Antes que Thor pudesse reagir, de repente ouviu-se um estalo distinto; ele e os outros olharam ao redor e seu coração parou.

Outra aranha Forsyth se arrastava lentamente para fora da caverna, ela parou na entrada e então veio rastejando lentamente em direção a eles.

Thor e seus irmãos retrocederam lentamente, um passo de cada vez, Thor ajudava Reece.

“Montem em seus cavalos!” Thor ordenou. “Vamos embora daqui. Agora!”

Era a primeira vez que Thor tinha ordenado seus companheiros da Legião e por incrível que parecesse ele tinha feito isso naturalmente. Ele não havia buscado a liderança, mas ele se sentia confortável com ela e sentia que ao assumir o comando ele poderia ajudar os outros, eles estavam paralisados de medo.

Eles avançavam, todos montados em seus cavalos, todos, menos um. Um garoto da Legião, um par de anos mais velho do que Thor, a quem Thor não conhecia, teve seu braço atingido pelo veneno.

Ele havia desafiado as ordens de Thor e não se moveu do lugar onde estava.

“Eu não vou fugir de nenhum inseto!” Ele exclamou.

Ele tirou uma lança curta do cinto para atirá-la no monstro.

Mas antes que ele pudesse atirar a lança, a aranha Forsyth fez um movimento rápido. Era a coisa mais ágil que Thor já tinha visto, em uma fração de segundo ela estava no ar, lançando-se contra o menino.

O rapaz, para seu crédito, reagiu rapidamente, fazendo uso de tudo o que havia aprendido em seu treinamento na Centena. Ele pulou em seu cavalo um segundo antes que a coisa agarrasse sua perna. A aranha não conseguiu alcançá-lo, mas em vez disso, ela continuou seu salto e agarrou-se à perna de seu cavalo.

O cavalo relinchava, empinava e escoiceava, a criatura enroscada nele apertava cada vez mais sua perna.

Depois de um momento, o cavalo soltou um grito terrível, então se esticou e caiu para o lado, o garoto ainda estava sobre ele.

O rapaz se esforçou, mas não conseguiu desmontar a tempo. Ele se viu caindo junto com o cavalo, o qual despencou sobre ele esmagando sua perna. O rapaz gritou em agonia.

Thor saltou de seu cavalo empunhando o seu punhal, pronto para mergulhá-lo na aranha Forsyth, mas antes que Thor pudesse alcançá-la, uma flecha passou por ele, atravessou o ar e atingiu o centro do monstro. Ele soltou um grito terrível e pulverizou seu veneno ácido por todos os lugares.

Felizmente, o ácido foi bloqueado pelo cavalo. Ele corroe a pele do cavalo instantaneamente.

Thor olhou para trás para ver O'Connor segurando seu arco.

"Bom trabalho." Thor disselhe. "Deem-me uma mão!"

Todos os outros correram até ele, ajudando a tirar o rapaz de debaixo do cavalo. O jovem estava gemendo de dor. Conven colocou-o sobre seu ombro e em seguida, o colocou sobre o seu próprio cavalo.

Antes que todos eles pudessem montar de volta, de repente, ouviram um barulho e o coração de Thor parou quando ele olhou para ver mais de uma dúzia daquelas criaturas aparecerem na entrada da caverna. Todas elas fizeram uma pausa e depois começaram a mover-se lentamente.

Antes que Thor pudesse dar outra ordem, Elden soltou um grito de guerra e entrou em ação. Ele avançou corajosamente, direto para a entrada da caverna. Thor se perguntou o que ele estaria fazendo, parecia um suicídio. Então ele viu quando Elden ergueu um enorme martelo de guerra bem alto, com as duas mãos e golpeou fortemente uma rocha situada no alto da entrada da caverna.

Houve um grande estrondo quando os rochedos rolaram para baixo e cobriram a boca da caverna, esmagando várias aranhas Forsyth e bloqueando as outras.

Todos olhavam para Elden com gratidão e orgulho.

"Bom trabalho." Thor disse. "Você salvou nossas vidas."

Elden deu de ombros e colocou o martelo volta na sela do seu cavalo.

Sem esperar outro momento, Thor colocou Reece sobre o dorso de seu cavalo, o corpo dele já estava flácido. Então, todos eles montaram novamente e começaram a cavalgar com a intenção de obter ajuda para Reece e afastar-se daquele lugar o mais longe possível.

*

Thor e seu contingente entraram em Sulpa a galope, sua viagem de lazer tornou-se de repente uma corrida contra o tempo. A cada segundo que passava Thor sentia um pânico crescente por causa de Reece. Ele cavalgava sobre o cavalo de Thor, atrás dele, agarrando os ombros de Thor fracamente. Thor rezava para que não fosse tarde demais para o seu melhor amigo, cujas mãos estavam agora geladas ao toque. Ele tremia violentamente atrás dele e Thor sabia como a toxina do veneno estava se espalhando pelo seu organismo. Ele esperava de coração que houvesse alguém na aldeia que tivesse o remédio para ajudá-lo.

Enquanto cavalgavam, a paisagem do deserto dava lugar a um pequeno oásis, eles estavam de volta às colinas verdes, a areia dava lugar a campos cobertos pela relva. Uma estrada bem pavimentada surgiu diante deles, ela conduzia a um pequeno riacho borbulhante sobre o qual havia uma pequena ponte levadiça e logo depois a uma pequena aldeia. Ela estava cercada por um muro de pedra que havia ruído em alguns lugares devido ao ataque McCloud. A aldeia, com as suas várias dezenas de cabanas, parecia grande o suficiente para conter apenas algumas centenas de pessoas.

Thor podia observar que a maioria dos edifícios da aldeia estava danificada. As ruas estavam cheias de escombros e até mesmo uma ou duas casas ainda estavam fumaçando e ardendo lentamente.

Não havia nenhuma sentinela montando guarda quando eles cavalgaram através do portão aberto, o qual havia sido arrancado de suas dobradiças. O grupo foi direto para a praça da cidade.

No entanto, a aldeia era muito linda e estava em nítido contraste com o deserto em torno dela. Seu solo estava coberto por uma

grama verde vibrante, ela tinha riachos borbulhantes e belos pomares.

Sulpa era um oásis idílico no meio de um terreno vasto e implacável. Thor, que ainda não era um grande explorador, ainda não tinha ideia de que lugares como aquele existiam no Anel.

Quando eles entraram na praça da cidade, uma dúzia de idosos saiu correndo para cumprimentá-

los com evidente preocupação em seus olhos. Elas eram pessoas inteligentes e perceberam o estado de Reece antes mesmo que Thor parasse e dissesse alguma coisa. Eles olhavam para Reece fixamente com muita preocupação e pareciam saber imediatamente o que ele estava sofrendo.

“Há quanto tempo ele foi picado?” Um senhor idoso perguntou.

“Há menos de dez minutos.” Thor respondeu.

“Ainda pode haver tempo. Ele deve ser levado para a casa da curandeira e, imediatamente.

Sigam-nos!”

Os aldeões mais velhos se viraram e correram pelas ruas estreitas, Thor e os outros cavalgaram atrás deles. A vila era pequena e depois de algumas quadras os homens pararam diante de uma pequena casa de pedra, antiga, com uma porta em arco. Os homens bateram a aldrava quando Thor desmontou levando Reece em seus braços. Reece estava completamente mole e Thor não podia acreditar como seu estado de saúde havia se deteriorado tão rapidamente.

A porta foi aberta por uma bela jovem, talvez ela tivesse uns dezesseis anos, ela usava um manto branco esvoaçante, seus cabelos eram pretos e lisos e seus olhos eram azuis e brilhantes. Seus olhos imediatamente pousaram sobre Reece e brilharam com preocupação. Ela correu para ele sem dizer uma palavra.

Ela colocou a palma da mão sobre a testa dele, olhou seu corpo e viu a picada purulenta em seu braço.

“Levem-no para dentro!” Ela disse urgentemente.

Ela virou-se e correu de volta para dentro e Thor correu atrás dela carregando Reece. Os outros membros da Legião ficaram atrás

dele e tomaram posição do lado de fora da porta, a casa era pequena demais para abrigar a todos.

“Coloquem-no ali!” Ela ordenou frenética, apontando para uma pilha de feno no canto da sala.

Thor apressou-se colocou Reece sobre a pilha de feno e assim que o fez, a jovem atravessou a sala com uma faca afiada.

“Segure os braços dele bem firme. Ela ordenou com uma grande autoridade em sua voz, uma autoridade que o surpreendeu.” Agarre os pulsos dele com força!” Ela acrescentou. “Mantenha-os firmemente! Você entende? Ele vai lutar contra você. Mesmo em seu estado debilitado. NÃO DEIXE

QUE ELE SE MEXA. Você entende?”

Thor acenou com a cabeça, nervoso. A jovem não perdeu tempo. Ela se inclinou para frente, pegou uma faca e com um movimento rápido cortou profundamente a ferida que já estava inflamada e ficando preta. Ela cortou em uma área pequena, bem no centro e ao fazê-lo, Reece gritou de repente, tentando se sentar. Ele se retorcia como um louco e Thor, suando, fazia o possível para segurá-lo.

Thor usava todas as suas forças. Ele nunca tinha visto o amigo assim.

Ela mantinha um recipiente debaixo do braço de Reece e com ele aparava líquido o negro que começou a escorrer da ferida e encher quase todo o recipiente. Aos poucos, a secreção parou de sair e Reece começou a acalmar-se, embora ainda respirasse com dificuldade e gemesse de dor.

Ela jogou a secreção negra do recipiente por uma janela aberta, colocou a faca a um lado, correu para um armário, tomou uma pomada vermelha e rapidamente esfregou-a na ferida. A pomada ao entrar em contato com ferida provocou um chiado e Reece gritou mais uma vez. Thor fez o possível para segurá-lo, mas não foi fácil.

Ela envolveu várias vezes uma venda limpa em torno da ferida de Reece, em seguida, tentou acalmá-lo colocando a mão espalmada sobre o peito dele, acalmando-o lentamente e fazendo-o descansar de costas.

Ela mantinha uma palma sobre a testa de Reece, levantou ambas as pálpebras dele e examinou suas pupilas. Ela soltou as pálpebras e

os olhos dele se fecharam. Ela esperou pacientemente e depois de alguns segundos, as pálpebras dele tremeram e em seguida se abriram. Thor ficou chocado, ele parecia exausto, mas alerta.

“Eu me sinto melhor.” Reece disse fracamente, com voz rouca.

“Isso é porque o veneno está deixando o seu corpo.” Ela explicou. “Nós pudemos ajudá-lo a tempo.”

Reece lambeu os lábios rachados e secos.

“Estou vendo coisas, ou você é a garota mais bonita que eu já vi?” Ele perguntou, parecendo quase delirante.

A jovem enrubesceu e desviou o olhar.

“Você está vendo coisas.” Ela replicou. “Ou é isso, ou está brincando comigo.”

Reece ficou sério.

“Eu juro que não estou, minha senhora.” Disse ele, com os olhos bem abertos, mais alerta, olhando para ela com urgência. “Eu preciso saber o seu nome. Eu creio que a amo.”

Ela estendeu a mão, pegou um pequeno frasco com um líquido, abriu a boca de Reece e derramou-o nela.

“Meu nome é Selese.” Disse ela. “Você não me ama. Você ama meu remédio. Agora beba.”

Disse ela. “E esqueça tudo isso.”

Reece engoliu o líquido, um momento depois, seus olhos se fecharam e ele ficou inconsciente.

Selese olhou para Thor.

“Tudo indica que seu amigo vai viver.” Disse ela. “Mas duvido que ele vá se lembrar muito disso. Ele estava delirando.”

Mas Thor tinha outra opinião. Ele nunca tinha visto Reece tão louco e sabia que ele não tratava o amor levemente. Ele sentia que apesar de sua doença, os sentimentos de Reece para com ela eram genuínos.

“Eu não teria tanta certeza disso.” Thor disse. “Meu amigo não fala de amor levemente. Eu não ficaria surpreso ao saber que ele encontrou o amor de sua vida.”

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Godfrey caminhava com Akorth e Fulton pelas ruas da periferia da Corte do Rei, ele estava alerta, apoiando frouxamente uma mão sobre o punhal em seu cinto, enquanto ele andava. Seus olhos estavam inquietos e ele estava cada vez mais paranóico à luz dos acontecimentos da semana. Godfrey não subestimava mais o alcance da tirania de seu irmão, ele sentia que poderia ser assassinado a qualquer momento. Ele tinha se tornado mais amigo de Akorth e Fulton do que nunca e estava muito grato a eles por terem ajudado a salvar sua vida. Mesmo que eles dificilmente pudessem ser considerados bons guerreiros, pelo menos eram mais dois corpos, mais dois pares de olhos que permaneceriam vigilantes.

Godfrey virou a esquina e viu pendurada a placa torta de sua antiga taverna, balançando naquela tarde. Os bêbados saiam cambaleantes de dentro da taverna, ele sentiu uma sensação de repulsa. Uma onda de ansiedade tomou conta dele. Ele já não se sentia confortado estando ali; agora ele só associava aquele lugar com sua quase-morte. Ele disse a si mesmo que nunca mais cruzaria suas portas novamente.

Mas ele se arrastou para a frente, apesar de seus medos, direto através da porta aberta, porque estava determinado. Ele estava determinado a derrubar Gareth qualquer que fosse o custo, qualquer que fosse o perigo pessoal. Havia muito em jogo para ele agora, muito sangue tinha sido derramado.

Ele não podia simplesmente ignorar isso e desaparecer discretamente no meio da noite. Ele tinha de descobrir quem tinha tentado envenená-lo, não por seu próprio bem, mas pelo bem de todos eles. Se ele pudesse provar a conspiração de assassinato, então seria suficiente para que o Conselho depusesse legalmente Gareth. Tudo o que ele precisava era de uma testemunha. Uma testemunha confiável.

Mas naquela parte da cidade, a credibilidade era um bem raro.

Godfrey e seus amigos entraram na taverna e vários de seus antigos compatriotas pararam e olharam em sua direção. Suas expressões lhe diziam que eles ficaram surpresos ao vê-lo vivo. Eles olhavam para ele como se estivessem vendo um fantasma ambulante. Ele não os culpava. Ele também tinha certeza de que iria morrer na noite anterior e que havia sobrevivido apenas por um milagre.

Lentamente, a sala voltou à vida e Godfrey fez o seu caminho até o bar, Akorth e Fulton se puseram ao lado dele e tomaram os seus antigos lugares. O taverneiro olhou para Godfrey com cautela, em seguida, caminhou até eles.

“Eu não esperava vê-lo de volta aqui tão cedo.” Disse ele com sua voz profunda e trêmula. “Na verdade, eu não esperava vê-lo aqui. Você parecia bem morto da última vez que o vi.”

“Lamento desapontá-lo.” Godfrey respondeu.

O taverneiro olhou ao redor, esfregou a barba por fazer, em seguida, abriu um largo sorriso, revelando dentes tortos. Ele estendeu a mão e apertou o braço de Godfrey e Godfrey apertou-o de volta.

“Seu filho da mãe.” O taverneiro disse. “Você tem mesmo sete vidas. Eu estou feliz de que você esteja de volta.”

O garçom encheu canecas para Akorth e Fulton.

“Nenhuma para mim?” Godfrey perguntou surpreso.

O taverneiro abanou a cabeça.

“Eu prometi para sua irmã. Ela é durona e eu não estou interessado em quebrar minha promessa.”

Godfrey assentiu. Ele compreendia. Uma parte dele queria a bebida, mas outra parte dele estava feliz com o incentivo a abster-se dela.

“Mas você não veio aqui para beber, não é?” O taverneiro perguntou, ficando sério, olhando alternadamente para cada um dos três homens.

Godfrey abanou a cabeça.

“Eu vim aqui para encontrar o homem que tentou me matar.”

O taverneiro inclinou-se para trás muito sério e limpou a garganta.

“Você não está dizendo que eu tive alguma coisa a ver com isso, está?” Ele perguntou de repente, à defensiva.

Godfrey sacudiu a cabeça.

“Não. Mas você vê coisas. Você serve as bebidas. Você viu alguém na noite passada?”

“Alguém que não deveria estar aqui?” Akorth acrescentou.

O taverneiro balançou a cabeça vigorosamente.

“Se eu tivesse visto, você não acha que poderia tê-lo impedido? Você acha que eu quero ver você envenenado na minha taverna? Isso prejudicou mais a mim do que a você. Além disso, é ruim para os negócios. Não são muitas as pessoas querem vir beber e ser envenenadas, não é? Metade dos meus clientes não voltou desde que você tombou como um cavalo.”

“Nós não estamos acusando você.” Fulton entrou na conversa.

“Godfrey está simplesmente perguntando se você viu alguma coisa diferente. Algo suspeito.”

O garçom inclinou-se para trás e esfregou o queixo.

“Não é tão fácil de dizer. O lugar estava lotado. Não me lembro de um desfile de rostos. Eles entram e saem daqui tão rápido e na metade do tempo, eu estou de costas. Mesmo que alguém se aproximasse sorrateiramente de você, as chances de que eu visse seriam nulas.”

“Você está se esquecendo do garoto.” Disse uma voz.

Godfrey se virou e viu um velho bêbado, curvado, sentado sozinho no final da barra. O velho olhava para eles com cautela.

“O que foi que você disse?” Godfrey perguntou.

O homem ficou em silêncio por um tempo e olhou em volta do bar murmurando algo para si mesmo, Godfrey pensava que ele não iria falar novamente. Então, finalmente, ele falou sem olhar para eles.

“Havia um garoto. Um garoto diferente. Ele veio e se foi em um piscar de olhos.”

Godfrey reconheceu o velho bêbado: ele era um cliente assíduo. Eles haviam bebido no mesmo bar há anos, mas eles nunca tinham

trocado uma palavra antes.

Godfrey, Akorth e Fulton trocaram um olhar curioso, então todos se levantaram e se dirigiram ao final do bar. Eles ocuparam assentos um de cada lado do homem idoso e ele não se incomodou em levantar a vista.

“Conte mais.” Godfrey disse.

O velho olhou para ele e fez uma careta.

“Por que eu deveria?” Ele retorquiu. “Por que eu deveria meter o meu nariz em problemas? Que bem isso me faria?”

Godfrey se abaixou, pegou um saco de moedas de ouro bem pesadas de sua cintura e deixou-as cair estrepitosamente sobre a barra.

“Isso pode lhe fazer um bem enorme.” Godfrey respondeu.

O velho levantou um dedo com ceticismo, estendeu a mão e arrombou o saco. Ele espiou lá dentro e viu o ouro estocado, o qual provavelmente era muito mais do que ele já tinha visto em toda sua vida, então ele assobiou.

“Esse é um preço elevado. Mas isso não vai me fazer muito bem se eu não tiver a minha cabeça.

Como eu sei que seu irmão não vai mandar seus homens para cá e me envenenar, também?”

Godfrey estendeu a mão e jogou um segundo saco de ouro ao lado do primeiro. Os olhos do velho se arregalaram de verdadeira surpresa, pela primeira vez.

“Esse é dinheiro suficiente para ir muito longe daqui, longe do alcance do meu irmão e nunca ter uma preocupação de novo.” Disse Godfrey. “Então, agora me diga. Eu não vou perguntar de novo.”

O homem limpou a garganta, seus olhos estavam fixos nos dois sacos de ouro, então, finalmente, ele os agarrou, puxou-os para perto e se virou para Godfrey.

“Ele era um garoto comum.” O velho disse. “Um moleque de recados. Você conhece o tipo. Eu o vi antes, uma ou duas vezes, na casa de apostas. Você paga ao garoto e ele faz qualquer mandado que você pedir. Ele esteve aqui naquela noite. Ele veio e se foi. Nunca o vi aqui antes, ou depois.”

Godfrey estudou o velho cuidadosamente e se perguntava se ele não estaria mentindo. O velho olhou para trás, mantendo seu olhar e Godfrey concluiu que ele falava a verdade.

“A casa de apostas, você diz?” Godfrey perguntou.

O velho acenou com a cabeça e Godfrey, sem perder tempo, virou-se e saiu apressado da taverna, Akorth e Fulton o seguiram.

Em um momento, eles cruzaram a porta, correram pela rua, deram voltas pelas ruelas estreitas e seguiram em direção à casa de apostas, a apenas alguns quarteirões de distância. Godfrey sabia que ali era um antro de pecado, com cretinos de todos os tipos. Ultimamente a multidão havia ficado ainda pior, então ele havia permanecido longe dali, com medo de entrar em outra briga.

A porta da casa de apostas rangeu ao ser aberta por Godfrey e seus amigos. Ele foi imediatamente afetado pelo barulho. A pequena sala devia abrigar uma centena de pessoas, todas muito ocupadas em jogos de azar, debruçadas sobre mesas e apostando com moedas estranhas, com todo o tipo de moeda. Godfrey examinou a multidão buscando algum garoto, alguém menor de idade, mas não viu ninguém da sua idade ou mais jovem. Eles eram todos mais velhos, principalmente os tipos quebrados, os jogadores viciados refletindo em seus olhos a total falta de esperança.

Godfrey correu para o gerente, um homem baixo, gordo, com os olhos inquietos e incapaz de olhar nos olhos dele.

“Eu estou buscando um garoto.” Godfrey disse. “O garoto de recados.”

“E o que quer com ele?” O homem retrucou-lhe.

Godfrey levou a mão à cintura e empurrou um saco de moedas de ouro para a mão do homem. O

homem pesava as moedas, mas ainda não olhava nos olhos de Godfrey.

“Não pesam muito.” O homem disse.

Godfrey empurrou outro saco na mão do homem e, finalmente, ele sorriu.

“Obrigado pelo ouro. O menino está morto. Encontraram o corpo dele ontem à noite, nas ruas, no meio do esgoto. Alguém o matou. Não sei quem. Ou por que. Isso não quer dizer nada para mim.”

Godfrey trocou um olhar perplexo com Akorth e Fulton. Alguém havia assassinado o garoto que foi enviado para matá-lo. Foi Gareth, sem dúvida, para cobrir seus rastros. O coração de Godfrey deu um baque. Isso significava que mais uma vez, ele estava em um beco sem saída. A mente de Godfrey dava voltas.

“Onde está o corpo?” Godfrey perguntou, querendo ter certeza de que o homem não estava mentindo.

“Com o resto dos pobres.” Disse o homem. “Não o queria na frente da minha casa, você pode verificar se quiser, mas está perdendo seu tempo.” O homem deu uma gargalhada. “Ele está morto como a mesma morte.”

Todos se viraram e saíram apressadamente do local, Godfrey estava ansioso para afastar-se daquele homem e ficar longe daquele lugar. Ele correu para a porta de trás e desceu pelo caminho, até chegar ao cemitério dos indigentes.

Godfrey examinou as dezenas de montes de terra fresca, as placas e as lápidas no solo, as quais tinham as formas de todos os diferentes deuses, para os quais as pessoas rezavam. Ele procurava os montes de terra mais fresca, mas muitos deles pareciam ser recentes. Será que todos os dias morriam tantas pessoas na Corte do Rei? Era impressionante.

Godfrey caminhava descendo por uma fileira de sepulturas, ele avistou um menino ajoelhado diante de uma delas. A sepultura diante dele era mais recente do que a maioria. Quando Godfrey se aproximou, o menino que talvez tivesse oito anos, virou-se, olhou para Godfrey e de repente, ficou de pé. Havia medo em seus olhos. Ele fugiu correndo.

Godfrey olhou para os outros, intrigado. Ele não tinha ideia de quem era aquele menino ou do que ele estava fazendo ali, mas ele sabia de uma coisa: se ele estava correndo, era porque ele tinha algo a esconder.

“Espere!” Godfrey gritou. Ele começou a correr atrás do garoto para tentar alcançá-lo, quando ele desapareceu na esquina. Godfrey tinha de encontrá-lo, a qualquer preço.

De alguma forma, ele sabia que aquele garoto tinha a chave para encontrar seu assassino.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Thor e seus irmãos da legião estavam sentados em volta de uma fogueira crepitante no centro de Sulpa, seus músculos estavam cansados de um longo dia de trabalho. Eles haviam passado o dia todo ajudando os moradores a reconstruir a aldeia. Eles tinham arregaçado as mangas e começado o seu trabalho logo depois que haviam deixado a casa de Selese. Reece ainda não estava forte o suficiente para se juntar a eles, então ele tinha passado o dia dormindo e se recuperando na cabana dela. O

décimo membro da Legião, cuja perna havia sido esmagada, estava sendo atendido. Thor, O'Connor, Elden, os gêmeos e alguns outros eram os homens capazes que restavam. Eles trabalharam até quando o segundo sol já estava alto no céu, para ajudar a reforçar as poucas defesas que a aldeia tinha, a reconstruir as paredes, consertar os telhados, limpar os escombros, apagar incêndios e reforçar portões. Para Thor não parecia ser muito trabalho, mas ele podia ver que a ajuda significava muito para os aldeãos. Thor experimentava um grande sentimento de satisfação ao ver suas expressões de gratidão, muitos deles podiam finalmente retornar as suas casas tranquilamente.

O fogo crepitava diante dele. Thor olhou em volta e viu que todos os seus irmãos pareciam estar exaustos. Ele estava muito feliz de ter Reece de volta, sentado ao lado dele, embora ele estivesse um pouco fraco. Ele estava se recuperando e estava de bom humor. Seu dia de recuperação tinha corrido bem e ele parecia o mesmo novamente. Ele tinha escapado por um triz.

"Mas quando eu acordei, ela já tinha ido embora." Reece repetia para Thor. "Você acha que isso significa que ela não gosta de mim?"

Thor suspirou. Reece não havia parado de falar em Selese desde que tinha deixado sua cabana.

Thor nunca tinha visto seu amigo assim. Ele estava obcecado com a jovem e não falava de outra coisa.

“Eu não creio.” Thor disse. “Ela certamente não dava a entender que não gostava de você. Ela parecia mais... divertida com você.”

“Divertida?” Reece perguntou à defensiva. “O que você está querendo insinuar? Isso não soou nada bem.”

“Não, eu não quis dizer isso.” Thor disse tentando retratar-se. “Mas você tem de admitir que estava delirando, você nem sequer a conhecia e disselhe que a amava.”

Ouviram-se os risinhos zombeteiros de O’Connor, Elden e os gêmeos, todos eles reunidos ao redor do fogo. Reece ficou vermelho e Thor se sentia mal. Ele não tinha tido a intenção de constranger seu amigo, ele simplesmente estava dizendo a verdade tal como ele a via.

“Ouça, meu amigo...” Disse Thor ao colocar a mão em seu ombro. “... Não há nenhuma razão para pensar que ela não gosta de você. Talvez agora que você está melhor, ela não sabe o que pensar do que você disse. Talvez ela não ache que você estivesse sendo sincero. Talvez você devesse voltar até ela amanhã de manhã e ver como ela reage.”

Reece olhava para o solo enquanto revirava a terra.

“Eu acho que arruinei as minhas chances.” Ele disse.

“Nunca é tarde.” Thor disse.

“Você está brincando?” Elden perguntou. “Estamos no meio do nada. Que camponesa não gostaria de ser levada para longe daqui?”

“Algumas pessoas gostam de suas aldeias.” O’Connor disse.

“Este lugar é bonito o suficiente.” Disse Conven. “Mas não é a Corte do Rei. Tenho certeza de que ela gostaria de deixá-lo por você.”

“Você tem certeza de que quer levá-la?” Perguntou Conven. “Essa é a questão. Você nem sequer a conhece.”

“Eu a conheço bem o suficiente.” Disse Reece. “Ela salvou minha vida. Ela é a garota mais bonita que eu já vi.”

Os outros rapazes trocaram olhares cautelosos.

“Isso foi apenas o efeito do medicamento.” Disse Elden. “Eu aposto que se você a conhecesse em outras circunstâncias, você não olharia para ela duas vezes.”

“Isso não é verdade.” Reece disse, ficando vermelho e com uma raiva e determinação crescente.

O grupo ficou em silêncio e Thor podia ver nos olhos de Reece uma determinação jamais vista antes. Ele estava surpreso. Ele pensava que já sabia tudo sobre o seu amigo, mas ele nunca tinha visto aquele lado dele. No entanto, eles realmente nunca tinham tido muita chance de estar com garotas, já que passavam o tempo todo treinando.

“Talvez ela esteja envolvida sentimentalmente com outra pessoa.” Reece disse baixinho para Thor, taciturno. “Ela disse alguma coisa sobre mim, depois que eu adormeci?”

Thor já não podia prosseguir com a conversa.

“Eu lamento.” Thor disse, tentando adicionar um senso de conclusão em sua voz para encerrar a conversa. “Eu gostaria ter perguntado mais coisas para ela. Mas eu tive de retirar-me rapidamente para ajudar com os esforços da reconstrução. Eu não a vi desde então. Vá até ela amanhã de manhã.

Tenho certeza de que ela vai responder a todas suas perguntas. Como ela poderia se recusar? Afinal, você é da realeza. Você realmente acha que ela iria rejeitá-lo?”

Reece olhou para o chão e deu de ombros. Thor podia ver o medo e a hesitação em seus olhos e percebeu que ele estava nervoso. Thor voltou a pensar na primeira vez que ele tinha falado com Gwendolyn e compreendia. Ele nunca tinha visto Reece ter medo de nada, mas olhando para ele naquele momento, Thor se perguntava se Reece seria capaz de reunir a coragem para se aproximar de Selese na manhã do dia seguinte.

Thor compreendia muito bem. Ele não era ninguém para falar sobre isso. Ele próprio não tinha sido capaz de criar coragem para pedir Gwendolyn em casamento. De certa forma, ele percebia que a coragem necessária para enfrentar uma batalha, não era nada comparada com a coragem necessária para enfrentar a rejeição da garota que alguém ama.

Mais moradores apareceram, distribuindo uma nova rodada de espetinhos de Goko, uma substância gomosa e vermelha que Thor e os outros mantinham sobre o fogo. A substância chiava enquanto sua cor mudava para uma cor vermelha vibrante, para em seguida queimar rapidamente.

Thor soprou o seu e comeu. Era doce e delicioso. Eles tinham ajudado aqueles moradores e eles os haviam tratado muito bem em troca. Ele ainda estava de estômago cheio com a enorme refeição que eles lhes haviam servido anteriormente.

Logo o grupo caiu num silêncio prazenteiro, Thor se deitou com a cabeça apoiada sobre um cotovelo e ficou olhando para o céu noturno, para as cintilantes estrelas vermelhas e amarelas tão longe dele. Seus pensamentos se voltaram para Gwendolyn. Ele pensava em sua última viagem à Casa dos Eruditos, ele pensava naqueles livros. Ele observava as estrelas distantes e pensava novamente em sua mãe, pensava também no mapa da Terra dos Druidas. Ele se perguntava se algum dia ele chegaria lá. Ele também se perguntava por que tinha de haver um mar entre ele e sua mãe, por que ele nunca a conhecera. Ele ficou meditando mais uma vez em seu destino.

Thor sentia que havia um mistério em suas mãos, um mistério que simplesmente estava fora do alcance de seus pensamentos. Seus pensamentos davam voltas enquanto ele tentava chegar ao fundo da questão. Ele ficou pensando em sua mãe, em seu pai, em sua educação, pensando nos druidas.

Porém aquele tinha sido um longo dia e sua mente estava exausta. Embora ele tentasse lutar contra o cansaço, a brisa fresca do outono pouco a pouco foi embalando-o para dormir e antes que ele percebesse, seus olhos se fecharam involuntariamente.

*

Thor caminhava lentamente pelas ruas de sua cidade natal, a qual se encontrava desolada. As portas das casas estavam totalmente abertas, cada casa encontrava-se vazia. O vento cortante atravessava tudo, enviando nuvens de poeira e enormes galhos que rolavam direto em direção a Thor. Thor protegia os seus olhos com as mãos, ele não sabia o que estava fazendo ali, mas por alguma

razão, ele sentia a necessidade de estar ali, sentia que havia algo que ele precisava ver.

Ele dobrou a esquina da quadra onde vivia antigamente e ao longe, viu sua casa. Ele se aproximou dela rapidamente. A porta estava entreaberta e ele entrou por ela.

Tudo estava exatamente como ele havia deixado. Mas a casa estava vazia agora. Seu pai havia ido embora e Thor sentiu que fazia muito tempo que ele próprio tinha ido embora.

Thor saiu pela porta de trás, em direção ao galpão onde ele costumava dormir. Ao chegar ali, ele ficou surpreso ao ver uma mulher em pé na porta. Ela vestia um traje azul esvoaçante e sustentava um longo e intrincado bastão amarelo. Uma luz azul irradiava de seu rosto, a luz era tão intensa que ele não conseguia distinguir as feições da mulher. Ele sentiu que ela era alguém importante em sua vida. Talvez, ele se atreveu a pensar com esperança, ela fosse sua mãe.

“Thorgrin, meu filho.” Ela disse, com sua voz tão meiga, tão suave. “Eu espero por você. É hora de você voltar para casa. É hora de você saber quem você é.”

Thor deu um passo para mais perto dela, tão curioso para ver o seu rosto, para saber mais. Sua energia o atraía como um ímã, mas quanto mais ele se aproximava, mais intensa a luz se tornava. Ele levantou as mãos e descobriu que já não poderia chegar mais perto.

“Mãe?” Ele perguntou. “É você?”

“Venha para casa Thorgrin.” Ela disse com urgência na voz. “Venha para casa agora.”

Ela se aproximou e segurou seus ombros e Thor sentiu uma intensa energia fluindo através dele, sentiu seu próprio corpo fundindo-se com a luz. Ele ainda não podia ver o rosto dela. Ele estendeu a mão e protegeu os olhos da luz que parecia queimar através dele.

Thor sentou-se, respirando com dificuldade, olhando tudo ao seu redor. Ele ficou surpreso ao perceber que ele havia sonhado. O sonho parecia tão real.

Thor estava com os outros membros da Legião, no chão, diante do fogo que já estava quase apagando, perto de onde ele tinha

dormido. Os outros ainda dormiam. Ele se virou para ver o amanhecer no horizonte, o primeiro sol inundando o céu com seus tons de amarelos e roxos.

Ele se levantou e limpou o suor da testa enquanto ponderava o seu sonho. Tinha sido tão vívido; seu coração ainda estava martelando. Ele realmente se sentia como se tivesse acabado de encontrar sua mãe. E as palavras que ela tinha lhe dito se repetiam em sua mente. Ele as sentia como uma mensagem. Mais do que uma mensagem, ele as percebia como uma ordem.

Venha para casa.

Thor sentiu uma urgência, sentia que havia alguma mensagem importante esperando por ele em sua cidade natal. Algum grande segredo que seria revelado. O segredo sobre quem ele era. Sobre quem era sua mãe.

Ele foi até o riacho borbulhante, ajoelhou-se e jogou água fria em seu rosto, tentando se livrar do pensamento. Mas ele não podia. O sentimento se aferrava a ele, um sentimento persistente de que ele precisava ir até sua casa. Ele estaria apenas imaginando? Seria uma ilusão? Tinha sido apenas um sonho fantasioso? Era tão difícil distinguir um sonho de uma mensagem. Quando o seu próprio inconsciente conseguiria interpretar uma mensagem de forma clara?

“Às vezes, sonhos são apenas sonhos.” Disse uma voz.

Thor conhecia aquela voz e ela provocou um arrepio em sua espinha.

Ele virou-se lentamente para ver Argon ali, segurando seu cajado, vestido com suas vestes brancas, olhando para o romper da aurora. Ele nem sequer olhava na direção de Thor.

Thor estava tão aliviado ao vê-lo, era como ver um velho amigo.

“Argon.” Thor disse. “Por favor, diga-me. Era tudo verdade? O sonho? Será que a minha mãe está esperando por mim?”

“Sim e não.” Ele respondeu.

Thor ficou imaginando.

“Eu devo retornar a minha cidade natal?” Ele insistiu.

“Você já sabe a verdade.”

Thor sabia. Ele sentia que tinha de ir. Ele tinha de ir.

“Mas ela está me esperando lá agora? Como ela chegou lá? O que ela está fazendo lá?”

“Algumas coisas você deve descobrir por conta própria.” Argon disse. “Depende de você fazer a viagem.”

De repente, Argon desapareceu. Thor virou-se para todos os lados, procurando por ele, mas ele já havia ido embora.

Thor esfregou o rosto várias vezes, perguntando a si mesmo se ele não teria imaginado tudo.

No entanto, ele estava certo de que não era apenas sua imaginação. Primeiro foi o sonho, logo, Argon. Thor sentia que era um sinal, um que ele não podia mais ignorar. Ele se sentia da mesma maneira que naquele dia fatídico, quando ele tinha deixado sua aldeia e embarcado para a Corte do Rei pela primeira vez. O universo estava lhe dizendo alguma coisa. Ele tinha de voltar para sua cidade natal. Algo estava esperando por ele lá. Algum segredo que ele precisava descobrir. Era por isso que o destino tinha enviado Thor ali, àquela aldeia remota que compartilhava a única estrada de acesso com a sua cidade natal? Uma pergunta dava voltas em sua cabeça: estaria o universo enviando-lhe sinais durante todo esse tempo?

Thor ficou de pé, passou as mãos pelo seu cabelo molhado e decidiu-se. Ele devia ir. Ele precisava de respostas. Sua cidade natal estava a quase um dia de viagem de distância e ele poderia chegar lá e voltar antes do pôr do sol. Seus irmãos da Legião estariam bem sem ele por um dia. Era arriscado porque ele estaria deixando seu posto momentaneamente e se os comandantes da Legião descobrissem, ele poderia ser punido. Mas de todas as maneiras, não havia muito o que fazer ali, naquele dia, além de algumas modificações menores. Não era como se estivessem em guerra. Thor estava confiante em que seus amigos estariam a salvo.

Thor virou-se e dirigiu-se para o seu cavalo, preparando-se para partir antes que o sol subisse.

De repente, ele ouviu uma voz.

“Para onde você está indo?”

Thor virou-se e viu Reece, ali de pé, ele aparentava estar muito mais recuperado e já estava completamente vestido. Thor parou e o

encarou.

“Reece.” Ele disse. “Vejo que está bem melhor. Eu estou feliz de ver que está se recuperando.”

“Eu estou.” Ele disse; sua energia havia regressado. “Muito. Na verdade, agora eu estou indo fazer uma visita a moça que me ajudou.”

Thor sorriu.

“Você não perde tempo, não é mesmo?” Thor comentou enquanto olhava para a madrugada.

“Bom para você.”

Thor admirava sua coragem. Ele sabia o quanto ela era necessária.

Reece sorriu timidamente de volta.

“E você?” Ele perguntou, olhando para o cavalo de Thor. “Você dá a impressão de estar indo a algum lugar.”

Thor pigarreou e ficou pensando no muito que havia para contar. Ele podia confiar em Reece mais do que em outro alguém, então ele decidiu contar-lhe tudo.

“Eu tive um sonho.” Thor respondeu. “Parecia um sinal. Eu necessito visitar minha cidade natal.

Eu voltarei antes do pôr-do-sol. Você poderia cobrir-me?”

Reece assentiu solenemente com a cabeça.

“Faça o que o destino lhe manda fazer.” Ele disse.

Reece deu um passo adiante e apertou o antebraço de Thor firmemente.

“Você salvou minha vida ontem. Eu jamais esquecerei isso.”

Eles se abraçaram e Thor sentiu mais do que nunca que Reece era seu verdadeiro irmão. Ele era a pessoa mais achegada a ele que qualquer outra que Thor já tinha conhecido. Ao pensar em voltar para casa, para o lugar onde ele foi criado com três irmãos que o odiavam, Thor sentia-se mais agradecido pela amizade de Reece do que ele jamais saberia.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Luanda se encontrava acorrentada a uma parede de pedra nas masmorras McCloud, cada um de seus pulsos e tornozelos estava preso com algemas de ferro. Seu corpo tremia de exaustão, medo e fome. Ela se perguntava como ela, uma princesa real, o primogênito dos filhos MacGil, podia encontrar-se naquela situação, ela tinha descido a um nível muito baixo. Era difícil conceber isso. Há apenas alguns meses, ela tinha imaginado que ainda estava por viver tantas alegrias em sua vida. Ela imaginava-se casada com um príncipe McCloud, imaginava tornar-se um dia rainha do reino McCloud. E agora, ali estava ela, uma prisioneira em sua própria corte, tratada como uma criminosa comum, ou ainda pior.

O McCloud mais velho, seu sogro era uma criatura do mal, o ser mais baixo de toda a humanidade. Ela nunca tinha encontrado homem mais cruel, mais vil e mais vicioso em sua vida. Ele aterrorizava tudo e todos ao seu redor. Embora ela tivesse se arriscado, falhado e terminado onde estava, ela não estava arrependida de sua tentativa de acabar com a vida dele naquela casa, lá em sua cidade natal, no dia em que ela tentou salvar a pobre moça do ataque dele. Tinha sido um erro pensar que ela poderia matá-lo. Bronson bem que a tinha avisado. Olhando em retrospectiva, ela via que tinha sido algo estúpido. Mesmo assim, ela não se arrependia.

Luanda fechou os olhos e passaram pela sua mente as imagens horríveis de Bronson sendo atacado por seu próprio pai e perdendo a mão em sua tentativa de salvar a vida dela. Ela se sentiu invadida por ondas de culpa. Ela amava Bronson mais do que nunca, o admirava por finalmente tomar uma posição contra o seu pai e apreciava o seu sacrifício mais do que ele jamais saberia. Ela também sentia um renovado sentimento de repulsa por seu pai, uma repulsa mais forte do que nunca.

Ela tinha de sair daquele calabouço e resgatar Bronson. Ele estava sentenciado a ser executado, antes de ter de morrer pelas

mãos de seu próprio pai. Ela tinha de sair da cidade com ele, sair definitivamente do território McCloud e de alguma forma regressar às Highlands e voltar para a segurança do lado dos MacGil. Ela tinha de chegar até a corte de seu pai e esperava que a aceitassem de volta ali.

Mas agora, tudo isso parecia muito distante. Bronson, pelo que ela sabia, já poderia estar morto e como ela estava lá, algemada não havia a menor esperança de conseguir fugir de seus carcereiros.

Na verdade, ela tinha coisas mais urgentes em sua mente: seus carcereiros eram dois cretinos que se alternavam para atormentá-la durante toda a noite. Um deles puxava seus cabelos, o outro levantava sua blusa; um a ameaçava com um punhal, o outro com um ferro quente. Eles não tinham nem torturado nem abusado dela ainda. Mas suas ameaças já seguiam há horas e iam aumentando. Ela sentia que eles estavam tramando alguma coisa e se todas as suas ameaças fossem verdadeiras, ela sabia que seria estuprada, torturada e deixada jogada ali para morrer antes do sol nascer. Eles eram dois homenzinhos bem nojentos, com sua barba por fazer e cabelos sebestos. Eles usavam o uniforme dos McClouds e ela percebia que suas ameaças eram em sério. Suas horas estavam contadas. Ela tinha de encontrar um jeito de sair dali, e rápido. Era hora de armar uma jogada. Ela só não sabia qual.

“Eu digo que a cortemos bem devagarinho.” Um deles dizia ao outro com um sorriso diabólico e cheio de dentes podres, em seu rosto.

“Eu digo que a queimemos primeiro.” Disse o outro.

Os dois riram, divertindo-se com suas próprias piadas e Luanda tentou pensar rápido, mais rápido do que ela jamais havia feito em sua vida. Sendo mulher, ninguém nunca tinha dado crédito a sua inteligência, mas ela era inteligente, pelo menos, tão inteligente quanto seu pai, tão inteligente quanto qualquer um dos filhos MacGil. Ao longo de sua vida, ela tinha conseguido sair-se bem em quase qualquer coisa.

Ela reuniu sua força interior e toda a astúcia que pudesse ter, a astúcia de gerações de reis MacGil, cujo sangue corria em suas

veias. Ela fechou os olhos e pensou profundamente, desejando que uma solução chegasse a ela.

E então ela teve uma ideia.

Era uma ideia mirabolante e provavelmente não funcionaria, mas ela devia tentar.

“Eu topo tudo o que você disser!” Ela gritou de repente, com voz rouca.

“Nós sabemos que você topa!” Um deles gritou de volta. “Você não tem escapatória!”

Ambos deram uma gargalhada histérica.

“Não é isso o que eu quero dizer.” Ela disse com o coração acelerado. “Se vocês me desacorrentarem.” Ela acrescentou. “... Eu lhes farei sentir um prazer diferente de qualquer outro que vocês já tiveram em sua vida.”

Os dois carcereiros se entreolharam com um sorriso em seus rostos, debatendo. Ela se perguntou se eles estavam caindo na conversa.

“De que prazer você está falando, exatamente?” Perguntou um deles aproximando-se dela e chegando tão perto que ela pôde sentir o fedor de seu hálito. Ele segurou um punhal contra a garganta dela.

“Prazeres superiores a qualquer outro que alguma mulher já lhe deu.” Disse ela fazendo o possível para parecer convincente.

“Isso não me impressiona.” Disse o outro com desdém. “Eu passei minha vida nos prostíbulos.

Você acha que há algo que você possa me mostrar, que uma prostituta comum ainda não pôde?”

Ambos caíram na risada novamente. Um deles tomou seu atizador de metal e mergulhou-o no fogo quente, até que a ponta dele ficou vermelha e brilhante.

“Além do mais...” Ele disse voltando-se para ela. “De todas as maneiras, eu prefiro torturá-la.

Posso obter muito mais prazer com isso. O rei disse que você é nossa para que a gente faça o que quiser. E nós certamente vamos aproveitar!”

Os olhos de Gwen se arregalaram de terror quando o ferro quente chegou perto de seu rosto, ele estava tão quente que a fez

suar mesmo estando a quase meio metro de distância. Ela viu o sorriso malicioso no rosto do homem e sabia que em apenas um momento, seu rosto estaria marcado para sempre.

“Espere!” Ela exclamou. “Eu não ofereço apenas prazer, mas também riquezas! Não se esqueça de que eu sou a filha de um rei! Vou dar-lhe mais dinheiro do que você pode imaginar! Certamente mais dinheiro do que McCloud nunca lhe dará!”

Seus carcereiros ficaram quietos, pela primeira vez eles estavam curiosos.

“E quanto seria exatamente?” Ele perguntou.

“Mas do que você poderia carregar. Carrinhos de mão cheios. Uma casa inteira cheia, se você quiser.”

“E como você vai arranjar isso?” O outro perguntou, dando um passo à frente.

“Vou mandar uma mensagem para o meu pai. Ele vai me enviar o que eu quiser. Você não viu as jóias que eu usei no meu casamento?”

Os dois atacantes se entreolharam, indecisos.

“Seu pai está morto.” Disse um deles.

“Mas sua corte segue viva.” Ela disse pensando rápido. “Minha mãe ainda vive. E meus irmãos também. Eles vão enviar-lhe as riquezas que você quiser, se eu escrever uma carta.”

Um deles se aproximou, pressionando o punhal com mais força contra a garganta dela.

“Por que nós simplesmente não matamos você...” Ele disse lentamente. “... Escrevemos a carta em seu nome e tomamos as riquezas do mesmo jeito?”

“Porque você não conhece a minha caligrafia.” Disse ela, pensando mais rápido do que nunca.

“Eles nunca acreditariam se a carta não fosse escrita por minha mão! Então você não teria nada!”

Certamente, vale mais a pena para você ter todo esse ouro do que me ter morta!”

Eles se entreolharam como se estivessem consultando-se entre si.

“O que nos impede de forçá-la a escrever a carta e depois matá-la? Assim, ficamos com o ouro e ainda podemos torturar e matar você!”

Ela olhou para eles, aterrorizada. Ela pensou rapidamente e uma solução veio a sua mente.

“Eu farei o que você desejar.” Disse ela. “Vou colocar-me à sua mercê. Mas eu não posso escrever com as mãos algemadas. Solte-me e traga-me uma pena e um pergaminho, então você pode escolher o que fazer comigo.”

Os dois homens entreolharam-se e finalmente, um acenou com a cabeça para o outro, lambendo os lábios.

“Você é mais estúpida do que eu pensava.” Disse um deles chegando perto dela por trás e destrancando com uma chave, cada uma de suas algemas fixas à parede de pedra.

“Porque agora nós tomaremos a sua carta e depois vamos algemar você de novo, estuprá-la e torturá-la durante toda a noite!”

Os dois caíram numa risada estridente.

Assim que o homem terminou de destrancar o segundo grilhão, Luanda entrou rapidamente em ação. Cada grilhão estava fixo na parede por uma corrente de ferro de quase dois metros e tinha uma algema no pulso dela e outra fixa na parede. Quando seu carcereiro destrancou a algema da parede, deixando-lhe o pulso ainda algemado e ligado à corrente, Luanda sabia que aquela era sua única chance.

Ela se virou com seu pulso ainda preso ao grilhão, balançou a pesada corrente de ferro sobre sua cabeça e baixou-a com toda a força apontando para o rosto do homem enquanto ele estava colocado descuidadamente de costas para ela.

Eles a haviam subestimado. Eles não esperavam que ela ainda tivesse poupado suas forças para um momento como aquele. Não pensaram que ela teria a chance de usar suas reservas de força.

Tampouco esperavam que ela tivesse o conhecimento e astúcia da filha de um rei. Jamais contaram com o fato de que ela tinha sido treinada durante toda a sua vida, pelos melhores guerreiros do rei. E esse foi seu último erro.

Luanda reuniu todas as habilidades que tinha, juntou cada grama de coragem quando girou a corrente em volta e para baixo, direto para o rosto de seu carcereiro. Ela mirou e sua pontaria foi certa.

A corrente, com o seu grilhão de ferro pesado na ponta, veio voando para baixo, diretamente para o nariz do seu carcereiro. Foi um golpe perfeito. Ela golpeou-o com força, quebrando o cavalete do nariz dele e fazendo-o cambalear para trás vários passos até desabar no chão, gritando em agonia.

Ele largou o atizador de ferro quente e agarrou o seu rosto com as mãos.

Sem hesitar, Luanda girou com a outra mão e apontou para a garganta do outro carcereiro quando ele cometeu o erro de virar as costas para ela e olhar para o amigo. A corrente enroscou-se direitinho em torno da garganta dele e Luanda imediatamente estendeu a mão, pegou a outra ponta e apertou com força.

O homem se contorcia descontroladamente e ela apertava mais e mais com toda a força, enquanto ele resistia. Ele fazia tudo o que podia para se libertar, mas ela o estrangulava com toda a força. Ele estendeu a mão e tentou várias vezes livrar-se do aperto da corrente em sua garganta, porém o aperto de Luanda era muito forte. Ela estava apertando como se sua vida dependesse disso.

E de fato, era assim.

O outro homem que estava no chão foi despertando lentamente e começou a levantar-se bem devagar, apoiando-se sobre suas mãos e joelhos. Luanda esperava e rezava para que ela tivesse tempo suficiente para terminar de sufocar aquele homem até a morte, antes que o outro que estava no chão se aproximasse dela.

Ela apertava mais e mais forte enquanto o homem gritava e gorgolejava, lutando e resistindo como um animal selvagem. Em um momento dado, ele até mesmo conseguiu se virar e dar uma cotovelada no ventre dela.

O golpe doía, mas ela não o soltou e nem parou de apertar. Havia muito em jogo.

O outro homem, finalmente, conseguiu ficar de pé, estendeu a mão, agarrou o atizador de ferro quente e avançou contra ela. Ela

não tinha tempo suficiente. O outro homem ainda estava vivo e se contorcendo em suas mãos. Ele simplesmente não morreria.

Ela não podia soltá-lo para poder se defender. Ela quebrava a cabeça tentando bolar uma estratégia.

Quando o outro homem avançou para ela com o ferro quente apontando para seu corpo, Luanda esperou até o último momento, se esquivou dele e saiu do caminho. Então, com um movimento rápido, ela puxou o homem que estava com a corrente no pescoço para a frente dela e usou-o como um escudo para seu corpo.

Funcionou. O homem perfurou seu colega em vez de Luanda, ele dirigiu o ferro quente direto para o coração de seu amigo e o atizador se alojou no peito dele. Ele gritava enquanto Luanda o estrangulava. Finalmente, o corpo do homem ficou inerte nas mãos dela.

O outro ficou ali parado, pasmo, olhando para o cadáver de seu amigo.

Luanda não perdeu tempo. Ela deixou cair o cadáver e com o mesmo movimento, chegou perto do homem, levantou a mão bem alto e girou a corrente, golpeando com força o rosto de seu atacante com o grilhão da ponta pela segunda vez. Sua pontaria, mais uma vez foi certa e ela quebrou o nariz dele uma segunda vez, derrubando-o de costas no chão, onde ele ficou gemendo de dor.

Ela não se arriscou, estendeu a mão, puxou o ferro quente do peito do morto e em seguida, levantou a mão bem alto inclinou-se e meteu o ferro com força no peito do outro homem.

Ele se sentou gritando, o sangue borbulhava de sua boca. O homem olhou para o teto com os olhos arregalados como se não pudesse acreditar no que estava acontecendo.

Então, um momento depois, ele se esticou e caiu morto.

Gwen se ajoelhou, procurou as chaves no cinto do homem, as encontrou e abriu as algemas de seus pés e em seguida, as de seus pulsos. Ela esfregou-os, eles estavam mais doloridos do que nunca e havia hematomas nos lugares onde as algemas haviam apertado.

Ela olhou para os dois carcereiros, mortos em uma bagunça sangrenta. Cheia de raiva, ela cuspiu em ambos.

Ela se abaixou e pegou um de seus punhais. Ela precisaria muito dele, no lugar para onde ela estava prestes a ir, porque ela não podia deixar aquele lugar sem o marido. E ela iria libertá-lo, mesmo que isso lhe custasse a vida.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Thor cavalgava sozinho através do ermo desolado, galopando em direção ao oeste quando o primeiro sol começou a subir, seu coração estava inundado por uma grande expectativa. Ele havia cavalgado por horas, com um sentimento de culpa por deixar seus irmãos para trás, porém ele estava mais do que nunca consciente de que estava em uma viagem importante, cavalgando para o seu destino. Depois de seu sonho e de seu encontro com Argon, ele pressentia que havia um grande segredo que o aguardava em sua cidade natal. Enquanto ele cavalgava, ele sentia um formigamento por todo o corpo, ele sentia que estava à beira de uma grande descoberta.

Thor também sentia uma sensação de pavor. Ele não tinha visto mais o seu pai depois da briga que tiveram, não o via desde que havia partido naquele dia fatídico e nunca mais tinha retornado. Ele se perguntava o que seu pai pensava dele agora. Será que seu pai estava arrependido? Será que ele se arrependia de ter tratado Thor tão duramente? Será que ele se arrependia de ter favorecido tanto seus outros filhos? Será que ele sentia saudades de Thor? Será que ele pediria desculpas e acolheria Thor de volta? Será que ele queria que ele ficasse? Será que seu pai estaria orgulhoso de Thor quando visse o guerreiro que ele havia se tornado, que ele tinha tido sucesso apesar de o mundo inteiro ter estado contra ele?

Ou será que ele ainda era o mesmo pai odioso e rabugento? Aquele que sempre esteve contra ele, que sempre favorecia seus outros filhos? Aquele que se recusava a reconhecer a individualidade de Thor, seus traços positivos, seus talentos? Aquele que tinha em cada oportunidade, feito todo o possível para rebaixá-lo? Aquele era

o pai que ele tinha conhecido. Aquele era o pai que ele tinha crescido odiando.

Thor havia tentado tantas vezes amá-lo, chegar-se a ele, mas seu pai só se afastava dele. Seu pai encontrava sempre uma maneira de colocar barreiras entre os dois. Por fim, Thor tinha desistido.

Ao pensar sobre isso, Thor concluiu que sua partida provavelmente não tinha mudado seu pai em nada. Muito provavelmente, ele continuava a ser a mesma pessoa rabugenta, teimosa e rancorosa.

Era muito provável que ele não ficasse feliz em ver Thor novamente. Ele provavelmente iria compará-lo com seus três irmãos, tal como sempre fazia, vendo apenas a sua maior altura e maior tamanho como prova de que eles eram superiores a Thor. Seu pai era quem ele era e nada poderia mudar isso. Nem mesmo o amor de Thor.

Seu pai era vítima de sua própria personalidade. Mas isso não era desculpa, seu pai deveria ter sido forte o suficiente para superar a sua própria personalidade, pelo menos o suficiente para ser gentil com Thor. Thor percebia que só era possível perdoar seu pai, por sua personalidade, até certo ponto. Seu pai por outra parte tinha de assumir alguma responsabilidade pessoal.

Thor pressionou seu cavalo cada vez mais forte ao ver aquela área deserta dar lugar a estradas bem pavimentadas e campos gramados. Ele estava aproximando-se do lar que ele tanto conhecia. Era estranho voltar ali, estar naquela estrada familiar, estar indo para casa e dessa vez, cavalgando seu próprio cavalo, um animal da raça mais pura, um animal superior a qualquer outro possuído por qualquer guerreiro ou qualquer homem adulto de sua cidade natal. E estar portando o seu próprio armamento, de qualidade superior; estar usando sua própria armadura, e acima de tudo, o emblema da Legião. O pequeno distintivo preto com a imagem do falcão em seu peito brilhava ao sol. Thor estava mais orgulhoso dele do que de qualquer coisa. Uma parte dele sentia como se estivesse retornando como um herói conquistador. Ele sentia como se tivesse partido como um garoto e agora estava voltando como um homem. Um

homem igual ao seu pai. Embora, é claro, seu pai jamais reconhecesse isso.

Thor seguiu seu caminho pelas estradas familiares, admirado por estar de volta ali. No dia em que ele partiu, ele pensou que jamais voltaria, por qualquer que fosse o motivo. Enquanto ele vivia ali, ele nunca imaginou que um dia partiria. Toda a experiência de estar ali era surreal.

Thor tomou a estrada ampla que levava a sua pequena aldeia, ele conhecia o caminho como a palma da sua mão. Ele observava a cidade diante dele e estava espantado: nada havia mudado. As mulheres mais velhas, como sempre, estavam debruçadas sobre seus caldeirões, fervendo seu jantar.

Lá estavam os cães correndo, as galinhas, as ovelhas... Era como se nada tivesse sequer mudado de posição. Ele reconhecia os rostos, as mesmas mulheres idosas, os mesmos velhos, os mesmos meninos, todos seguiam sua mesma rotina diária. Era como se nada tivesse mudado no mundo para aquelas pessoas depois de todos esses meses, depois que ele tinha ido embora. Thor achava difícil entender. Porque ele tinha mudado tanto... e tão rápido.

Thor tinha estado em tantos lugares desde que havia partido. Ele havia passado por tantas experiências novas que havia mudado sua perspectiva do mundo. Aquele lugar que outrora parecia tão grande e importante, agora parecia pequeno e pitoresco para ele. Parecia até mesmo insignificante. Ele não podia acreditar que aquele lugar alguma vez havia parecido importante, não podia mesmo. O que antes parecia familiar e reconfortante, agora parecia sufocante. Thor agora apreciava o fato de que o mundo lá fora fosse tão grande, isso lhe permitia finalmente ver aquela cidade como o que ela realmente era: apenas outra cidade agrícola insignificante da periferia da Corte do Rei. Ao cavalgar por ali, ele se sentia claustrofóbico, ele já sentia o desejo de ir embora dali e mal podia suportar a ideia de permanecer uma tarde inteira naquele lugar.

Thor também sentia uma sensação de raiva ao estar ali, sentia até mesmo um desejo de vingança. Naquela cidade, ele sempre foi conhecido como o mais novo, o mais fraco e o menos ambicioso dos filhos de seu pai; ele era tido como o menos amado e menos

querido, aquele que estava destinado a ficar em casa para cuidar das ovelhas. Ele nunca havia sido levado a sério por ninguém ali. E ninguém nunca esperava que ele saísse daquele lugar. Estar ali fazia com que ele se sentisse pequeno, pouca coisa. Era o oposto de estar na Corte do Rei e totalmente diferente da maneira como a Legião fazia com que ele se sentisse. Agora, ao olhar para a cidade com outros olhos, ele encontrou a si mesmo desprezando profundamente aquele lugar.

Ele desacelerou o galope do cavalo enquanto seguia pela rua principal, sob todos os olhares surpresos dos aldeões. Ele podia sentir os olhares, mas ele não parou para falar com ninguém e não olhou nos olhos de ninguém. Em vez disso, ele cavalgou orgulhosamente pelo centro e em seguida virou a esquina da rua de sua casa, a qual ele sabia de cor. Aquela que permanecia em seus sonhos e em seus pesadelos.

Thor se encontrou do lado de fora de sua velha porta. Ele apeou fazendo tilintar suas esporas.

Logo, ele amarrou o cavalo e dirigiu-se para a porta, as armas chocalhavam em seus quadris. Thor percebeu que a porta de sua casa estava entreaberta e a atmosfera dentro era sinistra. Seu sonho voltou à mente com força total. Ele sentia um calor tremendo através de seu corpo e isso lhe indicava que algo importante estava prestes a acontecer.

Thor pegou a aldrava de ferro, mas quando fez isso, ele ouviu o ruído de algo martelando, provindo da parte de trás da casa, ele reconheceu o som: era seu pai batendo algo em sua bigorna, provavelmente consertando uma das ferraduras do cavalo, tal como sempre fazia. O som se ouvia de maneira regular e era definitivamente, a batida típica de seu pai ao trabalhar.

Thor deu a volta e caminhou em direção aos fundos da casa, preparando-se para por os olhos sobre seu pai novamente. Seu coração estava batendo acelerado. Ele sentia que estava mais nervoso do que quando marchou para a batalha. Uma parte dele não podia esperar para ver o pai, não podia esperar para ver se seu pai estava orgulhoso dele, não podia evitar ter esperanças; mas outra parte dele o temia e temia o pior.

Thor virou a esquina e lá estava ele: o seu pai. Ele estava debruçado sobre sua bigorna, usando as mesmas roupas que Thor havia visto antes de partir. Ele estava martelando uma ferradura como se ela fosse a coisa mais importante do mundo. Thor ficou ali ansioso, sentindo frio, olhando para o pai, lembrando-se de seu último encontro. Seu coração batia mais rápido enquanto ele se perguntava qual seria a reação de seu pai ao vê-lo.

Thor estava ali, esperando pacientemente, sem querer interrompê-lo e uma parte dele realmente não tinha certeza do que ele estava fazendo ali, afinal de contas. Teria sido um erro ir ali? Será que ele tinha sido um tonto ao prestar atenção ao seu sonho?

Finalmente, seu pai fez uma pausa. Ele largou a bigorna, se inclinou para frente e com as costas da mão, limpou o suor que escorria da testa. Então ele se virou e quando o fez, ele ficou paralisado.

Ele se encolheu ao ver Thor, seus olhos se arregalaram com a surpresa.

Houve um momento em que Thor esteve cheio de esperança, de expectativas. Será que tudo seria diferente dessa vez? Uma parte dele esperava que fosse. Talvez eles pudessem começar de novo.

Mas o que ele viu, foi o rosto do seu pai ficar sombrio e fechar-se em uma profunda carranca.

Aquela carranca disse a Thor tudo o que ele precisava saber. Seu pai não estava arrependido.

Seu pai não iria perdoá-lo. Seu pai não queria começar de novo. Ele era o mesmo velho pai.

“Vejam só quem veio rastejando de volta para casa.” Seu pai fervia, olhando para Thor de cima a baixo, como se ele fosse um inseto. “Vestido com toda sua armadura elegante, não é? Você achou que isso iria me impressionar?”

Thor se sentia tremendo por dentro. Ele havia se esquecido de como seu pai era insensível, de como ele podia ser cruel. Thor não tinha desejado que as coisas saíssem tão mal assim.

“Bem, isso realmente *não* me impressiona.” Seu pai continuou. “De jeito nenhum. No dia em que você foi embora, você morreu para mim. Como se atreve a voltar aqui?”

Thor ficou sem ar, abatido pela dureza das palavras de seu pai. Elas o fizeram perceber como as novas figuras paternas de sua vida, tais como MacGil, Kendrick e Erec realmente haviam sido amáveis com ele. Nenhum deles era seu parente e ainda assim, todos o tinham tratado com muito mais gentileza. Finalmente, Thor percebeu como seu pai era um homenzinho cruel, especialmente se comparado com outros pais. Thor se sentia muito desafortunado por ser seu filho. Tudo era muito estranho para Thor, porque durante a maior parte sua vida ele tinha idolatrado seu pai e tinha pensado que ele era o homem maior e mais importante do mundo. Mas agora que ele tinha saído daquele lugar, agora que ele havia conhecido os outros, ele percebeu que tudo tinha sido apenas uma ilusão.

Ele estava começando a sentir um sentimento novo: a sentir que seu pai já não significava mais nada para ele. Ele estava começando a sentir que seu pai era apenas um conhecido distante, alguém com quem ele não gostaria de se encontrar.

“Eu não voltei para você, pai.” Thor disse fria e calmamente, tremendo por dentro, mas respeitoso, como sempre tinha sido. “Eu não vim aqui para ficar.”

“Então veio para quê?” Retrucou o pai. “Você deixou algo para trás? Ou você vem para trazer alguma notícia de seus irmãos? Mais vale que sejam boas notícias. Eles eram excelentes homens, melhores do que você jamais será.”

Thor tentou manter a calma, tentou ser forte. Ele sempre se sentiu perturbado perto de seu pai e não conseguia pensar tão claramente como antes. Ele sempre teve dificuldade para enfrentá-lo, tinha dificuldades para expressar-se no calor do momento. Mas dessa vez, Thor decidiu que as coisas seriam diferentes.

“Não, eu não vim aqui para trazer notícias de seus amados filhos.” Thor disse. Era bom falar as palavras e ele ouvia em sua própria voz uma nova força que ele nunca tinha sentido antes ao falar com seu pai. Era a força de um guerreiro. A força de alguém que havia se tornado independente, alguém que já era um homem feito.

Seu pai deve ter sentido isso, porque ele ficou de pé agitado, ele virou as costas para Thor e começou a mexer em suas ferramentas

como se Thor não existisse.

“E então? Ele retrucou sem olhar na direção de Thor. “Porque se você está vindo para pedir o meu perdão, você não vai conseguir. No dia em que me deixou, você perdeu um pai. Isso foi algo imperdoável. Ouvi dizer que você forçou o seu caminho para a Legião. Você acha que isso faz de você um homem? Você roubou a sua posição. Você teve sorte. Você não merecia isso. Você pode até considerar a si mesmo um tipo de guerreiro. Mas você não é nada. Você me entende?” Ele perguntou, virando o rosto vermelho, enfrentando Thor com fúria.

Thor ficou quieto em seu lugar, a raiva começou a brotar dentro dele. Ele tinha visualizado tudo isso acontecendo de uma maneira bem diferente em sua cabeça. Ele tinha ido ali com planos de fazer determinadas perguntas ao seu pai, mas naquele momento sua mente deu um branco. Em vez disso, outra questão surgiu em sua cabeça.

“Por que o senhor me odeia?” Thor perguntou calmamente, surpreendendo-se por ter a coragem de fazer a pergunta. Seu pai parou e olhou para ele perplexo, pela primeira vez desde que Thor o conhecia. Ele estreitou os olhos para Thor.

“Que classe de pergunta é essa?” Ele perguntou. “Quem foi que disse que eu odeio você? É isso o que lhe ensinam na Legião? Eu não odeio você. Como eu disse antes: você já não significa nada para mim.”

“Mas você não me ama.” Thor insistiu.

“E por que eu deveria?” Ele retorquiu. “O que você tem feito para merecer o meu amor?”

“Eu sou o seu filho.” Thor respondeu. “Isso não basta?”

O pai olhava para ele, intensa e prolongadamente, então finalmente se afastou. Antes que ele o fizesse, Thor detectou uma expressão diferente, jamais vista. Era uma expressão confusa.

“Os filhos não merecem o amor apenas por serem filhos.” Disse o pai. “Eles devem conquistá-

lo. Tudo deve ser conquistado neste mundo.”

“É mesmo?” Thor replicou, não deixando que ele escapasse dessa vez. No passado, ele sempre tinha cedido aos argumentos de

seu pai; à maneira abrupta de seu pai de acabar com uma conversa; de ficar sempre com a última palavra e recusar-se a ouvir mais. Mas não ia ser assim dessa vez. “E o que exatamente deve um filho fazer para ganhar o amor de seu pai?”

Seu pai ficou vermelho, ele estava a ponto de explodir, claramente superado e farto. Ele se virou e avançou para Thor, estendendo a mão para agarrá-lo pelos ombros com suas mãos fortes e calejadas, tal como ele tinha feito tantas vezes no passado.

“O que é que você está fazendo aqui?” Ele gritou no rosto de Thor. “O que é que você quer de mim?”

Thor poderia sentir a raiva do seu pai correndo de suas mãos para seus ombros.

Mas os ombros de Thor eram maiores e mais largos do que quando ele tinha partido e suas mãos e antebraços eram mais poderosos também, muito mais fortes do que antes. Seu pai sempre pensou que poderia encerrar uma discussão, agarrando-o pelos ombros, sacudindo-o e descarregando sua raiva sobre ele, mas isso já não seria mais assim. Assim que as mãos de seu pai cravaram em seus ombros, Thor estendeu as mãos e afastou-as, em seguida, com o mesmo movimento, ele empurrou o peito de seu pai com força suficiente para fazê-lo cambalear para trás por quase dois metros. Ele lutou ao tentar recuperar o equilíbrio e quase caiu.

Seu pai olhou de volta para Thor, chocado, como se perguntando quem ele era. Parecia que uma cobra o havia mordido. Seu rosto permaneceu vermelho de raiva, mas dessa vez, ele ficou firme e manteve uma distância prudente. Pela primeira vez na vida de Thor, seu pai não se atrevia a aproximar-se dele.

“Nunca mais encoste a mão em mim novamente.” Thor disse calma e firmemente. “Isso não é um simples conselho.”

Thor estava sendo sincero. Algo dentro dele não iria tolerar mais aquele tratamento; algo dentro dele lhe dizia que seu pai nunca colocaria a mão em cima dele de novo, Thor não seria capaz de controlar sua reação.

Algo indizível passou entre eles e seu pai pareceu entender. Ele ficou ali e baixou os ombros um pouco, o suficiente para que Thor percebesse que ele não tentaria de novo.

“Você veio aqui para me incomodar, então?” Perguntou o pai, parecendo quebrado, parecendo velho, naquele momento.

“Não.” Thor disse finalmente se lembrando. “Eu vim aqui para obter respostas. Respostas que só você pode me dar.”

O pai olhou para ele de volta e Thor respirou fundo.

“Quem era minha mãe?” Thor perguntou. “Minha *verdadeira* mãe?”

“Sua mãe?” O pai dele repetiu sentindo-se apanhado desprevenido. “E por que você quer saber isso?”

“E por que eu *não iria* querer saber?” Thor perguntou.

O pai olhou para baixo para o chão e a expressão dele se suavizou.

“Sua mãe morreu de parto quando você nasceu. Eu já lhe disse isso.”

Mas ele não olhava nos olhos de Thor enquanto dizia isso. Thor sentia que ele não estava sendo sincero. Thor estava mais sensível agora, podia sentir as coisas mais profundamente e podia perceber que seu pai estava mentindo.

“Eu sei o que o senhor me contou.” Thor disse com firmeza. “Agora eu quero a verdade.”

O pai olhou para ele e Thor podia ver a expressão dele mudando mais uma vez.

“Com quem você andou falando? O que lhe contaram? Como chegaram até você?”

“Eu quero a verdade.” Thor exigiu. “De uma vez por todas. Não mais mentiras. Quem era minha mãe? E por que escondeu isso de mim?”

O pai de Thor olhou para ele longa e duramente e finalmente, depois de vários momentos de silêncio pesado ele cedeu. Ele baixou os olhos, parecia um homem muito mais velho.

“Eu acho que não há mais razão para ocultar isso de você.” Ele respondeu. “Sua mãe não morreu no parto. Essa foi uma história que eu inventei, para evitar que você fizesse perguntas. Sua mãe está viva. Ela mora muito longe daqui.”

Thor sentiu-se encorajado. Ele sabia que tudo era verdade, mas ouvi-lo da boca de seu próprio pai fazia com que fosse mais real.

“Na Terra dos Druidas?” Thor insistiu

Os olhos do pai se arregalaram com a surpresa.

“Quem lhe contou?” Ele perguntou.

“Ela é uma druidesa, não é?” Thor perguntou. “Isso significa que eu sou meio-druida? Eu não sou totalmente humano?”

“Sim.” Seu pai admitiu. “Essa não era uma informação que eu quisesse andar espalhando pela aldeia.”

“E é por isso que sempre teve vergonha de mim?” Thor perguntou. “Porque minha mãe era de outra raça?”

Seu pai desviou o olhar, frustrado.

“Diga-me, então.” Thor insistiu. “Como a conheceu? Por que se divorciou dela? Porque eu não fui criado por ela? Por que eu fui criado pelo senhor?”

Seu pai abanava a cabeça lentamente.

“Você não entende.” Ele disse. “É mais complicado do que isso.”

“Conte-me!” Thor exigiu, gritando, com os punhos fechados de raiva, usando a voz mais feroz que ele já tinha usado com seu pai em toda sua vida.

Pela primeira vez em sua vida, ele viu seu pai com medo.

O pai olhou para ele de novo e finalmente, lentamente, ele disse:
- Você não é meu filho.

Thor olhou para ele, tremendo de raiva, tentando entender suas palavras.

“Eu não sou o seu pai.” Ele acrescentou. “Eu nunca fui. Eu simplesmente criei você como se fosse meu filho.”

O coração de Thor batia em seu peito enquanto as palavras o penetravam, as palavras daquele homem que Thor uma vez pensou que era o seu pai. Ele sentiu o mundo ao seu redor desmoronar. E

de repente, tudo fez sentido. Pela primeira vez em sua vida, tudo fazia sentido.

Aquele homem não era o seu pai.

“Então quem é meu pai?” Thor perguntou.

“Honestamente, eu não sei.” Ele disse. “Eu jamais o conheci. Eu estive com sua mãe apenas uma vez. Brevemente. Ela o abandonou quando você era um bebê, ela colocou você em meus braços. Eu estava com o rebanho no alto da montanha. Então ela apareceu

segurando você. Ela disse para eu criar você, que você tinha um grande destino pela frente, que eu estava destinado a tomar conta de você. Ela era a mulher mais linda e poderosa em quem eu já tinha posto os olhos. Ela não era desse mundo. Eu enfraqueci diante da vista dela. Eu teria feito qualquer coisa que ela me pedisse. Eu peguei você em meus braços. E então ela desapareceu.

“Ela se foi e eu fiquei ali, segurando você, sozinho no topo da montanha e assim que ela se foi, eu me perguntei por que eu tinha tomado você. Quando ela foi embora, eu voltei a mim. Mas eu já estava obrigado a cuidar de você.”

Era doloroso para Thor ouvir aquelas palavras, mas, ao mesmo tempo, pelo menos uma vez na vida, elas soavam verdadeiras.

Mas isso ainda não explicava quem era seu verdadeiro pai. Ou por que aquele homem tinha sido escolhido para criá-lo.

“Antes de partir, ela me deu uma ordem. Ela me disse que no dia em que você descobrisse a verdade sobre ela, eu deveria dar-lhe algo.”

Ele se virou e caminhou todo pomposo pelo pequeno quintal, então ele entrou no galpão, Thor o seguiu.

Ele se ajoelhou sobre o piso de madeira, usou a palma corpulenta de sua mão para varrer o pó, revelando um compartimento oculto. Ele soprou o pó, descobrindo uma trava, então a virou e ergueu-a com toda a força. A tampa tinha trinta centímetros de espessura, ele a levantou lentamente e o ar viciado saiu da abertura, juntamente com uma pequena nuvem de poeira. Era como se não tivesse sido aberta há um século.

Ele meteu as mãos até o cotovelo, pela abertura, tateou ao redor e em seguida, pegou algo e puxou-o para fora. Thor se ajoelhou ali, a sua frente, o homem segurava um pequeno saco de couro coberto de poeira, na palma da mão. Ele soprou o saco e o entregou a Thor.

Thor abriu o saco cuidadosamente e enfiou a mão dentro dele. Ele encontrou um pedaço de pergaminho enrolado, tirou-o de dentro e o desenrolou.

Ele não podia acreditar. Era a letra de sua mãe. Ele sentiu uma emoção enorme ao lê-lo: *Meu querido Thorgrin:*

No dia que você ler isto, você já será um homem. Lamento tê-lo deixado. Porém fiz isso por uma razão justa. O destino tem seu próprio modo de revelar-se e no dia em que nos encontrarmos, você entenderá...

Dentro deste saquinho há duas peças de jóias — você precisará de ambas para salvar sua vida. A primeira é um anel, o qual você deve dar a quem você ama. A segunda é um colar, o qual você deverá usar. Ele o levará ao seu pai. E a mim.

Eu amo você com toda a minha alma e eu choro todos os dias por não poder ver você.

Sua mãe.

Thor meteu a mão trêmula dentro do saquinho e primeiro tirou um anel. Ele ficou sem fôlego: era um lindo anel de diamante, impecável e cravejado com rubis e safiras. Era a mais espetacular das jóias que ele já tinha visto. Em seguida, ele estendeu a mão e tirou o colar. A corrente estava adornada com diamantes, safiras e rubis, dela pendia o emblema de um falcão, esculpido em uma ametista preta.

Thor se inclinou e colocou o colar em seu pescoço, ele podia sentir imediatamente a energia dele pulsando através de seu peito. Ele sentia-se confortado por ele, sentia-se protegido. Ele sentia, pela primeira vez, como se estivesse perto de sua mãe.

Thor colocou cuidadosamente o pergaminho e o anel de diamante dentro de sua camisa e enquanto o fazia, seu pensamento voltou-se para uma única pessoa.

Gwendolyn.

Você deve dá-lo a quem que você ama.

“É tudo o que eu tenho para você.” Seu pai disse ao levantar-se.

Thor se levantou também.

“Então como você vê...” Seu pai continuou a dizer. “... Você já não tem mais nada a fazer aqui.

Você já recebeu o que veio buscar.”

Thor olhou de volta para aquele homem patético que uma vez pareceu tão grande para ele. Ele sentiu uma profunda tristeza.

“Antes de partir, me diga uma coisa.” Thor disse. “Você alguma vez teve algo de amor por mim? Algo pelo menos?”

Thor precisava saber. Por seu próprio bem. Por alguma razão isso era importante para ele.

Lenta e tristemente, o homem balançou a cabeça.

“Eu gostaria de poder dizer que sim.” Disse ele solenemente.

“Mas minha vida são os meus três rapazes. Eles são o mais importante para mim. Você sempre foi um fardo para mim. Para toda esta família. Se você queria saber a verdade, aí está ela.”

Lentamente e com muita tristeza, Thor concordou. Ele percebia que era a verdade e estava agradecido, pelo menos por isso. Se aquele homem não havia podido dar-lhe qualquer outra coisa na vida, pelo menos ele pôde dar-lhe uma resposta sincera.

“Não se preocupe.” Thor disse já se preparando para partir. “Eu já não serei mais uma carga para o senhor... nunca mais.”

Thor se virou, saiu do galpão e cruzou o quintal do homem, dirigindo-se de volta para o seu cavalo.

Ele montou e começou a cavalgar e ir embora, saindo daquela aldeia pela última vez em sua vida. Ele podia jurar que ouviu algo atrás dele, podia jurar que tinha ouvido o homem gritar. Ele podia jurar que tinha ouvido o homem chamar o seu nome com um sentimento de perda, desculpando-se, pela última vez.

Mas, devido ao crescente barulho dos cascos dos cavalos, Thor não poderia estar completamente seguro.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

O coração de Reece batia descompassado enquanto ele percorria seu caminho através da pequena aldeia de Sulpa, para ver Selese. Ele limpou as palmas das mãos suadas na calça mais uma vez e percebeu que não podia se lembrar de quando ele tinha estado tão nervoso assim. Ele tinha adiado vê-la durante a maior parte da manhã, juntando-se a seus irmãos enquanto eles reconstruíam a

porta da cidade. O primeiro sol já estava bem alto no céu e ele tinha estado distraído na corrente de distribuição dos enormes blocos de pedra, ele tinha de passá-los para os seus colegas na fila, ajudando-os a levantar a parede. Quando o segundo sol já estava alto, o muro tinha crescido quase quatro metros de altura, graças ao trabalho de todos. Logo, todos decidiram fazer uma pausa, então ele percebeu que o tempo tinha chegado. Ele não poderia prolongar o assunto por mais tempo. Ele havia estado distraído o tempo todo com o pensamento nela e já era a hora de ele enfrentar seus temores.

Reece finalmente se separou do grupo e seguiu seu caminho pelas ruas empoeiradas da aldeia.

As palmas das mãos dele suavam quando ele se aproximou da cabana dela. Ela tinha feito seu trabalho com maestria, o ferimento no ombro dele quase não doía mais, parecia que nunca tinha estado infectado. No entanto, ele precisava de uma desculpa para se aproximar dela e percebia que talvez de alguma forma pudesse ser essa. Afinal, ele poderia dizer que estava ali para que ela verificasse seu estado de saúde. E então, se a coisa não resultasse bem entre eles, ele teria uma desculpa para ir embora.

Reece respirou fundo, dobrou seu ritmo e fortaleceu sua resolução. Ele sabia que não deveria ter nada a temer. Afinal, ele era um príncipe, o filho de um rei e ela era uma simples plebeia em uma aldeia remota da periferia do Anel. Ela deveria estar emocionada por seu interesse. Mas, mesmo em seu delírio, ele sentiu algo em seus olhos. Ela era voluntariosa, nobre, orgulhosa. Independente.

Portanto, uma parte dele se perguntava como ela reagiria.

Reece parou diante de sua porta e hesitou. Ele respirou fundo e percebeu que estava suando, então limpou as mãos novamente. Seu coração batia forte enquanto ele estava ali e uma parte dele não queria passar por aquilo. No entanto, ele sabia que se não o fizesse, ele não poderia pensar em mais nada.

Reece preparou-se, estendeu a mão e bateu a aldrava. Vários transeuntes se viraram e olharam para ele, ele ficou constrangido, especialmente porque a aldrava de ferro ecoou muito alto.

Ele ficou ali, ansioso, sem saber o que fazer, enquanto esperava e esperava. Justo quando ele pensou que ela não estava em casa,

justo quando ele estava prestes a virar-se e a ir embora, de repente, a porta se abriu.

A garganta de Reece ficou seca. Ela estava lá, orgulhosa, confiante, olhando para ele, com seus olhos azuis brilhando sob os raios do segundo sol. Ele ficou sem fôlego. Ela era ainda mais bonita do que ele se lembrava. Seu cabelo preto caía emoldurando ambos os lados de seu rosto, seus pômulos eram salientes e seu queixo mostrava determinação, ela tinha o porte de alguém da Corte Real. Ele não conseguia entender o que uma garota como ela estava fazendo ali, naquela aldeia humilde. Ela parecia ser importante demais para aquele lugar.

Reece percebeu que ele estava olhando fixamente para ela, então ele limpou a garganta e se moveu enquanto ela olhava para ele e esperava. Ela estava sem expressão, talvez estivesse um pouco divertida com a situação. Ela não estava facilitando as coisas para ele.

“Eu... err... eu.” Reece começou, parou e recomeçou, olhando para baixo e depois para cima.

“Eu vim para verificar sua saúde.”

Ela começou a rir.

“Para verificar *minha* saúde?” Ela perguntou ironicamente.

Reece corou.

“Eu quis dizer... hã... para verificar minha saúde.”

Ela riu ainda mais.

“O quê?” Ela perguntou. “Você veio aqui para verificar você mesmo a sua saúde?”

“Eu quis dizer... hã...” Ele disse corando. “Para que você verifique minha saúde. Eu me refiro ao ferimento.”

Ela olhou para ele com os olhos brilhando de tanto rir e sorria de orelha a orelha. Ele se sentia como um idiota. Ele já tinha estragado tudo.

“É mesmo?” Ela perguntou ceticamente, estava claro que ela não estava caindo na conversa dele. “E por que você faria isso? Eu lhe disse ontem que seu ferimento já foi curado.”

Reece ficou ainda mais vermelho, ele remexia a terra com a ponta de sua bota e olhava para baixo sem saber o que dizer.

Durante toda a sua vida no centro da Corte do Rei, ele havia encontrado milhares de pessoas e se sentia à vontade ao falar com qualquer uma delas. As moças sempre o haviam procurado e ele sempre tinha de deter seus avanços. Ele jamais havia estado nervoso diante de uma garota antes. Ele não estava acostumado a procurar as mulheres. E aquela jovem era diferente. Havia algo nela que o desnor-teava.

“Eu... hã... eu... acho que... bem, estava doendo um pouco.” Ele falou sem saber o que mais dizer.

Ela sorriu maliciosamente, de novo.

“Um pouco?” Ela perguntou. “Bem, se a ferida estava infectada, ela realmente doeria muito. Ela está se curando, por isso, um pouco de dor é normal. Você não é um guerreiro grande e forte da Legião?” Ela perguntou com uma risada.

Reece estava nervoso, ele não imaginava que as coisas iriam tomar aquele caminho.

Ele estava muito envergonhado e se virou para ir embora quando de repente, ela deu um passo à frente e colocou as duas mãos em seu braço. Ela levantou o braço e examinou-o com um olhar profissional, estudando a ferida. Ela passou a mão ao longo dela, em seguida, arregaçou a manga da camisa.

Apesar de tudo, a sensação da mão dela em seu braço o eletrizou e ficou ainda mais difícil para ele pensar com clareza.

“Sua ferida está perfeita.” Disse ela. “De fato, eu estou orgulhosa de meu trabalho.”

“Eu vim aqui para agradecer-lhe...” Reece disse baixinho. “... Por salvar minha vida.”

“Eu pensei que você tinha vindo porque a ferida doía.” Ela disse com um sorriso, seus olhos reluziam, ela obviamente estava desfrutando tudo aquilo.

Reece corou.

“Eu não salvei sua vida.” Ela acrescentou, resgatando-o de uma resposta. “Seus amigos salvaram você. Eles trouxeram você aqui rapidamente. Se eles tivessem demorado um pouco mais, nada poderia ter salvado sua vida.”

Reece acenou de volta, sem saber o que dizer. Ele estava perplexo e impressionado com a humildade dela.

“Então, há mais alguma coisa que você deseja?” Ela perguntou ainda sorridente.

Ela não ia facilitar as coisas para ele. Ele olhou em seus olhos brincalhões e inteligentes e sentiu que ela era muito esperta para ele. Ela via através dele, ela fez isso a partir do segundo em que ele caminhou até a porta dela. Ela queria claramente que ele dissesse o que estava em sua mente e não iria deixá-lo livre até que falasse.

“Bem... eu...” Ele disse, engolindo saliva. Isso não era fácil. Ele não se lembrava de que fosse tão difícil falar com as moças antes. “Eu suponho que havia algo mais.” Ele disse. “Eu acho que... eu estou querendo saber... o que você acha de mim? Quero dizer... de nós?”

“De nós?” Ela perguntou rindo.

Reece ficou vermelho. Ele simplesmente não podia comportar-se normalmente na presença dela.

“Eu quero dizer... eu acho... eu me perguntava... se... você tem namorado?”

Reece finalmente largou as palavras, sentindo-se aliviado ao fazê-lo. Ele não se sentia tão ansioso em anos. Ele preferia lutar novamente contra uma aranha Forsyth, a passar por aquela tortura.

Mas agora ele estava ali, ele olhou para cima e encontrou os olhos dela, então foi a vez dela sentir-se perturbada.

Selese piscou várias vezes e desviou os olhos, então ela olhou para baixo e ficou mexendo as mãos.

“E o que você tem a ver com isso?” Ela perguntou.

“Eu não quis ofendê-la, minha senhora.” Ele disse. “Eu só estava perguntando.”

“Eu não tenho namorado.” Disse ela.

Reece olhou para ela com uma esperança renovada. Mas ela ainda olhava para ele de uma maneira orgulhosa, distante.

“E nem desejo ter.” Ela acrescentou.

Ele olhou para ela perplexo.

“E isso por quê?” Ele perguntou.

“Porque eu não encontrei nenhum homem adequado para mim nesta aldeia.”

“E quanto aos homens de fora da sua aldeia?”

“Os viajantes raramente passam por aqui. E quando o fazem, eu estou sempre muito ocupada com minhas artes de cura.”

“Bem... eu estou de passagem por aqui.” Reece disse.

Ela olhou nos olhos dele, sorrindo.

“E?” Perguntou ela.

Reece olhou para trás, confuso. Por que ela estava tornando tudo tão difícil? Ela não estava interessada? Parecia que ela não estava. Ele estava ficando exausto.

“Eu sou o filho de um rei.” Ele disse e imediatamente se arrependeu. Ele odiava ostentar; ele normalmente não era assim. No entanto, estava desesperado e encontrou-se debatendo, já não sabia mais o que dizer. As palavras simplesmente saíram de sua boca.

“E?” Ela cutucou. “Que diferença isso faz?”

Reece não a entendia.

“Isso faria uma grande diferença para a maioria das mulheres neste reino.” Ele disse. “Faria toda a diferença do mundo.”

Ela abanou a cabeça lentamente.

“Eu não sou como a maioria das mulheres.” Disse ela. “Eu não me deixo impressionar por títulos, terras ou riquezas. Eu deixo isso para as outras mulheres.”

Ele estudou-a, tentando entendê-la.

“Então o que a impressiona?” Ele perguntou.

Ela parecia pensar por um momento.

“Honestidade.” Disse ela. “Lealdade. E talvez... perseverança.”

“Perseverança?” Ele perguntou.

Ela sorriu timidamente.

“E quanto a sua vida amorosa?” Ela perguntou.

Reece tropeçou.

“Atualmente eu não estou envolvido sentimentalmente com nenhuma mulher.” Reece respondeu, tentando parecer nobre e bom. “Se eu estivesse, eu não estaria aqui falando com você.”

“Não estaria mesmo?” Ela perguntou sorrindo, ela estava claramente desfrutando tudo isso.

“Então, por que o filho de um rei se interessaria por uma simples aldeã?”

Reece respirou fundo. Era hora de ele dizer a ela como se sentia.

“Porque quando eu olho em seus olhos, minha senhora, eu vejo muito mais do que uma simples aldeã. Eu sinto algo que eu nunca senti por nenhuma outra mulher. Quando eu a olho, eu não consigo desviar o olhar. A sua imagem tira o meu fôlego. Minha senhora, eu estou apaixonado.”

Ele estava chocado, mas também orgulhoso de si mesmo. Pela primeira vez, ele tinha parado de gaguejar e tinha conseguido botar tudo para fora, tinha dito como ele realmente se sentia. Ele não podia acreditar que as palavras tinham saído de sua boca. Mas elas eram totalmente verdadeiras. E

agora que elas haviam sido ditas, era vez de ela reagir como quisesse.

Pela primeira vez, durante a conversa, parecia que ela realmente havia sido apanhada desprevenida. Ela piscou várias vezes e se mexia inquieta e Reece pôde ver suas bochechas ficarem vermelhas.

“Suas palavras são estranhas.” Disse ela. “Como eu sei que elas são sinceras?”

“Minha senhora, eu nunca minto.” Reece respondeu sério.

Ela olhou para baixo e remexeu a areia com a ponta do pé.

“Palavras são apenas palavras.” Ela disse finalmente. “Elas não significam nada.”

“E o que realmente significa *algo* para você?” Ele perguntou.

Ela encolheu os ombros em silêncio. Ele poderia dizer que ela estava à defensiva, lenta para confiar.

“Então como eu posso provar o meu amor por você?” Ele pressionou.

Ela deu de ombros novamente.

“Você tem seu o mundo e eu tenho o meu.” Disse ela. “Às vezes os mundos devem ficar como estão.”

Reece sentiu o coração despedaçar e ele não pôde evitar sentir que ela estava lhe dizendo que fosse embora.

“Você está me pedindo para ir embora?” Ele perguntou com o coração partido.

Ela olhou nos olhos dele. Eles estavam cheios de sentimento e eram ao mesmo tempo perspicazes. Reece sentiu-se perder neles. Ele não podia discernir a expressão do olhar dela.

“Se você desejar.” Ela replicou.

O coração do Reece desceu para a boca do estômago.

Ele virou-se e se foi, sentindo-se devastado. Ele estava confuso; não tinha certeza se ele havia sido rejeitado, mas ele certamente não tinha sido aceito. Selese era um mistério para ele. Ele se perguntou se algum dia ele iria entendê-la.

Ele aumentou o ritmo, dirigindo-se de volta para seus irmãos da Legião, para um mundo que ele entendia. Ele desejava nunca ter ido ali. Se aquela era a garota que tinha salvado sua vida, uma parte dele desejava jamais ter sido salvo. Não mesmo.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Godfrey percorria os becos da parte mais decadente da Corte do Rei, tentando acompanhar o rapaz enquanto ele atravessava com dificuldade a multidão, depois de ter deixado apressadamente o cemitério. Akorth e Fulton lutavam para seguir seus passos, respirando com dificuldade, eles não estavam em tão boa forma quanto o rapaz e para dizer a verdade, Godfrey tampouco estava em boa forma. Todos aqueles anos na taverna tinham afetado a todos eles e correr atrás daquele garoto era uma grande luta. Enquanto Godfrey se esforçava arduamente, ele decidiu que era hora de virar a página de sua vida, era hora de parar de beber de uma vez por todas e de começar a entrar em forma.

Dessa vez, ele realmente era sincero.

Godfrey empurrou um bêbado para fora do seu caminho, esquivou um jovem que tentou vender-lhe ópio e abriu seu caminho entre uma fileira de prostitutas. Aquela parte da cidade tornava-se

cada vez pior com seus becos cada vez mais estreitos, cheios de esgoto e lama. O rapaz que os guiava era rápido e conhecia bem as ruas, ele dava voltas pelo caminho através de atalhos, ao redor dos vendedores; era óbvio que ele vivia em algum lugar ali perto.

Godfrey tinha de segui-lo. Era óbvio que havia uma razão pela qual ele estava correndo, já que ele não tinha parado desde que eles o tinham visto no túmulo. Ele estava com medo. Ele era a única esperança de encontrar a prova de que Godfrey precisava para encontrar seu assassino e para poder derrubar seu irmão.

O garoto conhecia muito bem seu caminho por ali, mas Godfrey conhecia a vizinhança ainda melhor do que ele. A velocidade que Godfrey não tinha era compensada com sua sagacidade e com o fato de ele ter passado quase toda vida bebendo e frequentando prostitutas naquelas ruas. Ele havia passado demasiadas noites ali fugindo dos guardas de seu pai; Godfrey conhecia aquelas ruas, muito melhor, até mesmo que o menino. Então, quando ele viu o menino dobrar à esquerda por uma rua lateral, Godfrey soube imediatamente que a rua se fechava e que só havia uma saída. Godfrey viu sua oportunidade: ele pegou um atalho entre os edifícios, preparando-se para interceptar o menino na passagem.

Godfrey pulou para fora do beco justo a tempo de bloquear o caminho do garoto. O jovem que havia estado todo o tempo olhando para trás, por cima do ombro, foi pego totalmente de surpresa.

Godfrey veio por um lado e saltou sobre ele, derrubando-o com força na lama.

O garoto gritava e se debatia; Godfrey estendeu a mão, agarrou seus braços e sujeitou-o contra o chão.

“Por que você está fugindo de mim?” Godfrey perguntou com voz autoritária.

“Deixe-me em paz!” O garoto gritou em resposta. “Saia de cima de mim. Socorro! Socorro!”

Godfrey sorria.

“Você se esqueceu de onde estamos? Não há ninguém por perto para ajudá-lo aqui, rapaz. Então pare de gritar e fale comigo.”

O menino respirava com dificuldade, seus olhos estavam arregalados de medo, mas pelo menos ele parou de gritar. Ele

encarou Godfrey com medo, mas também desafiante.

“O que quer de mim?” O rapaz perguntou ofegante.

“Por que você fugiu de mim?”

“Porque eu não sabia quem você era.”

Godfrey olhou para baixo, cético.

“Por que você estava no cemitério? Quem você conhece que foi morto? Quem foi enterrado lá?”

O menino hesitou, então cedeu.

“Meu irmão. Meu irmão mais velho.”

Godfrey, sentindo-se mal pelo menino, afrouxou um pouco o aperto, mas não o suficiente para deixá-lo livre.

“Bem eu lamento por você.” Godfrey disse. “Mas não por mim. Seu irmão tentou envenenar-me na outra noite. Na taverna.”

Os olhos do menino se arregalaram de surpresa, mas ele guardou silêncio.

“Eu não sei nada dessa história.” O rapaz disse.

Godfrey estreitou os olhos, ele tinha certeza de que aquele garoto estava escondendo algo.

Quando Akorth e Fulton chegaram por trás dele, Godfrey ficou de pé, agarrou o rapaz pela sua camisa e o levantou.

“Onde você mora, rapaz?” Godfrey perguntou.

O olhar do rapaz passou de Godfrey para Akorth e logo para Fulton; ele permaneceu em silêncio. Ele parecia estar com medo de responder.

“Ele provavelmente seja um moleque sem-teto.” Fulton conjecturou. “Aposto que ele nem sequer tem pai ou mãe. Ele é um órfão.”

“Isso não é verdade!” O garoto protestou. “EU TENHO pais!”

“Eles provavelmente o odeiem e não queiram ter nada a ver com você.” Akorth instigou.

“Você é um MENTIROSO!” O garoto exclamou. “Meus pais me AMAM!”

“E então onde eles vivem, se é que esses seus pais existem?” Fulton perguntou.

O menino ficou silencioso.

“Eu vou facilitar bastante as coisas para você.” Godfrey disse imperturbável. “Ou você nos diz onde mora, ou eu vou arrastá-lo para o Castelo do Rei e você será acorrentado na masmorra, para nunca mais sair.”

O menino olhou para ele com os olhos arregalados de medo, então, depois de alguns segundos de tensão, ele baixou os olhos para o chão, levantou o braço para trás e apontou.

Godfrey seguiu seu dedo para ver uma casa pequena mais parecida a um barracão, toda inclinada para um lado, como se estivesse a ponto de desabar a qualquer momento. A casa era estreita, teria apenas uns três metros de largura e não tinha janelas. Era o lugar mais pobre que ele já tinha visto.

Ele agarrou o braço do rapaz e arrastou-o para sua casa.

“Vejam os que seus pais têm a dizer sobre sua conduta.” Godfrey disse.

“Não, moço!” O garoto exclamou. “Por favor, não reclame de mim para os meus pais! Eu não fiz nada! Eles vão ficar bravos.”

Godfrey levou o garoto até a casa, o jovem implorava e protestava o tempo todo. Godfrey abriu a porta com um pontapé e entrou arrastando o menino, Akorth e Fulton entraram atrás dele.

O interior do barraco era ainda menor do que o exterior. Era uma casa de apenas um quarto; quando eles entraram, viram os pais do menino a poucos metros de distância, os dois se viraram e os encararam totalmente alarmados. A mãe estava entretida fazendo tricô e o pai estava ocupado curtindo a pele de um animal, os dois pararam o que estavam fazendo, ficaram de pé, olharam para os intrusos e em seguida, olharam para o seu filho com preocupação.

Godfrey finalmente soltou o menino, ele correu para o lado da mãe, abraçando-a apertado em torno da cintura.

“Blaine!” Ela disse para o garoto, preocupada, abraçando-o. “Você está bem?”

“Quem é você?” O pai exigiu com raiva, dando um passo em direção a eles. “Que direito você tem de invadir nossa casa? E o que fez com o nosso menino?”

“Eu não fiz nada com seu filho.” Godfrey respondeu. “Eu simplesmente o trouxe para casa porque eu quero respostas.”

“Respostas?” O pai exigiu ainda mais irritado e confuso enquanto andava ameaçadoramente em direção a Godfrey. Ele era um homem mais velho, tinha um rosto forte com um nariz grande e coberto de verrugas, ele não parecia satisfeito.

“Seu outro filho envenenou-me na outra noite.” Godfrey declarou.

O pai parou no meio do caminho, a mãe começou a chorar.

“Você fala de Clayforth.” O pai disse. Ele olhou para baixo com uma enorme tristeza e abanou lentamente a cabeça.

“Eles me perseguiram desde o cemitério por todo o caminho de casa, mamãe.” O garoto disse.

“Acredito que Blaine sabe algo sobre a tentativa de homicídio que eu sofri.” Godfrey disse para a mãe do garoto.

Ela olhou para ele com alarme, assumindo uma atitude protetora para com seu filho.

“E por que você afirma isso? Você não sabe nada sobre nosso filho.”

“Ele correu de nós no túmulo. Ele está escondendo alguma coisa. Eu quero saber o que é. Eu não quero machucar seu filho. Eu só quero saber por que seu irmão me envenenou e quem estava por trás disso.”

“Meu menino não sabe nada sobre esses planos tortuosos.” O pai retrucou. “Clayforth era problemático, eu admito. Mas não Blaine. Ele nunca iria meter-se em assuntos desse tipo.”

“Mas seu irmão se meteria?” Godfrey perguntou.

O pai deu de ombros.

“Ele está morto agora. Ele pagou por seus pecados. Assim são as coisas.”

“As coisas NÃO são assim.” Godfrey o corrigiu, levantando a voz. “Eu quase morri na outra noite. Está entendendo? Eu sou o filho de um rei. Sabe qual é a sentença por tentativa de homicídio de um membro da realeza? Clayforth está morto, mas isso não remedia as coisas. Blaine sabe alguma coisa e isso faz dele um cúmplice do crime. Pela Lei do Rei, ele pode ser punido. Agora você vai me dizer o que sabe, ou eu vou trazer a Guarda Real aqui!”

Godfrey ficou parado ali com o rosto vermelho, respirando com dificuldade, mais exausto do que tinha estado em um longo tempo.

Ele já tinha tido o bastante e queria respostas.

O pai ficou alarmado pela primeira vez, ele se virou e olhou para o filho, agora ele se sentia inseguro. Blaine se agarrou à cintura de sua mãe.

“Blaine...” Disse seu pai. “... Você sabe de alguma coisa que ainda não nos contou?”

Blaine olhava ora para seu pai, ora para sua mãe, sacudindo a cabeça nervosamente.

Godfrey suspirou, pensando no que fazer. Finalmente, ele enfiou a mão no bolso, tirou um saquinho de ouro e jogou-o no chão diante deles. As moedas de ouro se desparramaram sobre o chão da pequena casa, tanto a mãe como o pai, ficaram engasgados de surpresa diante da visão.

“Ouro do Rei.” Godfrey disse. “Do melhor. Vão em frente, contem-no. É o suficiente para que vocês possam viver o resto de suas vidas e nunca ter de trabalhar novamente. Eu não quero nada em troca. É de vocês. Tudo que eu quero é a verdade. Tudo que eu quero é que o seu filho me conte o que viu. Eu sei que ele sabe alguma coisa. Eu só quero saber o que é. Eu vou protegê-lo. Eu prometo.”

A mãe acariciou o cabelo do filho, agachou-se e o beijou na testa.

“Blaine, se você não viu nada, não tenha medo. Nós não precisamos deste ouro.”

Mas o pai marchou até ele severamente e agarrou Blaine pelo queixo.

“Blaine, estes homens acreditam que você sabe alguma coisa. Esse dinheiro pode mudar a vida de nossa família para sempre. Se você tiver algo para dizer, diga. Lembre-se, eu ensinei você a falar sempre a verdade. Não seja como o seu irmão. Vá em frente agora. Seja um homem. Você não tem nada a temer.”

Blaine engoliu em seco nervosamente, então finalmente olhou para Godfrey.

“Eu estava com Clayforth na outra noite.” Blaine disse. “Um homem que nunca tínhamos visto antes veio até ele. Ele sabia que o Clayforth era um garoto de recados para o salão de apostas e

perguntou-lhe se ele colocaria veneno na bebida de um homem. No começo o meu irmão disse que não. Mas então ele mostrou-lhe ouro, muito ouro, mais ouro até mesmo do que você tem aqui. Ele ainda disse que não. Mas ele continuou mostrando-lhe mais e mais ouro. E então ele cedeu.”

Blaine respirou fundo.

“Você precisa entender.” Acrescentou. O garoto. “... O meu irmão nunca tinha feito nada parecido antes. Mas era dinheiro demais para que ele rejeitasse. Ele disse que o dinheiro mudaria nossas vidas para sempre e que ele nunca teria de voltar a esta parte da cidade. Ele queria comprar uma casa nova para mamãe e papai, em algum lugar limpo e seguro.”

“Você viu a cara do homem?” Godfrey perguntou.

O rapaz assentiu com a cabeça, lentamente.

“Ele era um homem alto. Mais alto do que qualquer homem que eu já vi. E lhe faltava um dente.”

“Do lado direito?” Godfrey perguntou.

O rapaz assentiu com a cabeça, os olhos dele se arregalaram.

“Como é que sabe disso?”

Godfrey sabia tudo e muito bem. Era Afget, o novo matador de aluguel de Gareth. Não havia mais ninguém que se encaixasse nessa descrição. Agora ele tinha uma testemunha. Ele tinha uma testemunha que provava que o matador de aluguel contratado por Gareth tentou assassiná-lo, assassinar o filho do Rei. Esse era um motivo para destituir Gareth. Essa era a prova de que precisavam.

“Eu preciso do seu filho, preciso que ele atue como testemunha.” Godfrey disse ao seu pai. “O

que ele testemunhou é de importância não só para mim, mas para o próprio reino, para todos da Corte do Rei. Para todo o Anel. Eu preciso que ele preste depoimento. Ele vai compensar o fato de que seu irmão tentou tirar minha vida. Nenhum de vocês estará em perigo. Todos vocês serão protegidos, eu garanto. Vocês podem ficar com todo este ouro e muito mais.”

Um silêncio intenso pairou na sala quando todos eles se viraram para o rapaz.

“Blaine, a decisão é sua.” Disse o pai.

Blaine olhou para Godfrey de cima a baixo e em seguida, olhou para seus pais.

“Você promete que meus pais estarão seguros?” Blaine perguntou para Godfrey. “E que eles podem ficar com todo o ouro?”

Godfrey sorriu.

“Todo este ouro e muito mais.” Ele tranquilizou o garoto. “E sim, você tem minha palavra. Você vai estar mais seguro do que nunca.”

Finalmente, Blaine deu de ombros.

“Então, não vejo por que não. Afinal, como você disse papai: nunca está demais falar a verdade.”

CAPÍTULO VINTE E OITO

Thor galopava de regresso, através do deserto, distanciando-se cada vez mais de sua cidade natal e das lembranças de seu encontro com o seu pai, ou melhor, com o homem que o havia criado.

Tinha sido uma viagem transformadora, terrível e ao mesmo tempo inspiradora. O encontro havia sido doloroso, mas também tinha finalmente, lhe dado a clareza que Thor sempre buscou. Durante toda a sua vida ele suspeitava que era diferente de seu pai, de seus irmãos, de todos em sua aldeia.

Ele sempre sentiu que não pertencia àquele lugar; que um grande segredo sobre seu passado estava sendo escondido dele; que ele estava destinado a algo, a viver em algum lugar maior.

Agora que finalmente ele ouviu tudo o que seu pai tinha a dizer; que ele não era realmente seu pai; que aqueles não eram realmente seus irmãos; que sua mãe estava viva; que ele era realmente diferente, tudo fazia sentido. Apesar do confronto perturbador, Thor finalmente se sentia em paz consigo mesmo, como jamais havia se sentido em toda sua vida. Ele estava finalmente começando a

descobrir as camadas de mistério de sua verdadeira identidade, para entender mais sobre quem ele era.

Todas as coisas que seu pai tinha dito ainda continuavam a dar voltas na mente de Thor. Ele estava muito feliz em saber que sua mãe estava viva, que ela se importava com ele; ele podia sentir o colar que ela lhe dera em seu pescoço nu, mesmo enquanto ele cavalgava e essa sensação o confortava, o fazia sentir que, de algum modo, sua mãe estava ali com ele. Ele podia sentir uma energia intensa que irradiava do colar e preenchia todo o seu ser. Ela realmente se importava com ele. Ele podia sentir isso. E ela queria vê-lo. Isso significava mais para ele do que qualquer coisa.

Ele estava mais determinado do que nunca a encontrá-la.

Mas, então, ele não pôde deixar de perguntar-se: se ela se importava tanto com ele, por que o tinha dado em adoção, para começar a história? E por que para o homem que o criou, por que para alguém daquela aldeia?

Outra pergunta que o deixava ainda mais perplexo era: quem, então, era seu verdadeiro pai? O

mistério o confundia totalmente. Agora, não somente ele não sabia quem era sua mãe, como também ele não sabia quem era seu verdadeiro pai. Poderia ser qualquer um. Ele também era um druida? Ele viveria no Anel? E por que seu pai também o abandonou?

Thor sentia o anel que sua mãe havia lhe dado confortavelmente alojado no bolso da sua prenda de vestir interna e o seu pensamento voltou-se para Gwendolyn. Mais do que nunca, ele sabia que ela era o amor de sua vida. Ele sentia que aquele anel tinha entrado em sua vida, naquele momento, por alguma razão e que ele devia ser dado a ela. Ele não podia esperar para voltar e pedir-lhe em casamento e se ela dissesse que sim, ele iria colocá-lo em seu dedo. Era o mais belo anel que ele já tinha visto e a ideia de que ela o aceitasse o deixava emocionado.

Thor esporou seu cavalo, ansioso para voltar para o lado de seus irmãos da Legião. O segundo sol já baixava no céu. Ele queria terminar a reconstrução e voltar para a Corte do Rei para ver Gwen e Krohn novamente. Ele queria voltar para a Casa dos Eruditos e estudar o mapa mais profundamente, para determinar como ele

poderia viajar à Terra dos Druidas. Ele tinha de ver sua mãe. E ele tinha de saber quem era seu pai.

Thor tinha uma sensação de tristeza ao pensar no homem que o tinha criado. Enquanto Thor crescia, tinha pensado que ele era o homem mais importante do mundo, porém agora o homem não significava mais nada para ele. Muitos anos tiveram de passar para que Thor vivesse aquele dia e finalmente obtivesse uma percepção clara das coisas. Thor também estava, ao mesmo tempo, começando a sentir um novo senso de auto-estima. Ao saber que aquele homem não era seu pai, o que ele pensava ou sentia por Thor realmente já não importava. Ele era apenas um estranho. Thor agora se sentia livre para chegar as suas próprias conclusões sobre como se sentia consigo mesmo. Ao mesmo tempo, ele poderia procurar seu pai verdadeiro. E quanto a esse homem, Thor esperava que ele fosse um grande homem, alguém que fizesse com que Thor sentisse uma sensação ainda maior de orgulho de si mesmo. Thor esperava que esse homem pudesse realmente amá-lo por quem ele era, que ele pudesse se orgulhar de tudo o que ele tinha feito.

Thor corria pelo vasto deserto, aproximando-se cada vez mais da aldeia. De repente, seu cavalo desviou-se bruscamente para a esquerda, surpreendendo-o. Thor tentou puxá-lo de volta para o caminho certo, mas o cavalo se recusava a obedecê-lo. Ele desviou Thor para fora do curso e quando eles subiram uma pequena colina, Thor descobriu um riacho borbulhante que cortava o deserto, suas brilhantes águas azuis contrastavam com o solo amarelo do deserto. O cavalo correu até o riacho e Thor não teve outra escolha, a não ser desmontar, quando o cavalo baixou a cabeça para beber água.

Thor percebeu que o cavalo devia ter ficado com sede. Ainda assim, o comportamento do animal era muito estranho. Normalmente, ele era muito obediente. Thor estava começando a se perguntar se o cavalo o tinha levado àquele ponto por alguma razão, quando de repente, ele ouviu uma voz:

“Às vezes a verdade é algo pesado para suportar.”

Thor conhecia a voz, ele virou-se lentamente, dominado pelo alívio ao ver Argon ali, em suas vestes, segurando seu cajado e com

seus olhos brilhando para ele. Ele quase parecia uma aparição no meio da terra desolada.

“Aquele homem não era meu pai.” Thor disse. “Você sabia o tempo todo. Por que não me disse?”

Argon abanou a cabeça.

“Não era da minha incumbência.”

“Então quem é meu pai?”

Argon abanou a cabeça novamente. Ele permaneceu em silêncio.

“Você pode, pelo menos, dizer qualquer coisa sobre ele?” Thor insistiu.

“Ele é um homem muito grande e muito poderoso.” Argon disse. “Um homem digno de você.”

Quando chegar a hora, você o conhecerá.”

Thor estava cheio de emoção ao ouvir isso. Seu pai era um grande homem. Isso significava muito para ele.

“Eu me sinto diferente agora.” Thor disse. “... Desde que descobri a notícia sobre meu pai, desde que recebi a mensagem da minha mãe. Eu já não sou mais o mesmo garoto que eu era.”

“Porque realmente você não é.” Argon disse. “Aquele rapaz ficou totalmente para trás. Você é um homem agora. Não há como voltar atrás. O treinamento pode transformá-lo, mas o mesmo faz o conhecimento. Você não é o Thor que costumava ser. Agora você está pronto.”

Thor olhou para ele, perplexo.

“Pronto para o quê?”

“Pronto para começar seu treinamento real.” Argon Disse. “Não falo de seu jogo com as espadas, lanças nem escudos, mas sim do treinamento que mais importa. Falo de seu treinamento interior.”

“Feche os olhos.” Argon disse levantando uma mão espalmada e também seu cajado. “... E diga-me o que você vê.”

Thor percebeu naquele instante, por que o cavalo o havia trazido ali. Não havia sido para beber água. Havia sido para trazê-lo até Argon, para aquele campo de treinamento inusual, no meio do nada. Thor nunca poderia entender os caminhos de Argon. Parecia que ele sempre surgia nos momentos mais improváveis e nos lugares mais improváveis.

Thor fechou os olhos e respirou fundo, tentando concentrar-se e preparar-se para qualquer desafio que Argon lhe lançasse.

“Olhe para o centro do Anel.” Argon ordenou. “Veja todos os tempos: o passado, o presente e o futuro. O que você vê?”

Thor fechou os olhos, esforçando-se. Lentamente, algo estava vindo até ele.

“Eu vejo que eles são um só.” Thor disse. “Eu não vejo nenhuma divisão entre o passado ou o futuro. O tempo é como um rio que flui.”

“Muito bem.” Argon disse. “Muito bem. Você está correto. Não há divisão no tempo, exceto dentro de nós mesmos. Assim como um rio, o tempo nunca termina. Siga esse rio. O que você vê?”

Thor se esforçava para ver, sentindo uma nova sensação de paz apoderando-se dele. O lugar no qual ele estava era intenso, sagrado e por estar usando o colar de sua mãe, ele começou a sentir uma energia dentro de si mais forte do que nunca. As imagens surgiam em sua mente de maneira súbita e ele começou a ter visões do Anel com uma clareza jamais vista antes. Eram visões quase reais. Elas já não eram mais difusas como costumavam ser.

Thor concentrou-se e viu o grande mar da humanidade, um número infinito de cidades; ele olhava para elas como se estivessem voando sobre sua cabeça. Ele observou as mudanças de estação sob seus pés, viu o tempo passar de uma década para outra, de um século para outro. Ele viu todos os povos divididos. Então ele viu todos os povos como se eles fossem um só.

“Bom.” Argon disse. “Eu percebo que você pode senti-lo. O fluxo de força. Agora controle o rio. Olhe para o futuro. Diga-me o que vê.”

Thor fechou os olhos, esforçando-se para ver, mas nada chegou até ele. Então ele lembrou-se das lições passadas de Argon e se obrigou a parar de esforçar-se. Ele respirou fundo e tentou permitir que a força chegasse a ele naturalmente, ele parou de buscá-la.

Thor começou a ter visões cristalinas do futuro. Ele se encolheu aterrorizado enquanto observava a invasão à Corte do Rei. Ele observou invasores arruinando-a, destruindo-a, queimando-a. No

lugar da grande cidade, não havia nada mais que um monte de cinzas.

Thor ouviu os gritos, observou milhares de pessoas fugindo; ele viu milhares de pessoas sendo espartilhadas; milhares sendo aprisionadas, levadas como escravos. Ele viu como as bucólicas colinas do Anel deram lugar a um deserto inóspito. Ele observou as frutas caírem das árvores, viu as mulheres sendo levadas. Ele viu grandes exércitos invasores cobrindo cada centímetro do Anel. E ele viu o céu escurecer.

“Eu vejo um tempo de grande escuridão.” Thor disse.

“Sim.” Argon disse.

Quando Thor fechou os olhos, ele viu uma lua vermelho-sangue nascer sobre uma vasta terra desolada. Era noite e ele viu um único fogo queimando na escuridão do Anel.

“Vejo um fogo.” Thor disse. “Queimando no deserto.”

“Esse fogo é a fonte da esperança.” Argon disse. “É o que vai renascer das cinzas.”

Thor entrecerrou os olhos e viu mais.

“Eu vejo uma espada.” Thor disse. “Uma espada reluzente. Ela brilha ao sol. Eu vejo uma centena de homens sendo mortos com apenas um golpe dela.”

“A Espada do Destino.” Argon disse.

Thor se encolheu enquanto observava os dragões no céu voando para baixo e lançando chamas sobre o que restava do Anel.

“Vejo uma série de dragões.” Thor disse. Sua voz tremia. “Eles atacam como um só.”

Thor teve de abrir os olhos, ele não aguentou mais. As visões eram muito horríveis.

Ele viu Argon olhando-o fixamente.

“Você é poderoso.” Argon disse. “Você já viu muito. O poder dentro de você é forte. Mais forte do que eu pensava.”

“Mas diga-me o que isso significa.” Thor implorou, chateado. “É tudo verdade? Será que o Anel vai ser destruído? O que será da Corte do Rei? Da Legião? De Gwendolyn?”

Argon balançou a cabeça tristemente.

“Você não pode controlar o futuro.” Argon disse. “Mas você pode preparar-se. Você deve se preparar.”

“Como?”

“Você deve se tornar mais forte. O Anel precisa de você. Você deve desenvolver os poderes dentro de si. Você deve reivindicar para si a fonte de poder de sua mãe, uma grande druidesa e a de seu pai, um grande guerreiro. Tudo está dentro de você. Só você a impede de brilhar. Você deve aceitá-la. Libere-a. Reivindique-a como sua propriedade.”

“Mas como?” Thor implorou.

“Pare de resistir a ela. Pare de temer quem você é.”

Argon virou-se.

“Aquele rio.” Ele disse. “Feche os olhos. Ouça-o borbulhando. Realmente ouça-o.”

Thor fechou os olhos e tentou se concentrar. Ele ouviu o som delicado da água correndo sobre rochas.

“Você pode senti-la?” Argon perguntou. “Você pode sentir sua correnteza?”

Thor ouviu o som tranquilo do rio e ele o sentiu em movimento, sentiu sua correnteza.

“Ótimo.” Argon disse. “Você e as águas são um só. Agora, detenha as águas. Mude seu curso.

Faça-as subir rio acima.”

Thor se enfocou na correnteza das águas, ele começou a senti-las fluindo, como se estivessem fluindo através de seu próprio corpo.

Então, lentamente, Thor estendeu a palma da mão e apontou para as águas. Ele podia sentir a fonte de energia do rio fazendo cócegas no centro da palma da sua mão. Lentamente, ele ordenou à correnteza que mudasse de direção.

Thor sentiu uma grande força dentro de si, sentiu a resistência da água pesando sobre a palma da mão, ele encontrou-se lutando com dificuldade, como se estivesse levantando um objeto físico. Ele abriu os olhos e ficou surpreso ao ver que ele estava interrompendo o fluxo da correnteza. Ele estava criando uma pequena parede de água, como uma represa elevando-se livremente no meio da correnteza, revelando o leito seco por baixo dela.

“Bom.” Argon disse. “Muito bom. Agora libere tudo.”

Thor afastou a palma da mão, então a água desabou e continuou a seguir seu fluxo.

“Você acaba de dominar uma pequena fatia da natureza.” Argon Disse. “Mas a natureza não se limita a terra. A natureza é tudo que nos rodeia. A água flui numa corrente, mas também flui no céu.

Sinta as nuvens acima de você. Sinta como elas são espessas, como estão carregadas de umidade.

Você pode sentir isso?”

Thor olhou para cima e ficou confuso. O céu estava claro.

“Mas o céu não tem nenhuma nuvem.” Thor contestou.

“Olhe novamente.” Argon disse ao levantar seu cajado.

Enquanto Thor observava, de repente, o céu acima de sua cabeça escureceu e se encheu de nuvens escuras. Elas provinham de todos os cantos do céu. Thor estava admirado com o poder de Argon.

“Agora feche os olhos...” Argon disse. “... E sinta as nuvens.”

Thor fechou os olhos e ficou surpreso ao perceber que ele podia sentir aquela nuvem pendurada sobre ele como uma coisa física. Ele a sentia pesada, grossa e úmida.

“Abra-a.” Argon Disse. “Abra essa nuvem e deixe-a liberar sua pressão. Deixe chover a umidade sobre nós. Ela quer chover. Permita que ela se precipite.”

Thor se encontrou levantando as duas mãos para o céu e inclinando-se para trás. Ao fazer isso, ele sentiu uma grande explosão de energia percorrer seu corpo.

De repente ouviu-se o ruído de um trovão e uma grande parede de água caiu sobre ele. Thor ouviu um barulho estrondoso e um instante depois se sentiu encharcado pela água que se precipitava em torno dele e que caía sobre a areia empoeirada e sobre sua cabeça, encharcando-o totalmente.

“Muito bom!” Argon gritou sobre o som da chuva, também encharcado. “Agora pare!” Thor fechou os olhos, sentiu a parede de água e ergueu palma da mão sobre sua cabeça, direcionando-a para a nuvem. No mesmo instante, a água parou.

Thor abriu os olhos e ficou surpreso ao ver a água caindo do céu, mas parando a poucos metros acima de sua cabeça. Ele estava segurando-a ali, então, pouco a pouco sua energia foi minando. Ele sentiu suas pernas começarem a tremer com o esforço.

“Você está cansado porque você está se esforçando demais.” Argon gritou. “Faça a nuvem desaparecer!” Argon ordenou.

“Eu não posso!” Thor gritou de volta, tremendo devido ao esforço de deter a chuva.

“Isso é porque você pensa que é difícil. Mas não é!” Argon disse.

Impaciente, Argon levantou seu bastão sobre sua cabeça e o agitou no ar; de repente, a nuvem desapareceu. O dia estava novamente claro e ensolarado.

Thor olhou ao redor e não havia nenhuma evidência de que a nuvem tivesse estado lá, exceto pelo fato de que suas roupas estavam pingando. Ele olhou para Argon reverentemente. Seu poder era inspirador.

“Eu posso sentir o meu poder.” Thor disse. “Mas o sinto de forma irregular, instável.”

“Essa é a sua parte humana.” Argon explicou. “Você é metade humano. Isso é uma vantagem e uma fraqueza. Você deve aprender a dominar suas imperfeições. Você pode não chegar a ser tão forte como a sua mãe; ou você pode ser ainda mais forte. A chave encontra-se em sua mente, em sua determinação, em desenvolver suas habilidades.”

Thor estava lutando para compreender tudo aquilo.

“Mas tudo isso: a água em movimento, criar a chuva, eu ainda não entendo como isso poderá me ajudar na batalha.” Thor disse.

“Não entende?” Argon perguntou.

Argon virou-se e de repente, estendeu a palma da mão, apontou para uma pedra e em seguida, levantou a mão. A pedra se encontrava a quinze metros de distância e era imensa, dez vezes maior que Thor. De repente, ela saltou para o alto e pairou no ar, então, quando Argon moveu seu pulso, a pedra caiu com um grande estrondo, a apenas alguns metros diante de Thor.

Thor tropeçou com o impacto que fez o chão tremer e deixar uma cratera na terra, insetos saíram correndo dela, em todas as

direções.

Thor olhou para Argon com admiração e medo. Mais uma vez, Thor o havia subestimado.

“Toda a natureza está conectada.” Argon disse. “A água, as rochas, o céu. Se você puder dirigir o fluxo das águas, você pode dirigir qualquer coisa. Até mesmo os animais.”

Argon olhou para os céus acima.

“Vê aquele pássaro?” Argon perguntou.

Thor olhou para cima e viu uma águia voando em círculos, lá no alto.

“Diga-lhe que venha a nós. Faça-a pousar em seu ombro.”

Thor fechou os olhos, estendeu a mão e tentou com toda sua força, dirigir a energia da ave. Ele sentia a ave se aproximando, mas de repente, ela voou para longe. Ele se esforçava ao máximo, no entanto, não conseguia controlá-la. Ele abriu os olhos para ver a ave desaparecendo. Ele baixou a palma da mão, mental e fisicamente exausto.

“Eu sinto muito.” Thor disse. “Eu não pude controlá-la. Era muito difícil.”

“Foi muito difícil simplesmente porque você se esforçou demais.” Argon Disse. “Você não permitiu que ela viesse até você. Você ainda confia em seu sentido humano da vontade.”

“Mas eu ainda não vejo como podemos controlar todos os animais.” Thor disse.

Argon levantou seu bastão e de repente, Thor ouviu um rugido.

Ele se virou e viu um leão andando rapidamente na direção deles, Argon moveu a mão e o leão seguiu a direção da palma da mão dele. Ele veio até Argon, sentou-se ao lado dele e olhava fixamente para Thor. Tranquilo. Obediente.

Thor emudeceu.

“Não acredito.” Thor disse.

“Esse é precisamente o seu problema.” Disse Argon. “Se você não puder acreditar, você não poderá criar. Como você não o vê, você não o manifesta. Você deve aprender a confiar em si mesmo.

Você sabe mais do que pensa ser possível.”

De repente, um grande clarão surgiu e Argon desapareceu juntamente com o leão.

Thor olhou em volta, em todas as direções, mas eles tinham ido embora.

Thor se sentia exausto, mas também mais forte. Ele sentiu como se tivesse treinado durante todo o dia. Ele havia dado um passo importante e sentia que suas habilidades estavam desenvolvendo.

Mas ele sabia que ainda havia muito para aprender e se perguntava se ele seria capaz de dominar tudo.

Quão vastos eram os seus poderes? Qual era o seu destino? Como se supunha que ele ajudaria o Anel?

De alguma forma, Thor sentia que a menos que ele conhecesse seus pais, ele jamais resolveria o mistério.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Gwendolyn estava entre as colinas, naquele belo dia de outono, Krohn brincava ao lado dela.

As flores desabrochavam formando um verdadeiro tapete de roxos, amarelos e brancos, cobrindo a paisagem até perder-se de vista. Ela respirou fundo, fez pontaria com seu arco e deixou a flecha voar.

A flecha passou zunindo pelo ar e mal roçou o alvo no tronco de um carvalho distante. Ela franziu a testa. Era a sua décima tentativa de acertar e ela havia falhado cada uma delas. Quando ela era mais jovem, havia passado anos treinando com o arqueiro real e sua pontaria sempre tinha sido certa. Embora ela não tivesse pegado no arco em anos, ela esperava que sua pontaria ainda fosse precisa. Mas não era assim. Talvez fosse porque ela já estava mais velha, ou talvez ela tivesse perdido a habilidade que algum dia ela tinha tido.

Gwen baixou o arco e respirou o ar profundamente, apreciando a beleza de seus arredores. Ela tinha saído ali para arejar sua mente, para tentar desviar seus pensamentos de Thor. Krohn gritava e pulava no campo perseguindo um coelho e ela sorria ao vê-lo. Ele havia sido um verdadeiro companheiro desde que Thor havia partido. Ao vê-lo, ela pensava constantemente em Thor e tinha uma sensação de segurança. Ela amava Krohn como se ele fosse seu, ela podia sentir sua proteção e estava muito grata por isso. Ele estava crescendo a cada dia diante de seus olhos e estava desenvolvendo-se bem para se tornar um leopardo completamente adulto. Às vezes, ela olhava para ele e tinha medo, até que ele olhava para ela e ela podia ver o amor em seus olhos.

Gwen olhava para o belo dia de outono e via a luz mudando nas nuvens, o balanço distante das árvores; o campo de flores parecia vivo quando o vento movia as cores para um lado e para o outro.

Ela observava o horizonte enquanto pensava em Thor. Ele estava em algum lugar lá longe, naquela aldeia, trabalhando na reconstrução. Ela imaginava o que ele estaria fazendo naquele momento. Ela havia tentado demonstrar fortaleza em seu rosto quando tinha se despedido dele, mas por dentro, seu coração estava destroçado. Seu coração doía de vontade de vê-lo novamente, ela sentia a falta dele muito além do que poderia descrever e desejava mais que nunca que ele estivesse ali com ela, naquele momento.

Gwen também sentia um forte desejo de deixar aquele lugar. Ela não se sentia mais segura ali desde o atentado contra a sua vida, desde que os Nevaruns tinham aparecido para levá-la com eles.

Ela sentia uma segurança relativa, vivendo ali na fortaleza de sua mãe, longe do castelo e passando o seu tempo isolada dos demais, naquelas colinas. Ela também sentia uma certa segurança com Krohn ali e em saber que Thor iria voltar em breve. Ela não podia esperar até que ele voltasse e os dois pudessem deixar aquele lugar, de uma vez por todas. Nesse meio tempo, ela orava para que Godfrey conseguisse encontrar toda a evidência necessária para derrubar Gareth, de uma vez por todas. Se ele pudesse fazer isso, ela não precisaria nem sequer fugir; mas Gareth parecia indomável e ela tinha suas dúvidas de que eles teriam sucesso ao destituí-lo.

Gwen viu o rosto de Thor em sua mente e lembrou o momento em que ele a havia olhado como se estivesse prestes a perguntar-lhe algo. E então, algo como o medo havia cruzado seu rosto. Ela se perguntava o que poderia ser. Será que ele iria pedi-la em casamento? Seu coração inchou com o pensamento. Não havia nada que ela desejasse mais. Mas ela não entendia por que ele não tinha pedido sua mão ainda. Seriam os sentimentos dele menos intensos do que os dela?

Ela rezava para que esse não fosse o caso. Ela estendeu a mão e tocou seu ventre, então se lembrou das palavras de Argon e não podia deixar de sentir-se um pouco mais forte a cada dia, sentindo com toda a intensidade de seu ser que dentro dela estava o filho de Thor. Uma criança mística, poderosa.

Gwendolyn ouviu um barulho e virou-se, ela viu ao longe um homem correndo pelos campos, trotando seu caminho. Ela olhou atentamente, percebendo sua baixa estatura, sua corcunda e o seu jeito notório de caminhar mancando, então ela lembrou-se: Steffen. Ela tinha enviado um de seus assistentes para convocá-lo, sem saber se ele viria. Ela ficou emocionada ao ver que ele tinha vindo.

Gwen jamais esquecia aqueles que eram gentis com ela, especialmente aqueles que haviam salvado sua vida. Ela queria recompensar Steffen por sua bondade. Ela odiava a ideia de tê-lo escravizado na ala dos servos, especialmente depois do que ele tinha feito por ela. Simplesmente não era justo. Ele era um bom homem a quem todos julgavam mal, devido à sua aparência. Ela tinha de admitir que ela mesma o havia julgado mal, a princípio.

Steffen aproximou-se, tirando o chapéu e curvando-se diante dela, sua testa estava encharcada de suor.

"Minha senhora." Ele disse. "Eu vim assim que recebi seu chamado."

Krohn veio correndo, colocou-se em atitude protetora ao lado de Gwen e rosnou para Steffen.

"Krohn, está tudo bem." Disse Gwen. "Ele é um de nós."

Krohn relaxou instantaneamente, o pêlo eriçado de suas costas voltou a suavizar-se, ele baixou as orelhas como se estivesse demonstrando que entendia. Ele deu um passo para a frente e

quando Steffen estendeu a mão, Krohn a lambeu. Logo, ele levantou-se e lambeu o rosto de Steffen.

Steffen riu.

“Ele é o filhote de leopardo mais carinhoso que eu já conheci.” Steffen disse.

“Se você estiver do lado dele, sim.” Gwen respondeu. “Obrigado por ter vindo. Eu não sabia se você viria.”

“E por que eu não viria?”

“Com Gareth governando, parece perigoso ficar perto de mim. Afinal, veja o que aconteceu com Firth. Eu pensei que talvez você tivesse medo de involucrar-se novamente.”

Steffen deu de ombros.

“Poucas coisas me assustam, minha senhora. Depois de dormir em um porão por trinta anos, eu sinceramente, não tenho muito a perder. Eu não tenho medo dos reis. É a injustiça que eu temo.”

Ela examinou Steffen e podia ver que ele estava dizendo a verdade. Quanto mais tempo ela passava com ele, mais respeito ela tinha por aquele homem engraçado e sutil que via o mundo à sua maneira. Ele era muito mais sábio e mais inteligente do que ela pensara e ela se sentia tão grata a ele pelo que ele tinha feito por ela. Ela sentia que ele era um amigo achegado, uma das poucas pessoas daquela Corte em quem ela poderia realmente confiar.

“Eu o chamei aqui porque eu nunca tive a chance de agradecer-lhe adequadamente.” Disse ela.

“Não há nada pelo qual agradecer-me, minha senhora.”

“Mas eu agradeço. E eu sempre pago minhas dívidas. Não parece justo aos meus olhos que você continue a ser um servo, quando você salvou a vida de um membro da realeza. Eu tenho uma grande dívida para com você e eu gostaria de lhe recompensar. Por favor, me diga como. Gostaria de ter riquezas? De obter uma nova posição?”

Steffen abanou a cabeça.

“Minha senhora, eu não tenho necessidade de riquezas. Talvez na minha juventude, mas não agora. Eu não tenho nenhum lugar ao qual eu chame de lar. Eu durmo em uma pequena sala adjacente aos aposentos dos criados. Eu não tenho família, pelo menos

nenhum parente que me reconheça. Eu não tenho ninguém, nem nada no mundo. Então, eu não tenho necessidade de coisas. As coisas sempre foram assim para mim.”

Gwendolyn sentiu seu coração partir.

“Mas isso não é justo.” Disse ela.

Ele deu de ombros.

“Assim são as coisas neste mundo. Algumas pessoas nascem com muito e outras com pouco.”

“Mas nunca é tarde.” Disse ela. “Eu quero, pelo menos, elevar a sua posição. Eu quero dar-lhe um emprego em outro lugar, um trabalho mais digno.”

“Enquanto o seu irmão for rei, eu não quero estar em nenhum lugar perto dele. Os porões estão bem demais para mim.”

“E o que aconteceria se um dia houvesse um novo governante?” Ela perguntou.

Ele olhou através dela, entendendo-a instantaneamente. Ele era mais perspicaz do que ela pensava.

“Minha senhora, se este soberano for *a senhora*, e eu rezo para que um dia seja, então eu ficaria honrado em ocupar qualquer posição que a senhora me desse. Mas até esse dia chegar, eu estarei contente assim.”

Ela assentiu com a cabeça e de repente, percebeu o que ela faria.

“Se esse dia chegar.” Ela disse. “Eu vou precisar de muitos conselheiros. Haverá poucos em quem eu poderei confiar, da mesma maneira que eu confio em você. Sem mencionar que eu desfruto muito de sua companhia.”

Steffen sorriu; era a primeira vez que ela o via sorrir. Isso a entristeceu; ela podia ver o menino por trás de seus olhos, aquele que uma vez havia desejado ser amado, no entanto havia sido unicamente rejeitado. Gwen percebeu que aquela poderia ser a primeira vez que ele havia sido aceito por alguém em sua vida, a primeira vez que ele tinha sido escolhido para qualquer coisa.

“Minha senhora.” Ele disse humildemente, com lágrimas em seus olhos. “Nada me faria sentir tão honrado.”

De repente, ele se adiantou, abaixou-se e pegou seu arco.

“Se eu vou ser seu conselheiro.” Disse ele. “Se é que posso ser tão ousado, talvez eu pudesse começar agora, com uma lição sobre arco-e-flecha.”

Ele sorriu, apontando para o alvo distante dela.

“Perdoe-me, minha senhora, mas eu não posso deixar de notar que sua pontaria poderia precisar de alguma correção, se não se importa que eu o diga.”

Gwen sorriu de volta, feliz e surpresa; ela estava duvidosa de que alguém com sua forma pudesse ensiná-la, mas ela decidiu fazer caso a ele e agradá-lo. Ele era um homem peculiar.

“Fico feliz que você haja notado.” Disse ela. “Porque precisa de muita correção. É o tiro com arco e flecha uma habilidade sua?”

Ele sorriu abertamente enquanto levantava uma flecha, pesava-a na palma da mão. Ela nunca tinha visto ninguém lidar com uma flecha assim antes.

“Eu tenho poucas habilidades neste mundo, minha senhora.” Disse ele. “Mas o arco-e-flecha é uma delas. A senhora pensaria que eu não tenho tal habilidade, mas há algo em minha corcunda que realmente faz com que seja mais fácil atirar. Sempre foi assim. Meus poucos amigos costumavam brincar comigo, dizendo que eu nasci com a forma de um arco. Mas, às vezes, eu acho que isso é uma coisa boa.”

De repente, Steffen colocou a flecha no arco, puxou a corda para trás e em seguida, soltou-a, tudo isso enquanto olhava para Gwen e sorria.

Um segundo depois, ouviu-se o som da flecha atingindo o alvo. Gwen olhou ao redor sem fôlego, ao ver que ele tinha atingido o alvo perfeitamente.

Gwen engasgou. Ela não conseguia entender como ele tinha feito isso: ele estava olhando para ela, quando disparou. Ela nunca tinha visto nada parecido em sua vida, nem mesmo entre os arqueiros reais.

“Você pode me ensinar a fazer isso?” Ela perguntou com admiração.

“Sim.” Ele disse, estendendo os braços e entregando-lhe o arco.

Ela pegou o arco e colocou uma flecha nele, sentindo-se animada pela primeira vez.

“Mova-o, deixe-me ver a sua forma.” Ele disse.

Ela puxou a corda, sua mão estava tremendo.

“O cotovelo deve estar mais elevado. E a senhora deve trazer os dedos para mais perto de seu queixo. Seu queixo deve estar mais baixo, seus olhos estão se mexendo muito. Escolha um dos olhos.

Não pense demais. E não sustente o arco por tanto tempo, suas mãos vão tremer.”

Gwen deixou a flecha voar e mais uma vez ela falhou o alvo, porém dessa vez a flecha chegou um pouco mais perto do centro.

“Há um vento forte hoje.” Ele disse. “Isso deve ser levado em conta. Além disso, o chão sobre o qual a senhora está é inclinado. A senhora deve adaptar-se a ambos. E por último, este arco é muito pesado para a senhora. Isso deve ser levado em consideração. Para ajustar-se, mire um pouco mais alto e mais para a direita. E dobre os joelhos um pouco: eles estão bloqueados. Isso permitirá que a senhora respire. Respire fundo e dispare a flecha quando atingir o pico de sua respiração.”

Gwen fez tudo tal como ele a instruiu e quando ela atirou a flecha, dessa vez parecia diferente.

Ela sentia-se mais no controle.

Ouviu-se o som da flecha atingindo o alvo e ela gritou de alegria ao ver que tinha acertado o alvo de uma maneira quase perfeita.

Steffen também sorriu de orelha a orelha e bateu palmas.

“Minha nossa, a senhora realmente aprende rápido!” Ele disse.

“Você é um bom professor.” Ela respondeu radiante e sentindo-se orgulhosa de si mesma.

De repente, Krohn começou a rosnar ao lado deles. O pelo do seu corpo estava totalmente eriçado, ele virou-se e ficou olhando para o horizonte vazio, rosnando.

“Krohn, o que foi?” Ela perguntou.

Krohn continuou a rosnar e Steffen e Gwen trocaram um olhar, perguntando-se o que estaria acontecendo. Gwen começou a ficar preocupada com o comportamento de Krohn. Ela nunca o tinha visto assim. Ele estaria vendo algo?

De repente, ouviu-se um grande estrondo, como de um trovão, então apareceu no horizonte, cerca de uma dúzia de cavalos montados por homens de armadura amarela e verde. O coração de Gwen quase parou quando ela os reconheceu imediatamente: Nevaruns. Ela tinha suposto que eles haviam ido embora para sempre, depois de serem perseguidos no Salão de Armas. Mas, aparentemente, eles estavam esperando por uma oportunidade, esperando pelo momento em que ela não estivesse contando com isso.

Agora, eles avançavam direto para ela.

Gwen estava com raiva de si mesma; ela tinha sido tão estúpida. Ela não deveria ter se colocado naquela situação tão vulnerável, ficando sozinha naquelas colinas, especialmente sem seu cavalo, sem um meio de fuga. Steffen tampouco tinha cavalo e eles estavam presos ali, impotentes, não podiam fazer nada, a não ser esperar pela sua abordagem. De repente, ela desejou que Thor estivesse ali ao lado dela, seu coração estava dominado pelo pânico.

Mas seu coração também estava inundado pela força. Gwen sentia uma indignação crescente em suas veias. Afinal, ela era a filha de MacGil, a filha de um rei e tinha o orgulho de um rei. Seu pai não tinha fugido de ninguém e ela tampouco fugiria.

Gwen ouviu um grito e lá no alto ela avistou Estopheles voando em círculos, descendo; ela sentiu que seu pai estava com ela.

“Corra minha senhora!” Steffen gritou.

Ele deu um passo para a frente, pegou o arco das mãos dela, se abaixou e mais rápido do que qualquer arqueiro que Gwen já tinha visto em sua vida ele disparou três tiros rápidos enquanto o grupo se aproximava, agora eles estavam a cerca de trinta metros de distância.

A pontaria de Steffen era inacreditável. Ele abateu três guerreiros, cada um com perfeita precisão, acertando e atravessando suas gargantas, bem na base de suas clavículas. Cada guerreiro caiu do lado de seu cavalo, já morto.

“Nunca!” Gwen gritou em resposta.

Ao mesmo tempo, Gwen pegou um segundo arco e disparou contra os homens também. Ela errou seu primeiro tiro. Então, logo

se lembrou de tudo o que Steffen lhe ensinara. Ela tentou respirar, tentou relaxar e quando mirou novamente e atirou a flecha, ela ficou espantada ao vê-la voar e perfurar a garganta de um guerreiro. Ele estendeu a mão gritando e em seguida, caiu também.

Eles estavam tão perto agora que não havia tempo para Steffen ou Gwen disparar. Os cavalos se abateram sobre eles e no último segundo os dois pularam para fora do caminho para não serem pisoteados.

Os soldados, vestidos com suas armaduras, saltaram de seus cavalos, um deles lançou-se contra Gwen e o outro contra Steffen, derrubando e imobilizando ambos contra o chão. As costelas de Gwen foram machucadas quando ela caiu no chão. O atacante de Gwen apontou para ela com sua mão enluvada, preparando-se para esbofeteá-la e ela se preparou para o impacto, sabendo que ele quebraria a sua mandíbula.

Então, um grande rugido encheu seus ouvidos e Gwen viu quando Krohn saltou para a frente e afundou suas presas na garganta do soldado. O soldado gritou quando Krohn encontrou o ponto fraco entre as placas de sua armadura e prendeu-o ao chão, recusando-se a soltá-lo.

Gwen rolou para o lado e saiu de debaixo dele, com o mesmo movimento, ela agarrou a adaga do cinto dele e virou-se a tempo de mergulhá-la no outro soldado que investiu contra ela. Ela o apunhalou na barriga e ele gritou deixando cair sua clava, antes que ele pudesse golpeá-la na cabeça, com ela.

Ele caiu sobre ela totalmente inerte e o impacto foi doloroso. Mas Gwen resistiu e meteu o punhal mais fundo dentro dele, logo ele parou de se contorcer, já estava morto.

Ela o empurrou para baixo.

Outro soldado veio para cima dela com um chicote, prestes a atacar seu rosto, mas Krohn virou-se e pulou, atacando-o no ar. Krohn afundou as presas no pulso do soldado e arrancou sua mão ainda no ar, enquanto ela sustentava o chicote. O soldado gritou, caindo de joelhos e segurando o coto sangrento.

Steffen finalmente conseguiu libertar-se do outro cavaleiro e ao fazê-lo, ele desembainhou a espada e cortou a cabeça do cavaleiro,

cuja mão havia sido dilacerada.

Um soldado atacou Gwen por trás, agarrando-a e puxando-a contra seu corpo, enquanto segurava um punhal contra a garganta dela.

“Eu espero que você lembre-se sempre de que eu lhe dei essa cicatriz, princesa.” Disse ele com sua respiração quente no ouvido dela. Então ele estendeu a mão e trouxe o punhal para a bochecha dela.

Gwen preparou-se para o corte e sentiu o metal tocar sua pele, quando de repente, ouviu-se um grito: ela olhou para cima para ver Estopheles, voando rapidamente para baixo com suas garras estendidas, vindo em sua direção. Ela abaixou a cabeça quando o pássaro voou direto para baixo e arranhou o rosto de seu agressor.

Ele gritou, apertando os olhos e soltando o punhal.

Steffen avançou e esfaqueou o homem no peito. Então ele se virou e com o mesmo movimento, cortou outro soldado no estômago, bem antes que o homem viesse sobre ele com seu martelo de guerra.

Gwen, toda machucada, trêmula e coberta de sangue, olhava para todos os cadáveres e estava surpresa com todo o dano que tinha sido feito. O lugar era como um mini campo de batalha e de alguma forma, ela, Steffen e Krohn tinham sobrevivido.

Mas ela tinha relaxado muito cedo: Krohn começou a rosnar de novo, Gwen virou-se e ouviu outro grande estrondo.

O horizonte ficou cheio de soldados, centenas deles, todos vestindo a armadura amarela e verde dos Nevaruns.

O coração de Gwen parou quando ela percebeu que aqueles poucos cavaleiros que haviam matado tinham sido apenas parte de uma pequena força expedicionária, uma pequena amostra do que estava por vir. Agora um exército inteiro, em pleno vigor, se preparava para atacá-los. Não havia nenhuma maneira de que eles pudessem se defender e não havia lugar nenhum para onde pudessem correr.

Steffen avançou destemidamente, levantou o arco e preparou-se para disparar. Ela estava impressionada com seu cavalheirismo, com seu destemor, mas ela sabia que aquela era uma batalha perdida.

“Steffen!” Ela exclamou.

Ele se virou e olhou para ela, então ela colocou a mão em seu pulso.

“É melhor não.” Disse ela. “Nós não podemos ganhar. Eu preciso de você em outro lugar. Saia daqui. Corra e avise Thor, avise a Legião. Diga-lhes que me encontrem, onde quer que eu esteja. É isso que eu preciso que você faça.”

“Minha senhora, eu não posso deixá-la.” Protestou ele, com os olhos arregalados, falando mais alto para que ela o ouvisse, enquanto o exército se aproximava.

“Você deve ir.” Ela insistiu. “Eu exijo que você faça isso. Se você realmente se preocupa por mim, você fará isso. Você é mais útil em outro lugar. Sem você, eu não posso mandar uma mensagem para Thor. Você é minha última esperança. Vá. VÁ!” Ela gritou com firmeza.

Steffen virou-se e saiu através dos campos, correndo.

Gwen ficou ali parada sozinha, encarando o exército que se aproximava, apenas Krohn estava ao seu lado e embora ela tremesse por dentro, ela se recusava a demonstrá-lo. Ela permaneceu ali, de pé, com uma postura erguida e digna, recusando-se a correr. Krohn rosnava para os homens, sem mostrar um pinga de medo e ela estava determinada a igualar a sua bravura. O que tivesse de ser, seria. Pelo menos ela iria enfrentar isso orgulhosamente.

Momentos depois eles a alcançaram. Primeiro ela ouviu a estampida dos cavalos, dando voltas ao seu redor; em seguida, vieram as centenas de homens carrancudos, furiosos investindo contra ela, segurando cordas grossas e preparando-se para prendê-la. Krohn atacou, implacável e corajosamente, ele arrancou a mão do primeiro homem que pegou Gwen.

Mas outro soldado levantou um porrete desceu-o com força nas costas de Krohn. Gwen ouviu um enorme estalo. Soou como se as costelas de Krohn estivessem sendo quebradas, mas de alguma forma, Krohn conseguiu girar e morder a mão de seu atacante, mais uma vez.

Krohn pulou para outro soldado, afundando suas presas em sua garganta e apertando a mordida, enquanto o soldado gritava. Outro soldado golpeou-o com uma maça, mas ainda assim Krohn não soltou o guerreiro, até que finalmente, outro soldado lançou uma rede sobre ele, prendendo-o.

Todos os soldados, simultaneamente, pararam seus cavalos diante de Gwen; um grupo deles desmontou e desfilou em direção a ela. Um deles os liderava e quando ele chegou mais perto, levantou a viseira. Ela o reconheceu, era o homem do confronto na Sala de Armas. Ele era o homem a quem ela havia sido prometida, o homem arranjado por Gareth para ser seu marido.

“Eu disse que ia voltar.” Disse ele com o rosto sério. “Você teve a sua chance de vir pacificamente. Agora, você deve aprender da maneira mais difícil, como é o poder dos Nevaruns.”

Gwendolyn mal pôde ver a luva grossa da armadura que veio por trás dela e desceu em direção ao seu rosto, ela ouviu o terrível golpe do metal contra seu crânio, sentiu o zumbido em seus ouvidos e seu corpo derrubou-se, inconsciente, sobre o campo de flores.

CAPÍTULO TRINTA

Luanda caminhava sorratamente pelas ruas secundárias da cidade McCloud, esgueirando-se pelas paredes, fazendo o possível para não ser detectada. Ela tinha estado na cidade muito brevemente e tentava da melhor maneira possível voltar sobre seus passos, para tentar encontrar o lugar no qual ela sabia que mantinham Bronson como prisioneiro. Ela passou por um cavalo amarrado a um poste e por um momento, ela se virou e olhou para o horizonte, para o pôr do sol, para os campos. Ela queria mais do que qualquer coisa tomar o punhal em suas mãos e cortar a corda do cavalo, montá-lo e cavalgar para longe dali, para bem longe, muito longe. Ela queria cavalgar de volta para as Highlands e para a segurança de casa.

Mas ela sabia que não podia fazer isso; ela tinha um trabalho a fazer. Por mais que a família de Bronson fosse desprezível, ela ainda o amava e tinha de salvá-lo. Ela não poderia viver em paz consigo mesma se não fizesse isso.

Luanda mordeu o lábio e seguiu em frente. Ela traçou seu caminho através da multidão, enquanto descia as ruas sinuosas e estreitas, através de praças, passando por tavernas, prostíbulos e ruas cheias de lama e lixo, nas quais os cães corriam por todas as partes. Um rato passou correndo sobre seu pé descalço, ela chutou-o e reteve o grito no último segundo. Ela tinha de ser forte. Ela só rezava para que seu marido ainda estivesse vivo e para que ela pudesse encontrar uma maneira de sair dali para sempre.

Antes de ter sido arrastada para a masmorra, Luanda tinha visto Bronson ser amarrado, por ordem de seu próprio pai, na praça da cidade, para servir de exemplo público e ao mesmo tempo ser objeto de burla de todos; ela supunha que ele ainda estaria ali e corria por uma rua após outra, tentando se lembrar do caminho, desejando que estivesse indo na direção certa, enquanto seguia a

multidão espessa. Luanda descobriu que as multidões sempre se reuniam em torno de um espetáculo de tortura e miséria humana.

Ouviu-se um grito animado de uma multidão distante e Luanda supôs que ela estava se aproximando do centro da cidade. Logo o grito se tornou mais audível e estridente, então ela sabia que estava chegando perto.

Ela caminhou rapidamente, tentando manter a cabeça baixa, esperando que ninguém reparasse nela. Ela passou pelo estande de uma velha, o qual exibia roupas variadas e quando a mulher virou-se para cuidar de seu cão, Luanda meteu a mão e pegou uma longa capa marrom.

Ela virou a esquina e rapidamente colocou a capa, cobrindo seu corpo frio e cobrindo o rosto.

Ela olhou para todos os lados, viu que ninguém tinha presenciado sua jogada e então se sentiu melhor. Ela enfiou o punhal que tinha roubado em sua cintura e seguiu em frente, esgueirando-se entre a multidão, sentindo que estava correndo contra o relógio. Era só uma questão de tempo até que eles descobrissem que ela tinha escapado e quando o isso acontecesse, todos os homens de McCloud estariam à procura dela.

Luanda dobrou mais uma rua, os gritos eram vez mais altos, logo, para seu alívio, ela viu a praça da cidade. Uma enorme multidão se apinhava ali, pululando ao redor do centro da praça; todos olhavam para cima, ela seguiu o olhar deles e ficou horrorizada ao ver, em cima de um cadafalso, o marido atado, com as pernas e os braços amarrados em uma enorme cruz. Se via que uma das mãos dele estava faltando. No lugar onde seu pai tinha cortado, havia agora apenas um toco carbonizado.

Bronson estava ali, com a cabeça baixa, seu corpo estava lânguido, a multidão atirava legumes podres nele e ele não podia fazer nada enquanto sofria todo o tipo de vexações.

Luanda corou de raiva ao ver o tratamento que ele recebia e se apressou para chegar à frente, desesperada para chegar mais perto e ver se ele ainda estava vivo. Do lugar onde ela estava não era possível saber.

Quando Luanda se aproximou, ela percebeu que ele levantou ligeiramente a cabeça, fazendo um movimento quase imperceptível na direção dela, como se talvez uma parte dele soubesse que ela estava ali. Seu coração disparou com alívio ao saber que ele ainda estava vivo. Havia esperança.

Isso era tudo o que ela precisava.

Luanda percebeu que ela provavelmente seria capturada tentando libertá-lo e que poderia morrer durante o processo. Mas ela não se importava. Ela devia tentar. Se ela tivesse de morrer, que assim fosse. Afinal, ela era a filha mais velha do rei MacGil, provinha de uma longa linhagem de reis MacGil e não estava em sua natureza deixar alguém para trás. Especialmente seu marido e especialmente depois que ele tinha sido ferido tentando salvar sua vida.

Luanda analisava seus arredores, desesperada por formular um plano. Ela não tinha decidido o que faria quando o visse; agora que ela o via e sabia que ele estava vivo, sua mente corria.

Ela percebeu que precisava esperar até que todas aquelas pessoas desaparecessem; ela precisava do anonimato da noite. Ela não sabia se ele sobreviveria até então, mas não tinha escolha.

Não havia nenhuma maneira de que ela pudesse tentar tirá-lo dali, na frente daquela multidão de pessoas.

Ela abria seu caminho para a praça da cidade, esgueirando-se ao lado de um muro de pedra, procurando por todas as brechas de cada canto das paredes até que encontrou uma que era ideal, era uma abertura profunda e baixa e se encontrava em uma das paredes antigas de pedra. Ela meteu-se por ela. A abertura tinha vários metros de profundidade e ela se agachou e desabou no chão, então envolveu o manto ao redor de seu corpo. Ela desapareceu completamente dentro do pequeno espaço e ninguém podia vê-la. Sua única companhia eram os ratos que passavam por ali. Ela sentou-se e esperou. O crepúsculo já estava chegando e logo a noite cairia. Eventualmente, todos aqueles McClouds repugnantes se dispersariam de volta para suas casas. Então ela estaria sozinha ali e iria fazer sua jogada.

Luanda abriu os olhos com um sobressalto e olhou em volta, perguntando-se onde ela estava.

Ela tinha adormecido e tinha acordado no meio de sonhos rápidos e conturbados. Ela repreendeu a si mesma enquanto respirava com dificuldade. Ela tinha resolvido ficar vigilante, ficar acordada, mas seu cansaço a dominou por completo. Ela olhou através da escuridão, no silêncio absoluto da praça da cidade e se perguntava que horas seriam. Pelo menos o sol não tinha raiado ainda. Agora a praça estava completamente vazia, tal como ela esperava.

A praça se encontrava vazia, exceto por uma pessoa: a que mais importava: o seu marido. Ele ainda estava no cadafalso, seu corpo lânguido estava amarrado, pendurado na cruz. Ela não sabia se ele estava vivo ou morto. Mas pelo menos ele estava sozinho.

Agora era a sua chance.

Lentamente, Luanda arrastou-se para fora da fenda, com as pernas e os braços intumescidos por estar enrolada tanto tempo. Ela se levantou, estirou-se e examinou os arredores. Bronson estava tão alto na cruz, ela precisava encontrar uma maneira de baixá-lo e uma vez que ela o descesse dali, ela precisaria encontrar uma maneira de sair dali junto com ele.

Mas ela não viu nenhum cavalo em lugar nenhum, não viu nenhum meio de fuga e tampouco havia tempo para procurar um. Era naquele momento ou nunca, ela sabia. Ela só teria de baixá-lo, para em seguida, descobrir o que fazer com ele.

Luanda fez seu caminho sorrateiramente através da praça, abaixando-se e esgueirando-se até chegar ao cadafalso, ela o subiu usando a escada traseira. Quando ela se aproximou, ouviu os gemidos de Bronson e ficou feliz de ouvir os sons que provinham dele. Ele estava vivo.

Luanda veio por trás dele, subiu até o topo do cadafalso, a uma altura aproximada de três metros do chão e ficou ao lado dele.

“Bronson.” Ela sussurrou em seu ouvido, enquanto ele estava lá, delirante. “Sou eu, Luanda. Eu estou aqui.” Bronson levantou o queixo e olhou para ela com um olho aberto; ela podia ver um

pequeno sorriso no canto dos lábios dele. Mas seus lábios estavam rachados e ele estava muito delirante para poder abrir a boca e falar.

“Eu vou tirar você daqui, você me entende?” Disse ela.

Ele assentiu lentamente com a cabeça.

Luanda removeu o punhal de seu cinto, chegou por trás dele e cortou as grossas cordas que atavam seus braços à cruz. Quando ela fez isso, o peso do corpo dele fez com que ele desabasse e caísse de repente, sobre ela. O choque inesperado dos dois caindo no piso do cadafalso causou um barulho forte que fez a madeira oca ecoar pela praça da cidade.

“Alto! Quem anda aí?!” Perguntou uma voz firme.

De repente, surgiu uma tocha na escuridão e um cavalo veio avançando rápido na direção deles.

Luanda olhou apavorada e viu um dos homens de McCloud, um guarda real, correndo direto para eles.

Ela tinha de pensar rápido.

Luanda levantou-se de um salto, tirou o punhal de sua cintura e quando o homem avançou para ela, ela se inclinou para trás e atirou o punhal nele.

Ela rezava a Deus para que sua pontaria fosse certa. Era um reflexo proveniente do hábito de atirar facas, algo que ela tinha feito desde que era uma criança. Era uma habilidade que ela tinha e agora, ela rezava para que aqueles anos de prática valessem à pena.

Ouviu-se o barulho do punhal penetrando a carne quando o guarda gritou e Luanda viu como o punhal perfurou a garganta do homem, fazendo-o voar para trás e cair de seu cavalo. O cavalo continuou a avançar direto para ela. Luanda estendeu a mão e agarrou as rédeas, antes que ele pudesse dar a largada novamente. Então ela pegou Bronson, levantou-o, arrastou-o sobre os seus pés com todas as forças e colocou seu corpo debruçado sobre as costas do cavalo. Ela saltou sobre o cavalo, o esporou e saiu cavalgando em disparada.

Ela ouviu um coro de vozes distantes atrás dela, mas não parou ou virou-se para ver quem a perseguia. Ela corria pelas ruas sinuosas da cidade, esperando e rezando para que pudessem sair dali em breve.

Suas orações foram ouvidas. Depois de várias voltas, ela encontrou-se sob o céu aberto, em campos abertos, avançando em direção ao oeste, para o crepúsculo do segundo sol e o nascer da primeira lua. À distância, ela podia ver delineada a silhueta das Highlands e seu coração disparou.

Logo após aquelas montanhas, havia segurança. Se ela conseguisse atravessá-las, ela juraria que nunca mais voltaria a cruzar para o lado dos McCloud novamente.

Ela mal podia acreditar.

Eles eram livres.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Reece acordou ao romper da aurora de mais um dia, ele era o primeiro a acordar. Ele olhou em volta das brasas já quase apagadas da fogueira e viu todos os seus irmãos da Legião ainda dormindo ao seu redor, sob o céu aberto. Ele tinha ficado emocionado quando Thor voltou na noite anterior e os dois tinham ficado acordados durante metade da noite, conversando. Em algum momento eles foram dormir e Reece tinha sido atormentado por sonhos conturbados. Ele continuava vendo o rosto de Selese. Em um sonho, ele a viu no mar, em um barco à deriva, afastando-se dele e sendo levada pelas fortes correntes; em outro sonho ele a viu pendurada sobre a borda de um penhasco, segurando seu pulso. Em todos esses sonhos ela estava afastando-se dele e ele continuava tentando salvá-la, mas sempre era tarde demais.

Reece tinha despertado transpirando, procurando desesperadamente por ela. É claro que ela não estava ali. Ele não tinha falado com ela desde que havia sido rejeitado no dia anterior; ele tentou esquecê-la, enquanto passava o resto do dia absorto em seu trabalho, ajudando os moradores a reconstruir a aldeia, tentando afastar o pensamento dela de sua mente.

No entanto, ao colocar cada pedra, ao realizar cada pequeno trabalho, ele só pensava nela. Por alguma razão, ele não conseguia afastá-la de sua mente. Apesar de si mesmo, ele havia se afeiçoado àquela pequena aldeia, àquele lugar simples sob o céu totalmente aberto, com seu povo simples e suas maneiras tranquilas. Era uma mudança revigorante da Corte do Rei. E ainda assim, ele sabia que seu tempo ali estava quase acabando e que ele provavelmente nunca veria Selese novamente.

Reece passeava com as primeiras luzes da manhã, atormentado por isso. Ela tinha deixado as coisas ambíguas e ele não poderia

estar totalmente certo de que ela não gostava dele. Ele sabia que se ele não tentasse falar com ela naquela oportunidade, pela última vez, então ele nunca mais voltaria ali, nunca teria outra chance novamente. Ele sabia que se voltasse à Corte do Rei sem aproveitar aquela chance; sem concluir o assunto; a dúvida o perseguiria para sempre.

Reece sentiu-se preso entre dois mundos, ele precisava desesperadamente falar com ela de novo apesar de estar receoso e não saber se ela queria vê-lo. As palavras dela tinham sido confusas. Por um lado, ele as sentia como uma rejeição; mas, por outro, ela não tinha fechado totalmente a porta e tinha feito aquela referência enigmática para apreciar sua persistência. Ela era um mistério e em parte, era por isso que ele gostava dela. Ele nunca tinha encontrado alguém como ela, que o mantinha em suspenso, tal como ela fazia. Ele finalmente havia encontrado alguém que não se importava com riquezas, títulos ou status, alguém que não dava a menor importância a sua ascendência ou procedência. Ela era a pessoa mais pura e genuína que ele tinha conhecido e isso só fazia com que ele a amasse ainda mais.

Ele não sabia por que ele estava tão obcecado por ela. Seria porque ela o tinha trazido de volta da morte? Ou havia algo mais? Ele sentia uma conexão intensa com ela, uma que ele não poderia ignorar. Ele nunca tinha sentido nada assim antes. Ele não podia ignorá-la, por mais que ele tentasse.

Ele estava queimando por dentro.

Reece já não podia suportar mais. Ele tomou uma decisão.

Ele finalmente se virou e saiu correndo, descendo pelas ruas da pequena aldeia e marchando com determinação para a cabana de Selese. A mente dele estava transbordando de coisas para dizer para ela; ele precisava saber por que ela o havia rejeitado e o que ela realmente sentia por ele. Ele estava ensaiando mentalmente uma conversa inteira com ela e para quando ele chegou à porta e pegou a aldrava, a conversa já estava elaborada.

Ele bateu a aldrava várias vezes, era o único som no pacato vilarejo, reverberando ao longo das ruas vazias. Parecia um ruído muito alto e quando um cão começou a ladrar ao longe, ele se

sentiu bastante exposto, sentiu que podia ter acordado a cidade inteira com o barulho.

Ele bateu a aldrava uma vez após outra, até que, finalmente, ele ouviu uma voz.

“Está bem, está bem!” Disse uma voz sonolenta, detrás da porta.

Reece se afastou de repente, percebendo o que tinha feito, dando-se conta, subitamente, de que ele estava batendo à porta dela no romper da aurora. Ele se sentia envergonhado. Agora ele queria virar-se e sair correndo dali, mas já era tarde demais.

Selese abriu a porta de um puxão e ficou ali, olhando para ele no sol da manhã. Ela estava envolta em um xale apertado ao redor dos ombros e se via sonolenta e muito irritada.

“O que deu em você?” Ela perguntou. “O sol ainda nem nasceu e ainda assim, você bate a minha porta, como se um exército estivesse avançando.”

Reece olhou para ela de volta, com a língua presa.

“E então?” Ela cutucou, irritada.

Reece ficou ali, esquecido de tudo o que ele queria dizer.

“Eu hã...” Ele começou e, em seguida, parou.

Por que ela tinha esse efeito sobre ele?

“Eu vim para dizer bom dia para você.” Ele disse.

Ela arregalou os olhos.

“Bom dia?” Ela repetiu incrédula.

Então ela começou a rir na cara dele.

“Por acaso perdeu a cabeça?” Ela acrescentou.

Agora era a vez de Reece ficar irritado.

“Escute.” Ele começou a dizer, sem poder mais se conter. “O que você está fazendo não está bem. Brincando com meus sentimentos dessa maneira. Eu preciso que você seja honesta comigo. Pare com isso, por favor.”

Ela olhou para ele, perplexa.

“Parar com o quê?” Ela perguntou. “Você está delirando?”

“Parar com esse joguinho que estamos jogando. Eu preciso que você me diga a verdade.”

“Eu não estou brincando com você.” Disse ela. “Eu nem sequer o conheço.”

Ele a examinou, frustrado.

“Então você está me dizendo que você não sente o que estou sentindo?” Perguntou Reece, querendo ir direto ao ponto. Ele precisava saber, por sua própria clareza mental.

Ela piscou os olhos várias vezes, totalmente tomada de surpresa.

“E o que é que você sente?” Ela perguntou.

“Basta de perguntas!” Reece exigiu, a ponto de perder a paciência. “Eu vim aqui porque eu a amo. Você entende? Eu a *amo*. Eu não estou doente. Eu não estou delirando. Eu estou acordado. Eu estou no meu juízo perfeito. E é assim que eu me sinto. E isso é o fim de tudo!”

Ele gritou, irritado, levantando a voz.

Ela olhou para ele surpresa, como se olhasse para uma pessoa louca; então, lentamente, um sorriso se formou no canto de sua boca.

“Mas você nem sequer me conhece.” Respondeu ela. “Como posso acreditar que é verdade?”

Como é possível uma coisa dessas?”

O coração do Reece caiu.

“Então está dizendo que você não me ama, é isso então?” Ele insistiu.

“Eu não o conheço.” Ela respondeu. “Eu não estou dizendo que eu não o amo, como tampouco estou dizendo que eu o amo. Não é uma palavra que eu usaria levianamente. E menos com um estranho.”

“Bem, como se supõe que você poderá me conhecer, se não me der uma chance?” Reece insistiu.

Agora foi a vez de ela ficar vermelha.

“Você é da realeza.” Disse ela. “Eu sou uma simples aldeã. Não daria certo entre nós.”

“E como pode estar tão certa disso?” Reece perguntou com firmeza. “Porque eu acho que poderia dar certo.”

Ela olhou para ele e seus olhos ficaram sérios pela primeira vez, como se, finalmente, ela estivesse realmente ouvindo o que ele tinha a dizer.

“O que você está perguntando?” Ela perguntou.

Reece respirou fundo.

“Eu estou pedindo que você venha comigo. Eu estou dizendo que eu quero levá-la para longe daqui. Eu estou dizendo que eu quero que você nos dê uma chance. Eu estou falando sério. Eu não sou um transeunte qualquer. Eu levo muito a sério o amor. E eu sei como me sinto ao seu respeito. Eu estive acordado a noite toda, eu não posso pensar em mais nada.”

As bochechas de Selese ficaram coradas, ela se remexeu, perturbada.

“Diga-me.” Reece perguntou já mais calmo. “Você não pensa em mim nem um pouco?”

Selese olhou para baixo para o chão, seu rosto estava ficando vermelho.

“Eu não tenho pensado em mais nada desde que você se foi, ontem.” Ela disse suavemente, olhando para baixo, como se tivesse medo de admitir isso.

O coração de Reece cresceu dentro do peito. Ele tinha vontade de gritar aos quatro ventos. Ele mal podia imaginar que ela sentia o mesmo por ele.

“Então por que você resiste a mim?” Ele perguntou insistente.

Ela olhou para cima, seus olhos estavam úmidos.

“Você se cansaria de mim em um dia.” Disse ela. “Eu seria apenas uma esquisitice, a aldeã trazida à Corte do Rei. Todo mundo ia ficar de boca aberta diante de mim. Você poderia me trocar por outra pessoa. Eu não vou me sujeitar a isso.”

“Ninguém iria olhar boquiaberto para você.” Reece insistiu.

“Muito menos eu. Eu não me importo nem um pouco com o que os outros pensam. Eu quero você lá. Eu quero você comigo.”

Ela olhou em seus olhos e pela primeira vez, ele pôde realmente perceber os sentimentos dela por ele. Ele não podia mais esperar por uma resposta: ele se inclinou, colocou uma mão atrás da cabeça dela, puxou-a para si e beijou-a.

Ela não resistiu. Ela não o beijou de volta, mas tampouco se afastou. A sensação dos lábios dela nos dele era emocionante e ele a beijou enquanto pôde, não querendo soltá-la. Quando ele fez isso,

sentiu-se transportado para outro lugar. Ele sentia que aquela era a mulher com quem ele estava destinado a estar.

De repente, uma corneta soou, cortando o céu da manhã e Reece se virou quando toda a aldeia começou a correr, indo em uma só direção. Ele viu um único homem galopando apressadamente em direção ao centro da aldeia, ele vinha da Corte do Rei. Era um mensageiro. Reece soube imediatamente que o que quer que ele fosse comunicar, não seria nada bom.

*

Thor estava de pé, na luz do amanhecer de Sulpa e virou-se junto com o resto da aldeia quando viu um mensageiro solitário galopando em direção a ele, cavalgando através do deserto pela estrada da Corte do Rei. Thor olhou para a luz, imaginando que fosse uma aparição, mas as cornetas soaram ao redor dele e ele soube que era real. No começo, ele ficou alerta para a batalha, mas depois percebeu que era apenas um mensageiro e seu coração bateu mais rápido. Fosse o que fosse não podia ser nada bom. Não pela forma como aquele homem estava cavalgando.

Quando o mensageiro se aproximou, Thor correu ao encontro dele e seu coração afundou no peito quando ele percebeu quem era. Era Steffen, o corcunda, aquele que tinha salvado a vida de Gwen. Ele estava avançando velozmente, seu rosto estava ensanguentado e coberto de suor, ele, claramente, tinha cavalgado a noite toda. Thor podia sentir a urgência brotando dele, mesmo a partir de onde estava e cada fibra do seu ser lhe dizia que algo estava errado.

Thor correu para a porta da vila para cumprimentá-lo junto com todos os outros moradores.

Steffen desmontou, respirando com dificuldade e correu até Thor. Ele curvou-se ligeiramente.

“Meu senhor.” Ele começou a falar, ainda ofegando.

“Tragam-lhe água!” Thor ordenou e um menino da vila correu com um balde de água. Steffen pegou o balde, inclinou-se e bebeu a água, engolindo-a rapidamente, em seguida, despejou o restante dela sobre sua cabeça.

Ele enxugou o rosto com as costas da mão, respirou fundo várias vezes e olhou para Thor.

“Meu senhor, algo terrível aconteceu.” Ele começou. “Trata-se de Gwendolyn.”

O coração de Thor disparou.

“Nós fomos emboscados pelos Nevaruns.” Ele continuou. “No início, eles eram apenas um punhado e nós conseguimos matá-los. Mas então, um exército maior veio. Eles nos dominaram.

Éramos apenas Gwen, Krohn e eu, sozinhos no topo da colina. Ninguém veio em nossa defesa.”

Steffen irrompeu em lágrimas.

Thor deu um passo adiante, dominado pelo pânico, ele agarrou o pequeno homem pelos ombros e sacudiu-o.

“Diga-me o que aconteceu!” Ele exigiu. “Ela está bem?”

Steffen abanou a cabeça.

“Ela me disse para vir encontrá-lo. Eu queria ficar e lutar até o fim. Mas ela insistiu para que eu viesse buscá-lo. Quando eu saí, eles estavam rodeando-a. Não havia mais nada que eu pudesse fazer.

Eu não sei nem mesmo se ela está viva.”

Steffen chorava e Thor estava ali, devastado pela culpa. Ele odiava a si mesmo por ter deixado Gwen sozinha, por não voltar mais cedo. Ele não podia suportar saber que ela tinha sido levada, sem proteção, sozinha. Ele sentia-se despedaçado.

E então ele sentiu um sentimento novo correndo por suas veias: um desejo de vingança e um desejo de salvá-la, se ela estivesse mesmo viva.

Não havia tempo a perder.

“AOS CAVALOS!” Thor gritou para seus irmãos da Legião, os quais já estavam reunidos ao redor dele, ouvindo cada palavra.

Eu instantes Thor estava a cavalo, assim como seus irmãos de armas, ele esporou o cavalo com mais força do que jamais havia feito em sua vida. Ele saiu daquele lugar, galopando com toda a sua energia pelo terreno deserto em direção à Corte do Rei.

Ele apenas orava para que Gwendolyn ainda estivesse viva.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Thor galopava à frente de um pequeno grupo de membros da Legião, dirigindo-se apressadamente para a Corte do Rei; eles haviam estado cavalgando sem parar, forçando seus cavalos ao máximo, durante todo o dia e todos estavam exaustos. O segundo sol já estava no céu há muito tempo quando Thor avançou pela ponte levadiça, cruzou o Portão Real e passou pela Guarda Real, sem reduzir a velocidade. Seus amigos seguiam seu ritmo enquanto prosseguiam por baixo do túnel e saíam do outro lado, formando uma tempestade de poeira, ao entrar na Corte do Rei.

Eles continuavam avançando através da corte e saindo pelo portão do outro lado, Steffen os guiava para o campo onde Gwen tinha sido cercada. O coração de Thor estava batendo acelerado em seu peito enquanto ele rezava abrigando a esperança de que talvez, apenas talvez, ele a encontrasse ali viva, juntamente com Krohn.

Mas pela forma como Steffen havia narrado os acontecimentos, ele sabia que as chances eram poucas. Ela poderia estar morta. Ambos poderiam estar.

Thor tinha de verificar por si mesmo. Ele sentia-se tão grato pelo fato de que todos os seus amigos o apoiavam e cavalgavam com ele naquela jornada, recusando-se a ir para outro lugar.

Nenhum deles hesitou, sequer por um momento. Ele realmente sentia que eles eram seus irmãos agora.

Eles cavalgavam sem parar através dos campos, subindo e descendo morros, atravessando um imenso campo de flores. Ao fazer uma curva, Thor avistou Estopheles, ele voava em círculos lá no alto dos céus, Thor sentia que eles estavam perto. Eles contornaram outra colina e o coração de Thor parou quando ele viu a carnificina diante dele. Ele continuava avançando, era como se estivesse indo para um pesadelo.

Lá no topo da colina, havia o que pareciam ser vários corpos, cadáveres dos Nevaruns, todos vestindo sua armadura característica verde e amarela. Ele podia ver o derramamento de sangue, mesmo de onde se encontrava e mais ainda, ele podia sentir isso, na própria estrutura do solo. Uma grande calamidade havia sucedido naquele lugar e Thor odiava a si mesmo por não ter estado ali para proteger Gwen.

Thor e seus homens prosseguiram pelo topo da colina e quando chegaram até o grupo de corpos, todos eles desmontaram de seus cavalos. Thor mal esperou que seu cavalo parasse, ele saltou e correu, examinando desesperado todos os corpos no chão, as lágrimas inundavam seus olhos, ele rezava e abrigava a esperança de que nenhum deles fosse Gwen. Ele viu os cadáveres inertes dos Nevaruns, alguns tinham flechas perfurando suas gargantas, o sangue manchava o campo e Thor podia ver que uma batalha cruel tinha acontecido. Ele pôde perceber com apenas um olhar, que tudo o que Steffen tinha lhe dito era verdade. Thor estava mais agradecido do que nunca a Steffen por fazer tudo o que era possível para defender Gwen.

Ele examinava os rostos desesperadamente e seus irmãos da Legião faziam o mesmo, enquanto corriam de um corpo para o outro, no entanto, seu coração já tinha lhe dito o que ele já sabia ser a verdade: Gwendolyn não estava ali. Ela havia sido levada.

Essa percepção o atingiu como um martelo. Por um lado ele estava aliviado por não ter encontrado o cadáver de Gwen. Isso significava que havia pelo menos alguma esperança de que ela estivesse viva. No entanto, ele a imaginava sequestrada, roubada daquele lugar e todas as coisas terríveis que poderiam ter acontecido com ela desde então. Seu corpo ardia com um súbito desejo de salvá-la e um intenso desejo de vingança. Enquanto Thor continuava a examinar a grama sangrenta, ele viu algo que fez seu coração afundar: Krohn jazia ali, deitado de lado, imóvel, o sangue escorria de sua cabeça. Thor correu até ele, caiu de joelhos e passou a mão ao longo de sua pele. Ele podia vê-lo respirar fracamente, mesmo assim, ele estava muito aliviado. Ele viu o sangue em seus dentes e olhando para os corpos em volta, Thor

podia apreciar o dano que Krohn tinha feito e se sentiu inundado por um enorme sentimento de gratidão para com ele por proteger Gwen, mas ao mesmo tempo Thor estava oprimido pela culpa.

“Krohn.” Thor disse baixinho, cutucando-o. Seu corpo ainda estava quente, mas Krohn não respondeu.

“Krohn.” Thor insistiu, sacudindo-o. “Acorde! Por favor!”

Thor balançou Krohn cada vez mais forte, até que finalmente Krohn abriu um olho, só um pouquinho. Em seguida, fechou o olho de novo. Thor podia ver que ele estava sofrendo, que ele estava gravemente ferido. Ele percebeu que se não o ajudasse em breve, ele morreria.

Thor não perdeu tempo. Ele levantou Krohn e ficou surpreso ao perceber como ele tinha ficado tão pesado, ele o colocou por cima do seu ombro e levou-o para o cavalo de Steffen, deitando-o ao longo das costas dele. Krohn estava ali, mole, como um alforje.

Thor virou-se para Steffen.

“Leve-o para a curandeira. Agora mesmo. Não perca tempo! Diga a ela para usar tudo o que estiver ao seu alcance para salvá-lo. VÁ!”

Sem perder um instante, Steffen montou novamente seu cavalo e galopou descendo a colina, Krohn ia deitado dobrado sobre as costas do cavalo, bem atrás de Steffen.

Thor virou-se e encarou os membros da Legião.

“Eu devo encontrar Gwen.” Ele disse sombrio. “O sangue dela pesa sobre minha cabeça. Eu não posso esperar mais um minuto. Se houver alguma chance de que ela esteja viva, cada momento contará. Eu não espero que nenhum de vocês venha comigo. Eu enfrentarei todo o exército Nevarun e eles nos superaram amplamente em número.”

Reece se adiantou e apertou o punho da sua espada.

“Esse é o tipo de adversidade de que eu gosto.” Ele disse.

“Eu também.” Elden acrescentou.

“Eu também.” O’Connor concordou.

“E nós também.” Repetiram os gêmeos.

“Nós nunca iríamos deixá-lo enfrentar um exército sozinho.” Disse Reece. “Não depois de tudo o que passamos. Afinal, Gwen é minha irmã também. E um dia ela será sua esposa.”

“Seu sangue é o nosso sangue.” Elden acrescentou.

Thor acenou com a cabeça em resposta, concordando cheio de gratidão. Ele teria feito o mesmo por qualquer um deles.

“Vocês têm certeza de que este é um risco que desejam correr?” Thor perguntou. “Esta batalha é minha. Eu não quero arrastar vocês para ela.”

“Se você alguma vez pensou que eu deixaria você ir sozinho...” Disse Reece. “... Você está louco. Então, vamos parar de perder tempo e trazer minha irmã de volta...”

Thor olhou para os rostos de seus irmãos da Legião e viu sua determinação. Em seu momento de maior desespero, ele nunca tinha se sentido tão agradecido.

Todos eles montaram os cavalos simultaneamente, Thor esporou o seu em um galope, correndo através do campo de flores, descendo em direção à estrada distante que os levava para cada vez mais longe da Corte do Rei. Enquanto prosseguia, Thor verificava mentalmente todas as suas armas; as da cintura; as que estavam atadas às costas; as de sua sela, e todas as que se encontravam ao longo de seu cavalo. Ele estava totalmente armado. Isso era bom. Ele precisaria de cada uma das armas quando chegasse ao lugar para onde ele estava indo. Aquela era uma missão suicida.

E se ele tivesse de morrer daquela maneira, tentando salvar a vida de Gwen, então que assim fosse.

*

Thor cavalgava mais rápido que nunca, seus irmãos da Legião iam ao seu lado, avançando mais e mais para o Sul, em direção a província distante dos Nevaruns. Ele havia seguido os rastros deixados pelas hordas de guerreiros, nos campos de flores pisoteados que conduziam à estrada principal para sair da Corte do Rei. Pelas marcas que eles tinham deixado ao vir em busca de Gwen: pela largura e amplitude da grama esmagada; pelos galhos quebrados e pelas pegadas dos cavalos deixadas no solo poeirento, era possível concluir que o exército estava composto por pelo menos

uma centena de guerreiros. Era clara a direção que eles estavam seguindo, as marcas ainda pareciam frescas. Isso dava esperanças a Thor. Talvez ele pudesse alcançá-los a tempo.

Thor continuou a andar, esporando seu cavalo mais uma vez, ele rezava para que pudesse alcançá-los antes que eles entrassem na sua cidade fortificada. Eles tinham de abordá-los na estrada, para que ele pudesse abrigar alguma esperança. Ele esperava que o grupo de invasores reduzisse a marcha em algum momento, dando-lhe uma chance de alcançá-lo. Ele supunha que o grupo se veria forçado a isso, afinal de contas, uma vez que eles estivessem longe da Corte do Rei, o que poderia aquele exército de cem Nevaruns, todos guerreiros selvagens e ferozes temer? Eles provavelmente diminuiriam a marcha, passando a trotar, ou até mesmo a caminhar e tomar o seu tempo para regressar para sua província, totalmente impunes. Pensar que Gwen estava entre eles, queimava as entranhas de Thor; era demais para que ele pudesse suportar. Ele odiava Gareth com uma intensidade jamais sentida e jurou que se vingaria dele.

Thor sabia que Gwendolyn era forte, feroz e orgulhosa. Ele viu o estrago que ela havia feito lá atrás no campo de batalha junto com Steffen. Ele tinha ficado impressionado, embora não estivesse surpreso. Ele orou para que de alguma forma ela pudesse recorrer a essa força e mantivesse a calma enquanto eles a levavam embora. Ele orava para que ela tivesse fé em que ele iria buscá-la. Ele supôs que os Nevaruns a queriam viva, como uma esposa troféu, para poder esfregá-la na cara dos MacGils de todos os tempos.

Thor estava determinado a mudar isso.

Eles avançavam cada vez mais, o segundo sol já estava quase se pondo. Thor e seus homens estavam sem fôlego, seus cavalos estavam ofegantes enquanto prosseguiam cada vez mais firmes, avançando mais do que nunca. Finalmente, eles chegaram a um platô, no alto de uma colina, o qual proporcionava uma visão dominante da paisagem. Thor viu espalhado abaixo deles o vasto conjunto das províncias do Sul do Anel com suas colinas e vales contra um céu incrível de outono, nuvens listando todas as cores e árvores de todas as cores balançando. Então ali, no horizonte, ele

avistou a enorme comitiva de Nevaruns, cavalgando em direção ao Sul, atravessando os campos. Thor sentiu-se encorajado ao ver que eles tinham diminuído o ritmo e agora estavam se movendo em um trote suave.

Pela primeira vez, ele sabia que poderia alcançá-los.

Thor esporou e gritou com o cavalo e os outros fizeram o mesmo, então, todos eles avançaram simultaneamente, morro abaixo, mantendo os Nevaruns em vista, enquanto seguiam o rastro. Thor cavalgava mais rápido do que nunca, descendo as colinas por estradas de terra, através de prados e através de uma floresta sinuosa. Eles estavam cada vez mais perto, os Nevaruns estavam a apenas algumas centenas de metros de distância.

Quando estiveram à distância de um tiro de arco, Thor, pela primeira vez, pôde vislumbrar Gwendolyn, por um breve momento. Ele ficou imensamente aliviado ao ver que ela estava viva. Ela ia montada no cavalo do líder dos Nevaruns, ela mantinha a cabeça baixa com vergonha e seus pulsos estavam amarrados, enquanto o homem cavalgava triunfalmente na frente dela, com um sorriso arrogante no rosto. Eles lideravam o contingente e cavalgavam vários metros na frente de todos os outros, enquanto o homem conduzia o seu exército vitorioso para casa.

Thor não pôde deixar de notar que aquele exército tinha deixado um rastro de devastação em seu caminho, saqueando pequenas aldeias, onde a fumaça dos incêndios se levantava no horizonte.

Tecnicamente, aqueles Nevaruns deviam obediência aos MacGils, já que estavam no lado MacGil das Highlands. Thor tinha certeza de que eles nunca teriam agido com tanta impunidade durante o reinado de seu pai. Mas eles eram separatistas e sempre foram difíceis de controlar e agora que Gareth era o rei e os tinha convidado para levar sua irmã, era óbvio que eles fariam o que quisessem.

Eles nunca foram muito leais aos MacGils ou aos McClouds. Eles pareciam ser leais a alguém que eles não tivessem vontade de matar na ocasião.

Enquanto se aproximavam, ainda sem ser detectados. Thor percebeu que eles precisavam formular uma estratégia. Afinal, havia

apenas nove membros da Legião, enquanto parecia haver pelo menos uma centena de Nevaruns. Sem mencionar o fato de que os Nevaruns eram guerreiros mestiços enormes, ferozes e que viviam para a guerra e a morte. Thor lembrou-se das histórias de Kolk e de como ele obteve sua cicatriz, feita pelas mãos deles.

Eles não podiam enfrentá-los abertamente. Apesar de quaisquer poderes erráticos que Thor pudesse ter, ainda assim, seria uma batalha perdida. Thor sabia disso. Seus poderes não estavam suficientemente desenvolvidos e ele não podia contar com eles. E se eles se apresentassem assim, seria um massacre. Ele tinha de elaborar uma estratégia.

À medida que cavalgava, seu cérebro dava voltas e mais voltas, pensando na melhor maneira de atacar aqueles homens.

Thor examinou detenidamente a paisagem circundante e teve uma ideia. Ele podia ver que ao redor da curva havia uma faixa de terra estreita, entre dois penhascos, ela tinha uns bons trezentos metros de comprimento, se os Nevaruns seguissem por aquele caminho, seu exército teria de passar pelo desfiladeiro. Uma vez que o exército estivesse ali, ele estaria vulnerável.

Thor olhou para cima, para o topo dos penhascos e viu os rochedos em suas bordas. Ele teve uma ideia.

“Conval, Conven!” Ele exclamou.

Eles cavalgaram para o lado dele.

“Vocês veem o topo dos penhascos? Eu preciso que cada um de vocês vá até cada lado deles e quando eu der um sinal, empurrem as pedras. Elas irão esmagar os homens abaixo. Enquanto isso, o resto de nós vai avançar aqui embaixo e atacar qualquer sobrevivente do grupo. VÃO!” Ele ordenou.

Conval e Conven separaram-se do grupo e marcharam até as encostas gramadas que conduziam ao topo dos penhascos. Thor levou os homens restantes para o outro lado, tomando o caminho mais longo para não ser detectado, abrigando a esperança de surpreender os Nevaruns quando saíssem pelo outro lado. Eles tomaram um caminho através dos bosques, o qual dava toda a volta e terminava na beira da linha das árvores, logo, todos os seus homens pararam junto com ele e então esperaram.

Thor observou quando Conval e Conven tomaram suas posições no topo do penhasco, centenas de metros acima dos Nevaruns, os quais de nada suspeitavam. Thor estava montado em seu cavalo, esperando, observando e tentando ser paciente. Ele precisava que os rochedos fizessem o maior dano possível e era necessário esperar até que os Nevaruns entrassem mais fundo no desfiladeiro. Ele tinha de abater o maior número possível deles com um só rochedo. E ele também tinha de assegurar-se primeiro de que Gwen estivesse segura, do outro lado.

Seu cavalo empinou enquanto Thor observava com cuidado, o extremo oposto do abismo, esperando pelo primeiro sinal da saída de Gwen. Seu coração batia acelerado, ele tinha de ver o rosto de Gwen, antes de dar o sinal.

Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, o líder saiu lentamente em seu cavalo, Gwen ia nele, atrás deles e Thor deu o sinal.

Thor avançava para fora da floresta, indo direto para eles, dando um grande grito de guerra, todos os seus irmãos iam com ele. Ao mesmo tempo, Conval e Conven começaram a empurrar furiosamente as pedras pela borda.

Um grande estrondo seguiu, quando uma rocha após outra começou a despencar por centenas de metros para cair com forte impacto no desfiladeiro. Ouviram-se os gritos e clamores de dezenas de homens, enquanto as pedras vinham chovendo sobre eles como granizo, causando uma sequência de ruídos estrepitosos e fazendo o chão tremer com cada impacto.

O caos irrompeu entre os Nevaruns. Aqueles que sobreviveram, mal haviam conseguido evitar as rochas, eles saíram em disparada pelo desfiladeiro, correndo para a frente, ficando bem atrás de seu líder e Gwen. Thor esperava que apenas alguns sobrevivessem, no entanto, haviam escapado mais guerreiros do que ele desejava. Parecia haver cerca de trinta deles ainda vivos, todos vinham avançando como formigas, através do desfiladeiro, investindo contra eles, contra Thor e seus sete homens. Thor se encontrava em franca desvantagem. Mas ele não tinha outra escolha, senão entrar em um

confronto direto. Pelo menos ele já tinha matado dezenas deles; ele preferia enfrentar trinta, em vez de uma centena deles.

Uma corneta de batalha soou entre os Nevaruns e seus guerreiros ferozes vieram em disparada em direção a Thor. Thor ouviu o zumbido de uma flecha e ao olhar ao redor, ele viu O'Connor disparar três flechas enquanto cavalgava. Thor observava as flechas navegando pelos ares e ficou impressionado com a pontaria do seu amigo. As três flechas atingiram seus alvos com precisão mortal, três Nevaruns caíram de seus cavalos. Inspirado, Thor levantou sua funda e atirou cuidadosamente, para não acertar Gwen ou o seu líder, sua pontaria foi perfeita, ele derrubou dois soldados, atingindo cada um nas têmporas e derrubando-os de seus cavalos.

Elden seguiu o exemplo e atirou seu martelo de arremesso, Reece atirou o seu machado e abateu mais dois soldados. O número dos Nevaruns foi sendo reduzido rapidamente, à medida que todos eles se preparavam para o impacto, Thor e seus homens agora estavam superados apenas três vezes em número.

Ainda assim, as probabilidades eram poucas, especialmente com guerreiros como os Nevaruns, que haviam dedicado toda a sua vida ao combate. Nenhum deles parecia ter medo, nenhum deles tinha um só momento de hesitação enquanto avançava contra Thor e seus homens, empunhando tridentes, machados e alabardas como se eles tivessem feito isso desde o dia em que nasceram. Eles deram um feroz grito de guerra e momentos depois, os dois grupos se encontraram no meio de um confronto, chocando suas armas e produzindo um ruído ensurdecedor.

A luta era ferrenha. O líder distinguiu Thor e investiu diretamente contra ele, empunhando um machado de batalha com uma única mão e apontando-o direto para a cabeça de Thor. Thor tinha de tomar cuidado com a forma como ele se defendia, já que Gwen estava montada no mesmo cavalo de seu oponente. O líder, claro, sabia disso e sorria, desfrutando a situação. Thor estava em desvantagem.

Thor levantou a espada que Kolk lhe dera e bloqueou o golpe no último momento. Era um dos golpes mais ferozes que Thor já havia recebido e ele podia sentir a força do guerreiro, reverberando

através da alça do escudo. Houve um grande estrondo de metal, os braços de Thor tremiam e ele fechou os olhos enquanto segurava sua espada nova, feita de um material que ele não conhecia, rezando para que ela não partisse ao meio.

Ele ficou aliviado quando isso não aconteceu: ela deteve o golpe do machado a apenas alguns centímetros de sua cabeça.

Normalmente Thor teria se virado e golpeado com sua espada, mas com Gwen na parte de trás do cavalo, ele não podia arriscar-se. Ele foi forçado a apenas manter-se cavalgando, passando por seu oponente e enquanto o rodeava, conseguiu dar uma olhada rápida nos olhos de Gwen, eles estavam arregalados de medo, ali estava ela, sentada, com as mãos amarradas atrás das costas.

“THOR!” Ela gritou frenética.

Mas não havia tempo para que Thor olhasse para trás. Quando ele avançou contra o grupo, mais dois guerreiros vieram para cima dele, um deles balançou um martelo de guerra para o lado, apontando direto para suas costelas. Thor esquivou-o no último segundo e o martelo errou seu alvo salvando Thor de ter suas costelas esmagadas. Então ele levantou a espada e baixou-a sobre o braço estendido do homem, decepando-o. Tanto o braço como o martelo caíram no chão enquanto o homem gritava.

O outro soldado balançou seu machado diretamente para a lateral da cabeça de Thor, Thor se abaixou no último momento e ouviu o machado passar por ele zunindo. Então ele virou-se e com um golpe certo de sua espada cortou a cabeça do soldado; ela quicou e rolou pelo chão, enquanto o corpo decapitado do homem continuou a cavalgar por mais alguns metros, até que finalmente escorregou para o lado e caiu no chão.

Thor não teve um minuto de trégua: ele estava sendo atacado em rápida sucessão por Nevaruns que vinham de todos os lados e com todo tipo de armamento. Ele sentiu um duro golpe em seu ombro, o qual ressoou contra a sua armadura e percebeu que tinha sido atingido por uma maça. O som estridente produziu um zumbido em seus ouvidos; felizmente a armadura tinha evitado que o golpe atingisse sua pele, mas a dor da contusão era profunda e percorria seu braço de cima a baixo. Outro soldado veio de lado e atacou

Thor, ele levantou seu escudo e usou-o como um aríete, isso era algo que Thor não esperava; ele bateu com força num dos lados da cabeça de Thor, derrubou-o do cavalo, fazendo-o cair com força no chão em meio a um tinido de metais Thor caiu no chão, sem fôlego, os cavalos corriam ao redor dele, os gritos de guerra se ouviam vindo de todas as direções. Thor rolou no chão, ele olhou e viu Reece, golpeando e aparando golpes com dois soldados, aguentando a luta, mas em franca desvantagem. Thor viu O'Connor chegar com seu arco para disparar um tiro, mas viu quando um Nevarun arrancou o arco de sua mão com um tridente antes que ele pudesse atirar. Ele viu Elden empunhar seu martelo de guerra com as duas mãos e derrubar um Nevarun de seu cavalo, mas logo viu outro Nevarun espetar Elden por trás com um dardo, derrubando-o do seu cavalo e fazendo-o cair de cara no chão.

Thor viu os outros três membros da Legião, os rapazes com quem eles haviam cavalgado e a quem ele não conhecia bem, ele observava enquanto eles lutavam gloriosamente. Um deles conseguiu esfaquear um Nevarun na garganta, matando-o, mas nesse mesmo momento, ele foi ferido no peito por uma lança. Ele gritou e Thor sentiu sua dor quando o jovem despencou de seu cavalo e caiu no chão, morto.

O outro membro legião perfurou o estômago de um Nevarun com sua lança, ferindo-o, porém ele foi atacado por trás por outros dois, um deles cortou as pernas de seu cavalo, enquanto o outro desferiu um golpe de martelo sobre sua cabeça, matando-o instantaneamente.

O último membro da Legião saltou de seu cavalo em uma demonstração de coragem e glória se interpôs entre dois Nevaruns, derrubando-os no chão antes que eles pudessem lançar-se sobre ele.

Ele sacou um punhal e esfaqueou um deles na garganta, e então, cortou o outro. Mas, no mesmo instante, ele próprio foi ferido pelas costas com um tridente e soltou um grande grito enquanto desabava no chão, morto.

Agora eram apenas Thor, Reece, O'Connor e Elden, apenas eles quatro contra as duas dúzias de Nevaruns que ainda restavam. Eles

tinham feito muito dano, tinham reduzido bastante o contingente dos Nevaruns, mas eles ainda estavam superados em número e se seguiam nesse ritmo, suas chances não pareciam nada boas.

Thor, de joelhos, levantou a mão para bloquear um grande golpe desferido pela espada de um Nevarun, sobre sua cabeça e ao fazer isso, ele olhou para o pôr-do-sol no céu e viu ao longe, Conven e Conval, avançando montanha abaixo, para reforçar o grupo. Os Nevaruns não contavam com eles quando se engalfinharam na batalha, Conven e Conval levantaram suas respectivas lanças e atiraram-nas, matando mais dois homens por trás. Eles continuaram a avançar, levantando e arremessando mais duas lanças e matando mais dois Nevaruns antes que o grupo percebesse seu avanço.

Agora as chances haviam mudado. Agora eram seis da Legião contra vinte Nevaruns e Thor sentiu uma renovada sensação de esperança.

Thor finalmente conseguiu rolar para fora do caminho do atacante e lançou-se sobre ele, em seguida, virou-se e matou-o. Ele rolou mais uma vez, pegou uma lança curta e arremessou-a em outro atacante que galopava em sua direção, perfurando a garganta do homem, antes que ele pudesse lançar seu tridente. O homem, ferido, jogou seu tridente em Thor, mas como ele estava sem equilíbrio, a arma voou pelo ar e passou por Thor a uma distância de uma polegada, para logo mergulhar no chão ao lado dele.

Outro Nevarun veio por Thor, ele empunhava um mangual de três cabeças, com uma longa corrente. Thor se esquivou e as três bolas de ferro cravadas de puas passaram zunindo por sua orelha, roçando o capacete e falhando por pouco. Enquanto o homem passava perto, Thor carregou sua funda e atirou uma pedra acertando o atacante na parte de trás de sua cabeça e fazendo com que ele caísse de seu cavalo e derrubasse o mangual.

Thor saltou pelo chão e quase foi pisoteado quando um cavalo cavalgou ao seu lado, ele pegou o mangual que estava caído no chão, em seguida, rolou e ficou de pé, ele girou a longa corrente do mangual contra os dois atacantes que se aproximavam. Ele atingiu os dois e derrubou-os de seus cavalos. Os dois caíram no solo com um estrondo metálico. Thor girou o mangual mais uma vez,

elevando-o acima da cabeça e antes que cada atacante conseguisse levantar-se, ele os derrubou de costas no chão.

Thor ouviu um grito sobre sua cabeça e olhou para cima para ver seu velho amigo, Estopheles.

Nisso, um soldado avançou por trás de Thor pronto para lançá-lhe um dardo, Estopheles mergulhou e bicou o pulso do homem justo antes que ele atirasse o dardo. O soldado gritou, deixando cair seu dardo e caindo de seu cavalo com um estrondo metálico; Thor pegou o dardo, virou-se e o cravou no peito do homem.

Mas de repente, Thor sentiu-se desvanecer quando foi atacado duramente por trás e derrubado, para acabar caindo de cara no chão. Um guerreiro, com sua armadura cheia de placas, pulou em cima dele com sua força esmagadora. Thor girou sobre si mesmo, lutou com o homem e conseguiu agarrar seu pulso, pouco antes que ele pudesse cortar sua garganta com um punhal. Thor segurou o pulso do homem mantendo-o sob controle, seu braço tremia com o esforço, então, finalmente, ele levantou a cabeça e deu uma cabeçada no homem, quebrando seu nariz.

O soldado gritou e Thor o empurrou, jogando-o no caminho de outro cavalo. Ele foi pisoteado instantaneamente, até a morte.

Thor estava além da exaustão e lutando para recuperar o fôlego, enquanto todos à sua volta, seus seis irmãos estavam lutando pela vida; ele podia ver que eles estavam começando a perder a batalha.

O'Connor gritou quando um Nevarun conseguiu cortar a lateral de seu bíceps, o sangue esguichou de seu braço; Elden recebeu um golpe de maça fortíssimo em seu ombro, isso o fez tropeçar e cair de costas no chão; Reece se esquivou do golpe de uma espada, mas Thor podia ver que seus reflexos não foram tão rápidos como deveriam ter sido e ele quase perdeu a vida. Thor sabia que tinha de fazer algo rapidamente, ou então todos os seus irmãos morreriam.

Thor sentiu um calor, um poder brotando dentro dele, ele orou a Deus para que dessa vez, ele pudesse controlá-lo pelo menos o suficiente para tirá-los dali e proporcionar segurança para Gwen.

Deus, por favor, ajuda-me a sair desta situação difícil. Ajuda-me a vencer esta batalha.

Mais dois soldados avançaram para Thor, um deles se inclinou para trás e jogou um punhal de arremesso direto para ele. Thor viu o punhal dar voltas pelo ar, vindo muito rápido direto para ele.

Ele não tinha tempo para reagir. Ele ficou parado ali, indefeso, então ele levantou a palma da mão e tentou invocar o seu poder para deter a arma.

O punhal congelou no ar, um segundo antes de chegar a ele e em seguida, caiu inofensivamente no solo.

Thor levantou a palma da outra mão, sentindo uma onda de energia maior do que qualquer outra que ele já havia sentido, fluir através dela. Ele sabia que dessa vez havia algo diferente. Alguma coisa estava mudando dentro dele. Ele se sentia mais poderoso do que nunca.

Thor convocou a terra a obedecê-lo. Ele sentiu as rachaduras no chão, sentiu o contorno das pedras e depois moveu as mãos em ambas as direções, tentando ordenar a terra a abrir-se.

Houve um barulho enorme e estrondoso, então o chão começou a mover-se, começou a tremer e um abismo começou a abrir-se na terra. A terra começou a dividir-se ao meio, separando-se, criando uma abertura de vários metros, formando uma cratera cada vez mais ampla. Vários soldados que haviam avançado contra Thor caíram no abismo gritando enquanto mergulhavam nas profundezas junto com os seus cavalos. Outro Nevarun que estava lutando contra Elden, cambaleou para trás e caiu no abismo justo antes que pudesse desferir-lhe um golpe fatal.

Thor olhou ao redor e viu um Nevarun levantando um machado com as duas mãos acima da cabeça, para descê-lo sobre O'Connor, quem estava ali no chão de bruços. O homem estava prestes a matá-lo. Thor virou a palma da mão em sua direção e dirigiu uma bola de energia para ele. O

soldado saiu voando para trás, deixando cair o machado, caindo no abismo e assim poupando O'Connor da morte. Thor girou e dirigiu a palma da mão em direção a outro soldado que estava a ponto de golpear Reece com uma espada; ele conseguiu parar o braço do homem no ar, em pleno golpe, dando a Reece o tempo suficiente para girar e atingir o homem com a sua espada.

Thor girou uma e outra vez, impedindo todos os Nevaruns de atacar seus amigos, poupando cada uma de suas vidas e permitindo que cada um deles prevalecesse e matasse seus atacantes. A situação no campo de batalha começou a mudar rapidamente, agora restava apenas um punhado de Nevaruns.

Thor estava a começar a sentir-se otimista, quando de repente sentiu um forte golpe em suas costas, um golpe similar ao de um martelo, o golpe amassou sua armadura e derrubou-o no chão.

Ele impactou fortemente contra o chão e rolou sobre si para ver o líder Nevarun, de frente para ele, empunhando um pesado martelo de guerra com apenas uma mão. Com a outra mão ele segurava uma longa corrente fazendo-a girar sobre sua cabeça. Seu rosto mostrava um sorriso malicioso. Atrás dele, Thor podia ver Gwen amarrada a seu cavalo e sendo forçada a assistir a tudo, impotente, os olhos dela se arregalaram de pânico e desespero.

“Você pensou que poderia roubar minha garota de mim.” O homem rosnou para Thor. Ele balançou a corrente em volta de sua cabeça e Thor levantou a palma da mão para usar sua energia e detê-lo.

Mas por alguma razão, sua magia não funcionava contra aquele homem. Thor ficou de pé de um salto, a corrente continuou a balançar no ar e envolveu os tornozelos de Thor várias vezes; o guerreiro deu um puxão nela e Thor caiu de costas no chão, com os pés amarrados, totalmente indefeso. Thor não sabia qual era a força que aquele homem possuía, mas ele era extremamente forte e diferente de qualquer guerreiro contra quem ele já tinha lutado.

O guerreiro se aproximou, levantou o martelo bem alto e apontou para baixo, diretamente para o rosto de Thor, quem se encontrava caído de costas no chão, completamente indefeso.

Thor rolou para fora do caminho no último segundo e o martelo afundou nas profundezas da terra.

Thor sentou-se, os seus pés ainda estavam amarrados, ele estendeu a mão para puxar a espada de seu cinto.

Mas antes que ele pudesse desembainhar a espada, o guerreiro o esbofeteou fortemente, derrubando-o de volta no chão.

Thor estava caído ali no chão, com a cabeça zumbindo, totalmente desprotegido, o homem estava de pé perto dele, já extraíndo o martelo da terra e levantando-o bem alto, novamente. Ele estava preparando-se para golpear o rosto de Thor. Thor estava ali indefeso, não havia mais nada que ele pudesse fazer.

“Diga adeus, meu jovem.” Disse o guerreiro, sorrindo largamente.

De repente, o martelo congelou no ar e os olhos do homem se arregalaram totalmente. A princípio, Thor estava confuso, então ele viu uma flecha atravessar a garganta do homem e sair pela parte da frente de seu pescoço.

O guerreiro ficou parado no lugar, paralisado, segurando o martelo no ar enquanto o sangue borbulhava de sua boca e escorria pelo seu peito.

Em seguida, ele derrubou o martelo e caiu de cabeça no chão, já morto, ao lado de Thor.

Thor olhou para cima e viu Gwendolyn. Ela estava sobre o cavalo, segurando um arco e tinha acabado de disparar uma flecha contra o homem. Ela conseguira cortar as cordas que prendiam seus pulsos, suas mãos tremiam quando ela olhou para Thor.

Naquele momento, Thor a amou mais do que ele poderia dizer. Ele sentou-se, desenrolou as correntes de seus pés e correu para Gwen. Ele pulou e montou o cavalo para sentir os braços dela em torno dele, ela apoiou a cabeça em suas costas sentindo-se inundada de alívio. Ela estava segura. E

eles estavam juntos novamente.

Thor olhou em volta do campo de batalha e viu três Nevaruns à esquerda. Um estava sendo liquidado por Elden, o outro por O'Connor e o último lutava corpo a corpo com Reece. Enquanto ele observava, Reece, de repente escorregou e o guerreiro preparou-se para desferir sua espada contra ele.

Thor galopou até ele e antes que o soldado pudesse cortar a cabeça de Reece, Thor tirou uma lança curta da sela do cavalo e atirou. A lança perfurou as costas do homem e saiu do outro lado. O homem caiu de joelhos, morto.

Thor permaneceu montado no cavalo com Gwen. Ele olhou em volta. Era um campo de carnificina, cheio com os cadáveres dos

trinta Nevaruns e demarcado pelo abismo aberto na terra.

Poças de sangue estavam por toda parte. Havia apenas cinco membros da Legião vivos, além de Thor: Reece, O'Connor, Elden e os gêmeos. Todos eles estavam feridos, exaustos e respirando com dificuldade. Mas todos eles eram vitoriosos.

Thor levantou uma espada, bem alto no ar e a emoção da vitória correu em suas veias.

"A LEGIÃO É PARA SEMPRE!" Ele bradou.

Os outros se viraram e levantaram suas espadas em resposta.

"A LEGIÃO É PARA SEMPRE!"

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Andronicus cavalgava raivoso em seu cavalo, dirigindo seu vasto exército ao longo da borda do Canyon, em direção ao norte, marchando para a passagem do Leste do Anel. Enquanto ele marchava, mais e mais tropas do Império se uniam a ele, elas chegavam em massa das suas frotas de barcos atracados na costa. Andronicus tinha sido profundamente humilhado pelo prisioneiro McCloud que o havia enganado, que o tinha levado a acreditar que ele sabia como penetrar no Canyon. Fazia anos que Andronicus não tinha sido enganado por alguém e ele percebeu que seu excesso de entusiasmo por cruzar o Canyon o havia deixado vulnerável e permitido que ele fosse enganado. Seu corpo ainda tremia ligeiramente de raiva, mesmo depois de ele já ter matado o homem. Ele desejava poder encontrar uma maneira de rastrear a família do homem e matá-la também.

Enquanto Andronicus cavalgava, ele ficava mais determinado do que nunca a invadir o Canyon e de alguma forma, causar estragos no Anel e fazer com que todos aqueles seres humanos sofressem.

No entanto, como ele estava impedido de atravessar, havia muito pouco que ele pudesse fazer. Ele sabia que até aquele momento era uma missão inútil, que toda sua mobilização tinha sido para nada.

Ainda assim, ele odiava a ideia de simplesmente voltar atrás e deixar aquele lugar, de voltar para casa desonrado. Especialmente quando seus homens estavam ali e mais homens estavam chegando para unir-se a ele a cada momento.

Ele percebeu que poderia, pelo menos, fazer o seu caminho até a passagem principal dos McCloud, até a ponte guardada por todos aqueles soldados, ele queria ver se poderia engodar qualquer um deles para que saísse da segurança do Canyon, caso algum deles fosse tão estúpido como para fazer isso. Talvez ele pudesse torturar um ou dois deles. Talvez, ele até mesmo matasse mais alguns. Isso poderia, pelo menos, acalmar o seu mau humor.

Andronicus poderia também aproveitar a oportunidade para testar o Canyon novamente, para ver se por acaso havia alguma brecha em algum lugar. Ele poderia jogar alguns de seus próprios soldados sobre a borda e ver se eles morriam. Quem sabe? Talvez, apenas talvez, ele pudesse encontrar um ponto fraco em algum lugar.

Andronicus cavalgava lentamente, ouvia-se o som de milhares de botas marchando simultaneamente atrás dele, enquanto ele prosseguia ao longo da borda do Canyon. Finalmente, quando eles fizeram uma curva, ele viu o seu objetivo diante de si: ali estava a Passagem Leste do Canyon, centenas de soldados McCloud estavam enfileirados ao longo da ponte e de todo o caminho para o lado dos McCloud. O que Andronicus não daria para estar daquele lado do Anel. Ele podia saboreá-lo dali.

Andronicus viu as tropas McCloud ficarem alertas ao ver como o seu exército se aproximava da entrada principal da ponte. Ele liderou o caminho, todo o caminho até a borda do Canyon, ficando a escassos metros de distância.

Um tenso silêncio pairava sobre os dois exércitos. Os soldados McCloud, sabiamente, permaneceram na ponte, do seu lado da força de energia, sem se atrever a deixar a proteção do Canyon.

Andronicus acenou para um dos seus comandantes, então o comandante empurrou vários soldados para a frente, os quais avançaram com suas espadas desembainhadas para os homens McCloud. Os dez desafortunados soldados marcharam direto para a ponte, mas no exato segundo em que cruzaram a linha dela e entraram no ar místico do Canyon, todos eles foram esmiuçados, queimados vivos e caíram reduzidos a cinzas aos pés dos soldados McCloud.

Andronicus franziu a testa. Nada havia mudado. Ainda não havia nenhuma maneira de cruzar.

“Venham aqui para este lado do Canyon e batalhemos como homens de verdade!” Andronicus provocou fazendo sua voz ecoar por todo o Canyon. As centenas de homens McCloud ficaram alerta na ponte, todos em perfeita disciplina, nenhum deles ousava se mexer. Eles eram muito espertos para fazer o contrário.

Os dois exércitos ficaram em um impasse silencioso. Andronicus estava desesperado.

“Deixem-me cruzar a ponte...” Andronicus ressoou, tentando usar outra tática. “... E eu vou dar-lhe todas as riquezas, riquezas muito além do que vocês jamais poderiam sonhar. Vocês vão se tornar soldados do Império. Vocês terão dez vezes mais ouro. Cada um de vocês vai se tornar general no meu exército. Qualquer coisa que vocês desejarem, será sua.”

Mais uma vez, seu pronunciamento foi recebido por nada mais que um silêncio tenso. Todos os soldados estavam em perfeita formação, nenhum deles se moveu. Não havia nada além de um silêncio lúgubre e o uivo do vento. A névoa do Canyon os envolvia em ondas que iam e vinham enquanto olhavam para fora.

Andronicus estava perplexo. De repente, ele pegou um arco e flecha de uma das mãos de seu soldado, inclinou-se para trás e atirou a flecha no soldado McCloud mais próximo.

Mas no exato segundo em que a flecha atingiu o escudo invisível do Canyon, ela se desintegrou.

Andronicus pegou uma adaga do cinto e atirou-a contra o escudo.

Ela se desintegrou também.

Ele se inclinou para trás e gritou com fúria, sem saber como atravessar. Aquele era o único lugar que restava no mundo que o desafiava, a única coisa que ele não podia conquistar.

Andronicus não tinha escolha. Ele tinha de voltar para casa. Ele tinha sido enganado e deveria admitir isso. Ele teria de encontrar outro caminho, em outra oportunidade, para atravessar a garganta, para subjugar o Anel. Quanto mais tempo ele esperasse ali, mais tempo ele estaria desperdiçando.

Mas antes de partir, Andronicus tinha de descarregar seu mau humor em alguém. Portanto, antes de virar-se para partir, ele agarrou um de seus soldados comuns, o levantou acima da cabeça com as duas mãos, em seguida, correu para o Canyon e atirou-o sobre a borda. Enquanto seu corpo atravessava a borda do Canyon, Andronicus esperava que o homem se desintegrasse e fosse reduzido a cinzas, tal como tinha sucedido com os outros.

Mas Andronicus ficou chocado quando ele viu o corpo do homem voar pelos ares, passar por cima da borda do Canyon perfeitamente intacto e em seguida, despencar. O soldado gritava e se debatia durante todo o caminho até o fundo do abismo, até a sua morte.

Andronicus ficou lá, piscando várias vezes, sem entender o que tinha acontecido. Era como se, de repente, o escudo tivesse sido desativado.

Andronicus pegou outro soldado e empurrou-o, desta vez bem para o centro, em direção à ponte.

O homem estava apavorado, ele tinha visto o que havia acontecido com seus semelhantes, mas Andronicus espetou sua nuca com uma lança e o homem correu obedientemente. Ele protegeu seu rosto com as mãos enquanto corria em direção à ponte, preparando-se para morrer.

Mas dessa vez, algo diferente aconteceu: o soldado continuou a correr direto para a ponte, sem se desintegrar como os outros. Ele ficou ali, no meio dos soldados McCloud, vivo.

Todos os soldados McCloud pareciam chocados também. Eles entraram em ação e atacaram o soldado solitário, matando-o imediatamente.

Então eles se viraram e olharam para o exército do Império com um novo respeito e medo. Já não havia nenhuma barreira entre eles. Algo tinha acontecido.

As centenas de soldados McCloud lentamente retrocederam, começaram a recuar, parecendo nervosos, eles não entendiam o que estava acontecendo.

Andronicus tampouco conseguia entender o que havia sucedido. O escudo estava inativo. Estava realmente inativo. O que havia acontecido?

Ele não iria esperar para averiguar.

“ATACAR!” Ele exclamou.

Milhares de seus homens avançaram sobre a ponte, em debandada, matando os homens McCloud enquanto prosseguiram. Os soldados McCloud restantes bateram em retirada, fugiram.

Andronicus observava, esperando para ver o que aconteceria, se o escudo de alguma forma voltasse a formar-se.

Mas, para sua surpresa, seus homens estavam bem. Eles continuaram avançando por toda a extensão da ponte, penetrando no lado McCloud do Anel. Eles continuaram a marchar, permanecendo firmes no solo McCloud.

Salvos.

O escudo estava inativo.

Andronicus sorriu, ele se sentia mais feliz do que jamais estivera em sua vida. Ele sacou a espada e avançou com eles. Ele se misturou com a debandada e matou alguns de seus próprios homens no trajeto para o outro lado da ponte, apenas por diversão. Ele se sentia como um garotinho novamente.

Em instantes ele se viu no lado McCloud do Anel, sentindo o solo do Anel debaixo dele pela primeira vez. Era um momento com o qual ele tinha sonhado a vida inteira. Ele não podia acreditar.

Ele estava *ali*.

Andronicus ajoelhou-se e sentiu o solo com as palmas das mãos, então ele se inclinou e beijou a terra enquanto todos os seus homens passavam correndo por ele.

Ele olhou para cima e viu no horizonte, uma cidade McCloud.

Ele sorriu abertamente, era o sorriso mais largo que ele já tinha dado em sua vida.

Havia chegado a hora de fazer uma visita aos McCloud.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Thor cavalgava de regresso à Corte do Rei, Gwen ia montada no cavalo atrás dele, Reece, O'Connor, Elden e os gêmeos cavalgavam ao lado dele, ele estava exausto, mas transbordando de gratidão. O segundo sol já estava se pondo e todos eles seguiam em um trote confortável sob o céu magnífico. Thor estava mais que exausto, cada músculo de seu corpo doía, como se ele tivesse acabado de passar por uma guerra.

Mas ter Gwen junto a ele, poder sentir as mãos dela apertando-lhe o peito, sentir o rosto dela descansando em suas costas, fazia com que seu cansaço se desvanecesse. Tê-la ali com ele, fazia com que ele sentisse que tudo estava bem no mundo. Ele estava agradecido, muito além do possível, por ela estar viva, por ela não ter sido ferida, e agradecido porque o líder Nevarun nunca tinha tido a chance de abusar dela. Ele estava agradecido por ter sobrevivido ao confronto e por ter sido capaz de salvá-la, também estava grato a ela por ter salvado sua própria vida. Ele sentia que todas as suas preces tinham sido atendidas.

Enquanto cavalgavam de volta para a Corte do Rei, Thor sentia triunfo, mas também a dor da tragédia, enquanto pensava em seus três irmãos da Legião que tinham morrido na batalha e cujos corpos levaram para casa agora, deitados sobre as costas dos cavalos. E se por um lado ele sentia que regressava como um herói, por outro lado ele também estava apreensivo, já que não sabia o que os aguardava ao regressar. Afinal de contas, Gareth era ainda o rei, o mesmo rei que tinha feito todos os arranjos para que Gwen fosse levada embora; e era para a corte de Gareth que eles estavam voltando. Gareth estava cada vez mais desequilibrado, isso era

evidente, e agora havia uma brecha plenamente estabelecida entre o Exército Prata e os novos homens que Gareth tinha trazido. A tensão nunca tinha estado tão alta. Era como se a Corte do Rei estivesse à beira de uma guerra civil e que bastava uma faísca para acender o seu estopim. Enquanto Thor prosseguia, de volta para aquele lugar com Gwendolyn, em um claro desafio às ordens de Gareth, ele não podia evitar sentir que talvez estivesse carregando aquela faísca.

Thor se preparou. Ele estava muito cansado para outra batalha naquele momento. Mas poderia ser exatamente para isso que ele estava caminhando.

Thor sabia que Gwendolyn e os outros teriam de encontrar uma maneira de destituir Gareth, do contrário, todos eles teriam de fugir da Corte do Rei de uma vez por todas e encontrar um novo lar, criar uma nova corte em outro lugar. A Corte já não era mais um lugar seguro.

Ao se aproximarem da Corte do Rei, Thor sabia que o primeiro lugar aonde eles deviam ir seria o Salão de Armas. Ali, eles se encontrariam com a Legião e veriam os soldados que estivessem presentes. Ele sabia que muitos deles, como Kendrick, ainda estavam localizados no campo, dedicando-se aos trabalhos de reconstrução e fortificação do Anel. Mas vários dos melhores guerreiros, dentre os quais estavam Kolk e Brom, ainda estavam localizados ali e Godfrey estava ali também, todos abrigavam a sua melhor esperança de encontrar a prova de que precisavam para indiciar Gareth.

Enquanto Thor e seus homens trotavam pela praça aberta da Corte do Rei, uma multidão de curiosos se reuniu para observar com admiração o grupo heterogêneo. Thor podia sentir os olhares, podia sentir que a notícia já começava a se espalhar. Ele sabia que era apenas uma questão de tempo até que a notícia de sua chegada alcançasse Gareth e os seus homens. Então ele virou-se bruscamente para o corredor e dobrou o ritmo. Ele precisava encontrar-se com o Exército Prata antes que algo acontecesse.

Thor e os membros do grupo entraram na praça e agora estavam frente ao Salão de Armas.

Vários membros da Legião do Exército Prata estavam aglomerados do lado de fora e olharam para eles com surpresa ao vê-los montados em seus cavalos, cobertos de sangue e feridos pela batalha.

Um dos membros da Legião gritou, logo muitos mais vieram correndo. Thor e os outros apearam.

Thor ouviu um ganido e seu coração disparou quando ele olhou para baixo e viu Krohn sendo conduzido por Steffen na direção dele. Thor ajoelhou-se, feliz por voltar a vê-lo bem e o abraçou quando ele pulou em seus braços, Krohn mancava e parecia fraco, mas ainda continuava muito esperto. Gwen ajoelhou-se e abraçou Krohn também.

“Illepra cuidou bem dele.” Steffen disse sorrindo.

Krohn lambeu Thor e Gwen por todas as partes e eles o beijaram de volta.

As portas se abriram e vários membros do Exército Prata saíram por elas, aglomerando-se animadamente em torno de Thor, Gwen e dos demais rapazes. Eles foram arrastados pela multidão e conduzidos para dentro do salão, as portas se fecharam rapidamente atrás deles.

Ao entrar no Salão, Thor sentiu centenas de olhos sobre ele. O salão estava lotado, transbordando de membros do Exército Prata e de membros da Legião, todos eles vieram correndo ao encontro do grupo. À sua frente estavam Kolk e Brom, junto com Atme e vários outros guerreiros famosos, a quem Thor logo reconheceu.

Kolk abraçou Thor e foi seguido por Brom, logo os outros fizeram o mesmo. Thor podia ver o alívio em seus rostos.

“Você voltou.” Kolk disse. “Nós ouvimos as notícias da captura de Gwen e de sua expedição, tarde demais. Você deveria ter vindo a nós em primeiro lugar. Nós teríamos nos unido a você.”

“Não houve tempo para isso.” Thor disse.

“Gwendolyn!” Disse uma voz.

Godfrey correu e abraçou-a com um grande alívio no rosto.

“Você está viva.” Ele disse surpreso.

Todos os soldados olhavam para Thor e para os membros sobreviventes da Legião com um novo respeito, com um olhar de

admiração. Thor se sentia orgulhoso. Ao estar rodeado por aqueles homens, ele sentia como se pudesse finalmente respirar fundo e relaxar.

“Nem todos conseguiram voltar.” Thor disse, com sua voz cada vez mais profunda, mais autoritária. “Três dos nossos membros da Legião morreram, eu lamento muito ter de dizer isso.

Havia nove de nós.”

“Contra cem Nevaruns.” Reece acrescentou.

“E onde estão esses cem guerreiros agora?” Brom perguntou dando um passo à frente e colocando uma mão no punho da sua espada. “Eles estão perseguindo vocês?”

Thor abanou a cabeça gravemente.

“Eles estão todos mortos, meu senhor.” Ele disse.

Os olhos do Brom se arregalaram, expressando um novo respeito, examinando-os de cima a baixo.

“Você está dizendo que vocês seis mataram uma centena dos guerreiros mais ferozes do Anel?”

Brom perguntou.

“Havia nove de nós, meu senhor.” Thor corrigiu. “Três morreram. Mas a resposta é sim.”

Kolk adiantou-se e colocou uma mão no ombro de Thor em sinal de aprovação.

“Você é um motivo de orgulho para a Legião.” Ele disse.

Thor limpou a garganta.

“Eu temia que o senhor ficasse chateado.” Thor disse. “Nós resgatamos a filha do rei, mas ao mesmo tempo violamos a Lei do Rei ao fazer isso, já que ela foi dada em casamento legalmente. É possível também que hajamos provocado uma guerra contra Gareth. Tenho certeza de que ele não vai deixar isso passar em branco.”

“Que ele tente então!” Brom exclamou. “Nós não tememos ninguém. E não, nós não estamos chateados. Estamos orgulhosos de suas ações. Qualquer um que vier aqui para levar a filha do rei contra a vontade dela, merece a morte.”

“APOIADO!” Exclamaram todos na sala.

“Mesmo que seja um decreto legal do Rei?” Reece perguntou.

“De que rei?” Kolk perguntou.

“APOIADO!” Ecoaram todos na sala.

“E eu tenho a prova da traição de Gareth!” Godfrey gritou animadamente.

A sala virou-se para ele, presa da curiosidade.

“Há um garoto que foi testemunha do crime. Ele concordou em testemunhar contra Gareth, por sua tentativa de assassinato a minha pessoa.”

Todos na sala prenderam a respiração e logo romperam em um murmúrio animado.

“O garoto está sendo mantido em segurança no castelo. Eu estava esperando o retorno dos guerreiros e agora que estão todos aqui e estamos prontos, podemos ir todos juntos para o Conselho, levar o garoto e apresentar as provas. Com uma testemunha, o Conselho não terá escolha, a não ser destituir legalmente Gareth.”

“E se eles não o depuserem?” Kolk perguntou.

“Se o Conselho não tomar uma medida.” Disse Brom. “... Então fica claro que nós, o Exército Prata, a Legião, os homens do rei, já não temos um lugar aqui nessa Corte. Se assim for, então vamos todos deixar este lugar e criar uma nova corte em outro lugar!”

“APOIADO!” Ecoaram as vozes na sala.

“Minha senhora.” Brom disse voltando-se para Gwen. “Estamos dispostos a lutar pela senhora, até a morte, tal como estivemos por seu pai, para instituir o seu governo. Quando o Conselho vir a nossa prova, nós legitimamente destituiremos Gareth e então, vamos proclamá-la rainha. Eu pergunto de novo: Vossa Alteza aceitará essa honra?”

Gwen olhou para o chão, em seguida, olhou para cima.

“É hora de pôr fim ao governo do meu irmão Gareth.” Disse ela.

“E se para isso for preciso que me nomeiem rainha, então que assim seja.”

O quarto irrompeu em um grito de júbilo.

“E se nós formos forçados a deixar este lugar...” Disse Kolk. “... Então Gwendolyn, será o nosso governante, *in absentia*. Vamos montar nossa própria Corte em outro lugar.”

“APOIADO!” Ecoaram as vozes na sala.

“Podemos aventurar-nos em Silésia!” Explodiu uma voz. Todos se viraram para ver Srog ali, usando sua característica armadura vermelha do Oeste. “Vocês todos podem vir a minha cidade. Ela está guarnecida com mil homens e podemos criar uma nova Corte Real lá! Gwen poderá governar lá até que Gareth caia e regressemos!”

“APOIADO!” Disseram todos em coro.

“Esperemos que esse garoto seja uma testemunha fiel.” Disse Kolk, voltando-se para Godfrey.

“E que não precisemos ir a lugar nenhum. Godfrey, tem certeza de que ele é sincero?”

Godfrey acenou de volta.

“Ele nos espera agora mesmo. O tempo é precioso. Vamos e acabemos com o reinado de Gareth de uma vez por todas!”

“APOIADO!” Exclamaram todos os homens na sala.

Todos se viraram, saíram do salão e marcharam para o castelo de Gareth. Thor sentia a emoção e expectativa no ar como uma coisa palpável, ele sabia que dentro de poucos instantes, as coisas nunca mais seriam iguais na Corte do Rei, novamente.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Thor marchava com o grande grupo de soldados, Gwendolyn ia ao seu lado, Godfrey liderava o caminho, levando com ele o garoto que seria sua testemunha. O grupo enorme de homens abriu caminho através do Castelo do Rei, descendo um corredor após outro, seus passos ecoavam enquanto marchavam em direção à sala do Conselho. Thor podia sentir a enorme importância daquele dia, a grande expectativa que pairava no ar enquanto todos se aproximavam da sala do Conselho.

Finalmente, eles tinham o que precisavam: Godfrey tinha uma testemunha, o Conselho estava em sessão e com uma testemunha, o Conselho tinha de destituir Gareth legitimamente. Uma vez que isso fosse feito, o seu reinado seria finalizado de uma vez por todas, Gwendolyn poderia ser proclamada governante e a vida poderia voltar a ser como antes na Corte do Rei.

No entanto, ao conhecer bem Gareth, Thor também sentia uma sensação de medo na boca do estômago. Ele sabia que Gareth sempre parecia ter uma saída para quase tudo e que ele estava sempre um passo à frente de todos. Thor olhou ao redor, olhou para todos os formidáveis guerreiros ao redor dele e se perguntou o que aconteceria se de alguma forma Gareth encontrasse uma maneira de sair daquela situação. Haveria uma total guerra civil? Será que todos eles deixariam a Corte do Rei, para nunca mais voltar?

Thor tentou não pensar nisso enquanto eles desciam o corredor final e marchavam, dezenas deles, todos armados, para as enormes portas da sala do Conselho. Os guardas reais que estavam do lado de fora da porta ficaram tensos, seus olhos se arregalaram de medo ao ver o pequeno exército.

“Abram essas portas de uma vez!” Brom ordenou.

Os guardas se entreolharam, hesitaram por um momento e então, deviam ter percebido que não tinham escolha. Eles se aproximaram, abriram as enormes portas e afastaram-se.

Thor marchou junto com os demais para a enorme sala do Conselho, seus passos ecoavam nos tetos abobadados. A sala encheu-se com todos eles. As cabeças se viraram e os membros do Conselho se detiveram.

Diante deles estavam dezenas de membros do Conselho, sentados ao redor da ampla mesa semicircular, todos voltados para Gareth, que a sua vez estava sentado em seu trono, sobre uma plataforma, suas mãos agarravam com força os braços do trono, ele olhava para baixo, para toda a sala. Havia um olhar inquieto em seus olhos e ele parecia mais desesperado do que nunca.

Atrás de Gareth havia dezenas de soldados armados, os homens de Kultin, sua força de combate privada, todos com as mãos sobre as suas espadas, como se estivessem à espera de qualquer calamidade que pudesse acontecer. Brutos, todos eles.

Os membros do Conselho levantaram-se e viraram-se quando o grupo entrou, havia medo em seus rostos.

“Qual é o significado disto?” Aberthol perguntou, ficando de pé e olhando para os rostos.

“Gwendolyn.” Ele acrescentou. “Vossa Alteza sabe, melhor do que ninguém que é contra a lei interromper uma reunião do Conselho.”

“Perdoe-me.” Ela respondeu. “Mas temos notícias que justificam a interrupção desse processo.

De fato, nós trazemos uma notícia de que vai mudar o destino do Anel para sempre.”

Gwendolyn olhou friamente para seu irmão e ele olhou para ela com um ódio frio. Ele parecia surpreso ao vê-la viva; ele provavelmente tinha suposto que ela estaria muito longe dali naquele instante, nas mãos dos Nevaruns. O rosto de Gareth tinha ficado muito chupado nos últimos tempos, as maçãs do seu rosto estavam mais fundas e ele parecia mais insano do que nunca.

Godfrey deu um passo à frente.

“Eu tenho aqui comigo a um jovem rapaz.” Godfrey declarou. “... O qual se apresenta como testemunha da traição de meu irmão

Gareth. Gareth contratou um homem para assassinar-me... para assassinar a mim, um membro da família real!"

A sala irrompeu em um murmúrio indignado.

"Este garoto aqui foi testemunha. Ele declarará de uma vez por todas o que Gareth fez e vocês que compõem o Conselho, terão de tomar medidas legais e destituir o nosso Rei!"

O murmúrio na sala continuou enquanto inúmeros membros do Conselho e lordes se olhavam entre si. Gareth simplesmente continuou a olhar friamente para baixo, observando tudo, sem nenhuma expressão em seu rosto.

Aberthol se virou e olhou para Gareth.

"São estes cargos verdadeiros, Majestade?" Ele perguntou lentamente.

Gareth sorriu para todos na sala.

"É claro que eles não são." Ele disse. "Godfrey é um filho intrigante que sempre quis o trono de seu pai. Ele se valeria de qualquer acusação contra mim, para poder me destituir."

"Eu não busco ocupar o trono." Godfrey rebateu. "Eu não tenho nenhum desejo de governar.

Gwendolyn será o próximo governante."

Gareth retrucou.

"Não, ela não será." Disse ele. "Eu sou o soberano. Por lei. E nenhuma palavra de nenhum garoto vai mudar nada."

"Majestade." Aberthol exclamou. "... Se este rapaz for uma testemunha verdadeira de uma tentativa de assassinato, a lei nos obriga a ouvir o seu testemunho e a atuar como um Conselho."

Um silêncio pesado pairava no ar, quando Gareth fez um gesto de desprezo, então, finalmente, deu de ombros.

"Se vocês querem ouvir o garoto, então vamos ouvi-lo." Disse ele calmamente. "Mande-o para a frente."

O garoto olhou para Godfrey e Godfrey acenou de para ele com um movimento de cabeça e em seguida, empurrou-o suavemente. O garoto avançou timidamente em direção ao centro da sala, parado sob um raio de luz que brilhava no teto. Ele parecia assustado, quando olhou para cima, seu olhar ia de Aberthol para Gareth.

“Diga-nos sinceramente garoto.” Aberthol disse. “O que você presenciou?”

O garoto ficou ali parado, hesitando em falar. Então, finalmente, depois de vários segundos, ele gritou:

“Eu não vi nada!”

Todos os presentes ficaram sobressaltados ao ouvi-lo.

“O que quer dizer, rapaz?” Godfrey gritou chocado, indignado. “Diga a eles o que você me contou! Diga-lhes o que você viu! Não tenha medo. Seja sincero agora!”

O garoto olhou novamente para Gareth, quem parecia acenar para ele com a cabeça.

“Eu não vi nada!” O garoto exclamou novamente. “Eu não tenho nada a dizer!”

Godfrey examinou o menino com uma expressão confusa, enquanto Gareth sorria satisfeito.

“O que estava dizendo, meu amado irmão?” Gareth perguntou.

Godfrey franziu a testa para Gareth.

“Você virou a cabeça do menino de alguma forma!” Godfrey gritou.

Gareth inclinou-se para trás e riu.

“Você tem uma testemunha inútil.” Gareth Disse. “... Seu plano patético para me derrubar falhou. Eu ainda permaneço como o verdadeiro, genuíno e legítimo rei. E não há nada que você possa fazer a respeito.”

“Aberthol, você deve fazer algo!” Godfrey implorou. “É óbvio que ele influenciou a testemunha.

Este garoto viu o que viu. Meu irmão tentou me matar!”

Aberthol balançou a cabeça tristemente.

“Receio que sem provas nada possa ser feito, a lei é a lei. Sem importar o que possa ter acontecido, Gareth deve permanecer como Rei, já que não há provas contra ele.”

“Você é um mentiroso!” Godfrey gritou do outro lado da sala para Gareth, com o rosto vermelho, puxando a espada para lançar-se sobre ele.

O som da espada sendo desembainhada ecoou por toda a sala. Imediatamente ouviu-se o som de dezenas de espadas sendo

desembainhadas, quando todos os ferozes guerreiros que estavam atrás de Gareth entraram em ação.

O Exército Prata e a Legião responderam, desembainhando as suas espadas também.

Houve um tenso impasse na sala, fileiras de soldados de ambos os lados empunhavam suas espadas uns contra os outros. A sala estava cheia de tensão.

“A lei está do meu lado.” Gareth disse, lenta e deliberadamente. “Eu posso mandar prender todos vocês aqui presentes hoje, cada um de vocês.”

“Você só pode nos aprisionar pela legislação da Corte do Rei.” Gwendolyn gritou, dando um passo a frente. “Mas a partir de hoje, não somos mais membros da Corte do Rei. Nenhum de nós. Eu e essas forças vamos deixar este lugar de uma vez por todas. Você pode sentar aí e governar ilegalmente no trono de nosso pai e nós vamos governar nossa própria Corte, in absentia. E se você tentar enviar homens para me levar embora de novo, nós vamos considerar isso um ato de guerra e eu lhe garanto que nós vamos lutar contra você de volta. Você tem lordes leais a você. Nós temos lordes leais a nós, também. A partir deste dia, nós não lhe servimos mais. Se o Conselho não destituiu-o legitimamente, então nós vamos deixar este lugar e formar nosso próprio Conselho.”

“Vocês podem deixar a corte, se quiserem.” Gareth Disse. “Mas agora serão considerados como hereges e traidores. Vocês estão violando a lei do Rei. Se algum dia eu encontrar vocês por aqui, eu vou matar todos vocês. E se alguma vez vierem à Corte do Rei novamente, todos vocês serão mortos.”

Gwendolyn abanou a cabeça.

“Você é um ser humano patético.” Disse ela. “Eu amaldiçoo o dia em que você se tornou meu irmão. Meu pai olha para você em desgraça.”

Gareth jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

“Nosso pai não olha para ninguém. Ele está morto, minha cara. Não se lembra? Alguém o matou.”

Gareth ria e gargalhava histericamente.

Todos haviam tido o bastante. Eles se viraram e se retiraram em uníssono, dezenas deles marcharam pelo corredor, para fora daquele lugar. Enquanto se preparavam para cruzar as portas e nunca mais ver a Corte do Rei novamente, eles foram acompanhados por todo o caminho, pelo som da risada estridente de Gareth, ecoando nas paredes antigas.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Erec cavalgava em seu cavalo Warfkin, pelo caminho da floresta, em direção ao Norte.

Finalmente, depois de todos esses meses, ele estava voltando para casa, de volta à Corte do Rei, dessa vez, ele estava acompanhado por sua futura esposa, Alistair. Ela ia montada atrás dele, agarrando-se a ele, como tinha feito durante horas desde que haviam entrado na densa floresta. Erec não tinha parado de galopar desde que ele a tinha resgatado do castelo daquele lorde, já que ele queria afastar-se o máximo possível daquele lugar.

Erec reconheceu aquele bosque: ele estava nos arredores de Savária, a quase um dia de viagem de distância e enquanto cavalgava entre as árvores frondosas, mais uma vez ele se virou e verificou por cima do ombro, querendo se certificar de que não estavam sendo seguidos. Eles não estavam. O

horizonte permanecia vazio, tal como tinha estado cada vez que ele havia verificado naquele dia.

Pela primeira vez, quando entraram sob a cobertura das árvores, ele sentiu que podia relaxar.

Ele diminuiu a velocidade do cavalo. Pobre Alistair ela tinha estado agarrada ao seu peito por tantas horas, ele tinha certeza que ela poderia desfrutar um pouco de descanso. E o mesmo podia dizer-se dele. Ele estava mais do que exausto pela batalha intensa e

pela cavalgada constante. Ele não dormia há dias e aquele parecia ser um bom lugar para parar.

Erec encontrou um lugar isolado e bem protegido, ao lado de um lago, protegido por árvores altas, cujos galhos balançavam. Ele parou diante do lago, desmontou do cavalo e estendeu a mão para ajudar Alistair a desmontar também. A sensação de sua mão, de sua pele macia o eletrizou quando ele a ajudou a descer do cavalo; ela parecia exausta, mas estava tão bela e nobre como sempre. Ele estava emocionado por estar ao lado dela depois de tantos dias de lutar por ela; depois de estarem tanto tempo longe um do outro; depois de quase perdê-la. Eles haviam estado muito perto do fim. Ele estava em êxtase por tê-la salvo de um destino terrível e ao mesmo tempo determinado a evitar que os dois se separassem novamente.

Enquanto os dois estavam lá, ela se virou e olhou para ele, as águas do lago se refletiam em seus olhos cheios de sentimento. Ela olhou para ele com amor e devoção e ele sentiu seu coração derreter. Ele sabia com toda a sua alma que tinha feito a escolha certa. Não havia no mundo outra mulher mais adorável, com a qual ele desejasse estar.

“Meu Senhor.” Disse ela, olhando para o chão suavemente. “Eu não sei como lhe agradecer. O senhor salvou a minha vida.”

Ele estendeu a mão, colocou um dedo sob o queixo dela, inclinou-se e beijou-a. Eles se beijaram por um longo tempo, seus lábios eram a coisa mais suave que ele já havia sentido. Ela inclinou-se, beijando-o com firmeza e acariciando suavemente o rosto dele, enquanto ele fazia o mesmo com ela. Ele estendeu a mão e alisou suavemente o cabelo dela para trás, traçando a curva de seu belo rosto. Ele nunca tinha visto alguém tão bonito, em nenhum lugar do reino. Ele mal podia acreditar na sorte que tinha ao estar com ela.

“Você não tem nada que me agradecer.” Ele replicou. “Foi você quem me salvou. Você me salvou de uma vida vazia, de procurar em vão o meu amor.”

Ela pegou sua mão e levou-o para o chão coberto de musgo ao lado do lago. Eles sentaram-se ao lado das águas cristalinas e

quando o segundo sol começou a se pôr, ela se inclinou para ele e descansou a cabeça em seu ombro, ele passou o braço em torno dos ombros dela, segurando-a firme.

“Eu esperei por você todos os dias com ansiedade.” Ela disse. “... Enquanto você competia em seus torneios. Quando eles me venderam como escrava, eu lutei com todas as minhas forças. Mas eles eram poderosos demais para mim. Eu chorei e chorei por dias, pensando apenas em você.”

O pensamento rasgou Erec por dentro.

“Eu sinto muito, minha senhora.” Ele disse. “Eu deveria ter previsto que o estalajadeiro lidaria com a senhora dessa forma. Eu deveria ter estado lá mais cedo para protegê-la.”

Ela sorriu-lhe.

“Você me protege agora.” Disse ela. “Isso é tudo o que importa.”

“Eu vou protegê-la com todas as minhas forças, pelo resto dos meus dias.” Ele disse.

Ela se inclinou para ele e os dois se beijaram novamente por um longo tempo.

Eles se afastaram, ele olhou nos olhos dela e ficou em transe.

“Minha senhora.” Ele disse. “Posso ver em seus olhos que você é alguém de berço nobre. Não poderia me contar seu segredo?”

Ela se virou e olhou para o lado, a tristeza inundou o seu rosto.

“Eu não quero esconder nada, meu senhor.” Disse ela. “Mas eu fiz uma promessa de nunca revelar de onde eu sou.”

“Mas por que tal promessa?” Ele perguntou. “Esse lugar é tão terrível assim?”

“O lugar era lindo, meu senhor.” Disse ela. “Mais bonito do que qualquer outro que eu já vi.

Não foi por isso que eu o deixei...”

“Então me conte.” Ele disse intrigado. “Diga-me pelo menos alguma coisa sobre seu passado.

Eu estou errado? Você descende da realeza?”

Ela olhou para o lago, suspirou, esperou um longo tempo e em seguida, olhou para ele.

“Se eu lhe disser uma coisa.” Ela disse. ... “Promete que não vai me perguntar novamente?”

Erec assentiu com a cabeça.

“Eu juro.” Ele disse solenemente.

Ela olhou nos olhos dele e, finalmente, disse:

“Eu sou a filha de um rei.”

Erec, apesar de si mesmo, ficou surpreso com a notícia. Ele tinha percebido isso, mas ouvi-la dizer as palavras o surpreendeu. Agora ele estava mergulhado em um desejo ardente de saber de que rei ela descendia; por que ela havia deixado seu lar; por que ela tinha escolhido tornar-se uma serva; o que tinha acontecido em seu passado; porque tanto segredo. Ele estava morrendo de vontade de saber mais.

Mas ele tinha prometido não perguntar e como era um homem honrado, ele não iria quebrar a sua promessa.

“Muito bem, minha senhora.” Ele disse. “Não vou perguntar novamente. Mas quero que saiba disso: sem importar o que haja acontecido em seu passado, eu estou aqui para protegê-la agora e eu a amo mais do que meu coração pode dizer. Nós vamos começar uma nova vida juntos. Uma vida da qual terá o orgulho de falar pelo resto dos seus dias.”

Ela deu um sorriso largo.

“Eu adoraria isso.” Disse ela. “Eu gostaria de começar a vida de novo.”

Alistair se inclinou e beijou-o, eles continuaram se beijando por um longo tempo, enquanto uma brisa suave os acariciava.

“Todas as noites.” Ela disse. “... Durante minha servidão, eu rezei por um homem como o você.”

Alguém que aparecesse e me resgatasse de tudo aquilo. Mas eu nunca sonhei que alguém tão importante chegaria. Todas as minhas orações foram ouvidas através de você e eu passarei o resto da minha vida dedicada a você.”

Eles se beijaram novamente e a luz suave do crepúsculo os encontrou deitados na grama, nos braços um do outro, beijando-se. Pela primeira vez em muito tempo, Erec sentia que tudo estava bem no mundo.

*

Erec acordou ao raiar do dia, sentindo algo estranho. Ele olhou ao redor, alerta. Ele ainda segurava Alistair em seus braços, como tinha feito durante toda a noite, ele podia ver o sorriso feliz no rosto dela. Ele sentia-se profundamente relaxado ao tê-la com ele. As árvores estavam imóveis, o lago calmo e tudo o que ele podia ouvir era o som dos primeiros pássaros que já começavam a acordar.

Ainda assim, o instinto guerreiro dentro de Erec lhe dizia que algo estava errado.

Ele se levantou, vestiu sua cota de malha e caminhou até Warkfin, que já estava saltitando levemente, suas orelhas estavam inclinadas para trás. Warkfin sentia o mesmo que Erec: algo estava errado.

Enquanto Erec estava ali, ele começou a sentir um leve tremor de terra e ele soube logo que algo estava acontecendo. Ele correu rapidamente e despertou Alistair.

“O que foi, meu senhor?” Ela perguntou ao acordar, havia preocupação em seus olhos.

“Eu não sei.” Ele respondeu. “Mas temos de mover-nos rapidamente.”

Ele a tomou em seus braços, montou-a na parte de trás do cavalo, em seguida, montou na frente e esporou o cavalo.

Eles percorreram a trilha da floresta em direção ao topo de uma pequena colina, de onde ele tinha uma vista vantajosa das colinas abaixo. Quando eles atingiram o topo da colina, ele parou de cavalgar, chocado com o que via diante de si.

Centenas de homens armados cavalgavam em sua direção, vestindo a armadura característica verde brilhante do Lorde de Baluster. Eles tinham seguido o seu rastro. Eles não o deixariam ir embora sem mais nem menos: eles queriam vingança. Aquele lorde era ainda mais poderoso do que Erec tinha pensado, mesmo após sua morte, seus homens não deixariam que Erec fosse embora em paz.

Erec percebeu em um instante que ele tinha uma guerra em suas mãos.

Ele desmontou, virou-se e olhou para Alistair.

“Escute-me com atenção.” Ele instruiu bastante sério. “Você deve ir para bem longe daqui, antes que o exército chegue. Pegue o caminho da floresta e siga em direção ao Norte. Ele vai lhe levar para Savária. Procure o Duque e meu velho amigo Brandy. Eles vão cuidá-la. Você estará segura lá.”

Ela ficou ali montada no cavalo que estava nervoso e empinava, ela olhava para ele com horror.

“Mas e quanto a você, meu senhor?” Ela perguntou.

“Eu devo ficar aqui e enfrentar esse exército.” Ele disse.

Os olhos dela se arregalaram de pânico quando ela olhou para o horizonte e olhou para Erec novamente.

“Mas meu senhor, você está terrivelmente em desvantagem. Eles são muitos” Disse ela.

“Você não poderá sobreviver!”

Ele balançou a cabeça, com uma expressão sombria.

“Se eu sobreviver ou não, pouca diferença faz.” Ele disse. “O que importa é que você sobreviva. Se eles me matarem aqui hoje, eles podem dar-se por satisfeitos e ir embora e se você estiver segura dentro dos portões da Savária, eles não vão persegui-la. Mas se você ficar aqui comigo, você vai morrer, ou pior ainda, será capturada. Se eu morrer, eu morrerei em paz, sabendo que você está segura.”

Ela olhou para ele, as lágrimas rolavam pelo seu rosto.

“Meu senhor, por favor, não faça isso!” Ela implorou. “Por que não podemos fugir juntos?”

Erec abanou a cabeça.

“Eu fiz um juramento de honra.” Ele disse. “Como um membro do Exército Prata, meu emblema é a minha honra. Eu nunca poderei fugir de qualquer inimigo, por qualquer motivo. Sinto muito, mas minha honra me obriga.”

Ele chegou perto dela, seu coração estava partido ao ver sua aflição.

“Quero que saiba o quanto eu a amo.” Ele disselhe com veemência. “Agora vá!” Ele exclamou dando um tapa bem forte em Warkfin, assustando-o e obrigando-o a partir, Alistair aferrou-se as rédeas, mas olhava para trás, por cima do ombro, chorando.

“MEU SENHOR!” Ela gritou.

Warkfin estava bem treinado, ele sabia o que Erec queria e não pararia até levar Alistair para longe dali, para o Palácio do Duque. Erec sentiu uma sensação de alívio ao observá-la afastar-se cavalcando, ao saber que ela estaria longe da batalha.

Erec se virou, olhou de volta sobre a colina e examinou o exército que chegava cada vez mais perto. O barulho podia ser ouvido até mesmo ali onde ele estava. Ele preparou-se para a batalha.

Ele desembainhou a espada, o barulho dela ecoou pelas colinas. Ouviu-se o grito de um pássaro no alto dos céus. Era para viver dias como aquele que ele tinha nascido. Ele poderia morrer naquele dia, ele estava consciente disso. Mas pelo menos ele morreria enfrentando corajosamente o inimigo em um grande confronto de honra.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Thor estava com a enorme comitiva da Legião e do Exército Prata; todos eles tinham acabado de retirar suas armas do Salão de Armas e reuniam seus pertences no quartel, preparando-se para deixar a Corte do Rei para sempre. Eles eram uma força enorme e crescente: Reece, O’Connor, Elden e os gêmeos se juntaram a Thor, Gwendolyn e Godfrey. Todos eles passaram seus momentos finais reunindo tudo o que podiam carregar. Todos eles caminharam juntos e cruzaram as grandes portas do salão, pela última vez, Krohn, ao lado deles choramingava.

O enorme grupo armado abria seu caminho para a Praça da Corte do Rei, em direção ao Portão.

Após cruzar o Portão, eles teriam acesso à ponte levadiça e à estrada que os levaria para longe da Corte do Rei para sempre. Enquanto eles marchavam, formando um pequeno exército, eles eram a própria representação do que seria a nova Corte MacGil. As pessoas se reuniam ao redor e assistiam a sua partida com os olhos arregalados de espanto e medo. A notícia da sua partida havia vazado e se espalhado e enquanto eles marchavam para fora da Corte, algumas pessoas assistiam espantadas, ao passo que outras se juntavam a seu grupo. Elas haviam decidido abandonar a corte de Gareth e ir com eles. Era de cortar o coração. Thor sentia que o reino estava despedaçando a cada passo que davam.

Quando se aproximaram do portão de pedra, da saída final, Thor deu uma última olhada por cima do ombro para a Corte do Rei, para aquele lugar que ele tinha aprendido a amar, a chamar de lar. Ele odiava que Gareth estivesse no poder; que ele tivesse arruinado aquele lugar e a vida dos que o habitavam; odiava que ele houvesse usurpado aquele lugar que tinha sido governado pelos MacGils por setecentos anos. Não havia nada que ele pudesse fazer sobre isso.

Gwen apertou a mão dele, Thor olhou em seus olhos e pôde ver o alívio que ela sentia por estar partindo e por estar com ele. Ele sentia o mesmo. Pelo menos ela estava segura. Eles caminhavam juntos, de mãos dadas, com orgulho, andando através da arcada.

“Você acha que algum dia voltaremos?” Ele perguntou a Gwendolyn.

Ela olhou em volta tristemente.

“Eu não sei.” Ela respondeu.

“Não com este rei.” Reece se meteu na conversa. “Se alguma vez voltarmos, vai ser em nossos termos.” De repente, uma corneta soou e pandemônio irrompeu em torno deles.

Thor girou com os outros e viu as pessoas esparramando-se em todas as direções quando um zumbido agitado espalhou-se pelas ruas. Vários mensageiros, sem fôlego, vieram correndo em direção a Thor e aos outros.

“A Espada!” Um deles gritou frenético. “A espada foi roubada!”

Uma exclamação indignada espalhou-se pela multidão, seguida por um longo murmúrio.

“Fale claramente, homem.” Kolk gritou para o homem. “O que você quer dizer?”

“A espada do destino! Sumiu! E o Canyon— O escudo está desativado!”

Um grito indignado levantou-se pelas ruas, um grito de pânico, todos os soldados se viraram e olharam entre si. Thor podia ver o medo em seus rostos, ele sentia medo também.

O escudo estava inoperante. Todos estavam vulneráveis, indefesos. O Anel inteiro estava. Não havia mais nada se interpondo entre o Império e eles. Milhões de homens do exército do Império poderiam entrar, poderiam atacar a qualquer momento.

“Mas como isso é possível?” Reece perguntou.

“A espada do Destino permaneceu no Castelo Real por sete gerações!” Godfrey exclamou.

“Seria preciso dez homens para erguê-la!” Brom gritou. “Para onde a levariam? Quem poderia levá-la?”

“Eles pegaram os ladrões!” Um mensageiro gritou de volta. “Eles estão na praça da cidade agora mesmo, prestes a serem enforcados!”

Como se fossem um só, Thor e os outros cruzaram a praça e viraram a rua que levava à enorme praça principal, no centro da Corte do Rei.

Uma enorme multidão se aglomerava em volta do cadafalso, sobre ele havia quatro homens, todos estavam amarrados e tinham um laço no pescoço. A expressão do rosto dos homens era de crescente pânico e desespero enquanto olhavam para centenas de pessoas.

Do outro lado da praça estava Gareth, com Kultin e sua força de combate, olhando para os criminosos. Thor e os homens entraram pelo outro lado da quadra e foi um pandemônio total.

Finalmente, uma corneta tocou e um silêncio caiu sobre o grupo.

“Admitam o que vocês fizeram!” Gritou um carrasco.

“Nós somos parte de um grupo que roubou a Espada do Destino!” Um deles gritou.

A multidão irrompeu em um murmúrio indignado e finalmente caiu em silêncio.

“E diga-nos onde está a espada!” Gritou o carrasco.

“O resto do nosso grupo a levou para muito longe daqui. Eles estiveram carregando-a a noite toda. Eles já estão do outro lado da Travessia Oeste do Canyon e já a embarcaram em um navio. Eles a estão levando para o Império. Enquanto nós falamos, ela já cruzou o mar e chegou a uma terra estrangeira e hostil. Vocês nunca vão poder tê-la de volta!”

A multidão gritou novamente, em um murmúrio indignado.

“Silêncio!” Gareth gritou.

Lentamente, a multidão aquietou-se.

“E qual era a razão para roubar a espada?” Gareth interrogou.

“Qual é o seu destino final?”

Dessa vez, os criminosos ficaram calados, recusando-se a falar.

Finalmente, um deles levantou a cabeça.

“Nós juramos que nunca diríamos!”

A multidão irrompeu em outro murmúrio, até que finalmente Gareth adiantou-se com seu séquito de homens e dirigiu-se aos carrascos.

A multidão silenciou.

“Mate esses homens!” Ele ordenou ao carrasco.

A multidão deu um grito de alegria.

“Mas Majestade, Vossa Majestade prometeu...” Um dos criminosos começou a chorar.

Gareth assentiu com a cabeça e antes que o homem pudesse terminar de falar, o chão se abriu e todos eles foram enforcados.

A multidão aplaudiu de satisfação, quando os cadáveres balançaram no ar.

A multidão começou a dispersar-se em um grande rebuliço.

“A Espada do Destino, roubada.” O’Connor sussurrou.

“É inconcebível.” Elden disse.

“O escudo se desativou.” Conval disse.

“Estamos indefesos.” Conven acrescentou.

Kolk, Brom e os homens amontoaram-se ao redor de Thor, Gwendolyn, Godfrey e de todos os outros.

“Precisamos nos apressar para partir deste lugar.” Disse Kolk.

“Devemos chegar o mais longe possível da Corte do Rei e fortalecer

a nossa nova morada.”

“Isso não faz sentido agora.” Disse Brom. “Se o escudo está inativo, não estaremos seguros em lugar nenhum. Se o Império atacar, o Anel vai ser invadido por um milhão de homens. Nada irá impedi-los.”

“O que nós precisamos realmente é fazer com que o escudo seja ativado novamente.” Disse Kolk. “E para isso precisamos da Espada.”

“Mas você ouviu os ladrões.” Disse Reece. “Ela já está muito longe daqui. Bem dentro do Império.”

“Então temos de ir buscá-la de volta.” Brom disse.

Ao ouvir suas palavras, o grande grupo de cavaleiros ficou em silêncio, olhando uns aos outros severamente. Pela primeira vez, Thor podia ver o medo em seus rostos.

“Existe alguém entre vocês homens que irá oferecer-se para aventurar-se pelo Império e procurar a espada?” Brom indagou, encarando o Exército Prata.

O grupo de cavaleiros, todos do Exército Prata, os melhores guerreiros que Thor já tinha conhecido, ficou ali, em silêncio. Nenhum deles deu um passo adiante.

“Meu senhor, isso seria inútil.” Disse um deles. “O senhor sabe disso muito bem. Um pequeno grupo de guerreiros nunca iria sobreviver a uma incursão tão profunda no Império. Isso nunca foi feito antes na história do Anel.”

“E nem sequer sabemos onde a espada está!” Disse outro. “A selva se estende por milhões de quilômetros. Ela pode estar em qualquer lugar!”

“Seria uma missão suicida.” Disse outro. “Não há nada que possamos fazer, a não ser preparar-nos para um ataque.”

“Eu irei.” Thor disse enquanto avançava para o enorme círculo de homens.

Todos caíram em silêncio, um silêncio tão profundo que era possível ouvir um alfinete cair.

Thor podia sentir todos os olhares e ele sentiu uma descarga de adrenalina, ele se sentia mais vivo do que nunca. Ele sabia que era uma loucura, uma temeridade, sabia também que as chances eram impossíveis. Mas ele também achava que era para isso que ele tinha

nascido, para sentir-se orgulhoso de si mesmo por não ceder diante do medo. Não se tratava de sobrevivência. Tratava-se de honra.

“Você tem um grande coração, Thorgrinson.” Disse Kolk. “E você faz a Legião ficar orgulhosa.

Mas você não sobreviveria. Nem mesmo você.”

“Não se trata de sobrevivência.” Thor disse. “Trata-se de fazer o que é correto. Por nosso reino. Por todos nós.”

Os homens ficaram em silêncio.

“Mas ninguém se ofereceu como voluntário para ir com você.” Disse Brom. “Nem sequer um desses bravos e excelentes guerreiros. E eu não posso culpá-los.”

“Então eu irei sozinho.” Thor disse, decidido. Ele estava determinado.

“Eu me unirei a ele!” Disse uma voz.

Thor se virou para ver Reece dar um passo à frente e ficar ao lado dele.

“E eu!” Disse O’Connor.

“E eu!” Disse Elden.

“E nós!” Disseram os gêmeos.

Thor sentiu-se encorajado quando todos os seus amigos deram um passo à frente, o grupo dos seis estava ali, de pé um por todos e todos por um, todos prontos para enfrentar a morte, juntos.

Kolk abanou a cabeça.

“Vocês estão loucos, todos vocês.” Kolk disse. “E são os homens mais corajosos que já vi.”

Brom adiantou-se, colocou a mão no ombro de Thor e olhou-o nos olhos.

“Seja quem você for, meu jovem...” Disse ele. “Você honra os seus antepassados.”

Ele examinou Thor profundamente, como se estivesse tomando uma decisão.

“Então vá.” Brom disse finalmente. “Encontre a espada. Traga-a para casa. O destino de nosso Reino jaz sobre seus ombros.”

“Nós vamos deixar a Corte do Rei, viajar para a Silésia e formar uma nova corte em sua ausência.” Disse Godfrey. “Vamos aguardar o seu retorno. Encontre e traga a espada, rápido. E não morra.”

Os homens se dispersaram e Thor ficou ali, sentindo seu o mundo mudar totalmente e derrubando-se ao redor dele. Em seguida, ele sentiu uma mão em seu pulso.

Thor olhou para ver Gwendolyn de pé ao lado dele, com lágrimas nos olhos. Seu coração ficou despedaçado ao vê-la assim.

“Antes de partir, conversemos um minuto.” Disse ela.

Thor caminhou com ela, afastando-se da multidão, eles conseguiram um pouco de privacidade atrás de uma parede de pedra. Ela olhou para ele e uma lágrima rolou pelo seu rosto.

“Eu não quero que você vá.” Disse ela. “Por favor. Não depois de tudo o que nós passamos.”

“Mas se eu não fizer isso, o escudo vai ficar inativo.” Thor disse. “O Império irá atacar. Todos nós seremos liquidados.”

Ela abanou a cabeça.

“Todos nós já estamos liquidados de alguma maneira.” Disse ela. “A espada está desaparecida.

O escudo nunca vai ser ativado novamente. Você nunca vai encontrar a espada. Você vai simplesmente morrer sozinho lá fora. Se tivermos de morrer, eu preferiria que nós morrêssemos juntos.”

Thor abanou a cabeça.

“Então sua morte, todas as nossas mortes, pesariam sobre minha cabeça, porque eu não tentei encontrar a espada. Eu devo fazer isso Gwendolyn. De todas as pessoas, você deveria ser a primeira a entender. Por favor. Eu não quero deixá-la. Quero que saiba o quanto eu a amo. Eu não desejo outra coisa que não seja ficar ao seu lado. Mas eu tenho de fazer isso. Por nosso reino. Pelo o Anel. Pela honra. Você não entende?”

Ela balançou a cabeça lentamente, olhando para o chão, limpando as lágrimas.

Thor sentia o anel que sua mãe havia lhe dado queimando dentro de sua camisa e naquele momento, ele queria mais do que qualquer coisa, ajoelhar-se e propor casamento a Gwendolyn, pedir-lhe para ser sua esposa. Uma parte dele sentia que aquele era o momento.

Mas outra parte dele sentia que não seria justo pedi-la em casamento naquelas circunstâncias.

Ele estava prestes a partir, dirigindo-se para uma morte provável. Se ela estivesse casada com ele, isso a deixaria viúva para sempre. Não seria justo com ela.

Thor decidiu manter o anel onde estava e logo que ele regressasse, se algum dia ele regressasse, ele a pediria em casamento. Então, eles poderiam viver juntos para sempre.

Ele estendeu a mão, levantou o queixo dela e olhou em seus olhos. Ele sorriu para ela, enxugando as lágrimas, inclinou o seu rosto e beijou-a.

“Eu a amo, Gwendolyn.” Ele disse. “Mais do que alguma vez poderia dizer.”

Ela chorava e soluçava, seu rosto estava banhado pelas lágrimas, ela jogou os braços ao redor dele e o abraçou apertado.

“Eu odeio você por ir embora.” Disse ela.

“Você estará segura desta vez.” Thor disse com o coração partido. “Você estará com todos esses homens. Você vai governar a sua própria corte. Um exército inteiro estará protegendo-a.

Ninguém poderá fazer-lhe dano.”

“Não é por mim que eu temo.” Disse ela. “É por você.”

Thor finalmente a afastou de si e olhou profundamente nos olhos dela.

“Eu vou voltar para você, meu amor.” Disse ele. “Nem a lua nem as estrelas nem os céus poderão me manter longe de você.”

Ela sorriu fracamente, uma lágrima escorria pelo seu rosto.

“Eu gostaria de poder acreditar nisso.” Ela respondeu.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

O Rei McCloud saiu em disparada de seu castelo, o segundo sol já estava se pondo no céu quando ele cruzou à praça de sua corte real, cheio de raiva. Ele pulou em seu cavalo e esporou o animal

irrompendo em um galope, seguido por dezenas de seus homens leais, através de sua pequena cidade. Eles cruzaram os portões em arco, em direção a estrada poeirenta que levava até a montanha.

Ele esporava o animal cada vez mais forte, suas veias estavam queimando de indignação. Ele tinha acabado de receber a notícia de que seu filho tinha escapado, juntamente com sua esposa. Eles tinham se libertado das mãos de McCloud antes que ele tivesse a chance de torturá-los, matá-los e depois fazer uma exibição pública deles.

McCloud ardia com a indignidade de tudo. Ele não podia acreditar que aquela mulherzinha o havia ludibriado. Ele havia estado de mau humor desde que tinha voltado para casa e naquele momento ele estava com uma fúria sem tamanho. Ele iria caçá-los até o fim do mundo, nem que fosse a última coisa que ele fizesse na vida e iria encontrá-los antes que pudessem alcançar a segurança do lado dos MacGil. Ele iria torturá-los e matá-los com suas próprias mãos.

McCloud galopava, seguido por dezenas de homens. Ele estava desesperado para alcançar o topo da colina que se encontrava fora da corte. Dali, ele poderia ter um amplo panorama da paisagem, veria exatamente onde eles estavam e então, ele determinaria a melhor forma de caçá-los.

Garoto ingrato, ele pensou. Agora, ele percebia que tinha cometido um erro ao permitir que Bronson vivesse todos esses anos. Ele sentia que deveria ter matado Bronson no mesmo dia em que ele tinha nascido, sentia que deveria ter matado todos os seus filhos, assim ninguém poderia ameaçar com destituí-lo. Ele tinha sido muito fraco. Agora ele estava pagando o preço.

Ele também havia sido tolo ao manter aquela jovem MacGil por tanto tempo. Ele sabia por experiência que sempre era boa ideia matar mulheres, nem bem tivesse a oportunidade e assim, não correr nenhum risco com elas. Mais uma vez, ele tinha se tornado demasiado débil em sua velhice, agora ele estava determinado a ser mais cruel e desumano do que nunca.

McCloud gritou e chicoteou cavalo vez após vez, até fazer o animal sangrar, o cavalo rinchava e resfolegava enquanto todos os

homens avançavam, até que finalmente subiram até o topo da colina.

Desde sua posição vantajosa, McCloud pôde ver no horizonte seu filho Bronson cavalgando com Luanda, pelas Highlands. Sua ira se acendeu de novo. O pôr-do-sol inundava o céu escarlate, o qual combinava perfeitamente com o estado de espírito de McCloud.

Parecia que eles tinham um bom dia de viagem de vantagem sobre ele e alcançá-los não seria fácil. Isso não importava. Ele iria caçá-los e fazer disso um esporte. Ele iria cavalgar toda a noite se fosse preciso e não descansaria até lançar-se sobre eles e esmagá-los até a morte com as próprias mãos.

McCloud estava ali em seu cavalo, observando, respirando com dificuldade e estava prestes a chicotear seu cavalo novamente para ir atrás deles, quando de repente, algo surgiu e o fez ficar confuso. Ele piscou várias vezes, sem ter certeza do que ele estava vendo.

Diante de si, apareceu um exército de cavalos. Era o maior exército que ele já tinha visto, diferente de tudo que ele já tinha posto os olhos em cima. Ele parecia estar formado por um milhão de homens, eles cobriam todo o campo e se amontoavam pelo caminho, como um enxame de formigas.

Ele se virou em todas as direções e lá estavam eles, milhões de homens, enegrecendo suas terras com seus corpos, seus cavalos, rodeando-o por todos os lados. Ele não conseguia entender o que estava acontecendo. Pelas suas vestes, parecia que eles eram homens do Império. Mas não era possível que eles estivessem dentro do Anel, do outro lado do Canyon.

Será que o escudo tinha falhado? Ele se perguntou de repente e seu coração deu um salto.

De repente, e antes que McCloud pudesse processar tudo, ele viu subindo pela colina, ali, bem na sua frente, a poucos metros de distância, uns mil homens. Eles estavam liderados por Andronicus, o qual cavalgava em um cavalo singular, o cavalo dele era duas vezes maior do que o seu.

Andronicus ficou parado ali sobre seu cavalo, a alguns metros de McCloud, sorrindo para ele com um sorriso maligno, suas presas salientes e seus dentes afiados brilhavam ao sol. Seus olhos

amarelos e demoníacos diziam a McCloud tudo o que ele precisava saber: ele havia sido derrotado.

McCloud foi subitamente dominado pelo pânico. Ele virou-se e olhou para trás, como se quisesse fugir, mas um instante depois, outros milhares de homens do Império o cercaram por trás.

Ele estava completamente cercado. Não havia nenhum lugar para onde pudesse correr.

McCloud engoliu em seco. Pela primeira vez em sua vida, ele sentiu um medo real. Ele sabia o que significava ser completamente derrotado.

McCloud lambeu os lábios secos ao olhar para Andronicus, perguntando se havia alguma maneira de sair daquela situação.

“Meu senhor.” Ele disse para Andronicus com voz trêmula, toda a sua confiança tinha desaparecido.

“Você teve sua chance de chegar a um acordo comigo.” Andronicus rosnou, sua voz era profunda antiga, era como um rugido provindo de seu peito. “E você recusou-se.”

“Eu sinto muito, meu Senhor...” Disse McCloud, com a voz presa na garganta. “Eu estava prestes a mandar meus homens para lhe enviar uma mensagem, para que soubesse que eu queria deixá-lo entrar.”

“É mesmo?” Andronicus disse.

Ele inclinou-se volta e rugiu com seu riso.

“De alguma forma, eu duvido muito disso.” Respondeu Andronicus. “Você é um péssimo mentiroso. Mas não teria importado de qualquer maneira. No meu mundo não há segundas chances.”

Ele inclinou-se para trás e sorriu largamente.

“Agora você vai aprender o que significa desafiar o grande Andronicus.”

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Thor montava seu cavalo, liderando o pequeno contingente formado por seus seis amigos. Todos eles cavalgavam em ritmo de caminhada. Eles haviam se separado das enormes forças de combate do Exército Prata e da Legião, os quais tinham vindo para vê-los partir. Os seis rapazes pararam diante da ponte principal, a caminho da Travessia Oeste do Anel, Krohn ia ao seu lado. Antes de pisar a ponte, Thor e seus irmãos se viraram e viram as centenas de soldados da Legião e do Exército Prata, parados ali, assistindo a sua partida. Todos os fitavam com rostos solenes, rostos cheios de temor e respeito. Sem importar o que acontecesse, sem importar o que o futuro lhes deparasse, ele sentia que tinha encontrado um lar. Uma família. A família real. E ele sabia que era uma coisa muito valiosa.

Ele estaria eternamente grato por isso.

Kolk levantou o punho para o alto, em seguida, virou-o de cabeça para baixo em uma saudação da mais alta honra e respeito. Todos os outros homens o imitaram, eles saudaram Thor e seus amigos e eles responderam à saudação. Thor sentiu a importância sagrada da missão diante dele, ele estava resolvido a fazer o que fosse preciso para salvar seu reino.

Thor olhou e viu o rosto de Gwendolyn entre eles, ele encontrou os olhos dela e viu que ela estava chorando. Ele podia ver o amor em seus olhos e enviou-lhe todo o seu amor. Ele se preocupava com a segurança dela mais do que com a sua própria. Ele orou com toda a sua alma para que ela estivesse segura em meio a aqueles grandes guerreiros. Quando ele olhou para ela, ele já podia ver um MacGil nela, já podia ver o grande líder que ela iria se tornar. Ele estava cheio de orgulho por ela.

Thor sabia que se não partisse agora, ele nunca o faria. Ele tinha de fortalecer-se.

Ele se virou, seus amigos se viraram junto com ele e como se fossem um só, eles cavalgaram lentamente até a ponte.

Centenas de soldados MacGil estavam enfileirados ao lado da ponte, todos eles ficaram em posição de sentido enquanto o grupo marchava. Quando Thor e seus amigos passaram, todos os soldados levantaram seus punhos em uma saudação. Centenas de homens em ambos os lados os cumprimentavam enquanto eles prosseguiam.

À medida que todos avançavam ainda mais sobre a ponte, seguidos por Krohn, eles começavam a atravessar o Canyon e afastavam-se cada vez mais da segurança do Anel. A névoa sinistra do lugar começou a levantar-se e a envolvê-los. Thor não sabia o que estava por vir. Porém ele sabia que seria perigoso. Ele sabia que isso poderia levar meses, anos. Ele não podia imaginar as terras que eles veriam; os monstros que eles encontrariam; as batalhas que enfrentariam. Ele sabia que suas chances eram pequenas. E ele sabia que era possível que ele nunca encontrasse a espada. Aquela não era uma busca para os fracos de coração. Era uma busca de heróis.

Enquanto Thor andava, ele estava começando a perceber que não era o objetivo que tornava alguém herói, era a viagem, a busca em si. A disposição de aceitá-la. A vida era curta. Ele percebia isso agora. O importante não era como sua vida terminaria, o que realmente importava era como ele a viveria.

E quando ele olhou para cima, para a grande extensão de deserto diante dele, ele soube pela primeira vez, que ele estava prestes a viver a vida, de verdade.



JÁ ESTÁ DISPONÍVEL!

UM VOTO DE GLÓRIA

(Livro #5 DA SÉRIE: O ANEL DO FEITICEIRO)

Em UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5 da Série: O Anel do Feiticeiro), Thor embarca com seus amigos da Legião em uma jornada épica para os vastos desertos do Império, para tentar encontrar a antiga Espada do Destino e salvar o Anel. As amizades de Thor se aprofundam enquanto viajam para novos lugares, enfrentam monstros inesperados e lutam lado a lado em uma batalha inimaginável.

Eles encontram terras, criaturas e povos exóticos, muito além do que poderiam ter imaginado; cada passo de sua jornada está repleto de crescentes perigos. Eles terão de reunir todas as suas habilidades para poder sobreviver enquanto seguem a trilha dos ladrões, penetrando cada vez mais profundamente no Império. Sua busca vai levá-los até o final do caminho, até o coração do Mundo Subterrâneo, um dos sete reinos do inferno, onde os mortos vivos reinam e os campos estão rodeados de ossos. Enquanto Thor deve

invocar seus poderes mais do que nunca, ele se esforça para entender sua natureza, para entender quem ele é.

De volta ao Anel, Gwendolyn deve guiar metade da Corte do Rei para a fortaleza ocidental de Silésia, uma antiga cidade à beira do Canyon, a qual tem resistido durante mil anos. As fortificações de Silésia lhe permitiram sobreviver a cada ataque, ao longo dos séculos. No entanto, elas jamais enfrentaram o ataque de um líder como Andronicus, o ataque de seu exército de milhões de homens.

Gwendolyn aprende o que significa ser rainha ao assumir um papel de liderança; Srog, Kolk, Brom, Steffen, Kendrick e Godfrey estão ao seu lado, preparando-se para defender a cidade da guerra em massa que está por vir.

Enquanto isso, Gareth está mergulhando cada vez mais fundo na loucura, tentando se defender de um golpe que poderia ter culminado em seu assassinato, na Corte do Rei. Ao mesmo tempo, Erec luta por sua vida para salvar seu amor Alistair, e a cidade do Duque de Savária, já que o escudo está inativo e permite que as criaturas selvagens a invadam. Godfrey, mais uma vez se encontra afundando na bebida, ele terá de decidir se está pronto para livrar-se de seu passado e tornar-se o homem de sua família espera que ele seja.

Enquanto todos eles lutam por suas vidas e as coisas parecem não poder ficar ainda pior, a história termina com duas reviravoltas chocantes.

Será que Gwendolyn sobreviverá ao ataque? Thor sobreviverá ao Império? A Espada do Destino será encontrada?

Com sua ambientação em um mundo sofisticado e sua caracterização de época, **UM VOTO DE GLÓRIA** é um conto épico sobre amigos e amantes, rivais e pretendentes, sobre cavaleiros e dragões, intrigas e maquinações políticas, sobre atingir a maioria, corações partidos, decepção, ambição e traição. É uma história de honra e coragem, de destinos, de feitiçaria. É uma fantasia que nos leva a um mundo que nunca esqueceremos e que vai interessar a todas as idades e gêneros. O livro contém 75.000 palavras.



[UM VOTO DE GLÓRIA](#) (Livro #5 DA SÉRIE: O ANEL DO FEITICEIRO)



[Baixe agora livros de Morgan Rice books na Amazon !](#)



[Ouça](#) os livros da série O ANEL DO FEITICEIRO em formato audiobook!

Agora disponível em:

[Amazon](#)

[Audible](#)

[iTunes](#)

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do best-seller #1 DIÁRIOS DE VAMPIROS, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (mais em progresso); da série de Best-seller #1 - TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico que compreende dois livros (outro será adicionado); a série número um de vendas, O ANEL DO FEITICEIRO, composta por treze livros de fantasia épica (outros serão acrescentados).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e página impressa e suas traduções estão disponíveis em: alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, sueco, holandês, turco, húngaro, checo e eslovaco (em breve estarão disponíveis em mais idiomas).

[TRANSFORMADA](#) (Livro #1 da série Diários de Vampiros) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro #1 da série O Anel do Feiticeiro) já estão disponíveis para download gratuito no site da Amazon!

Morgan apreciará muitíssimo seus comentários, por favor, fique à vontade para visitar www.morganricebooks.com faça parte de nosso newsletter, receba um livro gratuito, ganhe brindes, baixe nosso aplicativo gratuito, obtenha as novidades exclusivas em primeira mão, conecte-se ao Facebook e Twitter, permaneça em contato!

Livros de Morgan Rice

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)
UMA MARCHA DE REIS (Livro #2)
UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)
UM GRITO DE HONRA (Livro #4)
UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)
UMA CARGA DE VALOR (Livro #6)
UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)
UM ESCUDO DE ARMAS (Livro #8)
UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)
UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)
UM REINADO DE AÇO (Livro #11)
UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)
UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro #13)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro #1)
ARENA DOIS (Livro #2)

DIÁRIOS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro #1)
AMADA (Livro #2)
TRAÍDA (Livro #3)
DESTINADA (Livro #4)
DESEJADA (Livro #5)
PROMETIDA EM CASAMENTO (Livro #6)
JURADA (Livro #7)
ENCONTRADA (Livro #8)
RESSUSCITADA (Livro #9)
SUPLICADA (Livro #10)

DESTINADA (Livro #11)



[Baixe agora livros de Morgan Rice books na Amazon !](#)



[Ouçá](#) a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato audiobook!

Agora disponível em:

[Amazon](#)

[Audible](#)

[iTunes](#)

Copyright © Morgan Rice 2013

Todos os direitos reservados. Exceto os permitidos, sujeitos à Lei de direitos autorais dos Estados Unidos de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida; distribuída; ou transmitida, em qualquer forma ou por qualquer meio; ou armazenada em um

banco de dados ou sistema de recuperação, sem a prévia autorização da autora.

Este e-book é licenciado unicamente para seu usufruto pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas.

Caso você deseje compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, adquira uma cópia extra para cada uma delas. Se você estiver lendo este livro sem o haver comprado, ou o mesmo não foi adquirido para seu uso exclusivo, por gentileza, devolva-o e adquira sua própria cópia. Obrigada por respeitar o trabalho árduo desta autora.